



**Universidade Federal de Santa Catarina  
Programa de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas**

**Regina Helena Urias Cabreira**

**Tese de Doutorado**

**A Condição Feminina na Sociedade Ocidental Contemporânea  
– Uma Releitura de *A Letra Escarlate* de Nathaniel Hawthorne –**

FLORIANÓPOLIS

2006

**Regina Helena Urias Cabreira**

**A Condição Feminina na Sociedade Ocidental Contemporânea  
– Uma Releitura de *A Letra Escarlate* de Nathaniel Hawthorne –**

Tese de Doutorado para obtenção de  
Grau de Doutor em Ciências Humanas  
- Área de Concentração de Estudos da  
Condição Humana do Programa  
Interdisciplinar em Ciências Humanas  
da Universidade Federal de Santa  
Catarina.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Clélia Maria  
Nascimento-Schulze

Co-Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nelly  
Novaes Coelho

FLORIANÓPOLIS  
2006

*La única lucha que se pierde  
és la que se abandona.  
¡Por eso, ni un paso atrás!*

*Madres de Plaza de Mayo*

*Dedico este trabalho a todas as mulheres de minha família... às nossas ancestrais mais longínquas, cujos nomes estão perdidos à nossa memória... às que nela entraram... às que somente passaram por ela de alguma forma... e às que ainda virão...*

...

*Antonella*

*Carla – Patrícia*

*Ananda – Elisa – Chiar – Marina*

*Thaís – Maria Aparecida de Cássia – Regina Helena*

*Maria de Fátima - Maria Helena - Luciana – Elza Maria – Anna*

*Maria Helena – Maria Aparecida – Valderez – Cecília – Lore – Zélia*

*Maria Carolina – Regina Helena – Maria Helena – Maria Amélia – Luana –*

*Thaís Ângela – Malvina – Maria Olívia – Thaís – Mara – Márcia – Marcela –*

*Maria Lúcia – Juliana – Beatriz – Lilian – Rosa – Maria Olívia – Virgínia –*

*Márcia Mara – Vilma – Adriana – Máira – Débora – Guiomar – Raquel –*

*Débora – Maria de Fátima – Bete – Rose – Ana Paula – Rosângela – Natália –*

*Larissa – Lídia Lorena – Carla – Karina – Keila – Maria Cristina – Solange –*

*Mirna – Heleninha Michele – Matildinha – Rafaela – Darlene – Clélia – Karina*

*Catarina – Alice Rose – Valéria – Rosa Maria – Matilde – Mariquinha – Laura –*

*Joana – Aurora Lúcia – Maria José – Virgínia – Maria Aparecida*

*Maria Olívia – Clarenciana*

*Tereza – Alice – Maria Helena*

*Pedrina – Zoraide – Benedita*

*Maria – Rafaela*

*Clarenciana*

Agradeço, profundamente,

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Clélia Maria Nascimento-Schulze, por ter aceitado esta idéia desde nossa primeira entrevista e por todas as vezes que a defendeu;

À Mônica Giraldez, cujo conhecimento e sabedoria me conduziu pelos caminhos da Deusa;

À Deusa Mãe que tão sabiamente ceifou meu trabalho, que me levou a um abismo desesperador, mas que, por fim, me conduziu às professoras Dr.<sup>a</sup> Luzinete Simões Minella e Dr.<sup>a</sup> Nelly Novaes Coelho, as quais me acolheram num momento tão crítico de minha vida e me concederam sua luz, carinho e credibilidade;

Aos meus pais, Antonio e Zoraide (in memoriam), que me guardam e me guiam com a luz divina da eternidade;

À minha irmã Maria, cujo amparo e amor foi e tem sido o meu porto seguro;

Aos meus irmãos Carlos Magno, Antonio Sebastião, José Ricardo e Luiz Delfino; às minhas cunhadas, meu cunhado, José Augusto, sobrinhos e sobrinhas que me apoiaram e acompanharam em cada estágio desta trajetória;

Aos amigos e amigas que estiveram ao meu lado durante todo o percurso, principalmente, Ana Lúcia Verdasca Guimarães e Eliane Regina Costa Oliveira;

À Espiritualidade Sagrada, cujas palavras me foram concedidas, as quais estão aqui impressas.

Assim Seja!  
Namastê!

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	1
<b>Capítulo I – O “Feminino” – Desenvolvimento Mítico-Histórico</b> .....	21
<b>Capítulo II – Análise Literária: A Trajetória Mítica-Heróica</b> .....	40
2.1 O Romance .....	40
2.2 Teoria do Mito: Os Ciclos de uma Trajetória .....	42
<b>Capítulo III – O Conteúdo Simbólico de <i>A Letra Escarlate</i></b> .....	74
3.1 A Peculiaridade Simbólica das Formas Gráficas .....	128
3.2 <i>A Letra Escarlate</i> : As Profundezas do Universo Feminino .....	137
3.2.1 A “Mulher Selvagem”: A Manifestação do Universo Feminino .....	138
3.2.2 Hester Prynne: Exemplo da Condição Feminina “Selvagem” .....	142
<b>Capítulo IV – Teorias da Psicologia Social: O Processo de Estigmatização</b> .....	169
<b>Capítulo V – Discussão sobre a História das Mulheres: A Condição Feminina entre os Séculos XVII e XIX</b> .....	217
5.1 Hester Prynne e a Sociedade Puritana: O Emblema “Escarlate” da Luta pelo Poder .....	248
<b>Considerações Finais</b> .....	266
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	279

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>GRÁFICO I - Estudo da Trajetória Mítica de Hester.....</b>	<b>73</b>
<b>GRÁFICO II .....</b>	<b>78</b>
<b>GRÁFICO III .....</b>	<b>78</b>
<b>GRÁFICO IV .....</b>	<b>79</b>
<b>GRÁFICO V .....</b>	<b>82</b>
<b>GRÁFICO VI .....</b>	<b>88</b>
<b>GRÁFICO VII .....</b>	<b>92</b>
<b>GRÁFICO VIII .....</b>	<b>117</b>
<b>GRÁFICO IX .....</b>	<b>120</b>
<b>GRÁFICO X .....</b>	<b>121</b>
<b>GRÁFICO XI .....</b>	<b>121</b>
<b>GRÁFICO XII .....</b>	<b>121</b>
<b>GRÁFICO XIII .....</b>	<b>122</b>
<b>GRÁFICO XIV .....</b>	<b>124</b>
<b>GRÁFICO XV .....</b>	<b>124</b>
<b>GRÁFICO XVI .....</b>	<b>126</b>
<b>GRÁFICO XVII .....</b>	<b>127</b>
<b>GRÁFICO XVIII .....</b>	<b>267</b>

## RESUMO

Este trabalho trata principalmente sobre a necessidade que há de se valorizar o aspecto “feminino” em nossas vidas e sociedades. Da urgência que temos de questionar e refletir sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea ocidental e sobre os vários tipos de estigmatização que ainda sofre nos meios em que vive. Para tanto, escolhemos analisar o romance **A Letra Escarlata** (1850), de Nathaniel Hawthorne. Primeiro apresentamos uma visão mítica-histórica, onde se resgata o conceito “feminino,” para demonstrar a relevância de se pesquisar a condição e a identidade feminina na sociedade contemporânea ocidental, através da obra de Marija Gimbutas, em **The Language of the Goddess** (2001) e de Edward Whitmont, em **O Retorno da Deusa** (2001) entre outros. Segundo, pela teoria da “jornada do herói” de Joseph Campbell, em **O Herói de Mil Faces** (2002), com ênfase na “trajetória heróica” e como esta se aplica à análise da estrutura profunda do romance e à trajetória de sua heroína Hester Prynne. Terceiro, pelo estudo simbólico do conteúdo do romance, onde se mostra o significado profundo dos elementos que compõem a trajetória mítica em questão. Para tanto usamos a obra de J. E. Cirlot, **Dictionary of Symbols** (1998) entre outros. Quarto, através da teoria da psicologia social, que se refere ao fenômeno da “estigmatização,” abordado através da teoria de Irving Goffman em **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada** (1988), complementada pelas teorias de Henri Tajfel e Joseph P. Forgas (1981) sobre identidade social, categorização, auto-categorização e estereotipia. Quinto, pelas reflexões encontradas na História das mulheres, através das quais fazemos uma recapitulação da condição feminina nos séculos XVII, XVIII, e XIX e como esta pode ser comparada àquela da era contemporânea. Aqui contamos com a obra de Michelle Perrot e George Duby em **A História das Mulheres no Ocidente** entre outros.

Palavras-chave: identidade, feminino, mito, símbolo, arquétipos, individuação, estigmatização.



## ABSTRACT

The main intention of this work is to deal with the need we have to value the “female” aspect in our lives and societies. Of the urge we have to question and reflect upon a woman’s role in contemporary Occidental society and the various types of estigmatization she still suffers where she happens to live. In order to do this we chose to study Nathaniel Hawthorne’s **The Scarlet Letter** (1850). First it is presented a mythic-historic vision of the “female” concept, in order to demonstrate the importance to analyse women’s condition and identity in contemporary Occidental society. This part of our study is done through Marija Gimbutas’s **The Language of the Goddess** (2001) and Edward Whitmont’s **The Return of the Goddess** (2001) among others. Second, through the theory of the hero journey in Joseph Campbell’s **The Hero with a Thousand Faces** (2002), with an emphasis on the “mythic journey” and how this can be applied to the analysis of the deep structure of the novel and to its heroine’s Hester Prynne own journey. Third, by the symbolic study of the content of the novel, where it is shown the deep meaning of the elements which build the mythic journey in question. In order to do this we use J. E. Cirlot’s **Dictionary of Symbols** (1998) among others. Fourth, through the social psychology theory, which refers to the phenomenon of “estigmatization,” dealt with through Erving Goffman’s **Estigma: Notes on the Management of Spoiled Identity** (1988), completed by Henry Tajfel and Joseph P. Forgas’ theories (1981) on social identity, categorization, self-categorization and stereotype. Fifth, through reflections found in women’s history, which provide us with a revision of the female condition in the 17<sup>th</sup>, 18<sup>th</sup> and 19<sup>th</sup> centuries and how this condition can be compared to that found in the contemporary era. Here we use Michelle Perrot and George Duby’s **Women’s History in the West** (1991) among others.

Key-words: identity, female, myth, hero, symbol, archetypes, individuation, estigmatization.

## INTRODUÇÃO

*Persiga sua bem-aventurança e não tenha medo, que as portas se abrirão, lá onde você não sabia que havia portas.*

*Joseph Campbell.<sup>1</sup>*

Historicamente verificamos que não importa a nacionalidade, idade, religião, status ou grupo social, as mulheres têm sido desde sempre absorvidas, envolvidas e capturadas por aspectos “repressores” culturais, sociais, políticos, psicológicos e religiosos que tendem a distorcer ou desafiar suas condições como seres humanos. Desta forma, a “imagem feminina” resultou sempre de um conjunto de idéias, conceitos e pré-conceitos que delimitavam, ou delimitam, seu poder de ação e reação dentro de seu contexto histórico-cultural. A imposição desses valores culturais que discriminam a mulher, tolhendo-lhe a liberdade de ser ou agir com liberdade, pode ser verificada pelos exemplos que a História nos dá:

Margarida Porete excomungada e sentenciada à morte na fogueira em 1310, por escrever um livro de teologia mística; Joana d’Arc, chefe de guerra de dez mil homens, responsável pela coroação de Carlos VII, encarcerada, acusada de magia e heresia, queimada viva em praça pública, em 1431; Olympe de Gouges, autora da *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*, levada à guilhotina em 1793 por suas reivindicações; Anita Garibaldi, revolucionária brasileira, heroína da Guerra dos Farrapos, tombou em 1849 ao lado do marido, Giuseppe, combatendo pela Unificação Italiana; Rosa Luxemburgo, socialista, revolucionária, assassinada em 1919, teve seu corpo atirado a um canal em Berlim, por suas idéias e ousadia política; Marinalva Cuzin, ex-faxineira, que em 2001 formou-se em pedagogia por uma universidade pública, viu-se obrigada a sair de casa, porque o marido não conseguiu tolerar seu progresso intelectual. Bruxa, deusa, santa, rainha, guerrilheira, mãe, esposa, concubina, invisível... A mulher escondida, invisível, guardada, reprimida, suspeita, perigosa. É portanto a mesma luta de Margarida, Olympe, Joana, Rosa, Anita, que queriam, como as *Marinalvas* de hoje, cidadãs anônimas, uma forma mais integral de vida, uma identidade menos mutilada. A história da mulher é também a de seu corpo, da sua sexualidade, de seus amores e sentimentos; da sua loucura, da violência sofrida e da praticada. É a história da família, da religião, do

---

<sup>1</sup>CAMPBELL, J. **O Poder do Mito**, entrevista concedida a Bill Moyers; Org. por Betty Sue Flowers. São Paulo: Associação Palas Athena, 1990, p. 128.

trabalho, da literatura, da educação. Enfim, da diversidade de suas representações e de suas imagens frente à sociedade.<sup>2</sup>

As palavras de Rosangela Borges nos dão uma amostra de como, historicamente, as mulheres foram perseguidas e sofreram por suas transgressões aos valores vigentes das sociedades em que viviam. Também nos indicam o cerne de nosso interesse em pesquisar sobre a “condição feminina na sociedade”. Da necessidade de analisarmos e discutirmos as razões pelas quais a construção da identidade feminina esteve, ou ainda está, a mercê de fatores dominantes externos que fazem com que a mulher de qualquer época anseie por “uma forma mais integral de vida, uma identidade menos mutilada”.

Observamos que a “diversidade das representações das mulheres e de suas imagens frente à sociedade” é consequência de padrões sociais, religiosos, políticos e culturais que determinam como o indivíduo é percebido e construído pelo meio em que vive. Neste início de século, por exemplo, ainda nos deparamos com um indivíduo que busca um centro, um significado para sua existência diante da presente diversificação ideológica à qual é exposto. E no caso das mulheres, especificamente, percebemos a diversidade dos papéis que a atual sociedade lhes impõe como profissional, mãe, irmã, filha, companheira, chefe de família entre outros.

Estes fatores históricos que tanto influenciaram o modo da mulher ser percebida em sociedade nos levam a uma segunda consideração: a diversificação de papéis sociais e privados faz com que “a mulher moderna [não seja somente] um borrão de atividade. [Aquele que] sofre pressões no sentido de ser tudo para todos. [Mas que isto significa que a] velha sabedoria há muito não se manifesta”.<sup>3</sup> A “sabedoria” que está estreitamente ligada à mulher — à sua psicologia profunda. As mulheres há muito tempo, tentam lutar para formar, manter e sustentar sua identidade, integridade moral, vida pública e privada, além de lutarem para manter e ao mesmo tempo resgatar sua

---

<sup>2</sup> BORGES, In: BAUER, C. **Breve História da Mulher no Mundo Ocidental**. São Paulo: Pulsar, 2001.

<sup>3</sup> ESTÉS, C. P. **Mulheres que Correm com os Lobos: Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 12. ed., 1999, p. 15-16.

característica inata, “a natureza instintiva”.<sup>4</sup> De acordo com a analista junguiana norte-americana Clarissa Pinkola Estés,

Observamos, ao longo dos séculos, a pilhagem, a redução do espaço e o esmagamento da natureza instintiva feminina. Durante longos períodos, ela foi mal gerida, à semelhança da fauna silvestre e das florestas virgens. Há alguns milênios, sempre que lhe viramos as costas, ela é relegada às regiões mais pobres da psique. As terras espirituais da Mulher Selvagem, durante o curso da história, foram saqueadas ou queimadas, com seus refúgios destruídos e seus ciclos naturais transformados à força em ritmos artificiais para agradar os outros.<sup>5</sup>

Estés nos coloca diante de um dos principais fatores que relegaram as mulheres à obscuridade e à marginalidade por tantas épocas, o afastamento de seus próprios ciclos naturais,<sup>6</sup> e da sua espiritualidade que foi desmedidamente substituída pela racionalidade das sociedades patriarcais.

Os fatores históricos e sociais expostos tanto por Rosângela Borges quanto por Estés nos levam a uma profunda reflexão sobre a condição feminina em sociedade. Em face dessa problemática, que envolve não só a mulher, mas a sociedade como um todo, optamos por centrar nossas pesquisas sobre a presença da mulher na História. E como eixo da pesquisa, para evitarmos dispersão, escolhemos como objeto da análise o romance **A Letra Escarlata** (1850) de Nathaniel Hawthorne (1804-1864), que é considerado um dos mais renomados autores da literatura norte-americana do século XIX.

A genialidade literária de Hawthorne é considerada ímpar e a profundidade e poética com que delineia seus escritos marca sua grandiosidade dentro da literatura

---

<sup>4</sup> Lembramos aqui que “na França a obra de Lucy Irigaray, Julia Kristeva e Helen Cixous criticam a psicanálise que faz da mulher o espelho do homem, e mostram maneiras diferenciadas e até opostas com que homens e mulheres se exprimem no campo literário.” (MURARO, R. M. & PUPPIN, A. B. (Orgs.) **Mulher, Gênero e Sociedade**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, FAPERJ, 2001, p. 8). Além do trabalho de teóricas como Jane Flax, nos Estados Unidos, que contribuem com críticas feministas à psicanálise. (ADELMAN, M. & GROSSI, M. P. “Entre a Psicanálise e a Teoria Política: um diálogo com Jane Flax”. *Rev. Estud. Fem.* [online] July/Dec. 2002. vol 10, nº2. [cited 28 April 2006], p. 371-388. Available from World Wide Web: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pit=S0104-026X2002000200007&Ing=en&nrm=ISO.ISSN0104-026X](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pit=S0104-026X2002000200007&Ing=en&nrm=ISO.ISSN0104-026X)).

<sup>5</sup> ESTÉS, op. cit., p. 15.

<sup>6</sup> De acordo com Rosie Marie MURARO, “hoje há consenso entre antropólogos de que os primeiros humanos a descobrir os ciclos da natureza foram as mulheres, porque podiam compará-los com o ciclo do próprio corpo.” (In: KRAMER, H. & SPRENGER, J. **O Martelo das Feiticeiras: Malleus Maleficarum**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002, p. 7).

mundial. **A Letra Escarlate**<sup>7</sup> foi aclamado como seu grande sucesso, mas além desta obra Hawthorne também escreveu os romances: **Fanshawe**, 1828; **The House of the Seven Gables**, 1851; **The Blithedale Romance**, 1852; **The Marble Faun**, 1860; **Septimus Felton**, 1872; **Doctor Grimshawe's Secret**, 1882. Os contos: **Twice-Told Tales**, 1837; **Grandfather's Chair**, 1841; **Famous Old People**, 1841; **Mosses from an Old Manse**, 1846; **The Snow Image and Other Twice-Told Tales**, 1851; **A Wonder-Book for Girls and Boys**, 1851; **Tanglewood Tales**, 1853. O ensaio: **Our Old Home**, 1863; e os jornais: **The American Notebooks**, 1932; **The English Notebooks**, 1941 (editados após sua morte).

Hawthorne é um autor romântico daí sua importância para nossa pesquisa, pois o Romantismo se destaca como movimento literário por sua temática nuclear que é a opressão da sociedade sobre o indivíduo (ler notas nº 33 e 34). Portanto, os escritos de Hawthorne são marcados pela preocupação com temas como: problemas morais, que também são problemas de personalidade; símbolos da imperfeição humana; o problema da hereditariedade, da reforma, do bem e do mal. Hawthorne preocupa-se em descrever ambos os lados do ser humano: o heróico e o ignóbil, o altruísta e o egoísta, o angélico e o diabólico. Como declarou Randal Stewart,

Hawthorne is a symbolic writer whose greatness seems to grow with the passing years. Discerning critics and readers of the mid-twentieth century and later seem tireless in discovering "layers" of meanings in his fiction. Hawthorne's work is seen more and more clearly as a criticism of life, a weighing of conflicting forces, a dramatization of the dilemmas and ambiguities which beset the human condition. His attitude toward life can be called "Puritan," but more properly it is broadly Christian in that he is concerned always with the conflict between good and evil, and the consequences to mankind that flow from "Original Sin."<sup>8</sup>

Declaração que pode ser atestada através dos inúmeros exemplos que temos de críticas, análises e comentários escritos sobre **A Letra Escarlate**, tais como os livros: **The Scarlet Letter: A Reading**, de Nina Baym; **The Office of The Scarlet Letter**, de Sacvan Bercovitch; **The Scarlet Letter / Nathaniel Hawthorne; an authoritative text, backgrounds and sources, criticism**, editado por Sculley Bradley; **Twentieth-**

<sup>7</sup> HAWTHORNE, Nathaniel. **The Scarlet Letter**. Nova York: New American Library, 1980. (Todas as citações usadas neste trabalho serão retiradas desta edição).

<sup>8</sup> \_\_\_\_\_. **A Letra Escarlate**. Lisboa: Edição Romano Torrês, 19\_\_, p. ix.

**Century Interpretations of *The Scarlet Letter*** e **A Scarlet Letter Handbook**, editados por John C. Gerber; ***The Scarlet Letter: an authoritative text, essays in criticism and scholarship***, editado por Seymour Gross; **Critical essays on Hawthorne's *The Scarlet Letter***, de David B. Kesterson; **Arthur Dimmesdale**, de Charles R. Larson e **The Merrill Studies in *The Scarlet Letter***, de Arlin Turner, entre outros.

Além dos artigos: “Dimmesdale and His Bachelorhood: ‘priestly celibacy’ in *The Scarlet Letter*,” por Carol M. Bensick; “The Parabolic Ploys of *The Scarlet Letter*,” por Zelda Bronstein; “The Ruined Wall: Unconscious Motivation in *The Scarlet Letter*,” por Frederick C. Crews; “*The Scarlet Letter*: Hawthorne, Freud and the Transcendentalists,” por Clay Daniel; “*The Scarlet Letter* on film: Ninety Years of Revisioning,” por Michael Dunne; “Ungrounding Allegory: The Dead-Living Letter in Hawthorne’s *The Scarlet Letter*,” por Ralph Flores; “*The Scarlet Letter*: ‘A play-day for the whole world?’,” por Mark Hennely; “The Psychology of Conflict Resolution in *The Scarlet Letter*: A Non-Freudian Perspective,” por Thomas L. Hilgers; “Narrative Voices in the *Scarlet Letter*,” por Michael Kearns; “Hawthorne’s Madonna Image in *The Scarlet Letter*,” por Jessie R. Lucke; “A Red-Hot ‘A’ and a Lusting Divine: Sources for *The Scarlet Letter*,” por Frederick Newberry; “Hawthorne’s Dimmesdale: A Small Man Gone Wrong,” por William H. Nolte; “Hester’s revenge: the power of silence in *The Scarlet Letter*,” por Person Jr. & Leland S.; “Hawthorne’s *The Scarlet Letter*: The Theory of the Romance and the Use of the New England Situation,” por John C. Stubbs e “Darley’s Model for Roger Chillingworth,” por Edward L. Tucker, entre outros.<sup>9</sup>

Bem como as versões filmicas que foram produzidas de 1917 até 1995; a peça teatral **The Red Letter Plays** (1999) e **Fucking A** (2000), de Suzan-Lori Parks, além

---

<sup>9</sup> REUBEN, P. P. **PAL: Perspectives in American Literature: a Research and Reference Guide – An Ongoing Project – Chapter 3: Nineteenth Century to 1865: Nathaniel Hawthorne (1804-1864)**. Disponível em: <<http://www.csustan.edu/english/reuben/pal/chap3/hawthorne.html>> Acesso em: 15 jun. 2005.

da adaptação musical dirigida por Michel Bahar em 2001, para o “Fringe Festival” em Edimburgo, Escócia.<sup>10</sup>

Dentre os escritos de Hawthorne escolhemos este romance para nossa análise, primeiro pelo fato dele ser um dos melhores exemplos de seu modelo de criação, pois

Toda [...] melhor ficção [de Hawthorne] é profundamente misteriosa e alegórica, porque estava mais interessado em dramatizar os segredos morais e psicológicos do coração humano do que pintar realisticamente o exterior da vida americana. O conflito entre o instinto sexual e a repressão intelectual ou teológica, entre o mal inato e o fluente positivismo social e político, dá às suas austeras fábulas morais uma tensão única.<sup>11</sup>

Em segundo lugar, devido ao conteúdo de sua história. Este romance nos auxiliará demonstrar a construção do papel individual e social da mulher na sociedade puritana, uma sociedade regida por valores patriarcais. Usar uma narrativa literária para tanto se torna possível, pois de acordo com Gergen,

Individual identity is configured or implicated in historical narratives, so is the achievement of moral being sustained (or impeded) by historical accounts. For good or ill, we each live within and are constructed by particular historical narratives – of our people, culture, nation, region, family, and so on. These historical narratives serve as a foreground for achieving moral identity within relevant communities.<sup>12</sup>

Temos então duas vertentes fundamentais para nossa análise deste romance. Primeiro, o material “mítico-simbólico” contido na narrativa e sua implicação na apresentação e desenvolvimento psicológico da personagem principal — Hester Prynne. Segundo, o fato de que **A Letra Escarlate** pode ser considerado como um “documento histórico” de como a desestabilização da ordem social é ameaçada quando a mulher transpassa ou transgride as normas impostas pela estrutura social de uma época. Especificamente os anos de 1640, na Nova Inglaterra, Massachussets.<sup>13</sup> Este

<sup>10</sup>“*The Scarlet Letter* (Film) – Nathaniel Hawthorne” Disponível em: <<http://www.ibiblio.org/eldritch/nh/nhfilm.html>> Acesso em: 22 mar. 2006.

<sup>11</sup> FREEDMAN, R. **Romance**. Lisboa: Editorial Verbo, 1978, p. 93.

<sup>12</sup> GERGEN, K. J. “Narrative, Moral Identity and Historical Consciousness: A Social Constructionist Account.” Disponível em: <http://www.swarthmore.edu/SocSci/kgergen1/text3.htm> Acesso em: 30 mar. 1998.

<sup>13</sup> De acordo com Charles RYSKAMP, “after all the careful studies of the origins of Hawthorne’s tales and the extensive inquiry into the English sources of *The Scarlet Letter*, it is surprising that the American sources for the factual background of his most famous novel have been largely unnoticed. As would seem only natural, Hawthorne used the most creditable history of Boston available to him at

segundo tópico se torna mais relevante se considerarmos que Hawthorne nasceu em Salem, cidade fundada pelos Puritanos que deixaram a Inglaterra para fugir aos atritos com os anglicanos ou presbiterianos. Salem em meados do século XVII foi palco de uma das mais cruentas perseguições às feitiçarias atribuídas a certas mulheres, que foram perseguidas, torturadas e mortas na fogueira, por serem consideradas bruxas. O episódio ficou conhecido como “As Bruxas de Salem”. Hawthorne era descendente de um dos juízes que, em 1690, fazia parte do tribunal de inquisição. Essa herança familiar sempre perturbou o escritor.<sup>14</sup>

O romance nos mostra que tanto o papel social da mulher quanto sua identidade individual tornam-se relegados à ideologia dominante a que a mulher deve se submeter. Estés enfatiza que “as armadilhas, arapucas e iscas envenenadas deixadas para a mulher [...] são específicas à sua cultura”.<sup>15</sup> Dá-se, então, a marginalização da mulher dentro da própria sociedade, pois ela é considerada como o “outro,”<sup>16</sup> a minoria

---

that time, and one which is still an important source for the identification of houses of the early settlers and for landmarks in the city. The book is Dr. Caleb H. Snow’s *History of Boston*. Study and comparison of the many histories read by Hawthorne reveal his repeated use of it for authentication of the setting of *The Scarlet Letter*. It [becomes] apparent that although Hawthorne usually demanded authentic details of colonial history, some small changes were necessary in his portrayal of New England in the 1640’s. These were not made because of lack of knowledge of the facts, nor merely by whim, but according to definite purposes—so that the plot would develop smoothly to produce the grand and simple balance of the book as we know it”. (RYSKAMP, C. “The New England Sources of *The Scarlet Letter*”. In: STEWART, R. (Ed.) **The American Notebooks by Nathaniel Hawthorne: Based Upon the Original Manuscripts**, 1932, p. 205).

<sup>14</sup> Edward WAGENKNECHT menciona que **A Letra Escarlata** é uma espécie de tributo e compensação aos Quakers e bruxas que foram condenados e perseguidos pelos ancestrais de Hawthorne (In: HAWTHORNE, op. cit., p.xvi). Este fato pode estar correto, pois “Hawthorne’s first American ancestor, William Hathorne (the w was added by Nathaniel himself while he was in college), came to Massachussets Bay from England with John Winthrop in 1630, and as a magistrate ordered the whipping of the Quakeress in Salem; William’s son John was one of the three judges who presided over in Salem witch trials in 1692. Nathaniel was sensitively aware of this inheritance. These men were important figures in the early history of the Massachussets Bay colony; they were also guilty of great crimes”. (Randal STEWART, In: HAWTHORNE, op. cit., p. vii).

<sup>15</sup> ESTÉS, op. cit., p. 317.

<sup>16</sup> De acordo com Simone de BEAUVOIR, “a mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro. A categoria do *Outro* é tão original quanto a própria consciência. Nas mais primitivas sociedades, nas mais antigas mitologias, encontra-se sempre uma dualidade que é a do Mesmo e a do Outro. A divisão não foi estabelecida inicialmente sob o signo da divisão dos sexos, não depende de nenhum dado empírico: é o que se conclui, entre outros, dos trabalhos de Granet sobre o pensamento chinês, de Dumézil sobre as Índias e Roma. Nos pares Varuna-Mitra, Urano-Zeus, Sol-Lua, Dia-Noite, nenhum elemento feminino se acha implicado a princípio; nem tampouco na oposição do Bem e do Mal, dos princípios fastos e nefastos, da direita e da esquerda, de Deus e Lúcifer; a



que pode desestruturar o meio masculino dominante. Sua “alteridade”<sup>17</sup> é construída através de imagens, símbolos e comportamentos ditos negativos, repulsivos, desordenados, impuros e incompatíveis com o modelo sócio-político e religioso regente. O romance discute a questão da sexualidade feminina através do “adultério,” seu tema principal, pois, na era puritana o adultério era considerado como um pecado grave, a ser julgado e punido publicamente. Neste caso, temos a sociedade interferindo na escolha da mulher sobre a própria sexualidade. A intimidade feminina torna-se pública e controlada por normas rígidas de conduta e punição.<sup>18</sup>

---

alteridade é uma categoria fundamental do pensamento humano. Nenhuma coletividade se define nunca como Uma sem colocar imediatamente a outra diante de si. (BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo.**

**2. A Experiência Viva.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 19\_\_, p. 10-11).

<sup>17</sup> Seguiremos a terminologia utilizada por Denise JODELET, ou seja, “ao designar o caráter do que é o outro, a noção de alteridade é sempre colocada em contraponto: “não eu” de um “eu”, “outro” de um “mesmo”. Ela faz par, filosoficamente, com a noção de ipseidade – caráter que faz com que um indivíduo seja ele-mesmo e distinto de todos os outros; remetendo a uma distinção antropológicamente originária e fundamental – a distinção entre o mesmo e o outro – ela estabelece, de saída, uma relação de identidade tal que muitos vêem nisso a própria emergência identitária: “É sempre a reflexão acerca da alteridade que precede e permite toda definição identitária (AUGE, 1994, p. 84). [Para compreender este conceito] é necessário examinar seu tratamento social, ver a que operações de classificação e ordenação ela corresponde na vida social, e como a oposição entre o mesmo e o outro se especifica segundo formas diferentes (semelhante/dissemelhante, autóctone/estrangeiro, próximo/longínquo, amigo/inimigo, normal/desviante, etc.), supondo relações de implicação entre pessoas e grupos que, inscritos numa sociedade plural, se relacionam reciprocamente através dessas implicações. Essa orientação encontra suas raízes na reflexão das ciências sociais.” (In: ARRUDA, A. **Representando a Alteridade.** Petrópolis: Vozes, 2002, p. 48-49).

<sup>18</sup> BOEWE e MURPHEY nos dizem que: “the Hester Prynne of the novel was not drawn directly from a single seventeenth-century Puritan prototype in the way a minor character like Governor Bellingham was. In this sense she is not to be found in the annals. But already in print are most of the details necessary for one to conceive how Hawthorne built up her composite pictures from historical scraps at hand. Most notable of them is the story of Goodwife Mendame of Duxbury, who was condemned “to be whipt at a cart’s taylor through the town’s streets, and to weare a badge with the capital letters AD cut in cloth upon her left sleeve” when she was found guilty of adultery. Duxbury was a satellite of Plymouth Colony, not of Massachusetts Bay, and Plymouth was traditionally referred to as the Old Colony. When Hawthorne jotted down the germ of his novel he wrote: “The life of a woman, who, by the *old colony* laws, was condemned always to wear the letter A, sewed on her garment, in token of her having committed adultery. (Cf. *The American Notebooks*, ed. Randal Stewart (New Haven, 1932), p. 107) [...] If the idea of the symbolic letter may have come from Plymouth, the name of the character in the novel apparently derived from a source closer home. Hitherto unnoticed, we believe, is a rather striking item in the records of the Salem Quarterly Court which convened in November of 1668: ‘Hester Craford, for fornication with John Wedg, as she confessed, was ordered to be severely whipped and that security be given to save the town from the charge of keeping the child. Mordecaie Craford [her father] bound. The judgment of her being whipped was respitted for a month or six weeks after the birth of the child, and it was left to the Worshipful Major William Hathorne to see it executed on a lecture day.’ (*Records and Files of the Quarterly Courts of Essex County, Massachusetts* (Salem, 1914), IV, 84).” (In: BOEWE, C. & MURPHEY M. G. “Hester Prynne in History”. In: STEWART, op. cit., p. 219-220).

Temos aqui a construção de uma personagem que nos mostra a condição feminina abordada tanto em um quadro de seu desenvolvimento psicológico quanto histórico e social. Mas literariamente esta construção também se justifica pelo desafio que implica. Para Atwood a questão da negatividade que envolve a construção de personagens femininos se baseia no fato de que:

Female bad characters can also act as keys to doors we need to open, and as mirrors in which we can see more than just a pretty face. They can be explorations of moral freedom — because everyone’s choices are limited, and women’s choices have been more limited than men’s, but that doesn’t mean women can’t make choices. Such characters can pose the question of responsibility, because if you want power you have to accept responsibility, and actions produce consequences. [...] If there’s a closed-off road, the curious speculate about why it’s closed off, and where it might lead if followed; and evil women have been, for a while recently, a somewhat close-off road, at least for fiction-writers.<sup>19</sup>

Partimos então do pressuposto de que a condição desta personagem — Hester Prynne — gera muitos aspectos sobre a condição feminina na sociedade ocidental contemporânea. O seu exemplo é mais um daqueles que observamos de mulheres cujas escolhas são limitadas pelo sistema cultural que as absorve. Hester, com seu modo obstinado de lidar com seus infortúnios, nos mostra um fator pontual dentro das sociedades patriarcais que não pára de se repetir ao longo dos anos: exemplos de “explorações de liberdade moral,” a liberdade que tem de ser conquistada e mantida a duras penas por mulheres das mais diversas origens e condições sociais.

Podemos perceber que hoje há uma tendência em várias áreas de pesquisa como: literatura, sociologia, antropologia, história e psicologia entre outras, para reavivar e redimensionar o estudo do “feminino”.<sup>20</sup> Assim este trabalho justifica-se pela importância de tal estudo para se analisar a “condição da mulher em sociedade” que será estudada através da construção da identidade individual e social da mulher.

---

<sup>19</sup> ATWOOD, Margaret. “Spotty-Handed Villainesses: Problems of Female Bad Behaviour in the Creation of Literature”. (Lecture), 1994. Disponível em: <<http://www.web.net/owtoad/vlness.html>> Acesso em: 03 maio 2005.

<sup>20</sup> MURARO, R. M. & BOFF, L. **Feminino e Masculino: Uma nova consciência para o encontro das diferenças**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

Escolhemos a “literatura” para embasarmos nossa discussão, pois esta é uma das áreas mais ricas que temos para escrutinar a condição humana em sua inteireza.<sup>21</sup> Os conflitos e percalços que os indivíduos enfrentam em diferentes épocas de nossa história sempre encontraram na literatura um tipo de manifesto e de documentação que nos permite perceber a contemporaneidade dos mais diversos assuntos. Assim com o respaldo dado pelos estudos literários dos mitos e símbolos e sua singular ligação com a psicologia,<sup>22</sup> pudemos relacionar áreas de fundamental valor para se analisar a mulher em sua essência e sua relação com o seu meio.

Observamos ainda que dentro da área das Ciências Humanas, a literatura tem tido um papel fundamental. Autores como Cervantes, com seu ilustre **Dom Quixote** influenciaram teóricos como Alfred Schutz, que é um dos principais fundadores da teoria fenomenológica e que em “*Dom Quijote y el problema de la realidad social*”<sup>23</sup> elabora uma série de reflexões sobre ciência, filosofia e senso comum, mostrando como o conhecimento científico e filosófico também se constitui de parcelas de fantasia e de imaginação. Esse estudo é considerado um dos pilares da Fenomenologia, corrente que tanto inspirou e inspira as abordagens qualitativas no campo das Ciências Humanas. Podemos citar também Virginia Woolf, que no início do século XX, redirecionou a criação e a análise literária com sua ousada técnica do “fluxo da consciência” e com a elaboração de inesquecíveis personagens femininos como **Mrs Dalloway** que tão bem retratou o universo feminino e os caminhos sombrios e tortuosos do inconsciente. Também podemos citar Balzac (1799-1850) que, com **A Comédia Humana** — obra composta de mais de 90 romances e novelas —, descreveu fielmente a sociedade de uma época e suas implicações para com a condição feminina de modo geral.<sup>24</sup> Seu trabalho é tão abrangente que

---

<sup>21</sup> PAZ, N. **Mitos e Ritos de Iniciação nos Contos de Fadas**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1995.

<sup>22</sup> CAMPBELL, J. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2003.

<sup>23</sup> In: SCHUTZ, Alfred. **Estudios Sobre Teoria Social**. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1974, p. 133-152.

<sup>24</sup> “Com efeito, a época em que vive Balzac, e na qual situa a maior parte da ação de suas obras, se constitui num período de intensas transformações em todas as esferas da vida pública e privada, um período de efervescência política e intelectual. A França da primeira metade do século XIX vivencia diferentes formas de governo — o Império napoleônico, a Restauração, a Monarquia de Julho de 1830, a República de 48; sua vida política é marcada por golpes, revoluções, movimentos populares, etc... Questões novas em torno da condição feminina se colocam. Nesse período gestam-se

Intelectuais de orientações teóricas diversas – como, por exemplo, Marx, Engels, Taine, Barthes, Robbe-Grillet, Chevalier, Benjamin, Sennett – ressaltam o seu caráter documental e enciclopédico e, por esse aspecto, cheguem mesmo a conferir a Balzac o estatuto de cientista social. Essa discussão tem perpassado vários domínios teóricos (crítica literária, estética, psicologia, antropologia, história, teoria política, sociologia da literatura, etc...) e tem se renovado a partir de parâmetros contemporâneos de análise.<sup>25</sup>

Inúmeros outros exemplos poderiam ser citados aqui. Assim a literatura com sua abrangência universal e não preconceituosa, perpassa por todos os domínios das Ciências Humanas mostrando o importante papel interdisciplinar que exerce nas mais diversas áreas de conhecimento de que dispomos dentro e fora do ambiente acadêmico.

Em pesquisa extensiva foi constatado que o estudo mítico, psicológico e histórico desta narrativa literária — **A Letra Escarlata** — nos possibilitará apresentar uma perspectiva inédita deste “clássico”<sup>26</sup> já extensamente analisado por sua beleza poética e valor canônico. Tal enfoque justifica-se pelo fato de se estudar como a sociedade, em seu contexto histórico, cultural, religioso e político, pode ser vista como controladora e fator determinante na construção da identidade feminina e do desenvolvimento do papel das mulheres como indivíduos públicos ou privados, interferindo em suas condições de seres pensantes, independentes e construtoras ativas de nossa História.

O objetivo geral desta pesquisa é fazer uma releitura do romance **A Letra Escarlata** para construir uma visão da “condição e da identidade feminina” no século XVII, era puritana. E a partir desta releitura analisar a história das mulheres nos séculos XVIII e XIX para que possamos estabelecer relações entre tal história e a condição e identidade femininas na sociedade ocidental contemporânea.

---

teorias/movimentos que ainda são paradigmas ao feminismo do século XX”. (VIANA, T. C. A. **A Comédia Humana, Cultura e Feminilidade**. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1999, p. 11).

<sup>25</sup> Ibid., p. 9.

<sup>26</sup> De acordo com SAINTE-BEUVE: “a true classic [...] is an author who has enriched the human mind, who has really augmented its treasures, who has made it take one more step forward, some unequivocal moral truth, or has once more seized hold of some eternal passion in that heart where all seems known and explored; who has rendered his thoughts, his observation or his discovery under no matter what form, but broad and large, refined, sensible, sane and beautiful in itself, who has spoken to all in a style of his own which yet belongs to all the world, in a style which is new without neologism, new and ancient, easily contemporaneous with every age”. (In: ADAMS, H. (Ed.) **Critical Theory Since Plato**. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1971, p. 556-562).

Como objetivos específicos temos: resgatar a história do “feminino” para tratarmos do tema da condição e identidade da mulher em sociedade; verificar os níveis e os tipos de relacionamentos estabelecidos entre a personagem principal do romance e os níveis — individual e social — que nos ajudam a averiguar como o indivíduo é levado a uma “trajetória mítica” inconsciente; verificar como esta “trajetória mítica” implica no desenvolvimento do “processo de individuação”<sup>27</sup> e da “construção da identidade social da mulher;” analisar a “estrutura profunda” da narrativa; relacionar a condição feminina no século XVII com àquela dos séculos XVIII e XIX e na era contemporânea; analisar a História da mulher e o modo pelo qual a condição feminina e sua identidade se desenvolve de acordo com o papel imposto pelo contexto dominante no qual ela está inserida.

Para atingirmos os objetivos expostos acima focalizaremos a seguinte pergunta: “Como ocorre o desenvolvimento da condição feminina na sociedade ocidental, nos séculos XVII, XVIII e XIX, e na era contemporânea, e quais os fatores religiosos, políticos, sociais e culturais que determinam tal condição?”.

Ou de forma mais específica: como **A Letra Escarlata** pode servir de instrumento para a análise da condição e identidade feminina na sociedade puritana? De que forma a trajetória mítica heróica da personagem principal do romance relaciona-se com o processo de construção da identidade feminina individual e social da época? A que conclusões podemos chegar a partir da comparação da condição e identidade feminina em eras passadas com a condição feminina na atualidade? Há mudanças concretas?

---

<sup>27</sup> “Existe no ser humano uma tendência inata, natural e espontânea a encontrar seu Centro, sua unidade. Assim, impunham-se naturalmente várias constatações: o processo natural da vida da alma tem um sentido, uma finalidade, um objetivo; a experiência da unidade ocorre simultaneamente com a realização desta; a nossa totalidade vai se realizando de maneira relativa e parcial, e o Centro é, ao mesmo tempo, sempre algo que nos transcende. É isto que Jung chamou de experiência do Si-mesmo. Este Si-mesmo não é apenas um fim, mas também o princípio de toda vida; é um processo que se desenvolve no tempo, ao qual deu o nome de “processo de individuação”. Com a descoberta empírica do “processo de individuação”, foi introduzida nova dimensão e mudança na história da espiritualidade ocidental, cujos efeitos ainda são impossíveis de medir. De fato, a nossa nostalgia de uma unidade interior e de um sentido para nossa vida, antes buscado no campo do universo mental, filosófico, intelectual e religioso, leva-nos agora ao campo da própria vivência da realidade da alma. Pela experiência é que se abriram caminhos novos em busca do mais profundo de nosso ser”. (Léon BONAVENTURE, In: VON FRANZ, M. **A Individuação nos Contos de Fada**. São Paulo: Paulus, 1984, p. 7).

Para que possamos elucidar todos estes questionamentos, desenvolveremos nosso estudo através de perspectivas que se inter-relacionarão para darmos uma visão de como a condição e a identidade feminina se constituem. Sendo **A Letra Escarlate** uma obra tão rica sobre a condição humana na era puritana as reflexões sobre o romance também desencadeiam uma série de outras reflexões sobre a mulher, configurando assim o enfoque interdisciplinar. Tais reflexões serão mais exploradas tomando como ponto de partida a “teoria literária” sobre o “mito do herói” encontrada na obra do renomado mitólogo Joseph Campbell e em outros teóricos da “psicologia analítica,” que nos levarão ao estudo dos elementos simbólicos da obra; das teorias da “psicologia social” sobre “categorização” e “estigmatização” e também a algumas contribuições significativas originadas no campo da “História das Mulheres” nos séculos XVII, XVIII e XIX. O conjunto dessas reflexões será útil para explicar uma série de situações ainda hoje enfrentadas pelas mulheres em virtude de comportamentos discriminatórios. Esclarecemos aqui, que todos os conceitos utilizados nesta tese são definidos nos capítulos cuja temática a eles se referem.

Iniciamos com o Capítulo 1, “O *Feminino* - Desenvolvimento Mítico-Histórico,” que apresentará uma retrospectiva mítica-histórica de como o conceito do “feminino” surgiu. Através de leituras nas áreas de história, arqueologia e mitologia daremos uma visão de como este conceito tem sido estudado e pesquisado e como ele tem influenciado, através dos tempos, as pesquisas na área da construção da identidade feminina e da condição da mulher em sociedade. Mostraremos a importância do ressurgimento do culto à tradição da “Deusa” e elaboraremos uma análise da narrativa estudada em nossa pesquisa.

Este resgate da história do feminino será feito através da obra da antropóloga Marija Gimbutas **The Language of the Goddess** (2001) que faz um estudo mítico-histórico de sinais, símbolos e imagens de divindades relacionadas à tradição da Deusa-Mãe Criadora. Dentro desta mesma perspectiva também trabalharemos com a obra **O Retorno da Deusa** (1991) de Edward C. Whitmont e **O Legado da Deusa** (2003) de Mirella Faur para que verifiquemos a importância de achados arqueológicos, antropológicos e históricos que confirmam o papel central que a mulher ocupava em

sociedades primitivas e como tal condição foi se alterando ao longo da história da humanidade, além de fatores sociais, políticos e culturais que contribuíram para isto. Também utilizaremos as contribuições de Rose Marie Muraro e Leonardo Boff na obra **Feminino e Masculino** (2002) para que possamos averiguar como a era contemporânea urge pelo resgate deste “feminino,” principalmente pelos problemas trazidos pela transformação desenfreada que a sociedade está sofrendo em questões de valores culturais, sociais e políticos e como estes valores estão relacionados à condição da mulher em nossa sociedade.

Em segundo lugar, **A Letra Escarlate** será analisado dentro de uma perspectiva literária, pois o Capítulo 2 – “Análise Literária: A Trajetória Mítica Heróica” apresentará um estudo da teoria sobre o “mito do herói,” elaborada por Joseph Campbell em **O Herói de Mil Faces** (2002). Esta teoria apresenta as várias etapas da trajetória mítica do herói, trajetória que é marcada por complicações, provações e lições que o herói deve empreender para que possa atingir seu desenvolvimento interior. Campbell nos dá um relato repleto de simbologia e nos orienta em interpretá-la e aplicá-la na análise literária. Este estudo será complementado pela obra de C. G. Jung no que diz respeito ao estudo do “símbolo” do “arquétipo,” bem como suas implicações no estudo do “processo de individuação” que o indivíduo pode sofrer ao longo de sua trajetória de vida.

Enfatizamos que a utilização de conceitos junguianos para nossa análise é pertinente, pois neste campo de estudos temos, por exemplo, o trabalho de Terence Dawson, professor de literatura inglesa e européia, na Universidade de Singapura. Dawson explora a questão de como as idéias de Jung podem contribuir para o debate literário e “ilustra a importância de identificar o verdadeiro protagonista de uma obra. Propõe também uma teoria de história literária baseada nas idéias de Jung sobre a remoção das projeções”.<sup>28</sup> Em seu estudo “Jung, Literatura e Crítica Literária,”<sup>29</sup> se apropria da análise psicológica para fazer uma riquíssima leitura de **Pamela** (1740) de Samuel Richardson. Neste artigo Dawson enfatiza que

---

<sup>28</sup> YOUNG-EISENDRATH, P. & DAWSON, T. (Orgs.) **Manual de Cambridge para Estudos Junguianos**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002, p. xii.

<sup>29</sup> Ibid., p. 239-259.

A interpretação é sempre experimental. Jung nunca desejou que seus conceitos fossem considerados entidades comprovadas. Ele os via apenas como “ferramentas” auxiliares. Assim como a psicologia analítica foi desenvolvida a fim de explorar o possível significado da experiência individual, também a crítica literária junguiana procura explorar *possíveis* implicações psicológicas de um texto literário.<sup>30</sup>

Dawson também argumenta sobre a necessidade de: “(a) estabelecer “de quem” é a experiência refletida numa ficção narrativa, e (b) ver *todos* os eventos como uma representação de um dilema confrontado por este personagem”.<sup>31</sup> Além de esboçar uma “teoria da história literária que salienta o inter-relacionamento entre duas características definidoras da literatura moderna: seu envolvimento simultâneo com questões pessoais e sociais.”<sup>32</sup>

Outra característica fundamental dos estudos de Jung para nosso trabalho está na origem de como se deu seu interesse pelo estudo do feminino. Com o advento do Romantismo,<sup>33</sup> como estudante de medicina e filósofo, Jung foi contaminado pela imaginação Romântica e suas ilusões sobre as mulheres. Como seus colegas Românticos, Jung permaneceu profundamente atraído pelo feminino, ainda que igualmente ambivalente em relação a ele. Ele reconheceu seu próprio lado feminino, o estudou e às mulheres a sua volta através das lentes embaçadas do Romantismo e

---

<sup>30</sup> Ibid., p. 241.

<sup>31</sup> Ibid., p. 240.

<sup>32</sup> Ibid., p. 240.

<sup>33</sup> “Historicamente, o Romantismo pode ser remontado aos pré-socráticos Pitágoras, Heráclito e Parmênides, passando por Platão e chegando ao romantismo dos primórdios do século XIX e seu florescimento no final daquele século. Platão imaginou que haviam certos padrões primordiais (que Jung posteriormente chamaria de arquétipos) dos quais os seres humanos são mais ou menos sombras imperfeitas; entre estes padrões encontrava-se um ser humano original, completo e bissexual. Na juventude de Jung, este ideal de completude original repetia-se na crença romântica na unidade de toda a natureza. No entanto, ao mesmo tempo, os românticos sentiam profundamente seu próprio afastamento da natureza e ansiavam pelo ideal. Desta forma, o Romantismo deu voz a um anseio transcendental por Édens perdidos, pelo inconsciente, pelo profundo, pelas emoções e pela simplicidade que, por sua vez, levaram ao estudo do mundo natural exterior e da alma interior. [...] A ciência romântica trouxe o interesse pela psicopatologia humana e pela paranormalidade. Ela também deu origem à exploração de muitas outras áreas desconhecidas, ajudando a criar novas profissões, como a arqueologia, a antropologia e a lingüística, bem como estudos interculturais de mitos, sagas e contos de fadas. Todas eram vistas de uma perspectiva branca, predominantemente masculina, geralmente Protestante, que observava as outras raças e culturas com o mesmo fascínio e ambivalência Românticos com os quais via as mulheres”. (Ibid., p. 43).



formulou suas idéias sobre as mulheres de maneira correspondente.<sup>34</sup> Hoje esta visão que influenciou a psicologia analítica está sendo revisada.<sup>35</sup>

O intercâmbio entre literatura e psicologia analítica também pode ser visto na obra da analista junguiana Clarissa Pinkola Estés, **Mulheres que Correm com os Lobos: Mitos e Histórias do Arquétipo da Mulher Selvagem** (1999), na qual a autora faz um resgate de contos femininos a fim de trabalhar com a psicologia profunda das mulheres.<sup>36</sup> Segundo Estés,

[Foram perdidos] muitos dos contos femininos que continham instruções sobre o sexo, o amor, o dinheiro, o casamento, o parto, a morte e a transformação. Foi assim que foram arrasados e encobertos os mitos e contos de fadas que explicavam mistérios antiqüíssimos das mulheres. Da maioria de coletâneas de contos de fadas e mitos hoje existentes foi expurgado tudo o que fosse escatológico, sexual, perverso, pré-cristão, feminino, iniciático, ou que se relacionasse às deusas; que representasse a cura para vários males psicológicos e que desse orientação para alcançar êxtases espirituais.<sup>37</sup>

O trabalho de Estés será de fundamental importância para nossa análise. Sua interpretação psicológica dos contos de fadas — que recorre a cada aspecto do conto de fadas para representar o drama interno à psique de uma única mulher — também nos servirá como base para analisarmos os vários símbolos encontrados na trajetória mítica de Hester Prynne.

---

<sup>34</sup> “Com a ascensão do Romantismo, os homens começaram não apenas a explorar continentes desconhecidos e a si mesmos, mas também a olhar e reavaliar o que consideravam seu oposto – as mulheres, que para eles eram dotadas de inconsciência, irracionalidade, profundidade e emoções proibidas à identidade racional “masculina”. Alegando a objetividade da ciência Positivista, muitos tendiam a cultivar teorias que, ao invés disso, se baseavam no Romantismo sexual. Na imaginação dos cientistas e romancistas, as mulheres eram o “outro” misterioso e fascinante, um feminino cuja vulnerabilidade e fragilidade romântica o masculino não podia permitir em si mesmo; ao mesmo tempo, pensava-se que as mulheres possuíam um poder psíquico misterioso, um poder muitas vezes reduzido ao negativo e ao erótico. O real aumento de poder das mulheres e suas demandas por emancipação durante a segunda metade do século XIX serviram para aumentar a ambivalência e a ansiedade dos homens. As mulheres na Europa e nos Estados Unidos estavam iniciando uma luta conjunta para conquistar educação e independência (não havia mulheres estudando nas universidades suíças até a década de 1890).” (Ibid., p. 43).

<sup>35</sup> Ibid., p. 44.

<sup>36</sup> Para Nelly Novaes COELHO, “o universo da literatura maravilhosa [...] está visceralmente ligado ao mundo mágico dos símbolos, mitos e arquétipos, é neles ou por meio deles que essa literatura é engendrada e se transmite aos homens através dos milênios. Portanto, para compreender melhor a natureza dessa literatura, é preciso entender a natureza da matéria-prima (mitos e arquétipos) que a alimenta e da linguagem (símbolos) que a expressa e a torna comunicável”. (COELHO, N. N. **O Conto de Fadas: Símbolos Mitos Arquétipos**. São Paulo: DCI, 2003, p.85).

<sup>37</sup> ESTÉS, op. cit., p. 31.

Partindo desta “perspectiva literária” o romance será analisado com base no estudo da “temática simbólica” que permeia sua estrutura profunda. No “Capítulo 3 – “O Conteúdo Simbólico de *A Letra Escarlate*” faremos um rastreamento, em toda a narrativa, a fim de identificar e analisar os elementos mítico-simbólicos que a compõem tais como, os símbolos relacionados à apresentação das personagens, ao espaço e tempo. Tal estudo será realizado de acordo com as abordagens de J. E. Cirlot em seu **A Dictionary of Symbols** (1993) e Ad de Vries em **Dictionary of Symbols and Imagery** (1976) e através da abordagem proposta por Clarissa Pínkola Estés em **Mulheres que Correm Com os Lobos: Mitos e Histórias do Arquétipo da Mulher Selvagem** (1999) em que a análise da construção da identidade feminina é feita através da interpretação psicológica dos vários elementos que compõem os contos de fadas. Especificamente, o conto de fadas “A Donzela sem Mãos”<sup>38</sup> analisado na obra de Estés servirá como guia para a identificação de símbolos inerentes à narrativa. Tais símbolos servirão para elucidar o embasamento político, social e religioso da cultura a que Hester Prynne pertenceu, além de aspectos inerentes à construção da condição e identidade feminina individual.

Tendo lidado com o conteúdo da psicologia analítica, passaremos, então, à análise psicológica social do romance. O Capítulo 4 – “Teorias em Psicologia Social: O Processo de Estigmatização” apresentará um estudo dos conceitos de “estigma” e “símbolo de estigma” abordados por Erving Goffman em **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada** (1988) para embasarmos a pesquisa de como a identidade feminina é construída através de “valores” que são inerentes à cultura e ao meio em que a mulher atua. Desta forma, conseqüências e efeitos do “estigma” serão avaliados para que se possa analisar como a sociedade em que a personagem Hester Prynne viveu a tornou vulnerável, ou não, aos atributos a ela conferidos. Estaremos analisando quais são as maneiras pelas quais Hester conseguiu efetivar seu lugar na sociedade puritana e quais são as formas que encontrou para, de alguma maneira, independente das adversidades, não perder ou corromper sua “essência” enquanto mulher.

---

<sup>38</sup> ESTÉS, op. cit., Cap. 14, p. 478-566.

A teoria do estigma será complementada pelos conceitos encontrados nas teorias da psicologia social elaboradas por Henry Tajfel e J. Turner em “An Integrative Theory of Social Conflict,”<sup>39</sup> que trata dos vários fatores inerentes à interação social e como esta ocorre; a teoria de Henry Tajfel e Joseph Forgas sobre “categorização” encontrada em “Social Categorization: Cognitions, Values and Groups;”<sup>40</sup> além da teoria de H. Tajfel sobre “estereotipia” em “Estereótipos Sociais e Grupos Sociais” (1981) e a teoria de J. Turner (1981) sobre “auto-categorização”. Tais conceitos nos ajudarão a melhor explicar como a “interação social intergrupar” é afetada por aspectos psicossociais que interferem no modo como os indivíduos são percebidos e determinados através das interações que estabelecem uns com os outros.

Para complementarmos o estudo na área da psicologia social também utilizaremos as obras de Janos Laszlo, “Narrative Organization of Social Representations” (1997) e a obra de Kenneth J. Gergen, “Narrative, Moral Identity and Historical Consciousness: A Social Constructionist Account” (1994) que nos possibilitarão demonstrar o papel sócio-cultural da narrativa. Tais abordagens nos mostrarão como o contexto histórico social e cultural da narrativa analisada influencia a apresentação de temas e características ligadas à construção da identidade feminina, principalmente no que diz respeito à “alteridade” e como esta rege o papel da mulher tanto como indivíduo público quanto privado. Desta forma, o romance **A Letra Escarlata** também será analisado de acordo com a “função social e ideológica” representada por sua narrativa, trataremos este texto literário como forma de prática social dentro do contexto histórico em que foi escrito.<sup>41</sup>

---

<sup>39</sup> In: AUSTIN, W. G. & VORCHEL, S., (Eds.) **The Social Psychology of Intergroup Relations**. Monterey: California Books, 1979. Tradução de Clélia Maria Nascimento-Schulze.

<sup>40</sup> In: FORGAS, P. J., (Ed.) **Social Cognition: Perspectives on everyday understanding**. Nova York: New York Academic Press, 1981.

<sup>41</sup> De acordo com LASZLO, “Narratives [...] can be, and indeed are conceived [...] as vehicles and material for the social-cognitive construction of reality and meaning. Narrative research in psychology extends to narratology, i.e., the study of how stories work and to the psychologically interpreted forms and functions narratives play in people’s life. [...] Maurice Halbwachs [defended] the role of narratives in constructing and organizing social experiences. He claimed that people create and share stories that render their world intelligible. Their community feelings or social identity derives from narratives. Narratives, he further argued, also provide the social anchoring for even the seemingly most individual memories.” (LASZLO, Janos (a). “Narrative Organisation of Social Representations.” **Papers on Social Organization**. v. 6, 2, 1997, p. 162).

As teorias sociais mencionadas acima nos possibilitarão analisar o papel do pensamento e do comportamento do indivíduo na construção da identidade feminina e averiguar a função histórico-social e cultural da narrativa, enquanto elemento construtor de identidade.

Tendo discorrido sobre a construção da identidade individual e social da mulher através das abordagens psicológicas apresentaremos no Capítulo 5 – “Discussão sobre A História das Mulheres: A Condição Feminina entre os Séculos XVII e XIX” uma pesquisa sobre as reflexões encontradas na “História das Mulheres,” através das quais faremos uma comparação de como a condição feminina se dava na época puritana (século XVII), verificando também os séculos XVIII e XIX e como tal condição pode ser comparada àquela encontrada na era contemporânea. Tal pesquisa nos auxiliará analisar como a mulher foi considerada em seus papéis, públicos e privados, ao longo de um período da História da humanidade e que aspectos sociais, políticos e culturais contribuíram para a qualidade e importância de tais papéis dentro das sociedades em que estavam inseridas.

Para tanto, utilizaremos algumas obras, tais como: **Mulheres Públicas** (1998), de Michelle Perrot; **História das Mulheres no Ocidente** (1991), sob a direção de George Duby e Michelle Perrot; **A Cidadã Paradoxal** (2002), de Joan Scott; **Breve História da Mulher no Mundo Ocidental** (2001), do historiador Carlos Bauer; **A Terceira Mulher: Permanência e Revolução do Feminino** (2000), do filósofo Gilles Lipovetzky; e **Feminino e Masculino: Uma Nova Consciência para o Encontro das Diferenças** (2002), de Rosie Marie Muraro e Leonardo Boff, entre outros.

Estas perspectivas apresentadas nos auxiliarão mostrar como a análise literária e seu discurso interdisciplinar contribuem para que possamos estudar um dos assuntos mais instigantes da atualidade, a condição feminina em sociedade.

O objetivo aqui foi apresentar o desenho de pesquisa deste estudo, assim como enfatizar sua justificativa. Para tal foram apresentados os procedimentos usados para o desenvolvimento da análise literária e as reflexões que esta desperta a respeito do feminino.

Em nossas considerações finais discorreremos sobre todos os dados obtidos em nossa análise e quais são as conclusões a que podemos chegar quanto à formação da identidade feminina em uma sociedade patriarcal. Procuraremos responder às perguntas colocadas.

## 1. O *Feminino* - Desenvolvimento Mítico-Histórico

A deusa representa a natureza. O deus representa a sociedade. E quando se tem uma mitologia que acentua um deus, e não uma deusa, tem-se uma religião que acentua a sociedade sobre a natureza. Então, com a Queda, a própria natureza é amaldiçoada.

*Joseph Campbell*<sup>42</sup>

Sou aquela que é a mãe natureza de todas as coisas, senhora e regente de todos os elementos, progenitora inicial dos mundos, chefe dos poderes divinos, rainha de todos que estão no inferno, soberana daqueles que habitam o céu, manifesta através de uma só e única forma em todos os deuses e deusas.

Os planetas do céu, os ventos salutares que sopram do mar e os silêncios lamurientos do inferno são dispostos segundo minha vontade. Meu nome, minha divindade, é adorada em todas as partes do mundo, de diversas maneiras, com costumes variados e segundo várias denominações.

*Discurso da Deusa, Apuleio, O Asno de Ouro*<sup>43</sup>

Como colocado anteriormente, este trabalho se preocupa em desenvolver uma análise sobre a construção da identidade feminina individual e social através do estudo do romance **A Letra Escarlate**, cuja temática principal está ligada ao problema da condição da mulher numa sociedade estritamente regida por valores masculinos patriarcais. Assim, a discussão a ser apresentada aqui, em um de seus aspectos mais importantes, refere-se ao “resgate histórico do feminino” fator imprescindível para desenvolvermos nossa análise. Esclarecemos que o conceito de “feminino” que consideramos é aquele definido por Monika Von Koss:

Quero enfatizar que, quando falo de “feminino”, não me refiro exclusivamente às mulheres. Não falo de anatomia, mas de uma atitude diante da vida, possível de ser manifestada por todas as pessoas. Pelo fato de

---

<sup>42</sup> CAMPBELL, J. **A Jornada do Herói: Joseph Campbell Vida e Obra**. São Paulo: Ágora, 2003, p. 126.

<sup>43</sup> In: WHITMONT, E. C. **O Retorno da Deusa**. São Paulo: Summus, 1991, p. 59.

estarmos vivendo há tanto tempo imersos em uma cultura, na qual predomina absoluta a polaridade masculina da divindade, necessitamos revalorizar a polaridade feminina, recuperando seus valores, para alcançar um equilíbrio, antes que possamos transcender esta dualidade.<sup>44</sup>

Assim, esta “revalorização da polaridade feminina” nos faz falar sobre o “feminino,” a “Deusa,”<sup>45</sup> o “conhecimento profundo,” a “intuição,” que nada mais é do que falar sobre a história de cada mulher, de cada uma que passou por esta terra e tenha deixado suas marcas, suas pegadas para serem seguidas, trilhadas e reconquistadas. A história do “feminino” está inserida numa teia de interligações que vem dos primórdios do ser humano, das ramificações mais profundas e inerentes à espiritualidade de cada indivíduo que já foi, que é e que ainda será. Falar sobre o “feminino” é discorrer sobre nossos medos mais profundos e sobre nossas qualidades mais latentes, é discorrer sobre a essência de cada um de nós, daquilo que trazemos de nossos ancestrais e de nossas lembranças mais remotas, do ciclo de “vida-morte-vida” que determina a existência de cada ser que habita esta terra. É falar sobre o mais simples e o mais complexo, é trilhar os meandros de labirintos, espirais e círculos que nos levam como forças centrífugas e centrípetas dentro de nossa própria história de vida.

O “feminino” engloba a tudo e a todos numa interligação generosa e abundante de sabedoria, conhecimento e devoção para com o que há de mais sagrado em nossas existências. Trazer o “feminino” mais uma vez para uma discussão, para um trabalho acadêmico, demonstra a força que tal fenômeno tem em nossas vidas e a necessidade que temos hoje, mais do que nunca, de resgatar este conceito e de torná-lo vivo, praticá-lo e reintegrá-lo para que possamos dar continuidade a esta obra que é a vida humana em sua plenitude. Pois

The Goddess gradually retreated into the depths of forests or onto mountain-tops, where she remains to this day in beliefs and fairy stories. Human alienation from the vital roots of earthly life ensued, the results of which are

---

<sup>44</sup> KOSS, M. von, **Feminino + Masculino: Uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades**. São Paulo: Escrituras Editora, 2000, p. 13-14.

<sup>45</sup> “The Goddess-centered religion existed for a very long time, much longer than the Indo-European and the Christian (which represent a relatively short period of human history), leaving an indelible imprint on the Western psyche.” (GIMBUTAS, M. **The Language of the Goddess**. Londres: Thames & Hudson Ltd., 2001, p. xvii).

clear in our contemporary society. But the cycles never stop turning, and now we find the goddess reemerging from the forests and mountains, bringing us hope for the future, returning us to our most ancient human roots.<sup>46</sup>

Portanto, a discussão de tal assunto traz à tona misérias e defeitos de civilizações<sup>47</sup> que, infelizmente, não conseguiram desfrutar de uma relação harmoniosa com os poderes de uma natureza sagrada que a todos oferecia abundância, bem estar e principalmente uma vida plena tanto espiritual quanto fisicamente. Ter relegado o “feminino” para as profundezas de uma superstição, de uma sacralidade desfigurada e mal compreendida nos levou a todos ao abismo, a uma situação insustentável de destruição do meio em que vivemos e, principalmente, para a destruição de nós mesmos e de nossos semelhantes. Percebemos que a destruição da essência do ser humano está estampada na destruição dos povos indígenas, dos rios, das terras, das matas, do ar, enfim, daquilo que nos cerca e que nos dá sustento, por isto o resgate deste “feminino” hoje se torna imprescindível, irrevogável e urgente.

Os cétricos, os racionais, reiteram seu descrédito com excesso de cientificismo e materialismo e fazem com que tal discussão pareça inútil, imbuída de um misticismo barato.<sup>48</sup> Mas a própria terra e os fenômenos naturais que a atingem, e afligem, nos

---

<sup>46</sup> Ibid., p. 321.

<sup>47</sup> “The outcome of the clash of the Old European with alien Indo-European religious forms is visible in the dethronement of Old European goddesses, the disappearance of temples, cult paraphernalia, and sacred signs, and the drastic reduction of the religious images in the visual arts. This impoverishment started in east-central Europe and gradually affected all of central Europe. The Aegean islands, Crete, and the central and western Mediterranean regions continued Old European traditions for several millennia more, but the core of the civilization was lost. This transformation, however, was not a replacement of one culture by another but a gradual hybridization of two different symbolic systems. Because the androcentric ideology of the indo-Europeans was that of the new ruling class, it has come down to us as the “official” belief system of ancient Europe. But the Old European sacred images and symbols were never totally uprooted; these most persistent features in human history were too deeply implanted in the psyche. They could have disappeared only with the total extermination of the female population. The Goddess’s religion went underground. Some of the old traditions, particularly those connected with birth, death, and earth fertility rituals, have continued to this day without much change in some regions; in others, they were assimilated into Indo-European ideology.” (Ibid., p. 318).

<sup>48</sup> “Sempre que o tema da “deusa” surge em uma cultura ainda de dominação masculina, tal como a nossa cultura global de hoje, há uma inevitável reação sexual por parte daquela cultura e dos comentaristas masculinos em particular — uma reação que, ignorantemente, insiste em risinhos afetados e zombarias com o conseqüente efeito difamador. Há alguns anos, Gimbutas publicou uma resposta vigorosa e conclusiva à teoria dos sorrisos e olhares irônicos que reduziavam as antigas deusas a simples símbolos sexuais. Em seu trabalho deliberadamente intitulado “Vulvas, Seios e Nádegas da Deusa Criadora”, ela refutou John Onians como um exemplo típico da escola de pensamento dos



dizem o contrário, a própria insegurança que se apoderou do ser humano nos dias de hoje, a fragmentação da identidade em nossa era nos diz o contrário. Por isso não podemos deixar de reconhecer com urgência a necessidade de rever e discutir os tipos de poderes políticos e sociais a que somos submetidos, os tipos de sociedades em que temos que nos inserir, ao flagelo da condição humana que alguns povos ainda têm que suportar para sobreviverem à tamanha devastação, provocada não só pela falta de consciência mas de um conhecimento profundo de como a vida se dá, se doa a cada um de nós através do meio físico e espiritual. Falar do “feminino” é falar de nossa História passada, de nosso presente, de nosso futuro e daquilo que deixaremos para aqueles que nos precederem.

Como nos conta a História e nos comprovam estudos arqueológicos,<sup>49</sup> houve uma época em que uma cultura<sup>50</sup> “matrifocal” regia nossa civilização. Tal cultura denomina-se “matrifocal,” e não “matriarcal,” pelo fato de não permitir,

---

risinhos e zombarias sobre a Deusa. Gimbutas demonstrou corretamente que a Deusa era primordialmente uma doadora de vida, uma fonte de vida nova e de nutrição — e comprovou seu ponto de vista de inúmeras maneiras que nos possibilitam compreender a mentalidade não-sexual-culpada-dominadora dos povos antigos. Eles também não eram ingênuos; simplesmente ficavam natural e justificadamente admirados com o mistério de dar à luz e nutrir uma nova vida: uma função caracteristicamente feminina.” (CAMPBELL, et al., **Todos os Nomes da Deusa**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997, p. 57).

<sup>49</sup> “La deidad primordial para nuestros ancestros paleolíticos y neolíticos era femenina, reflejando la soberanía de la maternidad. De hecho, no se ha encontrado imagen alguna de un Dios Padre todo a lo largo del registro prehistórico. Los símbolos e imágenes paleolíticos y neolíticos se arraciman en torno de una Diosa auto generada y sus funciones básicas como Dadora de Vida, Dispensadora de Muerte, y Regeneradora. Este sistema simbólico representa el tiempo cíclico, no lineal, mítico”. (GIMBUTAS, M. **La Civilización de la Diosa: El mundo de la antigua Europa**, 1991, p. 111).

<sup>50</sup> EISLER declara que: “una cultura es una red de coordinaciones de emociones y acciones en el lenguaje que configura un modo particular de entrelazamiento del actuar y el emocionar de las personas que la viven. Yo llamo conversar, aprovechando la etimología latina de esta palabra que significa dar vueltas juntos, al entrelazamiento del lenguajear y el emocionar que ocurre en el vivir humano en el lenguaje. Más aún, mantengo que todo quehacer humano ocurre en el conversar, y que todas las actividades humanas se dan como distintos sistemas de conversaciones. Es por esto que también mantengo que, en un sentido estricto, las culturas como modos de convivir humano en lo que hace lo humano que es el entrelazamiento del lenguajear y el emocionar, son redes de conversaciones. Y es también por esto mismo que mantengo que las distintas culturas como distintos modos de convivencia humana, son distintas redes de conversaciones, y que una cultura se transforma en otra cuando cambia la red de conversaciones que la constituye y define”. (EISLER, R. **El Caliz y La Espada: Nuestra Historia, Nuestro Futuro**. Santiago do Chile: Cuatro Vientos Editorial, 1995, p. xi).

principalmente, distinções hierárquicas entre homens e mulheres.<sup>51</sup> Não havendo relações baseadas no poder, os indivíduos relacionavam-se com o princípio do coletivo, do trabalho e vida em comunidade onde não havia espaço para guerras, ameaças e destruições de seus semelhantes. A vida era totalmente regida pela relação entre o indivíduo e a natureza. As mulheres, por seus ciclos menstruais e de fertilidade e gestação, eram diretamente relacionadas com os ciclos da natureza. A própria terra era considerada como a “grande mãe,” aquela que nutria e dava sustento àqueles que dela dependiam, daí a importância atribuída ao aspecto “feminino,” tanto do ser humano quanto da terra que habitava. O indivíduo era totalmente absorvido e integrado à natureza, aos seus ciclos de vida e morte, e aos cuidados ao tratar com a terra, pois dela advinha sua existência e continuidade.<sup>52</sup>

Nestas sociedades primordiais, a natureza detinha um aspecto “sagrado” que levava à adoração da terra como uma “deusa,” aquela que está imbuída do poder de “vida-morte-vida,” que pode ser observado em todos os seus ciclos. Não há registro de que tenha havido outra época em que o aspecto “feminino” tenha sido tão respeitado, observado e vivenciado tanto por homens quanto mulheres.<sup>53</sup> A relação “indivíduo-

---

<sup>51</sup> “La religión de la diosa reflejó un orden social matrístico, matrilineal y endogámico durante la mayor parte de la historia humana temprana. Esto no fue necesariamente un “matriarcado”, lo que erróneamente implica el “mando” de las mujeres como imagen refleja de la androcracia. Una tradición matrifocal perduró a través de las sociedades agricultura les primitivas de Europa, Anatolia y el Cercano Oriente, así como de la Creta minoica. En estas culturas el énfasis estaba sobre las tecnologías que nutrían las vidas de la gente, en contraste con el enfoque androcático sobre la dominación”. (GIMBUTAS, **La Civilization...**, op. cit., p. 115).

<sup>52</sup> De acordo com GIMBUTAS, seu estudo compreende “the period beginning with early agriculture in Europe, some nine to eight thousand years ago. The Neolithic farmers evolved their own cultural patterns in the course of several millennia. Food gathering gave way to food producing and hunting to a settled way of life, but there was no corresponding major change in the structure of symbolism, only a gradual incorporation of new forms and the elaboration or transformation of the old. Indeed, what is striking is not the metamorphosis of the symbols over the millennia but rather the continuity from Paleolithic times on. The major aspects of the Goddess of the Neolithic — the birth-giver, portrayed in a naturalistic birth-giving pose; the fertility-giver influencing growth and multiplication, portrayed as a pregnant nude; the life or nourishment-giver and protectress, portrayed as a bird-woman with breasts and protruding buttocks; and the death-wielder as a stiff nude (“bone”) — can all be traced back to the period when the first sculptures of bone, ivory, or stone appeared, around 25,000 B.C. and their symbols — vulvas, triangles, breasts, chevrons, zig-zags, meanders, cupmarks — to an even earlier time.” (GIMBUTAS, **The Language...**, p. xix).

<sup>53</sup> “La estructura social de la Antigua Europa estaba en directo contraste con el sistema indoeuropeo que la reemplazó. Como lo demuestra la evidencia arqueológica, histórica, lingüística y religiosa, la sociedad antiguo europea estaba organizada en torno a una comunidad teocrática de templo comunitario, guiada por una reina-sacerdotisa, su hermano o tío y un concilio de mujeres como cuerpo

natureza” era experimentada em sua totalidade. Não havia destruição desmesurada ou morte desnecessária, os ciclos se espelhavam tanto na natureza quanto na vida do indivíduo. Havia um entrelaçamento de mundos físico e espiritual como jamais poderá existir novamente, a não ser que nossa relação com nosso meio se modifique completamente.

Esta relação “indivíduo-natureza” nos dá a base para analisarmos a relação “indivíduo-sociedade” como conhecemos hoje. Ao descortinarmos a História percebemos como a vida foi sendo moldada pelos usos que fizemos da natureza, que as relações foram se concretizando de acordo com o que homens e mulheres apreendiam de seus ambientes e da interação com estes.<sup>54</sup> Ao destituirmos a mulher de sua relação intrínseca com a natureza<sup>55</sup> nos tornamos estéreis e áridos em nossas relações entre nós e com o meio que habitamos. Podemos dizer que a sociedade patriarcal<sup>56</sup> que atualmente conhecemos é o reflexo desta distorção de valores. O

gubernamental. Pese al reverenciado estatus de las mujeres en la vida religiosa, la evidencia de los cementerios a través del quinto y de casi todo el cuarto milenio AC no sugiere desequilibrio alguno entre los sexos ni una subordinación de un sexo a otro. Sugiere, más bien, una condición de respeto mutuo. Los principales objetos funerarios para ambos sexos simbolizan los sagrados ciclos de regeneración, aunque también rinden honor a logros personales en las artes, los oficios, el comercio y otras profesiones”. (GIMBUTAS, **La Civilization...**, p. 134).

<sup>54</sup> “La corrupción de la original síntesis yin-yang oracular y mística en un sistema dualista de jerarquía, dominación y opresión, tuvo lugar, en Oriente tanto con en Occidente, cuando la cultura humana cambió de tribal-campesina a jerárquica-cortesana; es decir, cuando las estructuras sociales cambiaron de matrifocales-rurales a patrifocales-urbanas. En la lucha patriarcal por propiedad y poder, la ecuación yin-yang se convirtió en una herramienta, una arma, de desigualdad y represión, tanto económica como sexual. Ahora el yin, como receptivo-femenino, fue interpretado como pasividad, inferioridad y subordinación sexual, intelectual y espiritual; yang, como activo-masculino, fue interpretado como agresión, superioridad y dominación sexual, intelectual y espiritual”. (SJÖÖ, M. & MOR, B. **La Grande Madre Cósmica**, 1975, p. 155).

<sup>55</sup> “Parthenogenetic goddesses creating from themselves without the help of male insemination gradually changed into brides, wives, and daughters and were eroticized, linked with the principle of sexual love, as a response to a patriarchal and patrilinear system. [...] In later Christian times, the Birth Giver and Earth Mother fused with the Virgin Mary. This it is not surprising that in Catholic countries the worship of the Virgin surpasses that of Jesus. She is still connected with life-water and miraculously healing springs, with trees, blossoms, and flowers, with fruits and harvest. She is pure, strong, and just. In folk sculptures of the Mother of god, she is huge and powerful, holding a tiny Christ on her lap.” (GIMBUTAS, **The Language...**, p. 319).

<sup>56</sup> “La cultura patriarcal occidental a que pertenecemos se caracteriza, como red particular de conversaciones, por las peculiares coordinaciones de acciones y de emociones que constituyen nuestro convivir cotidiano en la valoración de la guerra y la lucha, en la aceptación de las jerarquías y de la autoridad y el poder, en la valoración del crecimiento y de la procreación, y en la justificación racional del control del otro a través de la apropiación de la verdad. Así, en nuestro conversar patriarcal estamos en guerra contra la pobreza, luchamos contra en hambre, respetamos la jerarquía del saber, el

processo destrutivo que temos infringido ao nosso ambiente e aos indivíduos parece não ter como ser reparado.

Hoje encontramos grupos e pessoas isoladas que lutam para reverter este quadro. O estudo do “feminino” está sendo apontado como um destes caminhos, como nos alertam muitos teóricos das mais diversas áreas: sociologia, psicologia, antropologia, história, física, entre outras. Este interesse numa forma diferenciada e mais humana de refletir a sociedade em que vivemos advém do fato de que

Lo peculiar del momento histórico que ahora vivimos, está en la recuperación de algunas dimensiones de las relaciones humanas distorsionadas o negadas en el patriarcado, que tienen que ver con el respeto al otro, y que, ahora sabemos, formaron parte del vivir cotidiano de la humanidad, al menos en Europa, hasta antes de éste. En efecto, desde la comprensión del fenómeno del conocer que surge en la misma cultura patriarcal, se hace cada vez más evidente que el reconocer que no tenemos acceso cognoscitivo a una verdad trascendente y absoluta no trae consigo ni el desorden ni el relativismo caótico, sino que un nuevo modo de relación en la cooperación y el respeto. El reconocimiento de que no hay modo de afirmar una verdad trascendente no es nuevo, lo nuevo es su aceptación como una condición humana que legitima un modo de coexistencia que no sólo no es de temer, sino que es más bien deseable. Esta aceptación no está ocurriendo en todas partes ni al mismo tiempo, pero está pasando, y al pasar se abre una mirada hacia un mundo prepatriarcal no atrapado en una exigencia militante, profana o religiosa, que justifica la negación del distinto en la defensa de una verdad absoluta o trascendente.<sup>57</sup>

Assim faz-se necessária uma recapitulação de como o conceito do “feminino,” desde os primórdios de nossa civilização, foi se concretizando e se adaptando mediante mudanças culturais e sociais. A importância deste desenvolvimento histórico para nosso trabalho explica-se pelo fato de que o papel atribuído às mulheres ao longo dos tempos foi determinado pelas suas relações em sociedade e como estas eram direcionadas pelos valores e interesses de cada época.

---

conocimiento nos da autoridad y poder, el aborto es el crimen más grande, y los problemas de la humanidad se resuelven con el crecimiento económico y el progreso tecnológico que nos permite dominar y someter a la naturaleza. En la cultura patriarcal el tono fundamental de las relaciones humanas está dado desde el sometimiento al poder y a la razón en el supuesto implícito de que poder y razón revelan dimensiones trascendentes del orden cósmico natural a las que el ser humano tiene acceso, y que legitiman, de manera también trascendental, su quehacer en el poder y la razón.” (EISLER, op. cit., p. xii).

<sup>57</sup> Ibid., p. xii.

Tais interesses podem ser observados através do estudo mítico-arqueológico de sinais, símbolos e imagens de divindades relacionadas à existência de uma religião de veneração, tanto ao universo quanto à Deusa-Mãe Criadora, datada de c. 7000-3500 a.C.. De acordo com Gimbutas tais símbolos e imagens “representam a gramática e a sintaxe de um tipo de metalinguagem pela qual uma constelação inteira de significados é transmitida. Eles revelam a visão de mundo básica da antiga cultura européia (anterior à era Indo-européia)”.<sup>58</sup> Tal abordagem nos possibilita fundamentar historicamente a importância do estudo mítico-simbólico para que possamos entender a condição feminina ao longo de parte da História e seus fundamentos ideológicos. Pois, temos como exemplo o fato de que

Entre as representações mais primitivas do princípio feminino humano estão esculturas e relevos de vulvas do período aurignaciano. Elas são conceitualmente metáforas, “sinédoque figural”, onde a parte representa o todo. O único propósito do artista era mostrar a vulva mágica (da Deusa); seu objetivo não era criar um corpo feminino, mas incorporar um símbolo. Esta representação simbólica na arte pré-histórica continuou além do Paleolítico. Por todo o neolítico, o Calcolítico, a idade do cobre e mesmo na idade do Bronze do sul da Europa, o conceito da vulva sobrenatural é expresso como triângulos de barro ou como pingentes redondos como uma lente ou semente no centro, provavelmente usados como amuletos. A importância simbólica da vulva permaneceu universal por toda a Europa durante uns trinta mil anos!<sup>59</sup>

E tal representação nos informa como a divindade da Deusa era cultuada e imbuída de um significado não só feminino e sexual, mas também como a fonte primordial da existência humana, como a força geradora e perpetuadora de tudo o que pudesse participar de seu ciclo de “nascimento-morte-regeneração”.<sup>60</sup> Ciclicamente, a ligação entre os seres vivos com a natureza que os rodeia está representada pela “vulva,” pelo elemento feminino que permite a passagem de um estado de geração/germinação para o da própria existência no mundo físico e espiritual. Tal relação justifica-se, pois

---

<sup>58</sup> GIMBUTAS, *The Language...*, p. 321.

<sup>59</sup> GIMBUTAS, In: CAMPBELL, et al., op. cit., p. 41.

<sup>60</sup> “This is not to say that death was neglected. [...] The question of mortality was of profound concern but the deep perception of the periodicity of nature based on the cycles of the moon and the female body led to the creation of a strong belief in the immediate regeneration of life at the crisis of death. There was no simple death, only death *and* regeneration.” (GIMBUTAS, *The Language...*, p. 321).

The reason for the great number and variety of Old European images lies in the fact that this symbolism is lunar and chthonic, built around the understanding that life on earth is in eternal transformations, in constant and rhythmic change between creation and destruction, birth and death. The moon's three phases — new, waxing, and old — are repeated in trinities or triple-functional deities that recall these moon phases: maiden, nymph, and crone; life-giving, death-giving, and transformational; rising, dying, and self-renewing. Life-givers are also death-wielders. Immortality is secured through the innate forces of regeneration within Nature itself. The concept of regeneration and renewal is perhaps the most outstanding and dramatic theme that we perceive in this symbolism. It seems more appropriate to view all these Goddess images as aspects of the one Great goddess with her core functions — life-giving, death-wielding, regenerations and renewal. The obvious analogy would be nature itself; through the multiplicity of phenomena and continuing cycles of which it is made, one recognizes the fundamental and underlying unity of nature. The goddess is immanent rather than transcendent and therefore physically manifest.<sup>61</sup>

Fato que nos mostra a principal característica da Deusa, sua ambivalência, sua capacidade de regenerar, renovar, ao mesmo tempo em que destrói, ceifa, reorganiza todos os aspectos da vida e, conseqüentemente, da morte. Mesmo desconcertantes, seus ciclos são precisos; o movimento espiralado, constante. A dimensão que tais movimentos abarcam encontra-se manifesta na natureza, no indivíduo que reage e interage com todos os movimentos que a Deusa determina e concede em sua plenitude. Participar desta “dança cósmica” e desta força descomunal nos mostra como somos partes intrínsecas deste fenômeno paradoxal que é marcado tanto por destruição quanto por regeneração. E assim o ciclo continua, ininterrupto, como a reverberação contínua da superfície de um lago profundo. É assim que a Deusa se manifesta e se faz presente em nossas vidas, naquilo que fomos, somos e viremos a ser; naquilo que ocultamos ou deixamos transparecer.

Entretanto, o ressurgimento desta divindade em nossos dias está ligado a razões que deixam seu aspecto poético quase que despercebido, pois de acordo com Whitmont:

Na rasante de um desenvolvimento cultural que nos levou ao impasse do materialismo científico, da destrutividade tecnológica, do niilismo religioso e do empobrecimento espiritual, ocorreu um fenômeno espantoso. Um novo mitologema está emergindo em nosso meio e pede para ser integrado a nossas referências contemporâneas. Trata-se do mito da antiga Deusa que governou a terra e o céu antes do advento do patriarcado e das religiões

---

<sup>61</sup> Ibid., p. 316.

patriarcais. Agora a Deusa está retornando. Negada e suprimida durante milhares de anos de dominação masculina, reaparece num momento de intensa necessidade, pois caminhamos pelo vale das sombras da aniquilação nuclear, e é fato que tememos o mal. Ansiamos por amor, segurança e proteção, e temos muito pouco desse conforto. A violência no seio de nossas sociedades ameaça nos dominar inteiramente. A própria Mãe Terra foi pressionada ao limite máximo de sua existência. Por quanto tempo ainda terá condição de enfrentar o vandalismo das políticas industrial e econômica que nos regem? A época do patriarcado está se esgotando. E que novo padrão cultural assegurará à humanidade o ressurgir das esperanças de uma vida para a Terra?<sup>62</sup>

E é deste “novo padrão cultural” que tratamos aqui, da necessidade que temos de uma reavaliação de padrões sociais que foram se engendrando em nossas sociedades e que fez com que o principal foco de nossa existência fosse cada vez mais relegado ao esquecimento, ao obscurantismo e à negação. O caos que impera em nossas nações, cidades, vilas, comunidades, grupos e famílias, enfim, no mundo como um todo, nada mais é do que o reflexo desta ação aniquiladora e destrutiva, pois não é somente o meio físico que a produz, mas o modo que este se reflete no inconsciente de cada indivíduo, em sua conduta, moral, emoção e percepção do mundo em que vive e das pessoas com as quais interage.<sup>63</sup>

Tais ações e reações, tanto individuais quanto coletivas, também se refletem nos papéis desempenhados pelos indivíduos dentro da sociedade, fato que explica a urgência com que esta divindade retorna e se faz necessária. Percebemos que

Em meio a convulsões e transições monumentais, a Deusa está voltando. Os papéis masculinos e femininos tradicionais de nossa sociedade estão sendo desafiados. O apelo do feminino para ser novamente reconhecido vem à tona

---

<sup>62</sup> WHITMONT, op. cit., p. 9-10.

<sup>63</sup> “A atual civilização tecnológica global demonstra-se cada vez mais hostil a todas as formas de vida, exceto talvez aos mais resistentes ratos de esgoto e de cais, outros parasitas variados e àqueles poucos prodígios bacterianos que podem sobreviver até mesmo em lixo altamente radioativo. Entretanto, à parte seu aspecto biofóbico ou destruidor de vida, a sociedade mundial vigente é a primeira cultura amplamente difundida da História comprometida com o condicionamento dos seus membros à aceitação — sem nenhum fundamento racional e, menos ainda, provas — de que (1) não existe nenhum esquema de coisas senão o molecular no qual vivemos na terra e (2) nenhuma inteligência e capacidade mais elevadas do que as humanas e, portanto (3) que a personalidade individual e a forma viva cessam com a dissolução física do corpo molecular. Estes dogmas não comprovados e, na realidade, bastante dúbios cientificamente tornam-se então o fundamento do nosso sistema educacional, levando, ao mesmo tempo, tanto a uma sociedade com a lei da selva quanto, em outros aspectos, a um coletivismo essencialmente desesperançado e incômodo que, em última instância, reduz todo o sofrimento e aprendizado individuais à ausência absoluta de significado.” (MUSÈS, In: CAMPBELL et. al., op. cit., p. 152-153).

ao mesmo tempo em que a violência corre o risco de escapar ao controle. Essa estranha coincidência embaça nossa compreensão. Nessa circunstância, a mitologia vem de súbito nos auxiliar, revelando um padrão milenar que assinala o significado dessa coincidência. As mais antigas divindades da destruição e da guerra foram femininas, não masculinas. [...] Essas deusas arcaicas exerciam domínio sobre o amor e *também* sobre a guerra. Seus atributos eram tanto a castidade como a promiscuidade, a maternalidade provedora assim como a sangrenta destrutividade. Mas não se importavam em absoluto com conquista e expansão de territórios: obsessões masculinas. Aquelas deusas regiam o ciclo da vida em todas as suas fases: nascimento, crescimento, amor, morte e renascimento. É evidente que nosso ciclo de vida, ameaçado como está atualmente, precisa mais uma vez do minucioso acompanhamento divino. Das profundas camadas da psique inconsciente, a Deusa está vindo à tona. Reclama demonstrações de reconhecimento e homenagem. Se nos recusarmos a reconhecer sua presença ela pode desencadear forças destrutivas, mas se lhe prestarmos as honras que lhe são devidas, pode orientar-nos afetosamente enquanto trilhamos a senda da transformação.<sup>64</sup>

Podemos nos perguntar: e como pode se dar tal “transformação”? Que papéis, públicos ou privados, podemos desempenhar para que a natureza não seja ainda mais destruída, degradada, para que os interesses políticos e econômicos deixem de orientar ações sociais e de interesse público? Como lutar contra as desigualdades de direitos e de condições de vida em nossas sociedades? Como saciar a fome, a sede, erradicar a falta de moradia, de saúde pública e de dignidade de nossos pares? Como evitar sermos engolidos pela globalização exacerbada e por suas conseqüências catastróficas? Como podemos transformar e remediar este problema que atinge de formas diversas cada uma das nações existentes? O que fazer, por exemplo, com as diversas formas de agressão física, emocional e psicológica que homens, mulheres e crianças sofrem por causa da ignorância e da barbárie imposta pelas guerras? Agressões impostas por crenças culturais e religiosas, sem falar no fanatismo de alguns povos que ainda consideram a mulher como uma “coisa,” um “objeto” de uso particular e de escárnio público? Por isto é que se faz necessário o “retorno da deusa,” o retorno de valores que priorizam a vida, pois sabemos que “na teia da vida da Deusa” a destruição só ocorre por ordem de uma transformação necessária, pela própria evolução de um ciclo de regeneração, renovação e recriação.

---

<sup>64</sup> WHITMONT, op. cit., p. 10.



Em vista da quantidade de pessoas e “coisas” que necessitam revitalização em nosso planeta, poucos de nós se preocupam em observar a natureza e suas leis sagradas de vida-morte-vida. Poucos de nós estão ligados à necessidade emergente de uma reação “global” para a revitalização de nosso meio e da qualidade de vida física e emocional que precisamos ter para que o equilíbrio volte a fazer parte integrante de nós e nosso meio. Muito teóricos falam de um “ponto de mutação, de não retorno,”<sup>65</sup> ou seja lá o que for que precisamos para recolocarmos nossas vidas e a vida do planeta em ordem outra vez, antes que seja tarde demais. Mas o fato é que, em nossas vidas comuns, lutamos diariamente com contrastes gritantes, com desigualdades alucinantes e com agressões cada vez mais marcantes.

Aqueles que hoje ousam retomar a tradição da Deusa e defendê-la o fazem não como um protesto aos ditames sociais com que vivemos, mas por terem a consciência de que esta é uma das maneiras de vivificar o sagrado em nossas vidas e redirecionar seus atos e pensamentos para algo livre de preconceitos, contradições e falsos dogmas.

Pois

A Deusa é a guarda da interioridade humana. O patriarcado regula os elementos externos do comportamento humano, mas desvaloriza o instinto, os sentimentos e sensações, a intuição, a emoção individualizada, e as profundezas do feminino, exceto quando estão a serviço do coletivo. É muito significativo que “afeminado” tenha sido cunhado como termo pejorativo. Dentro da nova orientação, cada pessoa precisa descobrir sua fonte interior de consciência autêntica e diretriz espiritual, precisa localizar a divindade interna. Jung chamou de Self esse centro transpessoal, que está vindo à luz em meio a muito sofrimento. Na tentativa de se orientar, as pessoas se vêem dilaceradas entre a paixão e a razão, entre o desejo e a obrigação, o pessoal e o coletivo, o apelo do novo e a cobrança do velho. Os muitos indivíduos que rejeitaram as normas coletivas refluem para o niilismo moral, o cinismo ou a conduta anti-social pura e simples. Uma malograda busca da interiorização é o que está por trás do tão execrado narcisismo contemporâneo. A vinda da Deusa não implica rejeição da ética, mas a emergência de uma nova ética, que se funda muito mais solidamente na consciência individual.<sup>66</sup>

Portanto, enfatizamos aqui, esta “consciência individual” e como sua redefinição se faz necessária para que o todo seja transformado. É a partir do indivíduo, de sua moral e percepção do mundo, que o grupo em que interage reflete

---

<sup>65</sup> MURARO, R. M. & BOFF, L. **Feminino e Masculino: Uma nova consciência para o encontro das diferenças**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002, p. 9.

<sup>66</sup> WHITMONT, op. cit., p. 11-12.

suas convicções, seu modo de apreender a vida. Na concepção da tradição da Deusa, estamos todos interligados numa teia de relações; causa e efeito; ato e consequência estão sincronizados e envolvidos no movimento contínuo da roda da vida, da interligação das estações do ano, das mudanças das fases da lua, das consequências de um encontro “ao acaso,” da energia cósmica que envolve e transforma a tudo e a todos em seu modo espiralado. Daí a amplitude e importância da consciência individual dentro do coletivo, dentro das várias esferas de relacionamentos que iniciamos, mantemos, destruimos e reconstruimos o tempo todo, a cada momento de nossa trajetória de vida.

Embora compreendamos a abrangência de tais afirmações sobre a Deusa, sabemos também da dificuldade que alguns têm para aceitar tal discussão, pois

A mente moderna pode considerar uma peculiaridade arcaica ou pagã as referências a deuses e deusas. No entanto, são noções arquetípicas de grande força. Embora não sejam objetos literais, essas representações simbólicas são reais e poderosas. Não são pessoas, mas personalidades. Emergem como configurações energéticas provenientes de níveis muito profundos do nosso mundo interior e têm o poder de trazer respostas tonificadoras, que estão além do alcance do pensamento apenas abstrato.<sup>67</sup>

Daí a valorização atribuída à Deusa, à divindade que traz em si todos os aspectos que formam a vida e a transformação por que esta passa a cada dia, a cada momento. Desta forma, compreendemos que em nosso inconsciente individual e coletivo estaria a matriz de tal representação. A divindade, a mãe criadora, é parte intrínseca de nossa existência, portanto, retornar a ela, aos seus ensinamentos mais profundos significa retomar aspectos primordiais e que constituíram a base da essência de cada manifestação de vida. As evidências históricas que atestam as transformações de consciência causadas por ela são explicadas pelo fato de que

Partindo do ponto mais remoto que conseguimos atingir no passado, a consciência se desenvolveu a partir de uma orientação ginecolátrica, matriarcal e mágica para adquirir mais tarde contornos androlátricos. No termo “mágico” está implícita a identidade pré-verbal, simbiótica e unitária que era o nível de existência ou de consciência anterior ao surgimento das imagens mitológicas e do pensamento racional. Os termos “ginecolatria” e “androlatria” denotam, respectivamente, a reverência pelo feminino e pelo masculino. Descrevem padrões de valores mais psicológicos do que

---

<sup>67</sup> Ibid., p. 12.

sociológicos e têm mais importância do que as posições de mãe e pai dentro das regras matriarcais ou patriarcais. A posição social de um ou de outro dos progenitores é vista, aqui, como expressão secundária de uma percepção mais elementar do valor do arquetipicamente feminino ou masculino em geral. Essa transição de um mundo predominantemente ginecolátrico para outro androlátrico foi pontuada por estágios; da Deusa para Deus, do panteísmo para o teísmo e depois para o ateísmo ou o não-teísmo. Ela implica mais do que uma mudança de perspectiva cultural. A própria consciência evoluiu através de mudanças na qualidade das vivências íntimas e sociais. Pode ser que essas mudanças tenham, inclusive, paralelos em adaptações estruturais do cérebro.<sup>68</sup>

Podemos dizer que tais “mudanças na qualidade das vivências íntimas e sociais” é que nos dão a base para enfatizarmos, uma vez mais, a importância do “retorno” ou “resgate” de uma forma de pensamento, de atuação e de consciência que valorize o “feminino” em seus aspectos mais profundos e misteriosos. Carecemos no presente de uma consciência voltada para sua essência primordial, para aquilo que a concebeu em seu estágio inicial. Retomar tal estágio, mesmo que parcialmente, nos transformará de forma que o equilíbrio entre o masculino e o feminino seja novamente integrado às nossas vidas como um todo. Mas para que isto ocorra, e para que compreendamos sua importância, também precisamos ter em mente que o período ginecolátrico, “provavelmente se estende desde o remotíssimo passado da Idade da Pedra até a Idade do Bronze”.<sup>69</sup> E, acima de tudo, que

Durante o período ginecolátrico, o mundo é mágico.<sup>[70]</sup> É governado pelo poder da Grande Deusa. Ela é ao mesmo tempo mãe e filha, donzela, virgem, meretriz e bruxa. É a senhora das estrelas e dos céus, a beleza da natureza, o útero gerador, o poder nutriente da terra, a fertilidade, a provedora de todas as necessidades, e também o poder da morte e o horror da decadência e da aniquilação. Dela tudo procede e a ela tudo retorna. [...] A Grande Deusa representa ser e tornar-se. O Feminino não se interessa pelo obter, pelo pensar. Não é heróico nem rebelde; não tem inclinação para lutar contra oposições. Em vez disso, existe no aqui e agora e no fluxo infinito. Valoriza

---

<sup>68</sup> Ibid., p. 59-60.

<sup>69</sup> Ibid., p. 60.

<sup>70</sup> “O conceito de mágico neste contexto requer esclarecimentos. Não deve ser entendido como na definição do Webster: “arte que alega ou é capaz de produzir efeitos mediante o concurso de forças sobrenaturais ou através do domínio de forças secretas da natureza”. Essa definição limita a mágica a uma manipulação da força, ao invés de entendê-la como uma forma particular de consciência e dinamismo. A consciência mágica expressava, no plano histórico, a dinâmica das energias instintivas e afetivas no contexto de um campo de realidade unitária. No nível mágico ou instintivo só existe *o aqui e agora*. Ele tudo contém. O passado, o presente e o futuro não estão diferenciados. Não há dentro e fora; corpo, mente ou psique; o eu e o outro. O que nossa consciência racional separou em mundos interior e exterior é psicologicamente equivalente”. (Ibid., p. 62-63).

a dimensão vegetal do crescimento-decadência, a continuidade e a conservação das ordens naturais. Expressa a vontade da natureza e das forças instintivas, e não a atitude voluntariosa de uma pessoa em particular. A forma feminina da consciência é global e orientada para os processos. É funcional, e não abstrata e conceitual. Está isenta da estrita dicotomia de dentro-fora ou corpo-mente.<sup>71</sup>

Por tais razões vemos como o aspecto “feminino” foi sempre perturbador e transgressor, pois tal “magia” e as características que contém nem sempre foram aceitas ou compreendidas. Ao longo do tempo, o “feminino” foi sendo relegado à marginalidade justamente por estar imbuído do paradoxal, do intuitivo, do mistério da vida e da morte, da simplicidade e da complexidade dos meandros de nossa existência. Além disso, a História nos mostra como

A desvalorização do feminino é um aspecto intrínseco à cultura dominante na vigência do desenvolvimento do ego patriarcal. As mulheres têm sido consideradas seres humanos de segunda categoria, na melhor das hipóteses, e, em muitas circunstâncias, menos do que seres humanos. Em virtude de sua natureza religiosa, essa desvalorização tem caracterizado a auto-imagem das mulheres com a mesma força com que tem tingido a visão masculina. E as mulheres têm sido tão culpadas de reprimirem sua própria natureza feminina quanto os homens de haverem reprimido a dimensão feminina em suas psiques. Ver esse problema apenas sob o prisma sociológico significa deixar de lado o cerne da questão. De fato, nenhuma das explicações sociológicas pode satisfazer quando examinada com rigor. O *status* inferior das mulheres tem sido explicado pela transição das sociedades, que passaram de agrícolas a pastoris.<sup>72</sup>

Mas sabemos que esta não é a única explicação viável para tal fenômeno. A desvalorização do “feminino” esconde uma supervalorização do racional, do concreto e do aparente, daquilo que torna a sociedade estéril, fraca e sem motivos para avaliar e repensar os caminhos que lhe são oferecidos. Pensar o “feminino” e sua essência, significa pensar a vida em todos os seus aspectos mais profundos, é não excluir ou ter preconceitos, é aceitar a luz e a sombra, o bem e o mal, o ser e o não ser, o movimento, a mutabilidade, a fluidez e a transitoriedade de nossa existência. Esta aniquilação e rejeição do “feminino” se explicam, pois

As tendências religiosas que caracterizaram a era do ego patriarcal estavam baseadas na desvalorização da vida natural e da matéria, da existência mundana, do corpo. A realidade concreta era cada vez mais considerada

---

<sup>71</sup> Ibid., p. 60-61.

<sup>72</sup> Ibid., p. 140-141.

isenta de espírito e oposta a ele. A interioridade de ser no mundo, que é o reino do Feminino, era rejeitada. A misoginia e a androlatria, por conseguinte, estão indissoluvelmente entrelaçadas às convicções e crenças religiosas defendidas durante os últimos quatro mil anos, ou mais. Essas idéias religiosas passaram à categoria de padrões aceitos. Por força de mero poder de sugestão e consentimento cultural, impuseram-se inclusive àquelas que deveriam acolher as projeções de sua suposta inferioridade, ou seja, as próprias mulheres. A degradação provoca a auto-rejeição, a identificação com a imagem de inferioridade e o ódio dirigido contra si. A imagem da serpente mentalmente inferior, astuciosa e mentirosa, necessitada de expiação através de um refreamento virtuoso e da anulação esterilizante da própria natureza, foi incorporada tanto por homens quanto por mulheres de nossas culturas passadas. Se assim não fosse, essa imagem jamais poderia ter-se mantido como padrão cultural tão duradouro. A desvalorização do Feminino, portanto, tem suas raízes numa dinâmica mais elementar do que em apenas modas ou preconceitos passageiros. Conquanto possa ter sido uma atitude lamentável e até mesmo destrutiva, parece ter sido necessária ao desenvolvimento da própria consciência do ego.<sup>73</sup>

Portanto, somos o fruto de uma teia de intrigas e falsas interpretações, que só trouxeram a devastação daquilo que nos deu origem, nossa espiritualidade sagrada, nossa convicção de que o mundo manifesto é mais do que aquilo que podemos perceber objetiva e concretamente. Falar sobre o “feminino” traz medo e insegurança, ao mesmo tempo em que vislumbra uma possível salvação de todos os males que nos foram sendo colocados pelo ego patriarcal e pela supervalorização do aspecto masculino da vida. Não considerar o “feminino” em sua essência, não torná-lo parte ativa em nossas vidas representa compactuar com aquilo que nos destrói a todos, que mantém a mulher como um mero objeto e que coloca a vida apenas como uma forma de “sobrevivência” a todo custo, não importa o preço que se pague.

Somos todos portadores desta essência, desta energia cósmica, estamos todos engendrados na mesma teia, na mesma roda, só precisamos saber percebê-la, aceitá-la e acolher o mundo novamente em sua forma feminina e absoluta. Isto nos é colocado de forma explícita por teóricos contemporâneos, pois a mulher foi considerada e tratada como o centro de vida humana e espiritual durante milênios. Reiteramos aqui o fato de que

Em todas as culturas antigas do mundo inteiro encontram-se representações da Deusa como Criadora divina. A mulher – como sua representante na Terra – era reverenciada pela sua habilidade de gerar do seu sangue

---

<sup>73</sup> Ibid., p. 144.

menstrual uma nova vida, criando o alimento do recém-nascido do seu próprio corpo, bem como pela sua criatividade, que resultou em inúmeras invenções e descobertas. A sintonia do ciclo menstrual com as fases da lua simbolizava a sua estreita conexão com a Deusa lunar, enquanto sua facilidade em perceber os sinais cósmicos, em se comunicar com as forças da natureza ou com os espíritos ancestrais lhe conferia papel essencial nos cultos e nas práticas espirituais. A representação do Criador por uma figura masculina é um fenômeno recente na história da humanidade, pois durante pelo menos 35.000 anos Deus foi representado como sendo mulher.<sup>74</sup>

Portanto, o “feminino” nos conduz a um passado esquecido no tempo e usurpado por mentes obstinadas e determinadas a eliminar qualquer traço de sua importância para a humanidade. Rever este relato, reler as entrelinhas da História e verificar o quanto foi mascarada é uma função de nossa época, é a própria urgência pela vida que nos faz colocar esta questão em pauta e discuti-la das mais variadas formas. Seja através da educação, da religião, da política, da saúde física e emocional, da cultura, nos tornamos instrumentos da reconstrução de nosso meio, das possibilidades que ainda nos restam para fazê-lo.

Tal pensamento é encontrado, por exemplo, em **Feminino e Masculino** (2002), de Rose Marie Muraro e Leonardo Boff, onde os autores empreendem uma análise das condições econômicas, sociais e culturais de nossa época e como tais fatores determinam a emergência de uma nova consciência. Ambos discutem a crise das instituições do patriarcado nesta era de globalização e nos dão um relato dos novos papéis, tanto masculinos quanto “femininos,” a serem assumidos neste início de século, a fim de que nossa civilização enfrente as modificações frenéticas que os novos tempos nos impõem e, principalmente, a necessidade do resgate do “feminino,” para que não sejamos esmagados por mecanismos destruidores, tanto de nosso planeta como de nossa essência como seres humanos.

Isto se explica pelo fato de percebermos que

Devido a essa negligência, à rejeição e supressão dos valores femininos, as mulheres foram incapazes de dar aos filhos o amor incondicional e a aceitação que resulta em seres humanos íntegros, saudáveis, seguros, estáveis e maduros. Em épocas recentes, tem havido um retorno à deusa, refletido na maior aceitação cultural dos métodos de saúde holísticos, na alimentação natural, na proteção ao meio ambiente, na experiência mística e

---

<sup>74</sup> FAUR, M. **O Legado da Deusa: Ritos de Passagem para Mulheres**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2003, p. 19.

espiritual e nos modos de pensamento e expressão não-lineares e cíclicos. Tem havido uma revalorização do feminino e já iniciamos um processo de aceitação que vem do *Self* feminino,. Já começamos a conhecer uma espécie de irmandade que cura e alimenta, abraça e aceita.<sup>75</sup>

Esta mudança de paradigma nos faz compreender que a discussão sobre o “resgate do feminino” toma rumos pouco considerados anteriormente como norteadores do problema que enfrentamos dentro de nossa História, ou daquilo que fizemos dela. A revalorização do “feminino” vai além das discussões sobre diferenças de gênero; além do discurso que coloca a mulher na marginalidade e decadência física e moral; além daquilo que “rotulamos” erroneamente, ou pejorativamente, como “feminino” ou “afeminado;” além da experiência concreta de nosso cotidiano; além daquilo que podemos expressar em palavras ou idéias, pois faz parte intrínseca de nossa essência, é nossa matéria primordial, é a “Deusa dos Muitos Nomes”.<sup>76</sup> É aquilo que nos faz ansiar por justiça, por melhores condições de vida, por uma sociedade que possa refletir e experimentar respeito por tudo que a compõe.

Aqui o “feminino” é colocado em evidência, mas sabemos que sua contraparte, o “masculino,” se faz necessária de forma equilibrada, sadia, pois quando qualquer um destes elementos é negligenciado o caos e a desordem prevalece, o movimento espiralado, cíclico e contínuo de nossas vidas se torna entorpecido, desvinculado de sua essência espiritual, ativa, positiva, integral. Considerar tal pensamento como um exagero é uma característica de nossos tempos, é a manifestação daquilo de que fomos afastados, ou nos afastando gradualmente, até não podermos mais. Portanto, resgatar este aspecto feminino em nossas vidas se faz tão necessário e clama por ser reconhecido e reintegrado novamente.

---

<sup>75</sup>KOLTUV, B. B. **A Tecelã: Ensaio sobre a psicologia feminina extraídos dos diários de uma analista junguiana.** São Paulo: Cultrix, 1992, p. 54.

<sup>76</sup>CAMPBELL, J., “Os Misteriosos Números da Deusa.” In: CAMPBELL et al., op. cit., p. 78.

## 2. Análise Literária: A Trajetória Mítica-Heróica

*Além disso, não precisamos correr sozinhos o risco da aventura, pois os heróis de todos os tempos a enfrentaram antes de nós. O labirinto é conhecido em toda a sua extensão. Temos apenas de seguir a trilha do herói, e lá, onde temíamos encontrar algo abominável, encontraremos um deus. E lá, onde esperávamos matar alguém, mataremos a nós mesmos. Onde imaginávamos viajar para longe, iremos ter ao centro da nossa própria existência. E lá, onde pensávamos estar sós, estaremos na companhia do mundo todo.*

*Joseph Campbell<sup>77</sup>*

Tendo apresentado anteriormente a importância de se resgatar o conceito do “feminino” e sua origem histórica, neste capítulo discorreremos sobre a teoria do mito de Joseph Campbell em sua obra **O Herói de Mil Faces** (2002) e como tal teoria nos proporciona uma ferramenta para um estudo mais profundo da questão da mulher em sociedade, seja ela de que época for. A teoria do mito nos auxiliará entender como o indivíduo atua em seu contexto histórico e cultural e como pode encontrar subterfúgios para lidar com situações de extrema perplexidade. Para uma melhor compreensão dos tópicos a serem tratados a seguir, oferecemos o resumo da história de **A Letra Escarlate**, de Nathaniel Hawthorne.

### 2.1 O Romance

Somos apresentados à história de **A Letra Escarlate** no capítulo introdutório “A Alfândega” em que o narrador nos conta como foi encontrado neste estabelecimento um pequeno pacote contendo uma letra A escarlate puída e que teria sido ricamente bordada com filetes dourados. Junto a este ornamento gasto pelo tempo havia um documento relatando a história de uma mulher chamada Hester Prynne que havia sido condenada a usá-lo pregado em seu vestido como punição por ter cometido adultério há muitos e muitos anos. Tanto a fascinante experiência pela qual havia

---

<sup>77</sup> CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2003, p.31-32.



passado aquela mulher quanto aquele “símbolo místico” levaram o narrador a nos contar de forma poética e encantadora como tal incidente havia ocorrido e suas cruéis conseqüências.

A história transcorre entre os anos de 1642 a 1649, século XVII, em Salem, Massachussets. É época em que o Puritanismo era pregado por aqueles que haviam migrado da Inglaterra em busca de um lugar em que suas convicções religiosas pudessem ser plenamente colocadas em prática. A personagem principal, Hester Prynne, é uma jovem inglesa enviada por seu marido, Roger Chillingworth, a Salem, para que ali fixasse residência e esperasse por sua chegada. Entretanto, menos de dois anos após sua chegada, Hester comete adultério (com o Reverendo Arthur Dimmesdale, o pastor puritano local) e engravida. A trama se desenrola a partir do nascimento de Pearl e da condenação de Hester que, além de ser exposta em praça pública pelo seu crime e ter sido “ordenada” a revelar o nome do seu cúmplice no adultério, é condenada a usar uma “letra A escarlata,” de “adúltera,” pregada em seu vestido, no peito, e a enfrentar todos os tipos de preconceitos e retaliações dos habitantes da cidade.

Além disso, Hester, no dia em que sai da prisão pela primeira vez e é exposta no pelourinho, vê o inesperado reaparecimento de seu marido, que até então havia sido considerado morto num naufrágio. Roger Chillingworth, por sua vez, adiciona mais um fardo à condenação de Hester, pois a tortura com sua presença e a obriga a manter o segredo de quem ele. Chillingworth também ameaça, durante toda a trama, descobrir e desvendar a identidade do companheiro de Hester no adultério.

Por ter se apresentado à comunidade como um médico sem família ou residência fixa, Chillingworth é convidado a morar na casa de Dimmesdale, uma outra figura ilustre da comunidade que vive sozinho. Conseqüentemente, Chillingworth começa a prestar muita atenção no comportamento do pastor, que se torna cada vez mais sombrio vivendo com a mão sobre o coração e com a saúde cada vez mais debilitada. Assim, Chillingworth torna-se o médico que se passa por amigo e confidente e tortura Arthur com perguntas insinuantes e pressão psicológica.

A história desenvolve-se por sete anos, período em que Hester se torna costureira, bordadeira e presta assistência aos doentes e moribundos da comunidade. Sua vida é simples e digna, mas, apesar de todo o preconceito que sofre, cria a filha da melhor maneira possível e se mantém à margem da sociedade. Tal rotina continua até que Hester decide propor a Arthur fugirem os três para a Europa, mas Arthur, depois de uma longa autocondenação e autoflagelação, confessa seu crime a seus paroquianos e morre em praça pública no mesmo pelourinho em que Hester e Pearl haviam sido expostas no início da condenação.

Depois deste infortúnio, Chillingworth perde seu objeto de vingança, deixa uma herança para Pearl e morre menos de um ano após Arthur. Hester e Pearl deixam Salem, mas não nos é informado para onde vão. Depois de alguns anos Hester retorna sozinha, veste seu velho vestido, a “letra A” e trabalha na comunidade como conselheira, principalmente para as mulheres, e ajuda aos necessitados; morre e é enterrada ao lado de Arthur. Com relação a Pearl, sabemos que se casou, mas seu paradeiro não nos é revelado. Há a menção de cartas recebidas por Hester de um país estrangeiro e de estar costurando e bordando roupas de bebê a um certo tempo. Dentro destes sete anos, o leitor acompanha não só o desenvolvimento da pequena Pearl, um dos personagens mais ricos dentro da literatura de Hawthorne, mas também como Hester age e reage ao poder local que determinou sua condenação.

Durante a narrativa também somos apresentados às personagens do Governador Bellingham, a maior autoridade política de Salem; Mistress Hibbins, que além de ser irmã de Bellingham, é uma senhora viúva acusada de bruxaria, principalmente por seu comportamento excêntrico e suas ligações com o Homem Negro que vive na floresta.

## 2.2 Teoria do Mito: Os Ciclos de uma Trajetória

Partindo do pressuposto de que a heroína de **A Letra Escarlata**, Hester Prynne, tem como objetivo cumprir as exigências e etapas de uma “trajetória iniciática,”<sup>78</sup>

---

<sup>78</sup> “Quando passamos [...] à consideração dos numerosos rituais estranhos das tribos primitivas e das grandes civilizações do passado, cujo relato chega até nós, torna-se claro que o propósito e o efeito

discorreremos sobre a teoria encontrada em **O Herói de Mil Faces** (2003), de Joseph Campbell.<sup>79</sup> Nesta obra, Campbell não só analisa a importância do estudo do mito para o entendimento do pensamento e da condição humana, mas também trata sobre “algumas verdades que nos são apresentadas sob o disfarce das figuras religiosas e mitológicas”<sup>80</sup> e, principalmente, sobre como re-aprender a lidar com a “linguagem simbólica” dos mitos.

Ao ser questionado sobre por que seu livro havia sido intitulado **O Herói de Mil Faces**, Campbell responde:

Porque existe uma certa seqüência de ações heróicas, típica, que pode ser detectada em histórias provenientes de todas as partes do mundo, de vários períodos da história. Na essência, pode-se até afirmar que não existe senão um herói mítico, arquetípico, cuja vida se multiplicou em réplicas, em muitas terras, por muitos, muitos povos. Um herói lendário é normalmente o fundador de algo, o fundador de uma nova era, de uma nova religião, uma nova cidade, uma nova modalidade de vida. Para fundar algo novo, ele deve abandonar o velho e partir em busca da idéia-semente, a idéia germinal que tenha a potencialidade de fazer aflorar aquele algo novo.<sup>81</sup>

Tais características heróicas representam aquilo que buscamos apresentar em nossa análise, que tem como um de seus principais objetivos mostrar como Hester, em

---

real desses rituais consistia em levar as pessoas a cruzarem difíceis limiares de transformação que requerem uma mudança dos padrões, não apenas da vida consciente, como da inconsciente. Os chamados ritos [ou rituais] de passagem, que ocupam um lugar tão proeminente na vida de uma sociedade primitiva (cerimônias de nascimento, de atribuição de nome, de puberdade, casamento, morte, etc.), têm como característica a prática de exercícios formais de rompimento normalmente bastante rigorosos, por meio dos quais a mente é afastada de maneira radical das atitudes, vínculos e padrões de vida típicos do estágio que ficou para trás. Segue-se a esses exercícios um intervalo de isolamento mais ou menos prolongado, durante o qual são realizados rituais destinados a apresentar, ao aventureiro da vida, as formas e sentimentos apropriados à sua condição, de maneira que, quando finalmente tiver chegado o momento do seu retorno ao mundo normal, o iniciado esteja tão bem como se tivesse renascido”. (Ibid., p. 20-21).

<sup>79</sup> Em sua entrevista com Bill Moyers CAMPBELL ressalta que: “Existe um certo tipo de mito que pode ser chamado de busca visionária, partir em busca de algo relevante, uma visão, que tem a mesma forma em todas as mitologias. É o que tentei mostrar no primeiro livro que escrevi, *O herói de mil faces*. Todas essas diferentes mitologias apresentam o mesmo esforço essencial. Você deixa o mundo onde está e se encaminha na direção de algo mais profundo, mais distante ou mais alto. Então atinge aquilo que faltava à sua consciência, no mundo anteriormente habitado. Aí surge o problema: permanecer ali, deixando o mundo ruir, ou retornar com a dádiva, tentando manter-se fiel a ela, ao mesmo tempo em que reingressa no seu mundo social. Não é uma tarefa das mais fáceis.” (CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**, entrevista concedida a Bill Moyers; Org. por Betty Sue Flowers. São Paulo: Associação Palas Athena, 1990, p.137).

<sup>80</sup> CAMPBELL, **O Herói...**, p. 11.

<sup>81</sup> CAMPBELL, **O Poder...**, p. 145.

sua condição de mulher condenada e hostilizada, pôde interferir na ordem local de uma comunidade totalmente regida por valores rígidos e patriarcais. Sua trajetória não só colabora para seu auto-desenvolvimento como indivíduo, mas interfere e se reflete na conduta e pensamento daqueles que a puniram, fato que fica bem claro com o acolhimento que recebe da comunidade depois que retorna a Salem.<sup>82</sup> Além disso, mostra como seu “crime,” ou transgressão, denota aquilo que a sociedade de Salem mais repudiava e temia em termos de comportamento moral, principalmente no que se refere à sexualidade e à liberdade de seus párocos.<sup>83</sup>

A trama de **A Letra Escarlata** adquire um significado mitológico, pois Hester vivencia aquilo que muitos de nós vivenciamos em nossas próprias trajetórias: as provações, as tentativas que fazemos para termos uma vida mais plena e quebrarmos com determinados padrões que nos são impostos pela cultura em que vivemos. Séculos podem passar, mas o ser humano está ciclicamente envolvido nesta trajetória mítica, naquilo que o faz tornar-se o autor de sua própria jornada e co-autor da jornada daqueles a ele relacionados, consciente ou inconscientemente.

Pela existência e importância destas manifestações inconscientes na construção de nossa identidade e história pessoal, analisamos **A Letra Escarlata** sob o enfoque da teoria do mito do herói. Esta teoria nos possibilita analisar a “trajetória da heroína” em questão — Hester Prynne — para que possamos identificar elementos que auxiliaram e determinaram a construção de sua identidade individual e social e a maneira pela qual Hester exerceu seu papel público e privado na sociedade puritana do século XVII. Além disso, a característica mitológica desta narrativa também nos é indicada no capítulo introdutório do romance, pois é aí que se inicia um “processo de mitificação,” justamente pelo fato de ter sido um relato passado de forma oral e, posteriormente, escrita para as gerações subseqüentes. Relato que se torna ao longo dos séculos um exemplo histórico de como a vida de uma mulher pode se tornar instrumento de repressão e coerção para que determinados fins sejam atingidos no âmbito social e pessoal.

---

<sup>82</sup> HAWTHORNE, Cap. 24.

<sup>83</sup> Ibid., Cap. 5, p. 76.

Tal abordagem pode ser justificada pelo fato de que

Mesmo nos romances populares, o protagonista é um herói ou uma heroína que descobriu alguma coisa além do nível normal de realizações ou de experiências. O herói é alguém que deu a própria vida por algo maior que ele mesmo. [...] A façanha convencional do herói começa com alguém a quem foi usurpada alguma coisa, ou que sente estar faltando algo entre as experiências normais franqueadas ou permitidas aos membros da sociedade. Essa pessoa então parte numa série de aventuras que ultrapassam o usual, quer para recuperar o que tinha sido perdido, quer para descobrir algum elixir doador da vida. Normalmente, perfaz-se um círculo, com a partida e o retorno.<sup>84</sup>

Assim temos Hester como heroína à procura de algo que lhe faltava, algo que tinha sido “usurpado” de sua vida: sua juventude, a possibilidade de se realizar plenamente como mulher, de viver um grande amor e de se tornar mãe. O casamento com Chillingworth, um homem muito mais velho e maduro, significou uma ruptura na vida de Hester e nas possibilidades que ela teria com um companheiro a quem amasse verdadeiramente. O próprio Chillingworth reconhece este fato ao dizer a Hester: “Thou hadst great elements. Peradventure, hadst thou met earlier a better love than mine, this evil had not been. I pity thee, for the good that has been wasted in thy nature!”.<sup>85</sup> Desta forma, o mito de Hester se transforma na procura, na busca de algo que lhe trará uma vida mais plena, mesmo que para isto tenha que atravessar o inferno na terra, como acontece.

Para Campbell, a definição do conceito de “mito” está pautada no fato de que,

Em todo o mundo habitado, em todas as épocas e sob todas as circunstâncias, os mitos humanos têm florescido; da mesma forma, esses mitos têm sido a viva inspiração de todos os demais produtos possíveis das atividades do corpo e da mente humanos. Não seria demais considerar o mito a abertura secreta através da qual as inexauríveis energias do cosmos penetram nas manifestações culturais humanas. As religiões, filosofias, artes, formas sociais do homem primitivo, descobertas fundamentais da ciência e da tecnologia e os próprios sonhos que nos povoam o sono surgem do círculo básico e mágico do mito.<sup>86</sup>

Em nosso caso, o mito é utilizado para que possamos fazer uma leitura de uma trajetória que se caracteriza pela ação e reação do indivíduo em uma sociedade na qual

<sup>84</sup> CAMPBELL, **O Herói...**, p. 131-132.

<sup>85</sup> HAWTHORNE, Cap. 14, p. 154.

<sup>86</sup> CAMPBELL, **O Herói...**, p. 15.

os valores humanos estão pautados na rigidez religiosa e no absolutismo do poder político. Ao considerarmos as duas forças conflitantes deste mito — o indivíduo e a sociedade, que é uma das características fundamentais dos mitos universais — percebemos que Hester, em sua jornada e busca de algo novo, vai ao encontro daqueles que a utilizarão como um exemplo a não ser seguido pelos demais, principalmente pelas mulheres, fazendo com que a sociedade puritana consiga manter suas normas impenetráveis e indestrutíveis de conduta social.

O paradoxo de tudo isto está no fato de que o pastor local, aquele que tem a guarda das almas de seus párocos, aquele que deveria ser o exemplo de desprendimento das paixões mundanas, é que comete o adultério. Este pode ser considerado o centro do problema moral tratado no romance, a falibilidade humana e sua luta por manter-se rígida e incólume diante daquilo que é básico nas relações humanas, o amor. Para que tal relação seja melhor compreendida, outro conceito fundamental para nossa análise é o do “herói” que, de acordo com Campbell,

É o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas. As visões, idéias e inspirações dessas pessoas vêm diretamente das fontes primárias da vida e do pensamento humanos. Eis por que falam com eloqüência, não da sociedade e da psique atuais, em estado de desintegração, mas da fonte inesgotável por intermédio da qual a sociedade renasce. O herói morreu como homem moderno; mas, como homem eterno — aperfeiçoado, não específico e universal — renasceu. Sua segunda e solene tarefa e façanha é, por conseguinte, retornar ao nosso meio, transfigurado, [...] e ensinar a lição de vida renovada que aprendeu.<sup>87</sup>

Campbell enfatiza que o herói “é o homem da submissão autoconquistada”.<sup>88</sup> E pela característica de sua trajetória podemos dizer que tal submissão está relacionada a si mesmo, pois o herói deve morrer para poder renascer em sua plenitude espiritual. Hester parece estar submissa em sua conduta exterior, mas sabemos que no fundo luta por sua identidade como mulher, mãe e sua liberdade interior. Isto fica claro quando

---

<sup>87</sup> Ibid., p. 28.

<sup>88</sup> Ibid., p. 26.

desempenha seu trabalho como costureira e bordadeira para manter a si e a filha;<sup>89</sup> quando defende a posse de Pearl<sup>90</sup> e quando sugere a fuga a Arthur, na floresta.<sup>91</sup>

O primeiro passo desta façanha é “a separação ou afastamento, [que] consiste numa radical transferência da ênfase do mundo externo para o mundo interno, do macrocosmo para o microcosmo, uma retirada, do desespero da terra devastada, para a paz do reino sempiterno que está dentro de nós”.<sup>92</sup> Observamos que Hester cria um mundo todo seu e de Pearl, onde a interferência externa quase não é notada, a não ser pela “letra A”. Além disso o isolamento de Hester e Pearl é caracterizado pelo círculo, ou halo, criado por tal letra, o qual as mantêm afastadas do contato de qualquer um;<sup>93</sup> pelo isolamento da casa onde moram<sup>94</sup> e pela exclusão em que vivem.<sup>95</sup>

Com relação à necessidade de tal isolamento, Campbell ainda enfatiza que,

A primeira tarefa do herói consiste em retirar-se da cena mundana dos efeitos secundários e iniciar uma jornada pelas regiões causais da psique, onde residem efetivamente as dificuldades, para torná-las claras, erradicá-las em favor de si mesmo (isto é, combater os demônios infantis de sua cultura local) e penetrar no domínio da experiência e da assimilação, diretas e sem distorções, daquilo que C. G. Jung denominou “imagens arquetípicas”.<sup>[96]</sup> Esse é o processo conhecido na filosofia hindu e budista como *viveka*, “discriminação” [entre o verdadeiro e o falso].<sup>97</sup>

---

<sup>89</sup> HAWTHORNE, Cap. 5.

<sup>90</sup> Ibid., Cap. 7.

<sup>91</sup> Ibid., Cap. 17-18.

<sup>92</sup> CAMPBELL nos diz que “este reino, como nos ensina a psicanálise, é precisamente o inconsciente infantil. Este é o reino no qual penetramos durante o sono. Carregamo-lo dentro de nós eternamente. Todos os ogros e auxiliares secretos de nossa infância habitam nele, lá reside toda a mágica da infância. E, o que é mais importante, todas as potencialidades vitais que jamais conseguimos levar à realização adulta, aquelas outras portas de nós mesmos, aí estão; pois essas sementes douradas não perecem.” (CAMPBELL, **O Herói...**, p. 27).

<sup>93</sup> HAWTHORNE, Cap. 2, p. 26-27.

<sup>94</sup> Ibid., Cap. 5, p. 71.

<sup>95</sup> Ibid., Cap. 5, p. 72.

<sup>96</sup> “Os arquétipos a serem descobertos e assimilados são precisamente aqueles que inspiram, nos anais da cultura humana, as imagens básicas dos rituais, da mitologia e das visões. Esses “seres eternos do sonho” não devem ser confundidos com as figuras simbólicas, modificadas individualmente, que surgem num pesadelo ou na insanidade mental do indivíduo ainda atormentado. O sonho é o mito personalizado e o mito é o sonho despersonalizado; o mito e o sonho simbolizam, da mesma maneira geral, a dinâmica da psique. Mas, nos sonhos, as formas são distorcidas pelos problemas particulares do sonhador, ao passo que, nos mitos, os problemas e soluções apresentados são válidos diretamente para toda a humanidade. (CAMPBELL, **O Herói...**, p. 27-28).

<sup>97</sup> Ibid., p. 27.

Hester isola-se da vida como a conhece, gradativamente. Primeiro ela afasta-se do marido e da terra natal para ir para um lugar desconhecido; depois, é condenada ao isolamento dentro da sociedade de Salem por seu crime e, então, constrói sua vida e a de Pearl a partir do círculo de aproximação que as separa dos outros habitantes. Entretanto tal separação não é irrestrita, pois há um outro paradoxo em sua punição, já que seu trabalho lhe permite entrar nas casas e manter um relacionamento próximo com todos os tipos de residentes, desde os mais ilustres até os mais pobres. Hester vende seus trabalhos e presta assistência durante as doenças e a morte. A “letra A” se torna uma espécie de “salvo-conduto,” pois dá a Hester a liberdade de ir e vir “livremente” por Salem.<sup>98</sup>

Hester mantém o afastamento necessário para que sua vida pessoal se desenvolva com Pearl e para que suas idéias não sejam contaminadas pelo pensamento local, o que fica bastante claro na cena da floresta, onde propõe a fuga a Arthur.<sup>99</sup> Hester é a heroína que tem que pagar pelo pecado de ousar desafiar as leis vigentes e de ousar dar vazão a seus sentimentos mais profundos. Sua trajetória é marcada pela punição “quase” física e moral, mas é uma punição que não consegue matar sua essência individual.

Desta forma, chegamos à definição da “trajetória heróica” cujo

Percurso padrão [...] é uma magnificação da fórmula representada nos rituais de passagem: separação-iniciação-retorno — que podem ser considerados a unidade nuclear do monomito [, ou seja,] um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes.<sup>100</sup>

Campbell representa este “monomito” através do seguinte esquema:<sup>101</sup>

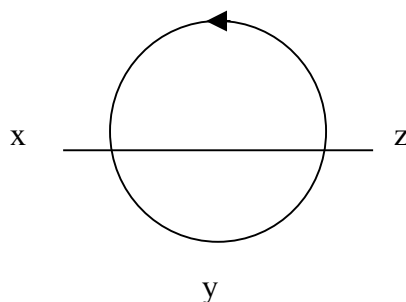
<sup>98</sup> HAWTHORNE, Cap. 5.

<sup>99</sup> Ibid., Cap. 17, p. 174-176.

<sup>100</sup> CAMPBELL, **O Herói...**, p. 36.

<sup>101</sup> Ibid., p.36.





A representação deste esquema, no que se refere a Hester, pode ser visto no GRÁFICO I, página 73, em que especificamos cada parte de sua trajetória. Além disso, Campbell complementa que:

As mudanças que permeiam a escala simples do monomito desafiam a descrição. Muitos contos isolam e ampliam grandemente um ou dois elementos típicos do ciclo completo (o motivo do teste, o motivo da fuga, a abdução da noiva); outros encadeiam um certo número de ciclos independentes e os transformam numa série simples [...]. Diferentes personagens ou episódios podem ser fundidos (as), assim como um elemento simples pode reduplicar-se e reaparecer sob muitas formas diferentes. As linhas gerais dos mitos e contos estão sujeitas a danos ou ao obscurecimento. As características arcaicas em geral são eliminadas ou reprimidas. Os elementos importados são revisados para se adequarem à paisagem, aos costumes ou à crença locais e, no processo, sempre saem prejudicados.<sup>102</sup>

Percebemos que na trajetória de Hester, muitos elementos se unem para dar origem a vários “ciclos independentes”: Hester chega sozinha a uma terra estranha; Hester se envolve afetivamente com Arthur; engravida; é condenada por cometer adultério (pois é preciso sete anos para ser considerada viúva, caso o marido tenha morrido no naufrágio); reencontra Chillingworth, que, pela segunda vez, se torna um outro tormento em sua vida; luta para manter economicamente a si e à filha; constrói um relacionamento profundo com Pearl; tenta fugir com a “família;” é afetada pela confissão e morte de Dimmesdale; se distancia de Salem e, posteriormente, retorna para a comunidade para trazer sua palavra, conforto e aprendizado profundo. Esta última etapa do “ciclo” caracteriza-se por uma determinada relevância dentro da história, pois o ato de heroísmo tem, para Campbell, um objetivo moral que é “o de salvar um povo, ou uma pessoa, ou defender uma idéia. O herói se sacrifica por algo, aí está a moralidade da coisa. Mas, de outro ponto de vista, é claro, [pode-se] dizer que

<sup>102</sup> Ibid., p. 242.

a idéia pela qual ele se sacrificou não merecia tal gesto. É um julgamento baseado numa outra posição, mas que não anula o heroísmo intrínseco da proeza praticada”.<sup>103</sup>

Desta forma temos Hester enfrentando sua adversidade sem se intimidar. O próprio narrador, no início do romance,<sup>104</sup> questiona sua atitude, pois Hester poderia ter fugido, poderia ter escolhido um outro caminho, mas sua determinação, que seria melhor não ser interpretada como resignação, faz com que ela enfrente sua condição, passe por todas as etapas de sua trajetória e retorne para a comunidade em que foi ultrajada para poder trazer palavras e comportamentos transformadores, cumprindo, assim, um ciclo completo. Apesar de não pertencer àquela comunidade, apesar de ser uma estranha, Hester se transforma no veículo de um novo modo de pensar, de questionar a condição da mulher em sociedade e sua relação com os homens.<sup>105</sup>

Além disso,

Todo o sentido do mito onipresente da passagem do herói reside no fato de servir essa passagem como padrão geral para homens e mulheres, onde quer que se encontrem ao longo da escala. Assim, o mito é formulado nos mais amplos termos. Cabe ao indivíduo, tão-somente, descobrir sua própria posição com referência a essa fórmula humana geral e então deixar que ela o ajude a ultrapassar as barreiras que lhe restringem os movimentos. Quem são e onde se encontram os ogros? São reflexos dos enigmas não resolvidos de sua própria humanidade. O que são seus ideais? São os sintomas do modo como ele percebe a vida.<sup>106</sup>

No caso de Hester, temos duas questões que se justapõem no que se refere a tais “ogros”: por um lado temos o indivíduo com sua história pessoal, com suas dúvidas, sombras e dádivas e, por outro, temos a sociedade para a qual Hester foi enviada, sem que soubesse das conseqüências de tal ato. Esta sociedade também revela e lida com a própria história, com seus medos, conflitos e os vícios com os quais os seres humanos têm de enfrentar a cada dia.

Para que possamos entender melhor a função e significado de tal trajetória é preciso percorrer cada uma das etapas da “aventura do herói” que Campbell propõe:

---

<sup>103</sup> Ibid., p. 135.

<sup>104</sup> HAWTHORNE, Cap. 5, p. 70-71.

<sup>105</sup> Ibid., Cap. 24, p. 234.

<sup>106</sup> CAMPBELL, *O Herói...*, p. 121.

Primeiro, a “partida,” em que ocorre o “chamado para a aventura”.<sup>107</sup> Tal aventura pode ter início por meio de um “erro — aparentemente um mero acaso — [que] revela um mundo insuspeito, e o indivíduo entra numa relação com forças que não são plenamente compreendidas. O erro pode equivaler ao ato inicial de um destino”.<sup>108</sup> Deste modo temos, em primeiro lugar, a ida de Hester, sozinha, para Salem; segundo, o encontro e envolvimento amoroso com o Pastor Dimmesdale; terceiro, a gravidez. Campbell coloca que estes elementos da história podem ser considerados “como manifestação preliminar dos poderes que estão entrando em jogo [a ida de Hester para uma terra desconhecida] pode ser considerado o arauto; a crise [representada pela gravidez fora do casamento, a qual denuncia o adultério], o “chamado da aventura””.<sup>109</sup> Isto se justifica pela subsequente condenação e estigmatização vivenciada por Hester, é como se estes acontecimentos fossem o prenúncio de algo que a colocaria em contraposição com a própria vida e com as escolhas que havia feito até o momento. Ou ainda,

A mensagem do arauto pode ser viver, [...] ou num momento posterior da biografia, morrer. Ele pode anunciar o chamado para algum grande empreendimento histórico, assim como pode marcar a alvorada da iluminação religiosa. Conforme o entende o místico, ele marca aquilo a que se deu o nome de “o despertar do eu”. [...] o chamado sempre descerra as cortinas de um mistério de transfiguração — um ritual, ou momento de passagem espiritual que, quando completo, equivale a uma morte seguida de um nascimento. O horizonte familiar da vida foi ultrapassado; os velhos conceitos, ideais e padrões emocionais, já não são adequados; está próximo o momento da passagem por um limiar.<sup>110</sup>

Este “limiar” é enfaticamente caracterizado pelo “ritual” que Hester tem que passar para ser exposta, em praça pública, no pelourinho. A descrição do local, da multidão e de Hester nos dão a dimensão daquilo que se seguirá em sua vida. A gravidade de sua situação, o exagero da punição, o comportamento agressivo da população nos dizem que tal limiar é a passagem para uma terra estranha e inóspita.

---

<sup>107</sup> Ibid., p. 59.

<sup>108</sup> Ibid., p. 60.

<sup>109</sup> Ibid., p. 60.

<sup>110</sup> Ibid., p. 60-61.

Aqui Hester morre para sua antiga vida e nasce para aquilo que será sua tarefa mais penosa, seu aprendizado mais caro.<sup>111</sup>

Além disso,

Mito ou sonho, há nessas aventuras uma atmosfera de irresistível fascínio em torno da figura que aparece subitamente como guia, marcando um novo período, um novo estágio, da biografia. O elemento que tem que ser encarado, e que, de alguma forma, é profundamente familiar ao inconsciente — apesar de desconhecido, surpreendentemente e até assustador para a personalidade consciente —, se dá a conhecer; e aquilo que antes tinha sentido pode tornar-se estranhamente sem valor [...] Daí por diante, mesmo que o herói retorne, por algum tempo, às suas ocupações corriqueiras, é possível que estas se lhe afigurem sem propósito. E, então, uma série de indicações de força crescente se tornará visível, até que [...] a convocação já não possa ser recusada.<sup>112</sup>

Apesar do romance começar com a punição de Hester em praça pública, podemos inferir que a “figura que aparece subitamente como guia, marcando um novo período, um novo estágio, da biografia” de Hester seja Dimmesdale, assim como Hester o é para toda a comunidade. Pois numa comunidade como a de Salem, seria inevitável o encontro de um novo membro da sociedade, com o representante da igreja local. Afinal de contas, a igreja seria um dos órgãos a dar as boas vindas a tal pessoa. Além disso, Hawthorne não nos dá detalhes de como aconteceu o envolvimento dos dois, só sabemos que consideraram sua união como algo que “teve sua própria consagração”.<sup>113</sup> Daí entendermos a razão pela qual Hester, como heroína, não recusa aquilo que lhe é imposto, mas deixa transparecer em sua própria conduta e no modo rico como bordou a “letra A” e veste a filha, o sentimento de não se envergonhar ou arrepende pelo que fez.

Hester assume seu chamado digna e firmemente diante da comunidade de Salem. Sua atitude contrasta profundamente com aquilo que seria esperado dela. Aos poucos se torna uma figura diferenciada dos demais, mas que desempenha um papel extraordinário na cidade. Sua vida passa a ser irrepreensível, a não ser por aquilo que a “letra A” representa. Sua jornada diária se mistura àquela da comunidade e Hester, por sua arte e ajuda ao próximo, se torna uma figura indispensável na vida de Salem. Seu

<sup>111</sup> HAWTHORNE, Cap. 2, p. 43-52.

<sup>112</sup> CAMPBELL, **O Herói...**, p. 64.

<sup>113</sup> HAWTHORNE, Cap. 17, p. 173.

comportamento não permite comiserção, auto-piedade ou vergonha. Hester assume o que fez, cria a filha com modéstia e dignidade, fazendo com que Pearl seja o retrato daquilo que está estampado em seu íntimo. Hester não desiste da vida, muito pelo contrário, a cada limiar ela deixou o que era antigo para trás, a cada limiar ela deu vazão a seu verdadeiro ser, e Pearl é o espelho disto.

Campbell acrescenta que

Esse primeiro estágio da jornada mitológica — que denominamos aqui “o chamado da aventura” — significa que o destino convocou o herói e transferiu-lhe o centro de gravidade do seio da sociedade para uma região desconhecida. Essa fatídica região dos tesouros e dos perigos pode ser representada sob várias formas: como uma terra distante [como, por exemplo, Salem], uma floresta, um reino subterrâneo, a parte inferior das ondas, a parte superior do céu, uma ilha secreta, o topo de uma elevada montanha ou um profundo estado onírico. Mas é sempre um lugar habitado por seres estranhamente fluidos e polimorfos, tormentos inimagináveis [, como ter que lidar com o povo de Salem e usar a “letra A”], façanhas sobre-humanas e delícias impossíveis. O herói pode agir por vontade própria na realização da aventura [...] pode ser levado ou enviado para longe por um agente benigno ou maligno [como no caso de Hester, que é enviada para uma terra estranha por Chillingworth.] A aventura pode começar como um erro [como no caso do envolvimento com o pastor e da gravidez não planejada e fora do casamento]; igualmente, o herói pode estar simplesmente caminhando a esmo, quando algum fenômeno passageiro atrai seu olhar errante e leva o herói para longe dos caminhos comuns do homem.<sup>114</sup>

O estágio seguinte desta jornada caracteriza-se pela “recusa do chamado” e tal recusa

À convocação converte a aventura em sua contraparte negativa. Aprisionado pelo tédio, pelo trabalho duro ou pela “cultura”, o sujeito perde o poder da ação afirmativa dotada de significado e se transforma numa vítima a ser salva. Seu mundo florescente torna-se um deserto cheio de pedras e sua vida dá uma impressão de falta de sentido. [...] Tudo o que ele pode fazer é criar novos problemas para si próprio e aguardar a gradual aproximação de sua desintegração.<sup>115</sup>

A “recusa do chamado” não ocorre com Hester, primeiro por ter se permitido um relacionamento amoroso e, segundo, por ter se recusado contar quem foi o seu parceiro no adultério. Tais fatos lhe trazem a máxima punição e todas as agruras pessoais e sociais que esta acarreta. O que não faz de Hester uma vítima da situação,

<sup>114</sup> CAMPBELL, *O Herói...*, p. 66.

<sup>115</sup> *Ibid.*, p. 66-67.

pelo contrário, seu comportamento em sociedade demonstra a dignidade com que lida com seu infortúnio.

Hester não perde o poder de ação em sua vida, pelo contrário, desde sua primeira aparição em público com a “letra A” e Pearl<sup>116</sup> até a cena da floresta, fica muito claro que sua percepção da sociedade em que está lhe mostra que aquele é um lugar de rigidez e infortúnio e que o único modo de se integrar em tal ambiente é fazer o trabalho do modo que faz. Além disso, percebe que não pode se acomodar, o que a faz tentar quebrar tais barreiras físicas e planejar a vida em terras longínquas e de pensamentos mais sadios.

Assim, Hester recusa-se a delatar aquele a quem ama e assume sozinha os riscos que sua punição lhe traria: criar a filha e ainda ser hostilizada pela sociedade, fatores que contribuem profundamente para que Hester consiga sobreviver e enfrentar a punição que lhe é imposta. Tal resolução se explica pelo fato de que “os mitos [...] de todo o mundo deixam claro que a recusa é essencialmente uma recusa a renunciar àquilo que a pessoa considera interesse próprio. O futuro não é encarado em termos de uma série incessante de mortes e nascimentos, e sim em termos da obtenção e proteção do atual sistema de ideais, virtudes, objetivos e vantagens”.<sup>117</sup> Fato que não caracteriza a atitude de Hester e sua firme convicção de seguir seu caminho da melhor forma possível.

Contudo, dentro desta trajetória alguns dos heróis (ou vítimas) estão fadados a ser salvos.

Nem todos os que hesitam se perdem. A psique reserva muitos segredos, que só são revelados quando necessário. E assim, às vezes, o castigo que se segue a uma recusa obstinada ao chamado se mostra ser a ocasião da providencial revelação de algum princípio insuspeitado de liberação. A introversão voluntária, na realidade, é uma das marcas clássicas do gênio criador e pode ser empregada deliberadamente. Ela impulsiona as energias psíquicas para as camadas profundas e ativa o continente perdido das imagens inconscientes [...] arquetípicas. [Um dos resultados disso,] se a personalidade for capaz de absorver e integrar as novas forças, experimentará um grau quase sobre-humano de autoconsciência e de autocontrole superiores. Trata-se [...] de uma deliberada e extraordinária determinação de só dar a mais profunda, elevada e rica resposta à exigência,

---

<sup>116</sup> HAWTHORNE, Cap. 2, p. 50.

<sup>117</sup> CAMPBELL, *O Herói...*, p. 67.

ainda desconhecida, de [...] uma espécie de recusa total, ou rejeição dos termos de vida oferecidos. Como resultado, algum poder de transformação leva o problema a um plano de novas magnitudes, onde ele é súbita e finalmente resolvido.<sup>118</sup>

A terceira parte da aventura do herói caracteriza-se pelo “auxílio sobrenatural” que, de acordo com Campbell só é concedido àqueles que aceitam o chamado. Vemos que no caso de Hester este auxílio sobrenatural dá-se pelo nascimento de Pearl. A criança se transforma na força espiritual e física de que Hester necessita para enfrentar seu meio. Paradoxalmente, Pearl representa o resultado vivo do adultério (o símbolo vivo do pecado) e, ao mesmo tempo, o ser que faz com que sua mãe se fortaleça e siga em sua luta contra as adversidades. A pequena Pearl se transforma numa “figura protetora [...] que fornece ao aventureiro amuletos que o protejam contra as forças titânicas com que ele está prestes a deparar-se”.<sup>119</sup>

A magnitude da presença de Pearl é sentida quando Hester sai da prisão em direção ao pelourinho.<sup>120</sup> Nem o bebê nem a “letra A” são escondidos, pelo contrário, Hester sai altiva de seu cativo e enfrenta a multidão com elegância e coragem. Os dois símbolos de seu crime lhe dão resistência e assim a criança, mais do que a “letra A,” se torna a razão pela qual sua vida é direcionada. Pearl é a síntese de tudo o que há de positivo em Hester. Paradoxalmente, Pearl é a vida dentro da espécie de morte a que Hester é submetida. Temos então a importância de tal personagem dentro de sua trajetória.

Além disso,

Essa figura representa o poder benigno e protetor do destino. A fantasia é uma garantia — uma promessa de que a paz do paraíso, conhecida pela primeira vez no interior da paz do útero materno, não se perderá, de que ela suporta o presente e está no futuro e no passado (é tanto ômega quanto alfa) e de que, embora a onipotência possa parecer ameaçada pela passagem de limiares e pelos despertares da vida, o poder protetor está, para todo o sempre, presente ao santuário do coração, e até imanente aos elementos não familiares do mundo, ou apenas por trás deles. Basta saber e confiar, e os guardiães intemporais surgirão. Tendo respondido ao seu próprio chamado, e prosseguindo corajosamente conforme se desenrolam as conseqüências, o herói encontra todas as forças do inconsciente do seu lado. Mãe Natureza,

---

<sup>118</sup> Ibid., p. 70-71.

<sup>119</sup> Ibid., p. 74.

<sup>120</sup> HAWTHORNE, Cap. 2, p. 50.

ela própria, dá apoio à prodigiosa tarefa. E, quando a ação do herói coincide com a ação para a qual sua própria sociedade está pronta, ele parece seguir o grande ritmo do processo histórico.<sup>121</sup>

Isto é o que caracteriza a importância do que acontece com Hester para aquela sociedade em particular. Seu crime é exposto em praça pública, sua vida é invadida por punição e preconceito. Hester se torna o bode expiatório<sup>122</sup> dos piores vícios daquela sociedade e é escolhida como exemplo de punição. Há duas forças antagônicas neste acontecimento: por um lado, temos o aspecto negro do pecado e do prazer e, por outro, temos a luz trazida por Pearl. Hester, para que possa suportar seu infortúnio, deve aprender a lidar com as duas forças, mantê-las em equilíbrio, por mais difícil que seja. Daí sua notoriedade com a profissão que abraça, a de costureira e bordadeira,<sup>123</sup> pois esta lhe coloca em contato direto com os habitantes de Salem e lhe faz íntima daquilo que acontece de pior na comunidade<sup>124</sup> e, além disso, há o fato de ser mãe de Pearl, de cuidar de sua educação, de manter a criança ricamente vestida e cuidar para que a menina não se contamine com o pensamento degradante daquela sociedade.

---

<sup>121</sup> CAMPBELL, **O Herói...**, p. 76.

<sup>122</sup> “No mundo patriarcal, a propiciação da agressão através dos ritos de sacrifício precisava estar sob o império da ética. Precisava ser justificada pelos princípios do certo e do errado. Encontramos a expressão mítica deste fato na cerimônia judaica do bode expiatório. Sua elaboração subsequente é a oferenda do Cristo. O princípio comum a ambos os eventos — a culpa e sua expiação — ainda é a base da ética da agressão justificada no mundo moderno. A agressão é dirigida contra o próprio ser culpado, ou contra outra pessoa na qual a culpa é projetada. O motivo do bode expiatório reinterpreta a antiga visão matriarcal e mítica, na qual o representante manifesto da vida, o deus dionísíaco (seja qual for o seu nome nas variadas culturas) e sua vítima humana substituta morrem para renascer. Isso expressa a renovação do Grande Círculo, os fluxos maternos dos fluxos e das marés. [...] O pecado, a culpa e a condenação ética da natureza humana são elementos básicos da teologia cristã ulterior e das culturas ocidentais medievais e pós-medievais. Já que agora o homem é declarado um pecador perante Deus, todos nos tornamos bodes expiatórios. Somos soterrados sob o peso da culpa e da auto-rejeição, não só do que fazemos, mas também do que somos, de nossos “maus” desejos e ânsias instintivas, de nossas fraquezas humanas. Não podemos aceitar nosso ser autêntico e natural, nossos desejos e necessidades instintivas, nossas ânsias agressivas, destrutivas e de poder. [...] O dedo acusador está sempre apontando para alguém que não está vivendo de acordo com a utopia sentimentalóide que dita como deveríamos ser e sentir. Quando o apontamos, sentimo-nos cobertos de razão. Quando ele é apontado contra nós, sentimo-nos culpados e na defensiva. A culpa e a posição defensiva são as marcas registradas da psicologia de bode expiatório que infesta nossa cultura. Todos somos vítimas dela.” (WHITMONT, E. C. **A Busca do Símbolo: Conceitos básicos de psicologia analítica**. São Paulo: Cultrix, 2002, p. 123-124).

<sup>123</sup> HAWTHORNE, Cap. 5, p. 73.

<sup>124</sup> *Ibid.*, Cap. 18, p. 177.



Desta forma, Pearl personifica a proteção que faz com que a vida de Hester se torne menos infernal, apavorante e desintegrante, pois

Protetor ou perigoso, maternal ou paternal, a um só tempo, esse princípio sobrenatural do agente de proteção e orientação reúne em si todas as ambigüidades do inconsciente — e por isso significa o apoio dado à nossa personalidade consciente por parte deste sistema mais amplo e, ao mesmo tempo, o caráter inescrutável do guia que seguimos, o que representa um perigo para todos os nossos fins racionais. O herói para o qual esse tipo de auxiliar aparece é, tipicamente, o herói que atendeu ao chamado. O chamado foi, na verdade, o primeiro anúncio do aparecimento desse sacerdote iniciatório.<sup>125</sup>

Fato que corrobora a importância da criança na história. Pearl é o retrato da intimidade e do pensamento de Hester, é a luz na escuridão de Salem, é a “criança elfo”<sup>126</sup> que fala e brinca com os adultos de forma a colocar em cheque seus mais profundos pensamentos e ações.<sup>127</sup> A própria mãe não a compreende, não compreende sua liberdade, vivacidade e auto-confiança. Ao longo da narrativa, sentimos que Pearl se transforma, gradativamente, no agente que expressa o pensamento de Hester e o comportamento que esta teria caso não tivesse se envolvido com o pastor e não tivesse sido punida por isso. Fato que fica claro na cena da floresta, quando Hester deixa transparecer seu ser verdadeiro, principalmente quando arranca a “letra A” de seu vestido.<sup>128</sup>

A fase seguinte a que o herói se destina denomina-se “a passagem pelo primeiro limiar” que neste caso configura-se pela ida de Hester para Salem:

Tendo as personificações do seu destino a ajudá-lo e a guiá-lo, o herói segue em sua aventura até chegar ao “guardião do limiar”, na porta que leva à área da força ampliada. Esses defensores guardam o mundo nas quatro direções — assim como em cima e embaixo —, marcando os limites da esfera ou horizonte de vida presente do herói. Além desses limites, estão as trevas, o desconhecido e o perigo, da mesma forma como, além do olhar paternal, há perigo para a criança e, além da proteção da sociedade, perigo para o membro da tribo. [...] As regiões do desconhecido (deserto, selva, fundo do mar, terra estranha, etc.) são campos livres para a projeção de conteúdos inconscientes. A libido incestuosa e o destruído patricida, por conseguinte, se refletem contra o indivíduo e sua sociedade sob formas que sugerem

<sup>125</sup> CAMPBELL, **O Herói**..., p. 77.

<sup>126</sup> HAWTHORNE, Cap. 15, p. 151.

<sup>127</sup> *Ibid.*, Cap. 6, p. 78-87.

<sup>128</sup> *Ibid.*, Cap. 18, p. 179.

ameaças de violência e fantasias de deleite perigoso — não apenas de ogros, mas também de sereias de beleza misteriosamente nostálgica e sedutora.<sup>129</sup>

Podemos dizer que a travessia deste primeiro limiar está estreitamente ligada ao estágio anterior da vida de Hester e à condição em que se casa com Chillingworth. Ao longo do romance<sup>130</sup> sabemos que foi um casamento sem amor, por insistência de Chillingworth, fato comum na época, em que uma moça jovem e pobre não tinha muitas opções a não ser se unir a um homem muito mais velho e de posição social superior. Daí sua necessidade inconsciente de procurar uma nova vida, uma nova trajetória, mesmo que seja numa terra desconhecida e numa sociedade com valores tão austeros. Tal fato está ligado ao aspecto desta travessia, pois

[...] o primeiro aspecto do guardião do limiar, o aspecto de proteção [não deve ser desafiado]. E, no entanto, somente ultrapassando esses limites, provocando o outro aspecto, destrutivo, dessa mesma força, o indivíduo passa, em vida ou morte, para uma nova região da experiência. [...] A aventura é, sempre, e em todos os lugares, uma passagem pelo véu que separa o conhecido do desconhecido; as forças que vigiam no limiar são perigosas e lidar com elas envolve riscos; e, no entanto, todos os que tenham competência e coragem verão o perigo desaparecer.<sup>131</sup>

Assim, Hester, ao aceitar sua aventura sozinha, parte em busca de seu destino e da salvação de uma situação indesejada. Entretanto, “o aventureiro por demais atrevido, que vá além dos seus limites, poderá ser impiedosamente destruído”.<sup>132</sup> E isto está evidente nas várias punições sofridas por Hester: o aprisionamento por causa da gravidez, o nascimento de Pearl na prisão, a punição e exposição, de ambas, em praça pública, o uso obrigatório da letra escarlate e a estigmatização física e psicológica sofridas por mãe e filha, além da perseguição e ameaças de Chillingworth. Esta cadeia de acontecimentos está ligada ao fato de que

Os pares de opostos (ser e não-ser, vida e morte, beleza e feiúra, bem e mal, e todas as outras polaridades que ligam as faculdades à esperança e ao temor e que vinculam os órgãos de ação a tarefas de defesa e aquisição) são rochas em colisão [...], que esmagam os viajantes, mas pelas quais os heróis sempre passam. Trata-se de um motivo conhecido em todo o mundo. [...] Tal como a

<sup>129</sup> CAMPBELL, **O Herói**..., p. 82-83.

<sup>130</sup> HAWTHORNE, Cap. 4, p. 65-66.

<sup>131</sup> CAMPBELL, **O Herói**..., p. 85.

<sup>132</sup> *Ibid.*, p. 86.

fumaça em elevação de uma oferenda, que atravessa a porta do sol, assim vai o herói, libertado do ego, pelas paredes do mundo [...].<sup>133</sup>

A próxima etapa nesta aventura é chamada de “o ventre da baleia” que é caracterizada pelo macrocosmo representado pela cidade de “Salem,” e pelo microcosmo, representado pela “prisão,” pois

A idéia de que a passagem do limiar mágico é uma passagem para uma esfera de renascimento é simbolizada na imagem mundial do útero, ou ventre da baleia. O herói, em lugar de conquistar ou aplacar a força do limiar, é jogado no desconhecido, dando a impressão de que morreu. [...] a lição [da] passagem do limiar constitui uma forma de auto-aniquilação. [...] em lugar de passar para fora, para além dos limites do mundo visível, o herói vai para dentro, para nascer de novo. O desaparecimento corresponde à entrada do fiel no templo — onde ele será revivificado pela lembrança de quem e do que é, isto é, pó e cinzas, exceto se for imortal. O interior do templo, ou ventre da baleia, e a terra celeste, que se encontra além, acima e abaixo dos limites do mundo, são uma só e mesma coisa. Eis por que as proximidades e entradas dos templos são flanqueadas e defendidas por colossais gárgulas: dragões, leões, matadores de demônios com as espadas desembainhadas, anões rancorosos e touros alados [como é o caso da porta da prisão que era pesadamente feita de carvalho, cravada com enferrujados pinos de ferro e adornada com uma roseira selvagem] eles são guardiães do limiar, a quem cabe afastar todos os que forem incapazes de encontrar os silêncios mais elevados do interior do templo. São encarnações preliminares do aspecto perigoso da presença e correspondem aos ogros mitológicos que marcam os limites do mundo convencional, ou às fileiras de dentes da baleia. Ilustram o fato de o devoto, no momento de entrar num templo, passar por uma metamorfose. Sua natureza secular permanece lá fora; ele a deixa de lado, como a cobra deixa a pele. Uma vez no interior do templo, pode-se dizer que ele morreu para a temporalidade e retornou ao Útero do Mundo, Centro do Mundo, Paraíso Terrestre. [...] a entrada num templo e o mergulho do herói pelas mandíbulas da baleia são aventuras idênticas; as duas denotam, em linguagem figurada, o ato de concentração e de renovação da vida.<sup>134</sup>

Neste caso, inferimos que Hester, após ter sua gravidez descoberta pela sociedade, é colocada na prisão até o nascimento da criança. Quando exposta em praça pública Pearl está com, aproximadamente, três meses.<sup>135</sup> Podemos dizer que o tempo em que Hester passa na prisão é um tempo de modificação física e espiritual, é um período de mortificação e de transição para aquilo que a vida lhe trará daí em diante. O fato de ter sido exposta em praça pública antes de ser totalmente libertada nos mostra

---

<sup>133</sup> Ibid., p. 90-91.

<sup>134</sup> Ibid., p. 91-93.

<sup>135</sup> HAWTHORNE, Cap. 2, p. 46.

que a prisão teve o papel de preparação para aquilo que a sociedade haveria de lhe impor. Tal fato fica claro quando o narrador nos coloca que o futuro para Hester<sup>136</sup> significa dias que trarão seu próprio julgamento e que o presente nada mais é do que a escolha de lutar para encará-lo ou se submeter completamente a ele. Hester, ao ficar em Salem, traz para si o desafio pelo qual procurava inconscientemente e reage de forma a provar que sua luta não seria em vão.

Esta experiência renovadora é explicada pelo fato de que “o herói cujo apego ao ego já foi aniquilado vai e volta pelos horizontes do mundo, entra no dragão, assim como sai dele, tão prontamente como um rei circula por todos os cômodos do palácio. Aí reside seu poder de salvar; pois sua passagem e retorno demonstram que, em todos os contrários da fenomenalidade, permanece o Incriado-Impercível e não há nada a temer”.<sup>137</sup> Daí a importância do retorno de Hester e do papel que assume na sociedade de Salem. A circularidade de sua trajetória demonstra sua natureza transformadora e transcendente em termos pessoais e grupais.

Depois da “partida” do herói, dá-se, então, sua “iniciação”.<sup>138</sup>

Tendo cruzado o limiar, o herói caminha por uma paisagem onírica povoada por formas curiosamente fluídas e ambíguas, na qual deve sobreviver a uma sucessão de provas. Essa é a fase favorita do mito-aventura. [...] O herói é auxiliado, de forma encoberta, pelo conselho, pelos amuletos e pelos agentes secretos do auxiliar sobrenatural que havia encontrado antes de penetrar nessa região. Ou, talvez, ele aqui descubra, pela primeira vez, que existe um poder benigno, em toda parte, que o sustenta em sua paisagem sobre-humana.<sup>139</sup>

Hester deixa a prisão<sup>140</sup> para enfrentar a realidade de Salem. Aqui, infelizmente, não encontra formas “fluídas e ambíguas,” se depara com pessoas que a perseguem com os olhos, com falas ríspidas e com comportamentos de repúdio. Aqui começa

<sup>136</sup> Ibid., Cap. 5, p. 69.

<sup>137</sup> CAMPBELL, *O Herói...*, p. 93.

<sup>138</sup> “No vocabulário dos místicos, esse é o segundo estágio do Caminho, o estágio da “purificação do eu”, em que os sentidos são “purificados e tornados humildes” e as energias e interesses,” concentrados em coisas transcendentais”; ou, num vocabulário mais moderno: trata-se do processo de dissolução, transcendência ou transmutação das imagens infantis do nosso passado pessoal. Em nossos sonhos, os perigos, gárgulas, provações, auxiliares secretos e guias ainda são encontrados à noite; e podemos ver refletidos, em suas formas, não apenas todo o quadro da nossa presente situação, como também a indicação daquilo que devemos fazer para ser salvos.” (Ibid., p.105).

<sup>139</sup> Ibid., p. 102.

<sup>140</sup> HAWTHORE, Cap. 2, p. 69-77.

outra parte de seu calvário, sua trajetória para afirmar-se como mulher e cidadã numa sociedade que esconde seus próprios pecados e vergonhas. Hester torna-se o bode expiatório, aquele indivíduo cuja mácula reproduz a mácula de toda uma sociedade, a fragilidade do ser humano perante seus desejos e a dificuldade que significa seguir o chamado de tais desejos. “Começam agora os estágios mais difíceis da aventura, quando as profundezas do mundo inferior e suas notáveis manifestações se abrem diante [dela]”.<sup>141</sup>

No que se refere à contraposição de Hester à sociedade e a necessidade que os habitantes de Salem tinham de puni-la e também presenciar sua punição em praça pública, Campbell esclarece que

Os grupos humanos são influenciados pelos seus ideais grupais, sendo que estes sempre se baseiam numa situação infantil. A situação infantil é modificada ou invertida pelo processo de amadurecimento e novamente modificada, pelo necessário ajustamento à realidade; e, no entanto, ali está, fornecendo os vínculos libidinais invisíveis, sem os quais nenhum grupo humano poderia existir. [A autoridade máxima na sociedade, neste caso o Governador Bellingham], por conseguinte, apenas torna visíveis e públicos os sistemas de fantasia simbólica presentes na psique de todo membro da sociedade. [Ele se torna o líder] desse jogo infantil e [o iluminado condutor] da ansiedade comum. [...] E assim é que se alguém — em qualquer sociedade — assumir por si mesmo a tarefa de fazer a perigosa jornada na escuridão, por meio da descida, intencional ou involuntária, aos tortuosos caminhos do seu próprio labirinto espiritual, logo se verá numa paisagem de figuras simbólicas (podendo qualquer delas devorá-lo).<sup>142</sup>

Isto se torna claro se observarmos como a comunidade de Salem aceitou a condenação de Hester, sua estigmatização e sua exclusão da vida comum, só aceitando-a em momentos de necessidade, doença e luto. A maneira como foi hostilizada nos mostra a marca profunda que havia nos corações daqueles habitantes. Hester apenas contribui, com sua condição de mulher e “forasteira” para que aquela sociedade pusesse em prática seus mais perversos vícios. Hester se torna o retrato inconsciente de suas paixões mais mundanas, dos prazeres que não poderiam ser tolerados ou mostrados abertamente.

---

<sup>141</sup> CAMPBELL, **O Herói...**, p. 104.

<sup>142</sup> *Ibid.*, p. 104-105.

Isto é um paradoxo, pois a mesma lei e sociedade que a condenou, a amparou no decorrer de seus dias e até mesmo a colocou em lugar de certo destaque na comunidade, pois todas as autoridades, e vários habitantes de Salem, usavam paramentos ou roupas costuradas e bordadas por Hester,<sup>143</sup> até o momento em que a letra escarlate “deixou de ser um estigma”.<sup>144</sup> Entretanto, as únicas roupas que Hester não podia tocar eram as de uma noiva, pois estas não poderiam ser maculadas por seu pecado.<sup>145</sup>

Tal comportamento pode ser enfatizado se levarmos em conta que

O herói, deus ou deusa, homem ou mulher, a figura de um mito ou o sonhador num sonho, descobre e assimila seu oposto (seu próprio eu insuspeitado), quer engolindo-o, quer sendo engolido por ele. Uma a uma, as resistências vão sendo quebradas. Ele deve deixar de lado o orgulho, a virtude, a beleza e a vida e inclinar-se ou submeter-se aos desígnios do absolutamente intolerável. Então, descobre que ele e seu oposto são, não de espécies diferentes, mas de uma mesma carne. A provação é um aprofundamento do problema do primeiro limiar e a questão ainda está em jogo: pode o ego entregar-se à morte? [...] A partida original para a terra das provas representa, tão-somente, o início da trilha, longa e verdadeiramente perigosa, das conquistas da iniciação e dos momentos de iluminação. Cumpre agora, matar dragões e ultrapassar surpreendentes barreiras — repetidas vezes. Enquanto isso, haverá uma multiplicidade de vitórias preliminares, êxtases que não se podem reter e relances momentâneos da terra das maravilhas.<sup>146</sup>

Vemos que a trajetória de Hester desenvolve-se a partir da punição pela letra escarlate, que é seu ponto máximo, e continua seu percurso de modo a mostrar como os sete longos anos de penitência foram marcados por fatores negativos: a distância que teve que manter de Dimmesdale, a perseguição de Chillingworth, criar a filha sozinha e se manter praticamente fora da sociedade. Além de fatores positivos: a aceitação de seu trabalho, a guarda da filha, a conduta irreparável, o desejo de fugir e salvar o que restava das vidas dela, de Pearl e Dimmesdale, o modo como enfrentou Chillingworth até o final e, posteriormente, sua volta para Salem e a realização de um trabalho digno dentro da comunidade e total aceitação por parte desta.

<sup>143</sup> HAWTHORNE, Cap. 5, p. 69-77.

<sup>144</sup> Ibid., Cap. 24, p. 233.

<sup>145</sup> Ibid., Cap. 5, p. 73.

<sup>146</sup> CAMPBELL, *O Herói...*, p. 110.

Isto nos leva à última parte da jornada, o “retorno,” que se configura da seguinte forma:

Terminada a busca do herói por meio da penetração da fonte, ou por intermédio da graça de alguma personificação masculina ou feminina, humana ou animal, o aventureiro deve ainda retornar com o seu troféu transmutador da vida. O círculo completo, a norma do monomito, requer que o herói inicie agora o trabalho de trazer os símbolos da sabedoria, o Velocino de Ouro, ou a princesa adormecida, de volta ao reino humano, onde a bênção alcançada pode servir à renovação da comunidade, da nação, do planeta ou dos dez mil mundos.<sup>147</sup>

Entretanto, na história de Hester, antes que este retorno possa acontecer temos a tentativa de uma “fuga mágica”<sup>148</sup> por parte da heroína. A tentativa de efetuar tal fuga demonstra como Hester não se acomodou à situação que lhe foi imposta em Salem, e que, também, seu desejo de uma vida mais plena havia sobrevivido a todas as vicissitudes de sua vida. Como nos coloca Campbell,

Se o herói obtiver, em seu triunfo, a bênção da deusa ou do deus e for explicitamente encarregado de retornar ao mundo com algum elixir destinado à restauração da sociedade, o estágio final de sua aventura será apoiado por todos os poderes do seu patrono sobrenatural. Por outro lado, [...] se o desejo do herói no sentido de retornar ao mundo não tiver agradado aos deuses ou demônios, o último estágio do ciclo mitológico será uma vida, [...] de perseguição. Essa fuga pode ser complicada por prodígios de obstrução e evasão mágicas.<sup>149</sup>

E isto é o que ocorre com Hester. Ao propor a fuga, Hester não contava com a decisão de Dimmesdale de confessar seu crime, com a forte vigilância de Chillingworth e com a intromissão deste em seus planos de pegar o navio para a Inglaterra.<sup>150</sup> Fato que caracteriza um tipo de fuga desesperada em que “um número de objetos retardadores são espalhados no caminho pelo herói”.<sup>151</sup> Tais “objetos retardadores” só agravaram os acontecimentos que culminaram na revelação de Dimmesdale em praça pública e sua eminente morte.<sup>152</sup> Isto ocorre, pois “não é sem

<sup>147</sup> Ibid., p. 195.

<sup>148</sup> Ibid., p. 198.

<sup>149</sup> Ibid., p. 198.

<sup>150</sup> HAWTHORNE, Cap. 23.

<sup>151</sup> CAMPBELL, *O Herói...*, p. 200.

<sup>152</sup> “O mito grego do Orfeu e Eurídice, assim como centenas de contos análogos em todo o mundo, sugerem, [...] que existe, a possibilidade de o amante retornar com sua amada perdida do terrível limiar, apesar do fracasso registrado. É sempre alguma pequena falha, algum sintoma, leve mas crítico,

dificuldades que se desafiam as forças do abismo”.<sup>153</sup> “Os objetos mágicos deixados no caminho pelo herói tomado de pânico — interpretações, princípios, símbolos, racionalizações e todas as coisas de cunho protetor — retardam e absorvem a força do Cão do Céu perseguidor, permitindo que o aventureiro retorne para um local seguro e, talvez, trazendo uma benção. Mas o esforço requerido nem sempre é pequeno”.<sup>154</sup>

Poderíamos nos questionar sobre a atitude de Hester, uma mulher estrangeira que comete adultério numa sociedade puritana e que, além disso, quer fugir com o amante, o pastor local, para se ver livre das punições e da ignorância local. Entretanto, ainda hoje, há aqueles que pensam que a fuga nada mais é do que a representação de uma falha, uma covardia diante das provações da vida. Ou há aqueles que vêem em seu plano de fuga um ato de coragem, de sair do meio sufocante e viver a vida plenamente longe dali. Campbell nos diz que “os mitos de fracasso nos tocam com a tragédia da vida, mas os de sucesso o fazem, tão-somente, com seu próprio caráter de incredibilidade. No entanto, se o monomito deve cumprir sua promessa, não é o fracasso humano, nem o sucesso sobre-humano, mas o sucesso humano, o que nos deve ser mostrado. Eis o problema da crise do limiar do retorno”.<sup>155</sup>

Podemos dizer que este “sucesso” está ligado não só à atitude de Hester no decorrer de sua trajetória, mas também à sua decisão de retornar e assumir um papel ainda mais significativo dentro da sociedade de Salem. Embora tenha sido punida e sacrificada durante o período de sete anos, Hester prova estar além do sofrimento moral e quase físico que lhe foi imposto. Sua jornada é marcada pelo sucesso, pois além de conseguir silenciosa e pacientemente defender sua condição de indivíduo “independente” economicamente, Hester é uma mulher que luta mais do que pela simples sobrevivência material dela e da filha. Ela luta e consegue preservar sua liberdade moral e pessoal mesmo que isto tenha lhe custado a ultrajante condição de

---

da fragilidade humana, a causa da impossibilidade de um relacionamento franco entre os dois mundos; dessa maneira, quase somos tentados a acreditar que, se o pequeno acidente perturbador pudesse ter sido evitado, tudo correria bem. Entretanto, nas versões polinésias, nas quais o casal em geral escapa, assim como no drama satírico grego *Alceste*, em que também há um retorno feliz, o efeito não reafirma isso, revestindo-se, tão-somente, de um caráter sobre-humano.” (Ibid., p. 205).

<sup>153</sup> Ibid., p. 201.

<sup>154</sup> Ibid., p. 202.

<sup>155</sup> Ibid., p. 205-206.



estigmatizada dentro de Salem. É por causa desta força sobre-humana e interior que percebemos que

Nos estágios finais da aventura, [há] a continuidade da operação da força sobrenatural auxiliar que tem acompanhado o eleito em todo o curso de suas provas. Tendo sua consciência sucumbido, o inconsciente, não obstante, produz seus próprios equilíbrios, e eis que o herói renasce para o mundo de onde veio. Em lugar de salvar seu ego, tal como ocorre no padrão da fuga mágica, ele o perde e, no entanto, por meio da graça, recebe de volta.<sup>156</sup>

Fato que fica bem claro no final do romance, quando Hester decide retornar a Salem e, paradoxalmente, ajudar àqueles que há haviam ultrajado. Isto prova que sua trajetória foi tanto para seu crescimento pessoal quanto para o crescimento moral da sociedade de Salem, embora não saibamos até que ponto as pessoas da comunidade aceitaram seu relacionamento com o pastor. Talvez isto seja esclarecido pelo fato de que, depois de sua morte, o túmulo de Hester ficou ao lado, mas não junto, ao de Dimmesdale, embora os dois tenham recebido uma única lápide.<sup>157</sup>

Mas antes que o herói possa completar sua jornada, ele ainda passa pela “crise final do percurso”:

Trata-se da paradoxal e supremamente difícil passagem do herói pelo limiar do retorno, que o leva do reino místico à terra cotidiana. Seja resgatado com ajuda externa, orientado por forças internas ou carinhosamente conduzido pelas divindades orientadoras, o herói tem de penetrar outra vez, trazendo a bênção obtida, na atmosfera há muito esquecida na qual os homens, que não passam de frações, imaginam ser completos. Ele tem de enfrentar a sociedade com seu elixir, que ameaça o ego e redime a vida, e receber o choque do retorno, que vai de queixas razoáveis e duros ressentimentos à atitudes de pessoas boas que dificilmente o compreendem.<sup>158</sup>

Entretanto, Hester parece não ter experimentado tal crise ou ter sido afetada pelas forças que a representam. Como sempre foi o seu hábito, retornou silenciosamente para sua antiga moradia, vestiu seu velho vestido cinza com a “letra A” e começou a cumprir a missão que lhe achava apropriada. O sentimento que

---

<sup>156</sup> Ibid., p. 212-213.

<sup>157</sup> HAWTHORNE, Cap. 24, p. 234.

<sup>158</sup> CAMPBELL, *O Herói...*, p. 213.

recebeu da comunidade foi o de compaixão e de respeito, fato que demonstra a profundidade do entendimento que tiveram sobre sua punição e penitência.<sup>159</sup>

Assim, Hester ultrapassa a “passagem pelo limiar do retorno,” consegue retornar e fazer com que o resto de seus dias seja ainda mais importante para a comunidade e para ela mesma. Apesar de retornar como uma “sombra,”<sup>160</sup> Hester transcende àquilo que lhe aconteceu no passado, sai do labirinto imposto pela “letra A” e assume seu lugar na sociedade com dignidade e sabedoria (havia muito que ser ensinado e transmitido àquela comunidade, especialmente às mulheres).<sup>161</sup>

Este retorno é tão difícil de ser aceito ou compreendido por alguns leitores, pelo fato de precisarmos refletir sobre o que está por traz de tal trajetória, o que faz com que esta empreitada seja de algum valor para aquele que a abraça. Isto ocorre principalmente pelo fato de que

Os dois mundos, divino e humano, só podem ser descritos como distintos entre si — diferentes como a vida e a morte, o dia e a noite. As aventuras do herói se passam fora da terra nossa conhecida, na região das trevas; ali ele completa sua jornada, ou apenas se perde para nós, aprisionado ou em perigo; e seu retorno é descrito como uma volta do além. Não obstante — e temos diante de nós uma grande chave da compreensão do mito e do símbolo —, os dois reinos são, na realidade, um só e único reino. O reino dos deuses é uma dimensão esquecida do mundo que conhecemos. E a exploração dessa dimensão, voluntária ou relutante, resume todo o sentido da façanha do herói. Os valores e distinções que parecem importantes na vida normal desaparecem com a terrificante assimilação do eu naquilo que antes não passava de alteridade. Tal como as histórias das ogresas canibais, o temor dessa perda da individuação pessoal pode configurar-se, para as almas não qualificadas, como todo o ônus da experiência transcendental. Mas a alma do herói avança com ousadia — e descobre as bruxas convertidas em deusas e os dragões em guardiães dos deuses.<sup>162</sup>

Entretanto, o retorno implica em novos desafios, na necessidade de se poder colocar em prática aquilo que foi apreendido em tal trajetória, daí um novo estágio propriamente dito para a tarefa a ser cumprida pelo herói. Agora sua tarefa é resolver os seguintes dilemas:

<sup>159</sup> HAWTHORNE, Cap. 24, p. 232-233.

<sup>160</sup> Ibid., Cap. 24, p. 232.

<sup>161</sup> Ibid., Cap. 24, p. 233.

<sup>162</sup> CAMPBELL, *O Herói...*, p. 213.

Como ensinar de novo, contudo, o que havia sido ensinado corretamente e aprendido de modo errôneo um milhão de vezes, ao longo dos milênios da mansa loucura da humanidade? Eis a última e difícil tarefa do herói. Como re-traduzir, na leve linguagem do mundo, os pronunciamentos das trevas, que desafiam a fala? Como representar, numa superfície bidimensional, ou numa imagem tridimensional, um sentido multidimensional? Como expressar, em termos de “sim” e “não”, revelações que conduzem à falta de sentido toda tentativa de definir pares de opostos? Como comunicar, a pessoas que insistem na evidência exclusiva dos próprios sentidos, a mensagem do vazio gerador de todas as coisas?<sup>163</sup>

No caso de Hester, este retorno<sup>164</sup> é marcado pela sua re-adequação à sociedade de Salem e sua reintegração nos trabalhos de assistência junto à comunidade. Hawthorne não explora a reação da comunidade à sua volta, mas mostra como Hester foi aceita como uma figura que carregava em si o conhecimento profundo da vida e da morte e das cicatrizes deixadas pelas punições que sofreu. Campbell nos coloca que

O primeiro problema do herói que retorna consiste em aceitar como real, depois de ter passado por uma experiência da visão de completeza, que traz satisfação à alma, as alegrias e tristezas passageiras, as banalidades e ruidosas obscenidades da vida. Por que voltar a um mundo desses? Por que tentar tornar plausível, ou mesmo interessante, a homens e mulheres consumidos pela paixão, a experiência da bem-aventurança transcendental? Assim como sonhos que se afiguram importantes à noite podem parecer, à luz do dia, meras tolices, assim também o poeta e o profeta podem descobrir-se bancando os idiotas diante de um júri de sóbrios olhos. O mais fácil é entregar a comunidade inteira ao demônio e partir outra vez para a celeste habitação rochosa, fechar a porta e ali se deixar ficar. Mas se algum obstetra espiritual tiver, nesse entretempo, estendido a shimenawa em torno do refúgio, então o trabalho de representar a eternidade no plano temporal, e de perceber, neste, a eternidade, não pode ser evitado.<sup>165</sup>

Entretanto, vemos que Hester não parece estar à mercê de tais conflitos ou problemas, pois sua volta é espontânea e sua reintegração à sociedade parece se dar de forma tranqüila e gradual. Isto talvez represente o preparo espiritual com que retorna e os efeitos que a morte de Dimmesdale teve sobre Salem. Hester se torna uma conselheira, antes repudiada e estigmatizada, passa a ter um status positivo dentro da comunidade. Seu retorno é coroado pelo êxito daqueles que sofrem para expiar os pecados de si mesmos e da comunidade que representam. Sua dedicação até a morte e o fato de ter sido enterrada ao lado do pastor, demonstram que seu sofrimento não foi

<sup>163</sup> Ibid., p. 215.

<sup>164</sup> HAWTHORNE, Cap. 24, p. 229-234.

<sup>165</sup> CAMPBELL, *O Herói...*, p. 215.

em vão e que, de certa forma, foi redimida da culpa e da marca que carregava em seu corpo e alma.

Campbell diz que “o herói que retorna, para completar sua aventura, deve sobreviver ao impacto”.<sup>166</sup> Podemos dizer que nós leitores “sofremos um impacto” ao vê-la vestida outra vez com a letra escarlate e trabalhando efetivamente na comunidade. Nosso ímpeto é perguntarmos: Como Hester pode ter voltado depois de tudo o que passou? Como pode vestir aquele emblema outra vez depois de tanto ultraje? Se Hester conseguiu sua liberdade com Pearl, por que não ficou longe de Salem? A alma humana abriga segredos que nunca poderemos descobrir.

Seu retorno pode significar várias coisas para uma mulher de nossa época, principalmente a certeza de que Hester sabia que pertencia àquela comunidade e que via o papel que precisava desempenhar dentro dela. O retorno de Hester parece ser marcado pelo retrocesso, pela aceitação, mas pode também ser reconhecido como um ato de coragem e de sabedoria, pois seu objetivo foi retornar e ajudar a comunidade com o conhecimento que adquiriu através de sua trajetória. O herói retorna para ajudar, para passar adiante seus aprendizados mais profundos e revelar a sabedoria de que a alma dispõe depois de tanto sofrer. Tal comportamento pode ser explicado se considerarmos que

O indivíduo, por meio de prolongadas disciplinas espirituais, renuncia completamente aos vínculos com suas limitações e idiosincrasias, esperanças e temores pessoais, já não resiste à auto-aniquilação, que constitui o pré-requisito do renascimento na percepção da verdade, e assim, fica pronto, por fim, para a grande sintonia. Suas ambições pessoais estão dissolvidas, razão por que ele já não tenta viver, mas simplesmente relaxa diante de tudo o que venha a se passar nele; ele se torna, por assim dizer, um anônimo. A Lei vive nele com seu próprio consentimento irrestrito.<sup>167</sup>

Hester expressa tal comportamento com sua humildade, pois livre de qualquer interesse próprio<sup>168</sup> trabalha em prol da comunidade e atua de forma positiva para que a vida deles se torne melhor. Sua volta não está marcada pela angústia daquele que tanto sofreu ou pelo ressentimento por tanta mortificação. Hester está acima de tais

---

<sup>166</sup> Ibid., p. 220.

<sup>167</sup> Ibid., p. 231.

<sup>168</sup> HAWHTORNE, Cap. 24, p. 233.

sentimentos e isto está caracterizado pela simplicidade e dignidade expressos em seu comportamento e nas palavras com as quais conforta as pessoas que a procuram.<sup>169</sup>

Isto pode ser corroborado pelo fato de que

O alvo do mito consiste em dissipar a necessidade [da] ignorância diante da vida por intermédio de uma reconciliação entre consciência individual e vontade universal. E esta reconciliação é realizada através da percepção da verdadeira relação existente entre os passageiros fenômenos do tempo e a vida imperecível que vive e morre em todas as coisas. [...] Poderoso pelo seu saber, calmo e liberto na ação, convencido de que de suas mãos fluirá [graças], o herói configura-se como veículo consciente da terrível e maravilhosa Lei, seja o seu trabalho o de açougueiro, jóquei ou rei.<sup>170</sup>

E Hester, desde o início, soube reconhecer a “verdadeira relação existente entre os passageiros fenômenos do tempo e a vida imperecível que vive e morre em todas as coisas,” pois sua atitude diante da condenação foi de reverência, coragem, para aquilo que lhe foi atribuído. Portanto, seu retorno só poderia se configurar pela sabedoria daquela que apreende e compreende seu verdadeiro significado. Aqui, o egoísmo se rende ao que há de mais belo e numinoso no ser humano, sua alma clama por palavras e ações e Hester, humanamente, as concede. Além disso,

Aqueles que ouvem são orientados para o Imperecível que há em si mesmos e informados apenas incidentalmente. Embora [o herói] tivesse temido a terrível bruxa, fora engolido e renascera. Tendo morrido para seu ego pessoal, eis que nascera outra vez, estabelecido no Eu. O herói é o patrono das coisas que se estão tornando, e não das coisas que tornaram, pois ele é. [...] Ele não confunde a aparente imutabilidade no tempo com a permanência do Ser, nem tem temor do momento seguinte (ou da “outra coisa”), como algo capaz de destruir o permanente com sua mudança. “Nada retém sua própria forma; a Natureza, a maior renovadora, constantemente cria formas de formas. Certamente nada há que pereça em todo o universo; há apenas variação e renovação de forma.”<sup>171</sup> Assim se permite que o momento seguinte venha a ocorrer.<sup>172</sup>

Daí a necessidade que temos de entender o que está por detrás daquilo que percebemos e vemos numa trajetória iniciática. Neste romance temos uma mulher assolada pela ignorância e pela rigidez mórbida de uma sociedade que necessita se apegar a determinados padrões de comportamento para que sua segurança e sua base

<sup>169</sup> Ibid., Cap. 24, p. 233.

<sup>170</sup> CAMPBELL, op. cit., p. 232.

<sup>171</sup> Ovídio, **Metamorfoses**, XV, 252-255. In: \_\_\_\_\_, p.236.

<sup>172</sup> Ibid., p. 236

política, social e religiosa permaneça cada vez mais forte. Hawthorne, com uma “lenda tão negra”<sup>173</sup> nos mostra que a heroína representou, entre outras coisas, a missão de expressar o lado mais sombrio e mais devastador de uma sociedade, os vícios e as culpas não proferidas, não assumidas ou reveladas.

Isto fica claro quando consideramos a figura e o papel de Dimmesdale e sua auto-punição. Sua cicatriz é a cicatriz oculta na alma daquela sociedade, assim como o é a “letra A” estampada no peito de Hester, que é a representação da vergonha e do mal daquilo que é deliberadamente ocultado. Por isto é preciso que percebamos qual é o significado intrínseco de tal trajetória, o que ela representa no nível mais profundo e como atua em termos individuais e grupais. Hester não diminui sua importância ao retornar, pelo contrário, ela assume aquilo pelo qual havia lutado por sete longos anos, pelo amor de sua filha e de Dimmesdale e pelo amor a si própria. Seu retorno é o retorno do herói que descobre a si mesmo e aquilo que representa para sua sociedade, aqueles com os quais deve compartilhar os ensinamentos da alma e da vida concreta, seja ela árdua ou não.

Hester nos coloca contra a parede: Como pode ter aceitado tudo novamente? Aceita por que é forte, porque aprendeu sua lição arduamente e porque é uma mulher que vislumbra um futuro melhor onde homens e mulheres possam viver harmoniosamente e sem culpas.<sup>174</sup> Embora não reconheça que tal mudança já tivesse começado com sua própria história e com o modo como foi recebida novamente em Salem. O estigma da “letra A” se desfez quando Pearl beijou Dimmesdale no pelourinho, “como se fosse um encanto”<sup>175</sup> tudo o que Hester havia vivenciado se dissipou sob a claridade do sol e no encanto daquele momento. Aqui começava uma nova etapa de sua trajetória que culminaria com seu retorno e seu trabalho junto à comunidade.

As transformações que pudemos observar nesta trajetória nos indicam a importante relação que há entre o estudo mitológico e o aspecto psicológico que este engloba. Tal relação pode ser explicada pelo fato de que o ser humano, em sua

---

<sup>173</sup> HAWTHORNE, Cap. 24, p. 233.

<sup>174</sup> Ibid., Cap. 24, p. 234.

<sup>175</sup> Ibid., Cap. 23, p. 227.

interação individual e social, não está somente a mercê da influência, ação e reação de aspectos externos, mas também,

O inconsciente envia toda espécie de fantasias, seres estranhos, terrores e imagens ilusórias à mente — seja por meio de sonhos, em plena luz do dia ou nos estados de demência; pois o reino humano abarca, por baixo do solo da pequena habitação, comparativamente corriqueira, que denominamos consciência, insuspeitadas cavernas de Aladim. Nelas há não apenas um tesouro, mas também perigosos gênios: as forças psicológicas inconvenientes ou objeto de nossa resistência, que não pensamos em integrar — ou não nos atrevemos a fazê-lo — à nossa vida. E essas forças podem permanecer insuspeitadas ou, por outro lado, alguma palavra casual, o odor de uma paisagem, o sabor de uma xícara de chá ou algo que vemos de relance pode tocar uma mola mágica, e eis que perigosos mensageiros começam a aparecer no cérebro. Esses mensageiros são perigosos porque ameaçam as bases seguras sobre as quais construímos nosso próprio ser ou família. Mas eles são, da mesma forma, diabolicamente fascinantes, pois trazem consigo chaves que abrem portas para todo o domínio da aventura, a um só tempo desejada e temida, da descoberta do eu. Destruição do mundo que construímos e no qual vivemos, assim como nossa própria destruição dentro dele, mas, em seguida, uma maravilhosa reconstrução, de uma vida mais segura, límpida, ampla e completamente humana — eis o encanto, a promessa e o terror desses perturbadores visitantes noturnos, vindos do reino mitológico que carregamos dentro de nós.<sup>176</sup>

No que se refere à trajetória de Hester, podemos dizer que a idéia de enviá-la para Salem, para iniciar uma nova vida, foi coordenada por elementos inconscientes, pois sabemos que a concretização de tal idéia desencadeou uma série de acontecimentos, que não só se mostraram como desafiadores, mas colocaram Hester em um caminho de auto-conhecimento e desenvolvimento pessoal. Os “mensageiros perigosos” que ameaçaram suas “bases seguras” foram aqueles que lhe mostraram o caminho para uma nova vida, amarga, mas abundante de amor, pois este não só é encontrado em Dimmesdale, mas, principalmente, em Pearl. O aprendizado de Hester e sua jornada solitária em Salem, não significaram apenas uma experiência pessoal, mas de toda a comunidade, pois sua punição representou a exposição dos próprios pecados daqueles que a condenaram e também serviu, de forma velada, para que pudessem espelhar-se naquilo que a “letra A” representava.

Dada a natureza da jornada cumprida por Hester, podemos acrescentar também que uma das formas de se interpretar a trajetória mítica heróica baseia-se em sua

---

<sup>176</sup> CAMPBELL, *O Herói...*, p. 18-19.

comparação com o “processo de individuação” que se experimenta no desenvolvimento pessoal. Jung nos coloca que este representa

Um processo através do qual um ser torna-se um ‘individuum’ psicológico, isto é, uma unidade autônoma e indivisível, uma totalidade. [...] A individuação significa tender a tornar-se um ser realmente individual; na medida em que entendemos por individualidade a forma de nossa unicidade, a mais íntima, nossa unicidade última e irrevogável; trata-se da realização de seu si-mesmo, no que tem de mais pessoal e de mais rebelde a toda comparação. Poder-se-ia, pois traduzir a palavra “individuação” por “realização de si-mesmo”, “realização do si-mesmo”. [...] Constatamos continuamente que o processo de individuação é confundido com a tomada de consciência do eu, identificando-se, portanto, este último com o si-mesmo, e daí resultando uma desesperada confusão de conceitos. A individuação não passaria, então, de egocentrismo e auto-erotismo. O si-mesmo, no entanto, compreende infinitamente mais do que um simples eu [...] a individuação não exclui o universo, ela o inclui.<sup>177</sup>

---

<sup>177</sup> JUNG, C. G. **Memórias, Sonhos, Reflexões**. 22. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002, p. 355.



Dada esta dimensão do processo de individuação, o fato dele estar intrinsecamente ligado ao processo em que o herói não só atinge a transformação do eu, mas a “realização de seu si-mesmo,” de sua transformação transcender ao seu próprio ser, podemos dizer que na trajetória mítica de Hester detectamos tal processo. Seu aprendizado vai além dos limites objetivos de sua experiência em Salem, os ciclos pelos quais esta transcendência ocorre a aproximam cada vez mais de seu ser mais profundo, de sua compreensão da magnitude das forças que regiam tal processo e seu papel dentro dele.

Entretanto, Hester também assimilou o papel que Salem desempenhou neste mecanismo, fato que a fez retornar e dividir o aprendizado que adquiriu. O ciclo se completa neste sentido, pois a heroína, através de sua realização espiritual, consegue ir além daquilo que o mundo objetivo impõe, “torna-se um indivíduo individual” e consegue ocupar seu lugar na sociedade em sua totalidade, sem subterfúgios desnecessários.

---



### 3. O Conteúdo Simbólico de *A Letra Escarlate*

*Ora, esta palavra, símbolo, como a tenho usado, tem uma referência específica. [...] Mas um símbolo – um símbolo mítico – não se refere a algo conhecido ou possível de ser conhecido de maneira racional. Refere-se a um poder espiritual que é operativo na vida e conhecido apenas por seus efeitos.*

*Joseph Campbell*<sup>178</sup>

Além da teorização sobre o “mito do herói” e suas façanhas durante a “trajetória mítica” tão arduamente vivenciada, em sua obra, Campbell também nos fala sobre a universalidade da mitologia, sobre os “conteúdos simbólicos” que se repetem nas mais diversas culturas e das diferentes ciências, tais como, arqueologia, etnologia, orientalismo e da psicologia do folclore que, atualmente, contribuem para desvendar os ensinamentos e o aspecto intemporal da mitologia.

A riqueza de conteúdos que a mitologia abarca pode ser explicada, principalmente pelo fato de que “os símbolos da mitologia não são fabricados; não podem ser ordenados, inventados ou permanentemente suprimidos. Esses “símbolos” são produções espontâneas da psique e cada um deles traz em si, intacto, o poder criador de sua fonte”<sup>179</sup>.

Esta atribuição psicológica que é dada aos símbolos reitera a importância da relação entre a análise literária — através da teoria dos mitos — e os estudos psicológicos. Tal relação é de extrema valia para Campbell, pois ele afirma que,

Os ousados e verdadeiramente marcantes escritos da psicanálise são indispensáveis ao estudioso da mitologia. Isso ocorre porque, como quer que encaremos as interpretações detalhadas, e por vezes contraditórias, de casos e problemas específicos, Freud, Jung e seus seguidores demonstraram irrefutavelmente que a lógica, os heróis e os feitos do mito mantiveram-se vivos até a época moderna. Na ausência de uma efetiva mitologia geral, cada

<sup>178</sup> CAMPBELL, J. **E por falar em mitos – conversas com Joseph CAMPBELL** / [entrevistado por] Fraser Boa. Campinas-SP: Verus Editora, 2004.

<sup>179</sup> CAMPBELL, J. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2003, p. 16.

um de nós tem seu próprio panteão do sonho — privado, não reconhecido, rudimentar e, não obstante, secretamente vigoroso.<sup>180</sup>

Além disso, Campbell nos mostra que “a função primária da mitologia e dos ritos sempre foi a de fornecer os símbolos que levam o espírito humano a avançar, opondo-se àquelas outras fantasias humanas constantes que tendem a levá-lo para trás”.<sup>181</sup> Para que a “representação simbólica” do romance seja explorada e para que possamos embasar a análise do mito do herói apresentada por Campbell neste sentido, empregaremos os conceitos de “símbolo” e de “arquétipo” desenvolvidos por C. G. Jung.

Assim, consideramos sua definição do conceito de “símbolo”:

O que chamamos por símbolo é um termo um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós. [...] Assim uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem tem um aspecto “inconsciente” mais amplo, que nunca é precisamente definido ou de todo explicado.<sup>182</sup>

Desta forma, tais “conotações especiais,” que os símbolos nos oferecem serão objetos de nosso estudo. Pretendemos analisar como os vários elementos que compõem **A Letra Escarlate** englobam um “aspecto ‘inconsciente’ mais amplo, que nunca é precisamente definido ou de todo explicado,” mas que dá ao romance uma característica marcadamente mitológica.

Para melhor compreendermos as formas simbólicas das quais tratamos neste trabalho faz-se necessário, também, explorarmos o conceito de “arquétipo”.<sup>183</sup>

<sup>180</sup> Ibid., p. 16.

<sup>181</sup> Ibid., p. 21.

<sup>182</sup> JUNG, C. G. **O Homem e seus Símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 19\_\_, p. 22.

<sup>183</sup> Segundo CAMPBELL, arquétipos “são idéias elementares, que poderiam ser chamadas idéias “de base”. Jung falou dessas idéias como arquétipos do inconsciente. “Arquétipo” é um termo mais adequado, pois “idéia elementar” sugere trabalho mental. Arquétipo do inconsciente significa que vem de baixo. A diferença entre os arquétipos junguianos do inconsciente e os complexos de Freud é que aqueles são manifestações dos órgãos do corpo e seus poderes. Os arquétipos têm base biológica, enquanto o inconsciente freudiano é uma acumulação de experiências traumáticas reprimidas no curso de uma vida individual. O inconsciente freudiano é um inconsciente pessoal, biográfico. Os arquétipos do inconsciente de Jung são biológicos. O aspecto biográfico é secundário, no caso. Em todo o mundo e em diferentes épocas da história humana, esses arquétipos, ou idéias elementares, aparecem sob diferentes roupagens. As diferenças nas roupagens decorrem do ambiente e das condições históricas. São essas diferenças que o antropólogo se esforça por identificar e comparar.” (CAMPBELL, J. O

O conceito de arquétipo [...] deriva da observação reiterada de que os mitos e os contos da literatura universal encerram *temas* bem definidos que reaparecem sempre e por toda parte. Encontramos esses mesmos temas nas fantasias, nos sonhos, nas idéias delirantes e ilusões dos indivíduos que vivem atualmente. A essas imagens e correspondências típicas, denomino representações arquetípicas. Quanto mais nítidas, mais são acompanhadas de tonalidades afetivas vívidas [...] Elas nos impressionam, nos influenciam, nos fascinam. Têm sua origem no arquétipo que, em si mesmo, escapa à representação, forma preexistente e inconsciente que parece fazer parte da estrutura psíquica herdada e pode, portanto, manifestar-se espontaneamente sempre e por toda parte.<sup>184</sup>

Neste sentido, podemos dizer que **A Letra Escarlate** é um romance cuja história está inteiramente voltada para a relação que há entre seus personagens e o conteúdo inconsciente simbólico de que a “letra A” está imbuída.<sup>185</sup> A importância de tal símbolo ou “estigma” vai além da presença desconcertante do ornamento ricamente bordado por Hester, além do “círculo de reclusão”<sup>186</sup> que este cria e que separa Hester e Pearl do resto da comunidade. Sua abrangência vai além daquilo que representa na vida pessoal de Hester, Dimmesdale, Pearl e, conseqüentemente, Chillingworth. Seu conteúdo inconsciente fala a todos os que cercam tal símbolo e, principalmente, àqueles que tentam negar o “pecado” que tal letra representa.

Pela forma como foi bordada e por sua riqueza de detalhes, a “letra A” se torna ofuscante, ao mesmo tempo em que sua cor escarlate e seu significado literal de “adúltera” mostram o lado obscuro e mundano de toda a comunidade, pois Hester às vezes era surpreendida por um “olhar humano” e de solidariedade sobre a “letra A”<sup>187</sup> fato que a fazia compreender que não era a única a ter pecado daquela forma em Salem.

---

**Poder do Mito**, com Bill Moyers: Org. por Betty Flowers. São Paulo: Associação Palas Athena, 1990, p. 54-55).

<sup>184</sup> JUNG, C. G. **Memórias, Sonhos, Reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 22ª ed., 2002, p. 352.

<sup>185</sup> Segundo WHITMONT, “em termos práticos, o método de Jung de interpretar símbolos espontâneos do inconsciente nunca tenta dizer que uma situação humana é assim ou assado, mas sim que essas imagens descrevem a própria situação sob a forma de analogias ou parábolas. A abordagem simbólica por definição aponta para além de si própria e para além daquilo que pode se tornar imediatamente acessível à nossa observação. Embora esta abordagem não seja abstrata ou racional, também não pode ser considerada irracional; mais precisamente, ela possui leis e estrutura próprias que correspondem às leis estruturais da emoção e do conhecimento intuitivo.” (WHITMONT, E. C. **A Busca do Símbolo: Conceitos básicos de psicologia analítica**. São Paulo: Cultrix, 2002, p. 19).

<sup>186</sup> HAWTHORNE, Cap. 6, p. 83.

<sup>187</sup> *Ibid.*, Cap. 5, p. 76-77.

Seguindo as considerações de Whitmont<sup>188</sup> sobre a teoria do símbolo, percebemos que as “leis estruturais da emoção e do conhecimento intuitivo” nos levam a considerar como apropriada a abordagem simbólica de alguns elementos que compõem **A Letra Escarlate**. Ao se construir uma história a partir de um símbolo, neste caso a “letra A,” Hawthorne nos coloca em contato com uma dimensão de conhecimento que está além do aspecto concreto e físico daquilo que norteia o leitor. O símbolo, por sua abrangência significativa, se torna um centro aglutinador de emoções, interpretações e possíveis significados para aqueles que o observam. Fato que reitera seu aspecto psicológico e os efeitos que acarreta diferentemente em cada um daqueles que o vêem. A “letra A,” por exemplo, ao mesmo tempo em que forma um “halo de proteção” em torno de Hester, e a coloca numa determinada distância física de seus companheiros, atrai o olhar e aguça a imaginação daqueles que a rodeiam.

A força ou o poder do símbolo está além da beleza e do significado literal do ornamento, seu significado mais profundo está na ação e reação causados por sua presença. A repulsa, recriminação, curiosidade, desdém e admiração (por se tratar de uma obra de arte em termos de bordado) são aspectos das diferentes formas com que a “letra A” interfere e reage com aqueles que a vêem. O magnetismo é total, seu efeito é catalisador e está além das intenções de Hester ao bordá-la tão rica e detalhadamente. A “letra A” é o símbolo de sua conduta, de seu papel como mulher e não apenas como um membro a mais da comunidade.

O “halo” que se forma em torno de Hester<sup>189</sup> é semelhante àquele que temos em torno de cada um de nós, mas que não é percebido em nossa interlocução diária, em nossos contatos diários, pois não andamos por aí exibindo o que há de mais íntimo em nosso ser, pelo menos conscientemente. O símbolo se torna a representação de uma realidade oculta para muitos, mas que no caso de Hester se tornou aparente, não fosse pela gravidez, ninguém saberia de seu envolvimento com Dimmesdale, e isto poderia se prolongar por muito tempo em suas vidas.

---

<sup>188</sup> WHITMONT, op. cit., p. 19.

<sup>189</sup> HAWTHORNE, Cap. 21, p. 208.

“A Letra A Escarlate” torna-se primeiro um estigma aterrorizador para Hester que “queimava como ferro quente em seu peito;”<sup>190</sup> depois de sete anos, torna-se um “objeto familiar” para a comunidade<sup>191</sup> e adquire um novo significado: *able* (capaz)<sup>192</sup> até que “deixa de ser um estigma e é olhada com respeito e reverência,”<sup>193</sup> transformações que mostram como a trajetória de Hester se desenvolve e o significado que adquire ao longo de seu ciclo. Indo um pouco mais além, podemos dizer que a “letra A” também incorpora o significado de “anjo,” pois é nisto que Hester se transforma, o anjo protetor e redentor de segredos, de males da alma e daquilo que os habitantes de Salem precisavam para tornar suas vidas mais plenas espiritualmente.

A importância de tal símbolo pode ser enfatizada se observarmos que: “letters, in all cultures, have a symbolic significance sometimes in a twofold sense corresponding to both their shape and their sound. [...] In alchemy [...] A expresses the beginning of all things; [or, as suggested by Bayley] A is related to the cone, the mountain, the pyramid, the first cause”.<sup>194</sup> E a letra A também significa a “Causa Primordial Imutável, [...] a Trindade e a Magnificência de Deus”<sup>195</sup> interpretações que acrescentam mais relevância à experiência de Hester em Salem, pois sua condenação foi o “princípio” de muitas mudanças na sociedade, principalmente no que diz respeito a mudanças de comportamentos, como é mostrado no final do romance. Além disso, a forma piramidal da “letra A” também demonstra o triângulo formado por Hester, Pearl e Dimmesdale:

---

<sup>190</sup> Ibid., Cap. 5, p. 77.

<sup>191</sup> Ibid., Cap. 13, p. 141.

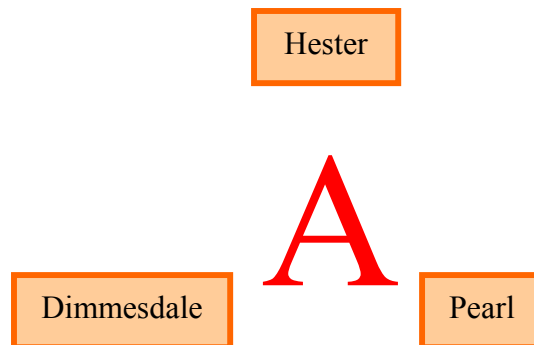
<sup>192</sup> Ibid., Cap. 13, p. 143.

<sup>193</sup> Ibid., Cap. 24, p. 233.

<sup>194</sup> CIRLOT, J. E. **A Dictionary of Symbols**. 2ª ed. Nova York: Barnes & Noble, 1993, p. 182-185.

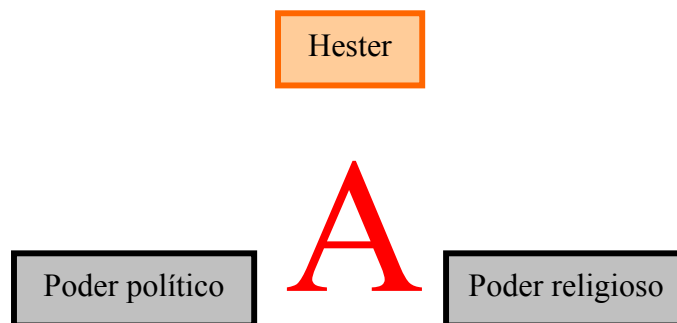
<sup>195</sup> VRIES, Ad. **Dictionary of Symbols and Imagery**. Londres: North-Holland Publ. Co., 1976, p. 1.

## GRÁFICO II



Ou ainda, a relação entre Hester e o poder político e religioso local:

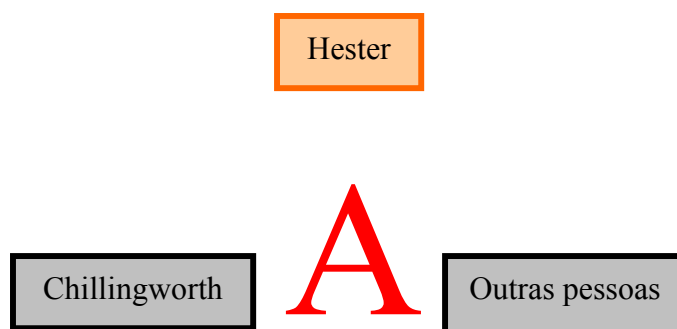
## GRÁFICO III



Já o poder social estaria representado pela figura de Chillingworth, o marido legítimo, e as outras pessoas da comunidade:



## GRÁFICO IV



Relacionamentos que representam a base da trama e de todas as implicações que o significado da “letra A” acarreta. Devido à sua enorme abrangência, enquanto aglutinadora de experiências e sentimentos, a “letra A” pode ser considerada também como um “sinal,” pois

According to Taymond Lull, ‘meaning is the revelation of secrets through the sign’, a thesis which puts the emphasis upon the sign as a fact, as a reality. On the other hand, for Stanislas de Guaitas (*Essais de Sciences Maudites*, II, Paris, 1915) the sign is the ‘point of reference needed by the will (or conscience) in projecting itself towards a predetermined goal’. The sign, then, is the concrete form, the symptom, of an invisible, an inner reality and, at the same time, the means whereby the mind is reminded of that reality. Determination and meaning are immanent in the sign.<sup>196</sup>

A “letra A” proporciona inúmeras reações naqueles que a vêem: repúdio, admiração, cumplicidade, consternação, por exemplo, e tais reações é que conferem a este “sinal” a importância da “realidade” que ele representa, ou faz lembrar. Ele se transforma na “forma concreta, no sintoma, de uma realidade invisível e interior”. Se “o significado é a revelação dos segredos através do sinal” estes segredos, em **A Letra Escarlate**, tomam a forma de: vergonha, pecado, adultério, punição e revelam o que há de mais obscuro nos corações dos moradores de Salem. É como termos nossa culpa e nossos vícios expostos em praça pública, no destaque desconcertante que o pelourinho nos dá, ao nosso redor, nos olhos daqueles que nos fitam, bordados em nossa roupa ou entalhados em nossos corpos.

<sup>196</sup> CIRLOT, op. cit., p. 296.

Por tais implicações, a “letra A” deveria ser “escarlate,” o tom de vermelho vivo, esplendoroso, dinâmico e representante do pulsar da vida. Paradoxalmente, ao mesmo que a letra trouxe uma espécie de morte para a vida de Hester, ela também representava o que há de mais vivo no ser humano, a vontade pulsante que o move adiante, não importa para que conseqüências. Isto é representado pelo simbolismo da “cor vermelha,” pois

The colour red belongs to a group classified as “warm ‘advancing’ colours”, corresponding to the process of assimilation, activity and intensity. [...] Jolan Jacobi, in her study of junguian psychology, says [...] ‘The corresponding of colours to the respective functions varies with different cultures and groups and even among individuals: [...] red, the colour of the pulsing blood and of fire, for the surging and tearing of emotions’. [Moreover, according to Cirlot,] **red** is associated with blood, wounds, death-throes and sublimation; [...] (the attribute of mars), passion, sentiment and the life-giving principle. [...] Schneider, considering the essential bearing of the colour red upon alchemic processes, concludes that it is to be related to fire and purification.<sup>197</sup>

Daí a utilização desta cor para caracterizar as provações de Hester, a cor escarlate não tinge seu peito apenas, mas “queima como fogo” e desta forma, purifica seu ser e o prepara para a nova vida que se iniciará após a morte de Dimmesdale e de seu retorno para Salem. Além disso, a “letra A” é ricamente ornamentada por “fios dourados”<sup>198</sup> e a combinação da cor “vermelha” com o “dourado” denota um outro significado simbólico para a trajetória mítica aqui analisada. Isto ocorre, pois a importância psicológica das cores também, pode ser explicada através do simbolismo das

Three main phases of the ‘Great Work’ (a symbol of spiritual evolution) were (1) prime matter (corresponding to black), (2) mercury (white) and (3) sulphur (red), culminating in the production of the ‘stone’ (gold). Black pertains to the state of fermentation, putrefaction, occultation and penitence; white to that of illumination, ascension, revelation and pardon; red to that of suffering, sublimation and love. And gold is the state of glory. So that the series black—white—red—gold, denotes the path of spiritual ascension.<sup>199</sup>

Cores que podem ser relacionadas às “três transformações” sofridas pelo significado da “letra A” durante o desenvolvimento da história. Podemos dizer que “o

<sup>197</sup> Ibid., p. 52.

<sup>198</sup> HAWTHORNE, Cap. 2, p. 46.

<sup>199</sup> CIRLOT, op. cit., p. 55-56.

grande trabalho” de “condenação—purificação—e aceitação” pelo qual passa Hester está representado através das cores que compõem a “letra A,” o esmero com que é bordada, estaria relacionado com a maneira com que Hester “tenta cuidar” da própria vida, sobreviver em meio ao caos; as cores empregadas, o “vermelho” obrigatório e o “dourado” adicionado nos permitem vislumbrar o que pode acontecer no decorrer e no final da trajetória mítica, em que a destruição total do eu interior precisa acontecer para que um novo nascimento seja possível: da escuridão total da prisão interior e exterior (cor negra) o indivíduo renasce, através da luz (cor branca), para sua nova condição humana (cor escarlate e dourada pulsantes e flamejantes).

A combinação destas duas últimas cores também pode ser explicada se considerarmos que:

When two colours are contrasted in a given symbolic field, the inferior colour is feminine in character and the superior is masculine. By ‘inferior’ we mean that which is lower within alchemic order or series, which runs as follows: yellow, blue, green, black, white, red, gold. [...] in the case of red/gold, gold is superior and masculine (or celestial, as against the terrestrial implications of the feminine principle).<sup>200</sup>

Fato que explica a sua utilização e combinação com a cor escarlate, o dourado, se tomarmos seu significado “celestial” implicaria, então, na condição final em que Hester se encontra quando retorna a Salem. A aceitação de seu destino é total e indiscutível e isto se reflete no modo como a comunidade a recebe e acolhe em seu meio. Uma nova ordem é estabelecida juntamente com a mudança de pensamento e comportamento que a caracterizam. É importante notarmos que a “cor dourada” também é utilizada por Hester para bordar as roupas de um bebê, que supostamente seria de Pearl, no final do romance.<sup>201</sup> Fato que mostra mais uma vez sua função espiritual e de redenção dentro da história destas duas mulheres.

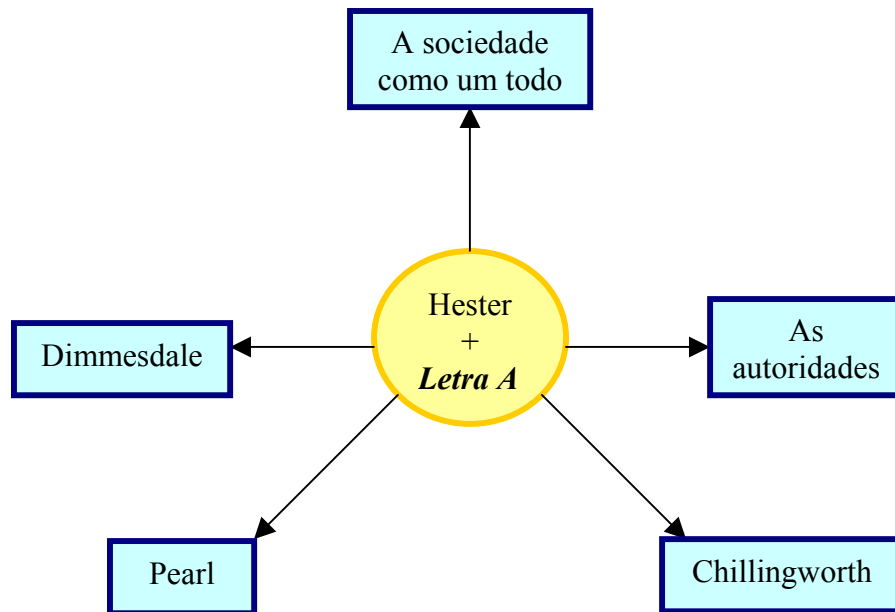
Desta forma, temos uma série de relacionamentos estabelecidos a partir do momento em que a “letra A” é incorporada não só à vida de Hester, mas também, à vida da comunidade de Salem. Tal relação é mostrada no gráfico a seguir:

---

<sup>200</sup> Ibid., p. 60.

<sup>201</sup> HAWTHORNE, Cap. 24, p. 233.

## GRÁFICO V



Conseqüentemente, temos a “letra A” redimensionando todo o significado da presença de Hester na comunidade, dando assim origem aos outros elementos simbólicos que caracterizam sua trajetória. Tais elementos nos auxiliarão a analisar o nível mais profundo da narrativa, ou seja, o significado implícito que há nas partes estruturadoras de uma narrativa literária: enredo, caracterização, perspectiva, espaço, tempo e ação. Nosso interesse é analisar o nível mais profundo desta narrativa e como ele delinea a trajetória mítica que aqui procuramos demonstrar existir.

Podemos iniciar esta “jornada mais profunda” com o significado simbólico da palavra “jornada” que,

From the spiritual point of view, the journey is never merely a passage through space, but rather an expression of the urgent desire for discovery and change that underlies the actual movement and experience of travelling. Hence, to study, to inquire, to seek or to live with intensity through new and profound experiences are all modes of travelling or, to put it another way, spiritual and symbolic equivalents of the journey. Heroes are always travellers, in that they are restless. Travelling, Jung observes, is an image of aspiration, of an unsatisfied longing that never finds its goal, seek where it may. [...] The true Journey is neither acquiescence nor escape — it is evolution. For this reason Guénon has suggested that ordeals of initiation frequently take the form of ‘symbolic journeys’ representing a quest that starts in the darkness of the profane world (or of the unconscious — the

mother) and gropes towards the light. Such ordeals or trials — like the stages in a journey — are rites of purification. The archetype of the journey is the pilgrimage to the ‘Centre’ or the holy land — or the way out of the maze. The Night Sea-Crossing, equivalent to the Journey into Hell, illustrates certain basic aspects of journey-symbolism which still call for elucidation. Primarily, to travel is to seek. [...] travelling is often invested with a higher, sublimatory significance. [...].<sup>202</sup>

Em tal definição encontramos alguns dos elementos mais significativos dos motivos que levaram Hester para longe da Inglaterra: “um desejo intenso pela descoberta e mudança que determina o real movimento e experiência de viajar” — que foi caracterizado pela vontade inconsciente de sair de um casamento indesejado; “procurar e viver com intensidade através de experiências novas e profundas” — marcadas pelo envolvimento amoroso com Dimmesdale e pelo nascimento de Pearl; “os heróis são sempre viajantes” — característica primeira de Hester, a mulher viajante, estrangeira que chega a Salem (sem o marido); “a viagem representa uma aspiração ou um desejo insatisfeito que nunca encontra seu objetivo, procure onde procurar”. No entanto, podemos dizer que as “aspirações e desejos” de Hester encontraram seu objetivo, embora o preço pago para isto tenha sido muito alto.

Hester vai a busca do novo, daquilo que lhe falta interiormente, podemos dizer que ela o encontra na figura de Dimmesdale e de Pearl, apesar das provações pelas quais é obrigada a passar; “provações iniciáticas freqüentemente têm a forma de “viagens simbólicas” que representam uma busca que começa na escuridão do mundo profano (ou do inconsciente — a mãe) e segue em direção à luz” — a trajetória de Hester é caracterizada pela iniciação à uma nova etapa em sua vida, a um crescimento interior que se inicia com sua partida para Salem (que representaria seu inconsciente) e que a leva em direção à luz — seu auto-conhecimento, crescimento interior, sua liberdade e posterior retorno a Salem — para cumprir sua missão de guia (conselheira) naquela comunidade.

“Tais provações ou provas — como os estágios de uma jornada — são ritos de purificação” — os estágios da jornada de Hester compõem um ciclo de “provação,” “aprendizado” e “aceitação” (por parte de Salem) para com a falta por ela cometida; “o

---

<sup>202</sup> CIRLOT, op. cit., p. 164-165.

arquétipo da jornada é a peregrinação para o ‘Centro’ ou a terra sagrada — ou a saída do labirinto” — tal peregrinação (ida para Salem) ou a saída do labirinto (que acontece com a revelação de Dimmesdale e a subsequente libertação de Hester) são os dois pólos de sua jornada; “a travessia noturna do mar equivale à “Jornada para o Inferno”” — travessia representada pela viagem de navio que Hester faz “da Inglaterra (passando pela Holanda) para a América,” sem o saber Hester estava realizando uma “jornada para o inferno,” que

Symbolizes the descent into the unconscious, or the awareness of all the potentialities of being — cosmic and psychological — that are needed in order to reach the Paradisiac heights, except, that is, the divinely chosen few who attain to these heights by the path of innocence. Hell fuses together the ideas of ‘crime and punishment’, just as purgatory embraces the notions of penitence and forgiveness.<sup>203</sup>

Como sabemos, “crime e castigo” era o que esperava por Hester em Salem, sua “jornada para o inferno” tem início num passado distante daquele em que a encontramos exposta no pelourinho. Numa Inglaterra distante, e quase que sombria, agora, suas memórias nos contam de uma vida inocente e de alegrias junto à família<sup>204</sup> até que se casa com Roger Chillingworth, médico e literato, anos mais velho e que lhe oferece uma vida de garantias materiais e não emocionais.

Assim Hester parte e deixa uma vida para trás a fim de que aconteça o “reconhecimento das potencialidades de seu ser — cósmico e psicológico — que são necessárias para que se alcance as alturas paradisíacas” e, como nós leitores sabemos, tais potencialidades são reiteradas e enfatizadas não só ao longo de sua trajetória, mas principalmente em seu retorno a Salem e ao papel e importância que assume naquela comunidade.

Tal “retorno,” por sua vez, é parte intrínseca do desenvolvimento final da jornada mítica, sua importância simbólica explica-se, pois “the return home, or the return to the material home or to the motherland or birthplace, is symbolic of death, not in the sense of total destruction but of reintegration of the spirit into the spirit. As the Chinese thinker Lieh-tzū observed, ‘when the soul leaves the form, both are

---

<sup>203</sup> Ibid., p. 165.

<sup>204</sup> HAWTHORNE, Cap. 5, p. 50 e 70; Cap. 15, p. 155-156.

restored to their true essence, and that is why they are said to have returned home’.”<sup>205</sup> Esta “morte simbólica” ou a “reintegração do espírito no espírito” é o que vemos acontecer quando Hester retorna a Salem, veste seu velho vestido e assume seu papel definitivo como a heroína que, ao passar por todas as provações de sua trajetória, retorna para que o conteúdo espiritual apreendido em sua provação seja compartilhado com aqueles com que conviveu, mesmo que estes sejam os principais agentes da condenação que lhe foi imputada.

Seu retorno é heróico, marcado pela sabedoria de um espírito livre de preconceitos e restrições morais, sociais e religiosas, Hester representa, então, a mensagem “viva e escarlate” que faltava em uma comunidade que era totalmente centrada em costumes e valores rígidos e castradores para com a liberdade humana. Hester é a “profetisa,”<sup>206</sup> a mulher que apesar de seu passado maculado, retorna para transformar e revigorar um estado de espírito e ensinamentos há muito esquecidos em Salem.

Desta forma Hester completa um “ciclo,” que está relacionado ao

The cyclic character of phenomena — cyclic, that is, because of the tendency of the final stage to curve towards the initial stage of the process in question — leads to its being symbolized by figures such as the circle, the spiral and the ellipse. All processes are cyclic in this way, embracing movement in space, passage through time, and any change in form or condition, whether they are cycles pertaining to the year, the month, the week, the day, or the span of life of a man, a culture or a race. Graphically, the completed cycle is represented by two signs or images facing in opposite directions, symbolic of the acts of coming and going.<sup>207</sup>

A importância de tal “ciclo”<sup>208</sup> (Gráfico I) está principalmente no fato dele nos mostrar não só as etapas pelas quais Hester passa em sua trajetória, mas também a

<sup>205</sup> CIRLOT, op. cit., p. 272.

<sup>206</sup> HAWTHORNE, Cap. 24, p. 234.

<sup>207</sup> CIRLOT, op. cit., p. 75.

<sup>208</sup> De acordo com CIRLOT, tal **ciclo** também pode ter a forma de uma espiral: “a schematic image of the evolution of the universe. [...] In the Egyptian system of hieroglyphs the spiral — corresponding to the Hebrew *vau* — denotes cosmic forms in motion, or the relationship between unity and multiplicity. [...] The spiral is essentially macrocosmic. [It] can be found in three main forms: expanding (as in the nebula), contracting (like the whirlwind or whirlpool) or ossified (like the snail’s shell). In the first case it is an active sun-symbol, in the second and third cases it is a negative moon-symbol. [There is the] distinction being made between the creative spiral (rising in a clockwise

perfeita simetria “cós mica” que permeia a trajetória mítica. A “separação-iniciação-retorno”<sup>209</sup> por que passa o herói segue um curso como num crescendo, e neste caso, no momento em que o herói está no ponto mais profundo “de seu inferno,” as circunstâncias se desencadeiam de forma que uma ascensão lhe seja permitida e que o retorno se concretize.

Tendo visto a relevância “simbólica” do ciclo percorrido por Hester, podemos agora explorar, com mais detalhes, os outros elementos que compõem esta jornada. Em primeiro lugar, Hester sai de sua terra natal, a Inglaterra, e atravessa o “mar” para que possa chegar ao seu destino. Esta “travessia,” ou caminho, que transporta o herói para seu destino, pré-determina a natureza de sua empreitada, pois “the symbolic significance of the sea corresponds to that of the ‘Lower Ocean’ — the water in flux, the transitional and mediating agent between the non-formal (air and gases) and the formal (earth and solids) and, by analogy, between life and death. The waters of the oceans are thus seen not only as the source of life but also as its goal”.<sup>210</sup>

Assim temos Hester “cruzando” um meio de “transição e mediação” entre sua vida na Inglaterra (depois Holanda)<sup>211</sup> e aquela que conhecerá em Salem. Podemos dizer que esta “travessia pelo mar” é uma preparação e iniciação para aquilo que a espera. É a primeira etapa de sua jornada rumo àquilo por que almeja inconscientemente. Isto pode ser enfatizado se considerarmos um dos significados simbólicos de “América,” seu destino, que é de “liberdade,”<sup>212</sup> fato que corrobora a busca de algo novo e que lhe proporcione uma vida mais plena, pois nesta “América” o que será encontrado não é apenas o exótico, caracterizado pelos indígenas, mas um povo “irmão” que deixou a Inglaterra justamente por suas idéias religiosas e

---

direction [...] and the destructive spiral like a whirlwind (which twirls round to the left [...]). [...] By virtue of its significance in connexion with creation, with movement and progressive development, the spiral is an attribute of power, [...]. It is also possible that the spiral may symbolize the relationship between the circle and the centre. For the spiral is associated with the idea of the dance, and especially with primitive dances of healing and incantation [...]. Such spiral movements [...] may be regarded as figures intended to induce a state of ecstasy and to enable man to escape from the material world and to enter the beyond, through the ‘hole’ symbolized by the mystic Centre.” (Ibid., p. 305-306).

<sup>209</sup> CAMPBELL, **O Herói**..., p. 36.

<sup>210</sup> CIRLOT, op.cit., p. 281.

<sup>211</sup> HAWTHORNE, Cap. 3, p. 54.

<sup>212</sup> VRIES, op. cit., p. 12.



austeridade em seu modo de viver. A “liberdade” que se almeja é então, paradoxalmente, convertida em seu oposto: o aprisionamento tanto espiritual quanto físico, fato que é claramente simbolizado pela punição com a “letra A”.

Seguindo então seu caminho, ao chegar aos Estados Unidos, Hester alcança e atravessa o “limiar,” que demarca e separa os dois mundos que constituem sua vida: aquele deixado na Inglaterra, o passado, e aquele para o qual se dirige, Salem, o futuro. Isto se explica, pois o “limiar” representa,

A symbol of transition and transcendence. In architectural symbolism, the threshold is always given a special significance by elaboration and enrichment of its structure by means of porches, perrons, porticoes, triumphal arches, battlements, etc., [...] Hence the function of the threshold is clearly to symbolize both the reconciliation and the separation of the two worlds of the profane and the sacred. In the East, the function of protecting and warning is effected by the ‘keepers of the threshold’— Dragons and effigies of gods or spirits. The Roman god Janus also denoted this dualism characteristic of the threshold, which can be related analogically to all other forms of duality.<sup>213</sup>

Tal “transição e transcendência — reconciliação e separação” podem ser consideradas como indícios de futuros acontecimentos e observadas ao longo da trajetória mítica de Hester e das experiências por que passará. O “mar” se transforma no veículo para tal “transição” e os estágios posteriores, que podem ser considerados na seguinte ordem: “separação” (do mundo profano/da vida passada de Hester) – “transcendência” (do próprio ser, através de provações) – “reconciliação” (com a vida futura, ou naquilo em que a vida se transforma para Hester) — formam a base na qual a trajetória mítica se estabelece e desenvolve. Passando assim por tal “limiar,” o herói penetra num “espaço sagrado” ou “místico,” no qual suas provações se concretizarão. Isto ocorre, pois

In a manner of speaking, space is an intermediate zone between the cosmos and chaos. Taken as the realm of all that is possible, it is chaotic; regarded as the region in which all forms and structures have their existence, it is cosmic. Space soon came to be associated with time, and this association proved one of the ways of coming to the grips with the recalcitrant nature of space. Another — and the most important — was the concept of space as a three-part organization based upon its three dimensions. Each dimension has two possible directions of movement, implying the possibility of two poles or

---

<sup>213</sup> CIRLOT, op. cit., p. 341.

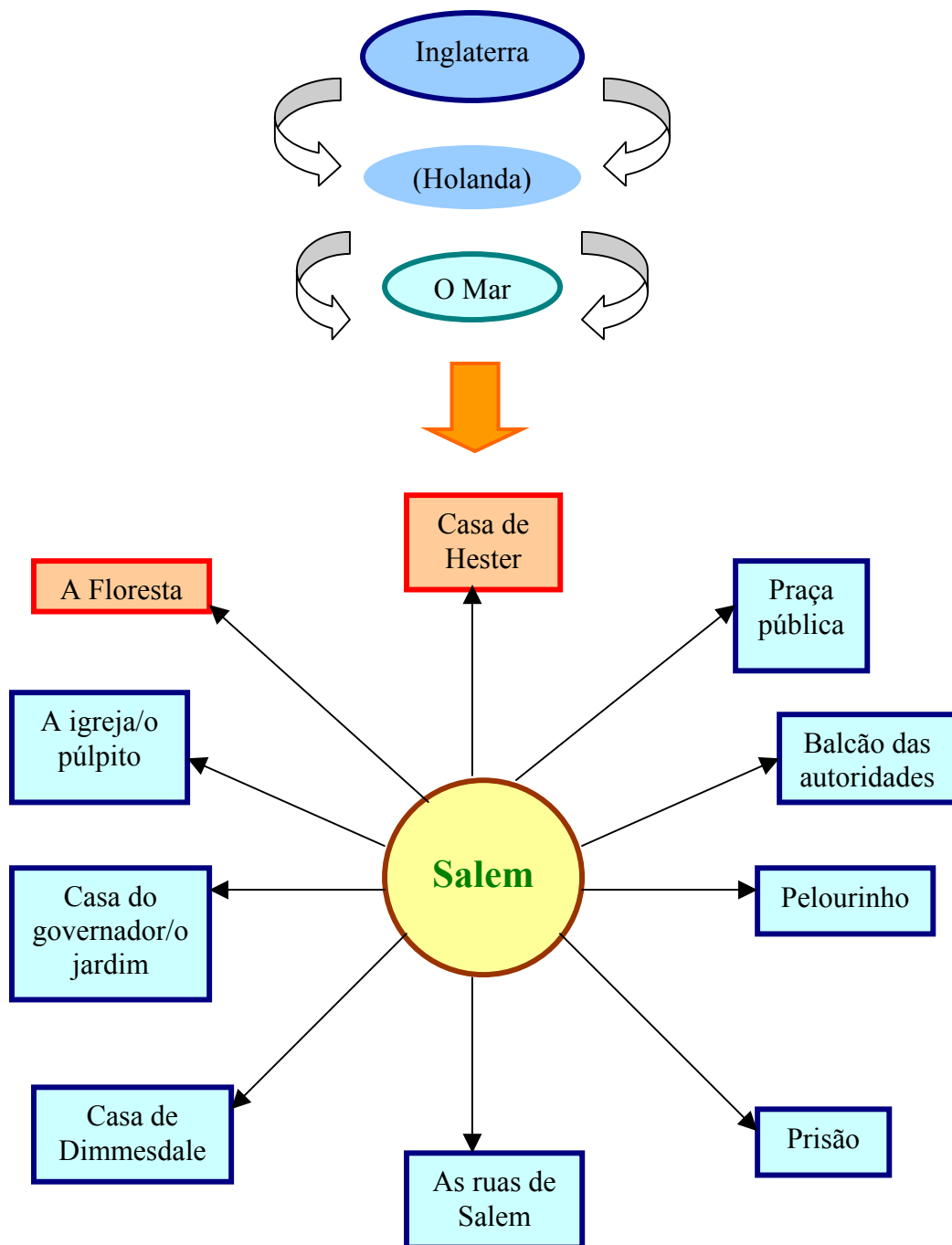
two contexts. The six points achieved in this way, there was added a seventh: the center; and space thus became a logical structure. The symbolism of level and orientation were finally brought to bear in order to complete the exegesis. The three dimensions of space are illustrated by means of a three-dimensional cross, whose arms are oriented along these six spatial directions, made up of the four points of the compass plus the two points of the zenith and the nadir.<sup>214</sup>

Sendo assim, este “espaço simbólico” é que permitirá o desdobramento das relações estabelecidas por Hester em sua “nova vida” a partir da punição com a “letra A,” como demonstrado anteriormente. Podemos dizer que Salem se torna um “macrocosmo” onde vários “microcosmos” representarão partes e “meios” relevantes para o desenvolvimento e aprendizado de Hester. A cidade se torna um centro de poder onde a relação e reação de indivíduos determinarão a forma e o conteúdo simbólico daquilo que se constituirá a trajetória mítica de Hester. A representação desta relação pode ser vista no gráfico abaixo:

---

<sup>214</sup> Ibid., p. 301-303.

GRÁFICO VI



Isto se ocorre, pois

All images to do with the precinct — an enclosure, a walled garden, a city, a square, a castle, a *patio* — correspond to the idea of the *temeno*, or a sacred and circumscribed space which is guarded and defended because it constitutes a spiritual entity. Such images as this may also symbolize the life

of the individual and in particular the inner life of his thoughts. It will be recognized that a square or a circle is the tactical formation commonly adopted as a means of defence in a critical situation against more powerful adversary. This in itself would suffice to explain the meaning of the mandala, or any one of the innumerable symbols that are based upon the notion of the precinct or the protection of a given space, identified with the self.<sup>215</sup>

No caso de Salem, a cidade se torna um “centro” em que forças conflitantes, tanto “concretas” (como as pessoas, as autoridades religiosas e políticas) quanto “psicológicas e emocionais” (os sentimentos e as idéias que estão por trás da condenação de Hester e aquilo que a “letra A” desencadeia ao ser usada por Hester e vista pelos outros) determinam o encaminhamento e desdobramento dos acontecimentos que formam a trajetória mítica. Isto se explica, pois “as cidades manifestam as doutrinas particulares e princípios das comunidades que as habitam”.<sup>216</sup>

Dentro deste centro ou macrocosmo, temos então como elemento simbólico: a “prisão” que, entre outras coisas, significa “crime, aprisionamento, Inferno; onde deuses-solares e heróis são aprisionados por um certo tempo; equivale à Descida ao Mundo Inferior; ou o mundo”.<sup>217</sup> Significados que estão estreitamente ligados não só ao início da condenação de Hester, mas a prisão também foi o lugar onde as transformações desta nova vida de Hester se iniciaram e, conseqüentemente, onde se deram os primeiros estágios de sua “descida para o inferno”. A prisão foi onde: Hester foi aprisionada assim que se soube da gravidez; nasceu Pearl; Hester confeccionou a “letra A” e pregou no peito do vestido antes de ser exposta em praça pública pela primeira vez e, finalmente, tem sua primeira conversa com Chillingworth, depois de seu reaparecimento.<sup>218</sup>

A prisão serve como um lugar preparatório para aquilo que Hester enfrentaria em Salem, como um todo. Não sabemos quanto tempo ela ficou na prisão, mas sabemos que foi tempo bastante para que as transformações de seu espírito se iniciassem e reforçassem, fato que fica bem claro em seu comportamento “corajoso e

---

<sup>215</sup> Ibid., p. 263.

<sup>216</sup> VRIES, op. cit., p. 100.

<sup>217</sup> Ibid., p. 374.

<sup>218</sup> HAWTHORNE, Cap. 4, p. 62-68.

ativo” quando se encaminha para fora da prisão e é exposta no pelourinho.<sup>219</sup> E esta “prisão,” “um edifício de madeira, de fachada feia e triste”<sup>220</sup> demonstra sua rigidez e austeridade não só através da arquitetura, mas, principalmente, por sua “porta” que era “pesadamente feita de carvalho e cravada com pregos de ferro”.<sup>221</sup> E a importância simbólica deste “portal” e, novamente, um segundo “limiar” para Hester está no fato de que a “porta” representa,

A feminine symbol which, notwithstanding, contains all the implications of the symbolic hole which gives access to the whole; its significance is therefore the antithesis of the wall. There is the same relationship between the temple –door and the altar as between the circumference and the center: even though in each case the two component elements are the farthest apart, they are nonetheless, in a way, the closest since the one determines and reflects the other.<sup>222</sup>

Portanto, este novo limiar a ser atravessado, representa não só a austeridade da lei que condenou Hester a uma punição tão severa, mas também representa o elo de ligação entre aquilo que vivenciou na prisão e a extensão deste aprisionamento para o espaço exterior (a cidade), na qual Hester terá que permanecer, de certa forma, aprisionada dentro do “círculo de proteção, ou exclusão” criado pela “letra A”. A praça pública e a cidade são como neste sentido extensões da prisão.

Ligado ao simbolismo contido na prisão temos, então, o “pelourinho” que implica a idéia de “sacrifício,”<sup>223</sup> que neste caso representa tanto o sacrifício de Hester no início do romance, quanto o sacrifício de Dimmesdale no final. Além disso, o pelourinho se torna o cenário de outra cena importante dentro da história: sete anos depois da exposição inicial de Hester e Pearl, Dimmesdale “sobe” ao pelourinho e faz uma vigília, “numa noite obscura no início de maio,” noite da morte do Governador Whinthrop;<sup>224</sup> fato que traz mais uma marca para sua auto flagelação. Aqui poderemos então acrescentar o significado simbólico do “sacrifício” que determina a vida destes dois personagens e o fato de terem de ascender ao pelourinho para que tal sacrifício se

---

<sup>219</sup> Ibid., Cap. 2, p. 43-52.

<sup>220</sup> Ibid., Cap. 1, p. 41.

<sup>221</sup> Ibid., Cap. 1, p. 41.

<sup>222</sup> CIRLOT, op. cit., p. 85.

<sup>223</sup> VRIES, op. cit., p. 208.

<sup>224</sup> HAWTHORNE, Cap. 12, p. 130-140.

concretizasse. Paradoxalmente, no início, o sacrifício de Hester permite uma “suposta liberdade” a Dimmesdale, enquanto que o sacrifício deste significou a “completa liberdade” de Hester no final — a “função cíclica” dentro do romance é corroborada mais uma vez. O comprometimento de Hester e Dimmesdale justifica-se, pois

The central idea of cosmogonies is that of ‘the primordial sacrifice’. Inverting the concept, we can deduce that there is no creation without sacrifice. To sacrifice what is esteemed is to sacrifice oneself, and the spiritual energy thereby acquired is proportional to the importance of what is lost. All forms of suffering can be sacrificial, if fully and wholeheartedly sought and accepted. The physical and negative signs — of mutilation, chastisement, self-abasement and severe penalties or tribulations — are all symbolic of the observed tendencies in the spiritual order. This is why the majority of legends and folktales, stories of heroes, saints and exceptional men commonly tell not only of suffering but also of strange situations of inferiority [such as that of Hester Prynne and Dimmesdale].<sup>225</sup>

Além disso, o próprio “pelourinho” e a “área ao seu redor” são considerados como “emanadores de poder mágico, pois flores crescem ao seu redor,”<sup>226</sup> não podemos nos esquecer da “roseira florida” que se encontra entre o pelourinho e a porta da prisão e que compõe este cenário tão trágico. De acordo com Hawthorne, esta “moita de rosas selvagem” pode “simbolizar o desabrochar duma moral suave, que se encontrará durante o decurso da jornada ou para amenizar o triste fim de uma história feita da mágoa e fraqueza humana”.<sup>227</sup> Imagem que é corroborada pelo significado simbólico da “rosa” que, entre outras coisas, é “relacionada à Grande Deusa: o princípio gerador feminino, amor físico, primavera, juventude; transcendência do espírito humano; inspiração; psicologicamente: [para Jung a rosa significava]: integração da personalidade: o equilíbrio entre o consciente e o inconsciente; o mundo como um círculo e Deus como o centro (mandala); circular (sol, integridade, perfeição)”.<sup>228</sup>

Assim, esta “roseira selvagem,” em meio a este lugar tão sinistro e feio, poderia ser interpretada como tudo o que Hester representa no romance, na disparidade que existe entre ela e o poder que a condenou, um poder arcaico, austero, que na figura

<sup>225</sup> CIRLOT, op. cit., p. 276-277.

<sup>226</sup> VRIES, op. cit., p. 208.

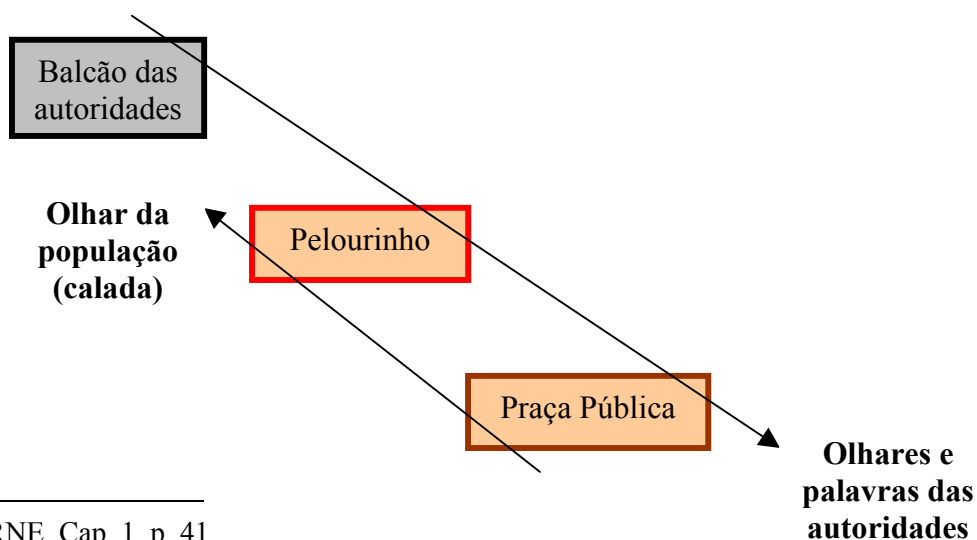
<sup>227</sup> HAWTHORNE, 19\_\_, Cap. 1, p. 13.

<sup>228</sup> VRIES, op. cit., p. 391-392.

da prisão, já está “manchado pelo tempo e corroído pela ferrugem”.<sup>229</sup> O simbolismo da “rosa” é tão significativo dentro da história que ele será retomado novamente quando Hester vai até a casa do governador Bellingham para defender a posse de Pearl.<sup>230</sup>

Percebemos também que o poder local que é imposto e executado através da “prisão” e do “pelourinho” também é estendido para o “balcão” de onde as autoridades “olhando para baixo”<sup>231</sup> julgam os condenados, como é o caso de Hester quando sobe ao pelourinho e fica exposta para a multidão. Este é mais um símbolo de “perversão da autoridade,”<sup>232</sup> pois o poder se coloca acima, e distante fisicamente da multidão. É um poder inacessível, mas que domina a todos. A disposição física desta forma de poder é muito relevante, pois o transgressor está acima da multidão para que possa ser visto por todos, a exposição é total, e no caso de Hester, o “sol daquela manhã de junho”<sup>233</sup> sobre sua cabeça e de Pearl, “por três horas,”<sup>234</sup> não esconderia nada; e acima da multidão e do transgressor estão as autoridades. Esta disposição seria a seguinte:

## GRÁFICO VII



<sup>229</sup> HAWTHORNE, Cap. 1, p. 41.

<sup>230</sup> Ibid., Cap. 7, p. 94.

<sup>231</sup> Ibid., Cap. 2, p. 49.

<sup>232</sup> VRIES, op. cit., p. 33.

<sup>233</sup> HAWTHORNE, Cap. 1, p. 41 e 44.

<sup>234</sup> Ibid., Cap. 3, p. 55.

Podemos dizer que, neste mesmo sentido, o “balcão das autoridades” tem o objetivo do “púlpito da igreja,” de onde o pastor — a autoridade máxima religiosa —, olhando para baixo, para seus paroquianos, faz o seu sermão. É desta posição que ele prega sobre a moral e os bons costumes e sobre os pecados que a população não deve cometer se almeja a salvação eterna. É do alto que ele prega a “severidade do caráter puritano”.<sup>235</sup> A “praça pública,” englobando o “balcão” e “pelourinho,” teria as mesmas funções sociais, políticas e religiosas pregadas pela “igreja” e seu “púlpito,” um espaço seria o espelho do outro, espelho que refletiria uma imagem distorcida da realidade tanto dos que pregam quanto dos que ouvem.

Salem concentra tudo o que oprime e lembra a Hester sua condição de condenada, pois a “praça pública,” as “ruas” se transformam em “palcos” em que sua solidão e repúdio ficam cada vez mais evidentes. Mesmo a “igreja,” que deveria ser um lugar de acolhimento, revela a crueldade de seus paroquianos.<sup>236</sup> Em meio a este turbilhão de “reconhecimento e repúdio,” Hester tem a permissão de habitar uma “casa” — distante, isolada da cidade, na encosta do mar — lugar que se transforma num “refúgio solitário” e sinônimo de uma “vida simples”<sup>237</sup> para ela e a pequena Pearl, mas que também logo atraíu “uma sombra mística de suspeita,”<sup>238</sup> pois ali habitava aquela cujo crime demoraria muito para ser perdoado. A própria localização da casa, “na encosta do mar,”<sup>239</sup> reflete a não inserção total de Hester em Salem, ela habita um lugar “intermediário” entre o “mar” — que possibilitou sua vinda da Inglaterra — e a “cidade” — lugar que demoraria muito para aceitá-la como parte da comunidade. Este significado atribuído ao local onde Hester habitava se explica, pois

Mystics have always traditionally considered the feminine aspect of the universe as a chest, a house or a wall, as well as an enclosed garden. Another

---

<sup>235</sup> Ibid., Cap. 2, p. 43.

<sup>236</sup> Ibid., Caps. 3 e 5, ps. 54 e 75.

<sup>237</sup> VRIES, op. cit., p. 113.

<sup>238</sup> HAWTHORNE, Cap. 5, p. 71-72.

<sup>239</sup> Ibid., Cap. 5, p. 71.



symbolic association is that which equates the house [...] with the repository of all wisdom, that is, tradition itself. [...] The house as a home arouses strong, spontaneous associations with the human body and human thought (or life, in other words), as has been confirmed empirically by psychoanalysts.<sup>240</sup>

Paradoxalmente, para além deste lugar tenebroso e sombrio que é a cidade, temos a “floresta”<sup>241</sup> cujo significado mais marcante é o de proporcionar “liberdade” para Hester, Pearl e Dimmesdale. Sem dúvida não é por acaso que este cenário ocupa quatro capítulos do romance. A floresta se torna o lugar em que é possível expressar o mais íntimo dos pensamentos (a idéia da fuga); de se brincar com os elementos da natureza (como faz Pearl); de se retirar a “letra A” (como faz Hester) e de poder ter um contato mais afetuoso e honesto com Dimmesdale (o qual fica sabendo quem é Chillingworth, tem uma reaproximação com Hester e se aproxima mais de Pearl).

A floresta é o lugar em que tudo se torna possível para os três, o refúgio de luz e esperança, apesar de sua conotação negativa para a comunidade, pois é o lugar onde as “bruxas de Salem se encontrariam com Mistress Hibbins, para suas reuniões noturnas e onde moraria o Homem Negro”.<sup>242</sup> Entretanto, esta alusão ao mistério e à natureza pagã da floresta não diminui sua importância como cenário de um dos momentos mais intensos e importantes dentro da história, pois é aqui que a intimidade entre Hester, Dimmesdale e Pearl se torna possível e concreta. Isto acontece no ambiente da floresta, pois

Within the general symbolism of landscape, forests occupy a notable place, and are often found in myths, legends, and folktales. Forest symbolism is complex, but it is connected at all levels with the symbolism of the female principle or the Great Mother. The forest is the place where vegetable life thrives and luxuriates, free from any control or cultivation. And since its foliage obscures the light of the sun, it is therefore regarded as opposed to the sun's power and as a symbol of the earth. [...] Since the female principle is identified with the unconscious in Man, it follows that the forest is also a symbol of the unconscious. It is for this reason that Jung maintains that the sylvan terror that figure so prominently in children's tales symbolize the perilous aspects of the unconscious, that is, its tendency to devour and obscure the reason. Zimmer stresses that, in contrast to the city, the house and cultivated land, which are all safe areas, the forest harbours all kinds of dangers and demons, enemies and diseases. This is why forests were among

<sup>240</sup> CIRLOT, op. cit., p. 153.

<sup>241</sup> HAWTHORNE, Cap. 16-19, p. 162-189.

<sup>242</sup> Ibid., Cap. 8, p. 102-103.

the first places in nature to be dedicated to the cult of the gods, and why propitiatory offerings were suspended from trees (the tree being, in this case, the equivalent of a sacrificial stake).<sup>243</sup>

A floresta se torna símbolo daquilo que é possível vislumbrar no futuro. É lá que confidências são trocadas e verdades são reveladas. Paradoxalmente, é a floresta “sombria e misteriosa” que se torna um ambiente positivo dentro do romance, e não a cidade, que seria invadida pela luz solar constantemente, onde tudo estaria exposto, e às claras, e onde as pessoas se dizem corretas e não pecadoras. Simbolicamente teríamos aqui representado pelo ambiente da floresta, a revelação do verdadeiro caráter de Hester e Pearl, pois a primeira expressa sua firme e corajosa convicção numa vida melhor e mais plena para os três, longe dali, e a segunda se integra totalmente à natureza e seus elementos. Pearl pertence a este mundo e não ao de Salem. Não é coincidência que muitas vezes se referem a ela como uma “criança-elfo”.

Além da floresta, em que a natureza exibe sua mais plena exuberância, temos em Salem, um outro lugar em que a natureza prodigiosa e decidida de Hester e Pearl também é evidenciada: a “casa” e o “jardim” do Governador Bellingham.<sup>244</sup> Aqui temos a cena em que Hester vai até a casa do Governador — que está reunido com algumas figuras importantes da cidade, entre elas, Dimmesdale e Chillingworth — para pedir para manter a guarda de Pearl, pois soube que havia a possibilidade da menina lhe ser tirada, para ser educada por pessoas mais convenientes, moralmente falando. Pela primeira vez temos Hester expressando seu mais verdadeiro sentimento e convicção de que era perfeitamente capaz de criar e educar a filha, seu pedido é descrito como “selvagem e singular”.<sup>245</sup>

Temos aqui não só o contraste das duas personagens com a austeridade da casa do Governador, mas principalmente o exemplo daquilo que Pearl representa para Hester e a personalidade marcante da criança. Sua vitalidade e força interior são representados pela sua roupa, que lhe dá a aparência de uma “pequena figura [e] visão escarlate”<sup>246</sup> e a torna o alvo de atenção daquele grupo tão poderoso. Sua exuberância

<sup>243</sup> CIRLOT, op. cit., p. 112.

<sup>244</sup> HAWTHORNE, Caps. 7 e 8, p. 88-103.

<sup>245</sup> Ibid., Cap. 8, p. 99.

<sup>246</sup> Ibid., Cap. 8, p. 96.

só pode ser comparada à do jardim onde, coincidentemente, há uma “moita de rosas vermelhas [...] cuja beleza faz com que Pearl implore por uma rosa”.<sup>247</sup> Tal relação pode ser ainda mais explicada se considerarmos o significado simbólico do “jardim,” pois “the garden is the place where nature is subdued, ordered, selected and enclosed. Hence, it is a symbol of consciousness as opposed to the forest, which is the unconscious, in the same way as the island is opposed to the ocean. At the same time it is an attribute because of its character as a precinct. A garden is often the scene of processes of ‘Conjunction’ or treasure-hunts [...]”.<sup>248</sup>

A relação de Pearl com as rosas vermelhas, e o simbolismo que isto implica, fica ainda mais evidente quando ao ser indagada por Mr. Wilson: “quem a havia feito” Pearl responde que: “havia sido colhida por sua mãe na moita de rosas selvagens que brotavam na porta da prisão”.<sup>249</sup> Vemos que a percepção que tem dos fatos, aos três anos de idade, faz com que Pearl se torne a “palavra viva” da consciência de Hester, a criança, por sua natureza não dominada, se torna um veículo de expressão poderoso e, às vezes, inconveniente para o tipo de pensamento da época. Isto fica claro ao verificarmos que a criança é o alvo do pedido consternado de sua mãe e, também, do fascínio daquele grupo de homens tão austeros. A perspicácia de Pearl os deixa boquiabertos e surpresos com tamanha tenacidade. Sua natureza lhes parece não só selvagem, mas, também, com poderes sobrenaturais, os de “uma bruxa”.<sup>250</sup> Daí a natureza incontrolável e mal-entendida de Pearl para a época.

Entretanto, o legado de Pearl está estreitamente ligado ao modo como Hester foi considerada em Salem no início de sua punição. Na primeira vez em que é mencionada, Hester é uma “malfeitora,”<sup>251</sup> pois havia destruído, ou corrompido, a ordem e a moral daquele lugar. Tal julgamento pode ser analisado através do simbolismo de “mulher,” que

In anthropology, woman corresponds to the passive principle of nature. She has three basic aspects: first, as a siren, lamia or monstrous being who

---

<sup>247</sup> Ibid., Cap. 8, p. 94.

<sup>248</sup> CIRLOT, op. cit., p. 115.

<sup>249</sup> HAWTHORNE, Cap. 8, p. 98.

<sup>250</sup> Ibid., Cap. 8, p. 102.

<sup>251</sup> Ibid., Cap. 2, p. 44.

enchants, diverts and entices men away from the path of evolution; second, as the mother, or *Magna mater* (the motherland, the city or mother-nature) related in turn to the formless aspect of the waters and of the unconscious; and third, as the unknown damsel, the beloved or the anima in jungian psychology. In his symbols of transformation, Jung maintains that the ancients saw Woman as either Eve, Helen, Sophia or Mary (corresponding to the impulsive, the emotional, the intellectual, and the moral. [...]) All allegories based upon the personification of Woman invariably retain all the implications of the three basic aspects mentioned above. [...] The Woman is an archetypal image of great complexity in which the decisive factor may be the superimposed symbolic aspects — for example, the superior aspects of woman as Sophia or Mary determine her function as a personification of science or of supreme virtue; and when presented as an image of the anima, she is superior to the man because she is a reflection of the loftiest and purest qualities of the man. In her baser forms as Eve or as Helen — the instinctive and emotional aspects — Woman is on a lower level than the man. It is here, perhaps, that she appears at her most characteristic — a temptress, the *Ewig Weibliche*, who drags everything down with her, and a symbol comparable with the volatile principle in alchemy, signifying all that is transitory, inconsistent, unfaithful and dissembling.<sup>252</sup>

Observamos que Hester personifica estes três aspectos da mulher, pois assim como “Eva e Helena,” ela representa a vilã, aquela que seduz o homem e comete adultério (traindo o marido); neste aspecto ela também personificaria Lilith “o demônio feminino noturno de longos cabelos,”<sup>253</sup> aquela que deve ser contida, pois só traz ruína para os homens; como “Sofia ou Maria,” Hester assume o papel da mãe e

<sup>252</sup> CIRLOT, op. cit., p. 375-376.

<sup>253</sup> De acordo com Barbara KOLTUV, “a maioria dos relatos a respeito de Lilith aparecem no Zohar, o Livro do Esplendor, uma obra cabalística do século XIII, escrita por homens preocupados em acautelar outros homens contra seus poderes. A gravidade de suas palavras, as pesadas correntes de ferro que, aprisionando-a nos amuletos do século VI, pretendiam bani-la e o peso do corpo de Adão a subjugará-la durante o enlace conjugal, constituem o anátema de Lilith. Obrigam-na a fugir. [...] A reivindicação de Lilith por igualdade fundamenta-se no fato de que tanto ela como Adão foram criados do pó da terra; contudo, Lilith se recusa a *ser* mera terra para Adão. Ela quer a liberdade de se mover, de agir, de escolher e de decidir. Essas são as qualidades do ego feminino individualizado à medida que emerge da matéria inerte e passiva. Neumann, em seu ensaio “Psychological Stages of Feminine Development” [In: *Spring*, 1959, p. 77-97], descreve a necessidade e o valor dessas *ações* heróicas por parte da mulher a fim de que se mova da fase de consciência matrimonial e patriarcal para a individuação e para um encontro do ego feminino com o eu feminino. A tradicional forma patriarcal do matrimônio, preferida por Adão, na qual o homem sustenta as qualidades “masculinas” de atividade e domínio, enquanto a mulher sustenta as qualidades “femininas” da dependência e submissão, tem, como resultado, a opressão da mulher e seu encarceramento, impedindo-a de tornar-se ela mesma. Para crescer e se desenvolver psicologicamente, uma mulher precisa integrar as qualidades de liberdade, movimento e instintividade de Lilith. Lilith é aquela qualidade pela qual uma mulher se nega a ser aprisionada num relacionamento. Ela não deseja a igualdade e a uniformidade no sentido de identidade ou fusão, mas os mesmos direitos de se mover, mudar e ser ela própria. (KOLTUV, B. B. **O Livro de Lilith**. São Paulo: Cultrix, 1991, p. 9 e 40-41).

coincidentalmente é relacionada à imagem da “Maternidade Divina,”<sup>254</sup> enquanto exposta no pelourinho segurando o bebê; e como “anima,” Hester representa o aspecto feminino mais profundo em meio àquele universo patriarcal. Sua singularidade, liberdade interior e coragem contrastam firmemente com a vulnerabilidade de Dimmesdale e das demais autoridades masculinas de Salem.

Indo um pouco mais além, também podemos lembrar a semelhança que a história de Hester, enquanto “anima,” tem com “a história de Ester contada de modo completo no Livro de Ester do Antigo Testamento,”<sup>255</sup> pois a Ester bíblica também passa por um “processo de individuação,” quando é inserida num ambiente hostil e masculino; tem que manter o “segredo” de sua verdadeira identidade de hebréia para sobreviver e, no fim impede que seu povo seja exterminado por causa de intrigas e disputas de poder.

Desta forma, Hester representa todos os aspectos que compõem o que há de mais íntimo nas mulheres. Hester não é somente aquela que segue seus instintos, sua emoção, é aquela que defende corajosamente aquilo em que acredita e contradiz os preceitos mais obscuros daquela sociedade ao sobreviver com dignidade à pena que lhe é imputada. Hester é o bode-expiatório,<sup>256</sup> a “estranha” que vem de uma terra distante para trazer à tona o que há de mais perverso no coração daquela comunidade, isto se dá, pois “in myths, legends, folktales and in literature as a whole, ‘stranger’ is frequently ‘the one destined to replace’ the reigning power in a country or locality. He stands for the possibility of unseen change, for the future made present, or for mutation in general”.<sup>257</sup>

---

<sup>254</sup> HAWTHORNE, Cap. 2, p. 49.

<sup>255</sup> “Em resumo, a história começa quando o rei, após vários dias de banquete e bebedeira com seus cortesãos, exige que a rainha apareça nua diante dos homens, para poder gabar-se da posse de sua beleza. Ela se recusa. Ele promove um concurso de beleza para escolher uma nova rainha e Éster, uma mulher hebréia, é escolhida. Seu tio, Mardoqueu, conta-lhe sobre o complô dos eunucos para matar o rei. Éster avisa o rei e este recompensa o tio, elevando-o a uma posição de autoridade. Mardoqueu se recusa a curvar-se diante de todos, o que provoca a ira do vilão Haman, o primeiro-ministro do rei, que então ameaça matar não apenas Mardoqueu, mas todos os judeus. Éster intercede junto ao rei. O vilão é punido, o tio recompensado, as pessoas são salvas e todos vivem felizes para sempre.” (KOLTUV, B. B. **A Tecelã: Ensaio sobre a psicologia feminina extraídos dos diários de uma analista junguiana**. São Paulo: Cultrix, 1992, p.71-77).

<sup>256</sup> HAWTHORNE, Cap. 5, p. 76.

<sup>257</sup> CIRLOT, op. cit., p. 315.

Hester então teria a “missão” de promover a mudança pela qual a comunidade de Salem ansiava inconscientemente. Sua punição e, conseqüentemente, a morte de Dimmesdale, o representante máximo da igreja local e de seus dogmas, representariam a “punição” e a “morte” daquilo que mais oprimia e degenerava o pensamento e o comportamento local: primeiro, o medo do aspecto feminino “estranho” a uma sociedade patriarcal e, segundo, o poder austero e limitador a que a comunidade era submetida. Este papel representado por Hester fica claro se pensarmos no significado de sua volta a Salem, no final, e no fato de se transformar numa “conselheira” e o respeito que lhe é atribuído.

Entretanto, para que Hester pudesse passar por sua provação foi preciso manter sua crença interior escondida dos demais e isto pode ser observado pelo fato dela ser considerada como usando uma “máscara,” ou a “frieza do mármore,”<sup>258</sup> ou a “calma congelada das feições de uma mulher morta,”<sup>259</sup> tal comportamento pode ser explicado se consideramos que:

All transformations are invested with something at once of profound mystery and of the shameful, since anything that is so modified as to become ‘something else’ while still remaining the thing it was, must inevitably be productive of ambiguity and equivocation. Therefore, metamorphoses must be hidden from view — and hence the need for a mask. Secrecy tends towards transfiguration: it helps what-one-is to become what-one-would-like-to-become; and this is what constitutes its magic character.<sup>260</sup>

E a “transformação e metamorfose” pelas quais o espírito de Hester passa naqueles sete longos anos não poderiam ser expostas plenamente. Apesar da tristeza em seu olhar, do peso e do desconforto da “letra A,” e de todos os “ataques,” silenciosos, ou não, que sofria da comunidade,<sup>261</sup> Hester manteve-se firme em sua convicção de liberdade e na manutenção de sua identidade, fato que é constatado na cena da floresta.<sup>262</sup> Usar uma máscara era preciso, pois esta era a única maneira de sobreviver ao caos em que se achava. A “máscara” neste sentido, não é utilizada negativamente para dissimular (como no caso de Chillingworth), mas é utilizada como

<sup>258</sup> HAWTHORNE, Cap. 13, p. 145.

<sup>259</sup> Ibid., Cap. 21, p. 201.

<sup>260</sup> CIRLOT, op. cit., p. 205.

<sup>261</sup> HAWTHORNE, Cap. 5, p. 75-76.

<sup>262</sup> Ibid., Cap. 17, p. 175-176.

proteção e defesa da própria sobrevivência da vida em si. Os estágios de “transformação” pelos quais Hester deve passar são nitidamente marcados pela “perseguição” que sofreu,<sup>263</sup> pela “admiração” subsequente<sup>264</sup> e pela final “aceitação” que tem pela comunidade.<sup>265</sup>

A maneira como conduziu sua atuação e interação com os demais pode ser atestada também pelo fato de que Hester, apesar da condenação, contribui positivamente para com a comunidade. Seu trabalho voluntário para com os enfermos e moribundos pode ser entendido como uma espécie de penitência, mas também como o ato de um ser humano, que apesar das adversidades, sabe como doar conforto para aqueles que necessitam.<sup>266</sup> Além disso, seu trabalho como costureira e bordadeira tem um significado que vai além da mera subsistência material, pois o trabalho manual está estreitamente ligado ao simbolismo das “mãos” as quais, entre outras coisas, são interpretadas como: “1. força, poder (de Deus e da Providência) [...] 3.b. generosidade divina, hospitalidade [...] 6. manifestação, ação, doação; 7.a. um voto de fé, uma bênção, proteção, perseverança, harmonia e inocência”.<sup>267</sup>

Podemos apreender deste simbolismo que, apesar de não concordar com as normas daquela sociedade, Hester não deixou de ajudá-la e ampará-la nos momentos em que necessitava dela, fato que mostra como estava além dos ditames morais, religiosos e sociais da época. Além disso, por trabalhar com as mãos, manter a ela e à filha com sua arte, além de servir àqueles que a condenaram, é revelada uma outra faceta do aspecto feminino que faltava em Salem, pois um dos significados simbólicos da “agulha” está estreitamente ligado ao “feminino,”<sup>268</sup> daí a importância que seu trabalho tem na comunidade e no papel como mulher que desempenha nela. Vemos que o tipo de trabalho que exerceu a preparou para aquilo que viria a ser: uma “guia,

---

<sup>263</sup> Ibid., Cap. 5, p. 75.

<sup>264</sup> Ibid., Cap. 13, p. 142-143.

<sup>265</sup> Ibid., Cap. 24, p. 233.

<sup>266</sup> Ibid., Cap. 5, p. 74.

<sup>267</sup> VRIES, op. cit., p. 235-236.

<sup>268</sup> Ibid., p. 339.

conselheira”<sup>269</sup> para a comunidade. A “missão de Hester” se completa e a “letra A” deixa enfim de ser um estigma.

Mas a trajetória de Hester também é marcada pela existência de um “segredo,” ou segredos, pois, temos primeiro o segredo da paternidade de Pearl<sup>270</sup> e, segundo, o segredo da identidade de Chillingworth<sup>271</sup> que é enfatizado pelas ameaças dele.<sup>272</sup> A importância de um segredo na trajetória mítica explica-se, pois

All secrets symbolize the power of the supernatural, and this explains their disquieting effect upon most human beings. Jung is emphatic about this, pointing out that, for the same reason, it is very helpful for the individual so affected to unburden himself of his secrets. On the other hand, the ability to master this state of tension within oneself confers an awareness of unfailing superiority — a sensation which is common in individuals who live outside the law and in spite of and privy counsellors to kings and magnates.<sup>273</sup>

Ao longo do romance vemos que os segredos a serem mantidos, voluntária ou involuntariamente, colaboram para que as provações por que Hester passa sejam concretizadas. Por sete longos anos Hester protege a identidade de Dimmesdale para que sua integridade seja mantida. Por outro lado, Dimmesdale se mortifica por não ter a coragem de se juntar a Hester e Pearl no pelourinho, fato que o leva a uma auto-flagelação e estado emocional doentio. Além deste fardo, Hester ainda sofre as investidas e ameaças de Chillingworth, o marido traído que não quer ter sua identidade revelada.<sup>274</sup>

Entretanto o propósito de Chillingworth vai além da preocupação com sua reputação, manter-se incógnito significa ter acesso a todos os habitantes da cidade e, principalmente, àquele que é cúmplice no adultério, intenção que fica clara quando começa a observar o comportamento excêntrico de Dimmesdale.<sup>275</sup> Portanto, os segredos mantidos tornam a trajetória de Hester ainda mais pesada e cheia de percalços e isto só termina com a revelação e morte de Dimmesdale.<sup>276</sup>

<sup>269</sup> HAWTHORNE, Cap. 24, p. 233.

<sup>270</sup> Ibid., Cap. 3, p. 60-61.

<sup>271</sup> Ibid., Cap. 4, p. 67.

<sup>272</sup> Ibid., Cap. 4, p. 67 e Cap. 14, p. 151.

<sup>273</sup> CIRLOT, op. cit., p. 282.

<sup>274</sup> HAWTHORNE, Cap. 4, p. 67.

<sup>275</sup> Ibid., Cap. 9-10, p. 104-122.

<sup>276</sup> Ibid., Cap. 23, p. 220-228.



Os “personagens” que estão estreitamente ligados à Hester, assim como o simbolismo representado por eles, também determinam o propósito e as características intrínsecas de sua trajetória. Em primeiro lugar devemos falar sobre a pequena notável e admirável “Pearl,” a criança que é, ao mesmo tempo, a recompensa e o exemplo vivo da punição de sua mãe. O significado de seu nome já é indicado pelo fato de ser considerada por Hester: “Sua Pearl!,” pois a menina “valia muito — e havia sido comprada com tudo o que possuía—era o único tesouro de sua mãe”.<sup>277</sup>

“Pearl,” como extensamente descrita no Capítulo 6, intitulado “Pearl”<sup>278</sup> é caracterizada como uma criança com uma “natureza em expansão” e com um aspecto que era “imbuído com uma infinita variedade”. A beleza da criança é inigualável e sua personalidade também, pois Hester, conforme o bebê ia se desenvolvendo, cada vez mais se perguntava se Pearl era “uma criança humana,” pois seu olhar selvagem, sua risada, suas brincadeiras solitárias, ora amáveis e ora agressivas, e o modo como ia se afirmando no mundo mostravam um espírito livre, que não se adaptava ou seguia a regras. Esta não conformidade com o usual ou o correto pode ser explicada se observarmos que simbolicamente, a “pérola” representa:

One of the eight ‘common emblems’ of Chinese tradition. It symbolizes ‘genius in obscurity’ doubtless after the rather less categorical observation of Lao-tse that, ‘Hence, the chosen one wears coarse garments, but in his breast he hides a precious stone’ — by allusion to the pearl hidden inside its oyster. Because of all this, psychoanalysts have recognized that the function of the pearl is to represent the mystic Centre and sublimation (seen here as the transfiguration of an infirmity, or of some abnormality). The Moslems often have recourse to the pearl as a symbol of heaven, since their belief is that the blessed are enclosed in a pearl, each one with his houri; there is an obvious connexion here with Plato’s androgynous ‘spherical man’ who is both primordial and final. They also believe — and this confirms the parallel with the Platonic spherical man — that the pearl is the product of the ‘conjunction’ of fire and water. It has also been identified as the human soul.<sup>279</sup>

Assim a criança, nascida do pecado, representaria o “centro místico e a sublimação” de tal pecado, o elemento de redenção para a vida destruída da mãe. A alusão ao mistério que envolve a natureza “élfica” de Pearl também corrobora tal

---

<sup>277</sup> Ibid., Cap. 6, p. 78.

<sup>278</sup> Ibid., Cap. 6, p. 78-87.

<sup>279</sup> CIRLOT, op. cit., p. 251.

interpretação, pois a criança não só tinha uma relação íntima e natural com os elementos da natureza, como “ramos, trapos e flores,”<sup>280</sup> mas também é considerada como exercendo sua própria “bruxaria,”<sup>281</sup> daí o elemento sobrenatural em sua existência.

Embora Pearl seja comparada a uma “bruxa” ao longo da história, sabemos que na época em que esta se desenvolve, as bruxas eram consideradas elementos pagãos que não se adequavam aos dogmas da religião puritana. Mas devemos nos lembrar que apesar desta denominação sofrer uma interpretação pejorativa, “a palavra *witch* (bruxa em inglês) deriva do termo *wit*, que significa sábio”<sup>282</sup> o que confere a Pearl uma “sabedoria” exacerbada, baseada no instinto e no conhecimento profundo da alma humana que isto lhe confere,<sup>283</sup> daí sua natureza livre de preconceitos puritanos, seus questionamentos e comentários desconcertantes e da aversão que demonstra pelos habitantes de Salem e por Chillingworth.

Esta natureza arrebatadora de Pearl, também se apresentava através de seu “olhar peculiar” e sagaz, que exprimia “inteligência, perversão e malícia.”<sup>284</sup> Traços que faziam com que sua mãe duvidasse de sua natureza angelical e se perguntasse se havia na criança, nascida do pecado, um sinal de maldade, principalmente quando Pearl encarava a letra escarlata em seu peito, pois esta “foi a primeira coisa que ela havia notado em sua vida”.<sup>285</sup> Assim, o universo de Pearl compreendia aquele da mãe, mas através de uma perspectiva diferente, através de um olhar que nada duvidava, temia ou rejeitava — a não ser as outras crianças da comunidade, com as quais Pearl não podia brincar por ser um ser “rejeitado,” como a mãe, “um emblema e produto do pecado”.<sup>286</sup>

Entretanto, a natureza livre e despreendida de Pearl não a deixava se intimidar pelas circunstâncias. Sua vivacidade, beleza e inteligência eram a contraparte da figura

<sup>280</sup> HAWTHORNE, Cap. 6, p. 83.

<sup>281</sup> Ibid., Cap. 6, p. 83.

<sup>282</sup> ESTÊS, C. P. **Mulheres que Correm com os Lobos: Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 122.

<sup>283</sup> HAWTHORNE, Cap. 6, p. 82.

<sup>284</sup> Ibid., Cap. 6, p. 80.

<sup>285</sup> Ibid., Cap. 6, p. 84.

<sup>286</sup> Ibid., Cap. 6, p. 82.

sóbria e triste em que Hester havia se tornado. Podemos dizer que Pearl era a contraparte externa da personalidade de Hester. Era a exuberância escondida pelo vestido simples e ofuscada pela “letra A” que Hester era obrigada usar. Isto pode ser observado não só na conduta da menina, mas também no modo e no “propósito mórbido” com que a mãe a vestia, rica e de forma elaborada.<sup>287</sup> Fato que comprova a observação de Lao-tse, de que: “o escolhido veste roupas simples, mas em seu coração esconde uma pedra preciosa,” neste caso, uma “pérola escondida dentro de sua própria ostra”. Aqui, Pearl também pode ser associada ao “mito gnóstico da pérola da individualidade que é recuperada das profundezas [por um dragão]”.<sup>288</sup>

Se observarmos também o modo exuberante como Hester vestia Pearl, que certa vez chegou a parecer “a letra escarlata em outra forma; a letra escarlata dotada de vida,”<sup>289</sup> podemos dizer que há aqui um traço daquilo que a criança representava naquela comunidade, pois as roupas de Pearl, confeccionadas com tecidos maravilhosos e bordadas com muito esmero, destoavam totalmente da rigidez, sobriedade e austeridade<sup>290</sup> com que os puritanos se vestiam. Fato que mostra como a “roupa” de Pearl traduz a expressividade e luminosidade de seu espírito.

Isto pode ser explicado se considerarmos o simbolismo que as “roupas” exprimem, pois elas podem “refletir o interior de uma pessoa; um novo modo de vida superimposto sobre um antigo; roupas coloridas demonstram um conhecimento diversificado e amplo; é o atributo de um Espírito Livre,”<sup>291</sup> como é o caso de Pearl. Por outro lado, as roupas também podem representar “humildade: o herói, ou heroína freqüentemente aparece disfarçado em roupas humildes; [é um modo de] mostrar penitência,”<sup>292</sup> como no caso de Hester. Temos assim três características marcantes no vestuário descrito no romance: a austeridade dos puritanos, a humildade e penitência de Hester, a exuberância de Pearl, o espírito que vem para transformar e trazer luz para aquela escuridão.

---

<sup>287</sup> Ibid., Cap. 6, p. 79.

<sup>288</sup> KOLTUV, op.cit., p. 28.

<sup>289</sup> Ibid., Cap. 7, p. 89.

<sup>290</sup> Ibid., Cap. 1, pgs. 41 e 43.

<sup>291</sup> VRIES, op. cit., p. 209-210.

<sup>292</sup> Ibid., p. 209-210.

Isto é enfatizado pelo fato de que Pearl, em sua plenitude, tem como responsabilidade trazer a tona os elementos inconscientes com os quais a mãe tem que lidar em sua trajetória mística, pois a “criança” é:

A symbol of the future, as opposed to the old man who signifies the past; but the child is also symbolic of that stage of life when the old man, transformed, acquires a new simplicity [...]. Hence the conception of the child as symbolic of the ‘mystic Centre’ and as the ‘youthful, re-awakening force’. In Christian iconography, children often appear as angels; on the aesthetic plane they are found as *putti* in Baroque grotesque and ornamentations; and in traditional symbology they are dwarfs or Cabiri. In every case, Jung argues, they symbolize formative forces of the unconscious of a beneficent and protective kind. Psychologically speaking, the child is of the soul — the product of the *coniunctio* between the unconscious and consciousness: one dreams of a child when some great spiritual change is about to take place under favourable circumstances. The mystic child who solves riddles and teaches wisdom is an archetypal figure having the same significance, but on the mythic plane of the general and collective, and is an aspect of the heroic child who liberates the world from monsters. In alchemy, the child wearing a crown or regal garments is a symbol of the philosopher’s stone, that is, of the supreme realization of mystic identification with the ‘god within us’ and with the eternal.<sup>293</sup>

Desta forma, Pearl significa a realização do “futuro,” da nova vida que deve nascer em Hester e nasce em meio ao caos. “A criança simboliza forças formativas boas e protetoras do inconsciente. Psicologicamente falando, a criança pertence à alma — é o produto do *coniunctio* entre o inconsciente e o consciente,” e isto está estreitamente ligado ao papel que Pearl desempenha na vida da mãe. Em relação à sociedade como um todo, Pearl é a “criança mística que interpreta charadas [sua percepção e intuição fazem com que queira saber o que a “letra A” representa, primeiro com o olhar<sup>294</sup> e, depois, em palavras<sup>295</sup> e, também, por que o pastor vive com a mão no peito<sup>296</sup>]; e ensina sabedoria [como no encontro com as autoridades na casa do Governador Bellingham<sup>297</sup>]; e é a criança heróica que libera o mundo de monstros,” neste caso, a ignorância e a degeneração que representam o pensamento puritano, principalmente no que diz respeito à mulher.

<sup>293</sup> CIRLOT, op. cit., p. 45-46.

<sup>294</sup> HAWTHORNE, Cap. 6, p. 85.

<sup>295</sup> Ibid., Cap. 15, p. 158.

<sup>296</sup> Ibid., Cap. 15, p. 160.

<sup>297</sup> Ibid., Cap. 8, p. 95-103.

Também temos mais exemplos marcantes da personalidade de Pearl: quando mostra sua intuição com relação a Chillingworth e o compara ao “Homem Negro;”<sup>298</sup> na cena do mar, em que brinca com os elementos que encontra na praia e faz uma “letra A” verde, com algas, a qual coloca no peito e mostra à mãe;<sup>299</sup> nas “cenas da floresta”<sup>300</sup> em que Pearl se encontra em seu elemento e brinca com a natureza como se ela fosse uma “criança amiga” e nas “cenas do feriado e da procissão;”<sup>301</sup> onde se encontra outra vez em meio à multidão com sua mãe.

Mas é quando se encontra na “floresta” que Pearl aparece caracterizada em sua plenitude e liberdade interior, pois aqui há elementos que denotam com muita intensidade a natureza de Pearl e o que ela representa no romance: na floresta Pearl é descrita como uma “criança-ninfa”<sup>302</sup> e, uma “ninfa,” representa “uma sacerdotisa da Grande Deusa que ajuda em nascimentos e fertilidade; [representa] dissolução e morte; [e de acordo com Jung] uma expressão independente e fragmentaria do caráter feminino do inconsciente”.<sup>303</sup> Aqui, a floresta, apesar de sua sobriedade, oferece à pequena Pearl as “amoras” que são frutas que representam, entre outras coisas, “amizade; imortalidade e conhecimento”<sup>304</sup> qualidades que estão estreitamente ligadas ao “novo” conhecimento que Pearl traz para Salem.

Além de apreciar o “sabor silvestre” das frutas, Pearl também pode brincar com os “animais” que ali se encontram: uma “perdiz” que simbolicamente “é sagrada para a Grande Deusa; é ligada ao bode-expiatório e também é uma ave migratória;”<sup>305</sup> características que denotam a natureza sagrada daquilo que Pearl simboliza na vida de Hester e a qualidade de “perseguida” dentro da sociedade que esta vem a ter depois de “migrar” para Salem”. Há também o “pombo” que “como todo animal que tem asas simboliza espiritualização; espíritos ou anjos ou ajuda sobrenatural (de acordo com

---

<sup>298</sup> Ibid., Cap. 10, p. 109.

<sup>299</sup> Ibid., Cap. 15, p. 155-161.

<sup>300</sup> Ibid., Caps. 16-19.

<sup>301</sup> Ibid., Caps. 21 e 22.

<sup>302</sup> Ibid., Cap. 18, p. 182.

<sup>303</sup> VRIES, op. cit., p. 345-346.

<sup>304</sup> Ibid., p. 45.

<sup>305</sup> Ibid., p. 359.

Jung); conhecimento puro, livre e não condicionado; a alma,<sup>306</sup> qualidades que estão de acordo com a espiritualidade representada por Pearl e o auxílio que traz para sua mãe e os habitantes de Salem; o “esquilo” que simboliza: “brincadeira; um mensageiro; providência; coragem; luta com graça e inteligência; imparcialidade,”<sup>307</sup> fatores que marcam a natureza decidida e destemida de Pearl; a “raposa” que é conhecida por sua “sagacidade; vida solitária e capacidade para desbravar um caminho,” fatos que também são pertinentes na vida de Pearl; o “lobo” que tem uma “natureza não domesticada; é sagrado para a Grande Deusa; proteção; rapidez,”<sup>308</sup> elementos que também estão presentes na natureza de Pearl.

Enquanto brincava com os animais selvagens, que pertenciam à “floresta-mãe,”<sup>309</sup> Pearl também se adornou com suas “flores,” que podem representar simbolicamente, “nascimento; regeneração; vitória; amor; equilíbrio; justiça”.<sup>310</sup> As flores apanhadas por Pearl foram: as “violetas” que representam a “renovação da primavera; amor; fidelidade; constância; vida simples; modéstia; segredo,”<sup>311</sup> as “anêmonas” que podem simbolizar “expectativa; dor (pela morte) e têm as cores da Grande Deusa (branca com veios vermelhos) e as “colombinas” que são “flores que representam o presente do Espírito Santo; humildade e amor”.<sup>312</sup>

Desta forma, as flores com que Pearl se enfeitou representariam o que aquele momento em especial significava para ela, Hester e Dimmesdale, pois enquanto Pearl brincava com os elementos da floresta, Hester tentava convencer Dimmesdale de “fugir” dali. Entretanto o futuro lhes reservava uma experiência mais sombria. Os “animais” nos falam de tenacidade e coragem enquanto que as “flores” nos lembram o amor, a fidelidade, as expectativas e as conseqüências daquele encontro na floresta, tudo isto nos é apresentado através da inocência de Pearl e da espiritualidade que representa na vida das pessoas.

---

<sup>306</sup> CIRLOT, op. cit., p. 26.

<sup>307</sup> VRIES, op. cit., p. 438.

<sup>308</sup> Ibid., p. 505-506.

<sup>309</sup> HAWTHORNE, Cap. 18, p. 182.

<sup>310</sup> VRIES, op. cit., p. 194.

<sup>311</sup> Ibid., p. 488.

<sup>312</sup> Ibid., p. 108.

Esta espiritualidade e sua significância nos destinos das personagens é enfatizada, principalmente, quando, na cena da revelação da culpa de Dimmesdale, “Pearl beija seus lábios e quebra o encanto” antes que ele venha a falecer.<sup>313</sup> Além disso, as lágrimas que Pearl derrama sobre seu pai naquele momento “eram o apelo de que ela cresceria entre a alegria e o sofrimento humanos, e que não teria que lutar para sempre no mundo, mas ser uma mulher dentro dele”.<sup>314</sup>

Em contraste com a espiritualidade e a luz de Pearl temos então a racionalidade e a escuridão representadas por “Roger Chillingworth,” que também marca a oposição entre o “velho” e o “novo” dentro do romance. Entretanto, apesar de Chillingworth possuir as características simbólicas do “velho,” ele não as usa de forma positiva, pois

In the Cabala, the Old Man is the symbol of the occult principle (like the holy or silver palace). In the modern study of symbols, the Old man is regarded as the personification of the age-old wisdom of humanity, or of the collective unconscious. [...] According to Jung, the Old Man, particularly when invested with special powers or prestige, is the symbol of the ‘mana’ personality, i.e. the spirituality of the personality which emerges when consciousness is overburdened with clarified, apprehended and assimilated matter welling up from the unconscious.<sup>315</sup>

Isto se dá por ele utilizar sua “sabedoria” e conhecimentos científicos em próprio benefício e ocultar sua verdadeira identidade para que possa usufruir o status que sua condição de médico lhe dá em Salem e para que possa “destruir” aquele que seria o cúmplice de Hester no adultério. Além disso, Chillingworth pode também ser interpretado como a contraparte individual daquela sociedade, o que havia de mais perverso no “inconsciente coletivo” da comunidade, pois sua perseguição a Hester e Dimmesdale pode ser comparada à perseguição que a comunidade toda oferece a Hester, em particular.

Portanto a “espiritualidade que emerge do inconsciente” que ele deveria transmitir à comunidade, sendo um indivíduo mais velho e experiente, é transformada em propósitos negros e destruidores. Chillingworth se apresenta como um

---

<sup>313</sup> HAWTHORNE, Cap. 23, p. 227.

<sup>314</sup> Ibid., Cap. 23, p. 227.

<sup>315</sup> CIRLOT, op. cit., p. 243.

“estranho”<sup>316</sup> e como tal permanece até sua morte. Sua vida é marcada pela vingança — produzida pela traição — e pelo desejo de destruir Dimmesdale física, emocional e psicologicamente.

A personalidade maquiavélica de Chillingworth é descrita de várias formas, mas podemos dizer que a mais significativa e reveladora é a maneira como é denominado: *the leech* (“sanguessuga”).<sup>317</sup> Tal apelido se torna adequado, pois “sanguessuga” representa “avareza; inclemência; aquele que tem duas línguas: o símbolo para pessoas que impressionam os iletrados com grandes palavras”<sup>318</sup> e Chillingworth utiliza tais atributos de forma contundente. Ao obrigar Hester a manter o segredo de sua identidade e ao conseguir aproximar-se de Dimmesdale, por causa de sua condição de médico, literato e cientista, faz com que ele “sugue,” literalmente, a energia e a vitalidade destes dois personagens. Inclusive seu nome denota esta personalidade baixa, pois “Chillingworth” é composto pela palavra *chilling* que alude à *shilling*<sup>319</sup> — a moeda que equivalia a 1/20 de uma libra esterlina atual — e, do verbo (*to be*) *worth* — que significa “valer”. Portanto, podemos inferir que o portador de tal nome “vale” tanto quanto o valor monetário ao qual corresponde.

Entretanto o quadro pintado para compor este ilustre cientista torna-se cada vez mais sombrio, pois por ter passado algum tempo como “andarilho e ter vivido com o povo selvagem” após o naufrágio que sofreu,<sup>320</sup> Chillingworth adquire o conhecimento do uso de “ervas” que “também são relacionadas à idéia de forças naturais, tanto boas quanto ruins,”<sup>321</sup> daí a conotação negativa que temos quando oferece o remédio para acalmar Pearl, ainda bebê na prisão;<sup>322</sup> ele é comparado ao “Homem Negro da floresta” por Hester,<sup>323</sup> e em suas andanças para colher ervas,<sup>324</sup> ervas que, no

<sup>316</sup> HAWTHORNE, Cap. 3, p. 54.

<sup>317</sup> Ibid., Caps. 9 e 10, p. 104-122.

<sup>318</sup> VRIES, op. cit., p. 294.

<sup>319</sup> “The **shilling** (or informally: bob) was an English coin first issued in 1548 for Henry VIII, although arguable the testoon issued about 1487 for Henry VII was the first English shilling. These English issues were preceded by Scots coins, groats valued at twelvepence, issued in the reign of James III. (Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/Shilling>> Acesso em 21 mar. 2006).

<sup>320</sup> HAWTHORNE, Cap. 3, p. 54.

<sup>321</sup> CIRLOT, op. cit., p. 144.

<sup>322</sup> HAWTHORNE, Cap. 4, p. 63.

<sup>323</sup> Ibid., Cap. 4, p. 68.



pensamento de Hester poderiam ser “venenosas” ou “tornarem-se perniciosas e malignas” apenas com o contato daquele homem.<sup>325</sup>

Mas o conhecimento de Chillingworth é ainda complementado pelo poder da “alquimia,” pois

It was essentially a symbolic process involving the endeavour to make gold, regarded as the symbol of illumination and salvation. The four stages of the process were signified by different colours, as follows: black (guilt, origin, latent forces) for ‘prime matter’ (a symbol of the soul in its original condition; white (minor work, first transmutation, quicksilver); red (sulphur, passion); and, finally, gold. Piobb analyses the symbolic meaning of the various operations. The first, known as *calcination*, stood for the ‘death of the profane’, i.e. the extinction of all interest in life and in the manifest world; second, *putrefaction*, was a consequence of the first, consisting of the separation of the destroyed remains; *solution*, the third, denoted the purification of matter; *distillation*, the fourth, was the ‘rain’ of purified matter, i.e. of the elements of salvation isolated by the preceding operations; fifthly, *conjunction* symbolized the joining of opposites (the *coincidentia oppositorum*, identified by Jung with the close union, in man, of the male principle of consciousness with the female principle of the unconscious); *sublimation*, the sixth stage, symbolized the suffering resulting from the mystic detachment from the world and the dedication to spiritual striving. [...] The final stage is *philosophic congelation*, i.e. the binding together inseparably of the fixed and the volatile principles (the male/invariable with the female/’salved’ variable). Alchemical evolution is epitomized, then, in the formula *Solve et Coagula* (that is to say: ‘analyse all the elements in yourself, dissolve all that is inferior in you, even though you may break in doing so; then, with the strength acquired from the preceding operation, congeal’). In addition to this specific symbolism, alchemy may be seen as the pattern of all other work. It shows that virtues are exercised in every kind of activity, even the humblest, and that the soul is strengthened, and the individual develops. Evola (*Tradizione Ermetica*) writes: ‘our Work is the conversion and change of one being into another being, one thing into another thing, weakness into strength, bodily into spiritual nature. . . .’ On the subject of the hermaphrodite, Eugenio d’Ors (*Introduction a la vida angélica*) writes: ‘That which failed to “become two in one flesh” (love) will succeed in “becoming two in one spirit” (individuation).’<sup>326</sup>

É importante considerarmos a razão pela qual o “processo alquímico” é apresentado através da personagem de Chillingworth. Este é o primeiro agente da “queda” de Hester, pois tendo induzido-a, de certa forma, a se casar com ele, um homem muito mais velho, Chillingworth a introduz numa vida de frustrações pessoais

---

<sup>324</sup> Ibid., Cap. 14, p. 149-154.

<sup>325</sup> Ibid., Cap. 15, p. 155.

<sup>326</sup> CIRLOT, op. cit., p. 6-8.

e de busca de uma saída para isto.<sup>327</sup> Portanto, ele não só dá início a este processo alquímico na vida de Hester (ainda na Inglaterra), como contribui, direta e indiretamente, para que o processo se desenvolva em Salem. Seu reaparecimento, as ameaças que faz a Hester e seu companheiro no adultério, o segredo que a obriga a manter e sua “observação” de Dimmesdale e pressão psicológica, fazem com que o processo alquímico se concretize (talvez da pior maneira possível, podemos dizer) e finalize, conseqüentemente, com a confissão de Dimmesdale, com a morte deste, seguida da morte de Chillingworth, que doou seus bens para Pearl e, finalmente, com a liberdade de Hester.

Na trajetória de Hester, percebemos a presença dos “quatro estágios” do processo alquímico e suas respectivas “cores”: 1º “preto (origem)”: a ligação de Chillingworth a Hester através de um casamento inapropriado; 2º “branco (primeira transmutação)”: a ida de Hester para Salem sozinha; 3º “vermelho (paixão)”: o envolvimento de Hester com Dimmesdale, sua condenação; 4º “dourado (salvação)”: o nascimento de Pearl e a liberação de Hester de sua condenação.

Além disso, o processo alquímico pelo qual Hester passa, também pode ser identificado através dos seguintes “estágios simbólicos”: 1º *calcination* – condenação; “morte” para a vida como era conhecida até o momento da descoberta do adultério; 2º *putrefaction* – imputação e execução da pena: exclusão de Hester da sociedade e o uso constante da “letra A;” 3º *solution* – purificação do pecado (adultério) através da pena e do reencontro com Chillingworth; 4º *distillation* – “chuva de matéria purificada” representada pela pureza de Pearl (que significa a luz na vida de Hester) e a dignidade do trabalho que Hester presta a comunidade; 5º *conjuntion* – o encontro na floresta, o plano de fuga e a confirmação do amor que existe entre Hester e Dimmesdale; 6º *sublimation* – a confissão de Dimmesdale, a libertação de Hester e seu subsequente retorno a Salem por livre e espontânea vontade e, finalmente, 7º *philosophic congelation* – Hester cumpre sua missão para com a comunidade, morre e é enterrada ao lado de Dimmesdale.

---

<sup>327</sup> HAWTHORNE, Cap. 2, p. 51.

Chillingworth, então, é o mensageiro negro, a “sombra” que é encarregada de trazer transformação para a vida de Hester. O envolvimento afetivo e posterior destruição emocional praticada por Chillingworth representam os dois pólos desta relação: por um lado, no início, ele atrai a luz que havia na mocidade de Hester para sua vida e, por outro, no final, oferece a sombra de sua personalidade destruidora e doentia. Isto se explica, pois “as the sun is the light of the spirit, so shadow is the negative ‘double’ of the body, or the image of its evil and base side. Among the primitive peoples, the notion that the shadow is the alter ego or soul is firmly established; it is also reflected in the folklore and literature of some advanced cultures. [...] ‘Shadow’ is the term given by Jung to the primitive and instinctive side of the individual”.<sup>328</sup>

Chillingworth, que havia se tornado “uma figura velha e deformada”<sup>329</sup> traz em si as marcas de um espírito perturbado e sofredor, que não soube aproveitar construtivamente a sabedoria que seus anos de estudo e de vida lhe proporcionaram. Seu desejo de destruição acaba por virar-se contra ele, pois logo após a morte de Dimmesdale, também vem a falecer.<sup>330</sup> O propósito e o alvo de sua vingança já não existia mais. Podemos dizer que seu único ato de benevolência foi ter deixado uma herança para Pearl, transformando-a na “herdeira mais rica da época, no Novo Mundo,”<sup>331</sup> fato que comprova que seu propósito, após saber do adultério era, única e exclusivamente, perseguir e molestar psicológica e emocionalmente o pai da criança.

Passamos assim ao “Reverendo Arthur Dimmesdale” que era o “companheiro de pecado e de sofrimento”<sup>332</sup> de Hester. O pastor nos é apresentado como um “jovem inglês, estudioso e que havia trazido o conhecimento da época para aquela terra selvagem”.<sup>333</sup> Sua popularidade era incontestável, pois seus paroquianos o consideravam como um “anjo” cuja “voz tremulantemente doce, rica, profunda, e

---

<sup>328</sup> CIRLOT, op. cit., p. 291.

<sup>329</sup> HAWTHORNE, Cap. 15, p. 155.

<sup>330</sup> Ibid., Cap. 24, p. 231.

<sup>331</sup> Ibid., Cap. 24, p. 231.

<sup>332</sup> Ibid., Cap. 3, p. 59.

<sup>333</sup> Ibid., Cap. 3, p. 58.

quebrada,<sup>334</sup> adicionada à sua maneira “simples e de criança”<sup>335</sup> os fazia ascender aos céus e ter suas vidas guiadas com a mais precisa decência e encantamento.

Entretanto sabemos que o pastor, mesmo mantendo sua posição social e religiosa inabalável depois da punição de Hester, não consegue manter, na intimidade, a força e tranqüilidade que transmite aos seus seguidores de fé. “Agora, ele raramente olhava diretamente para qualquer objeto, humano ou não,<sup>336</sup> e sua falta de intuição, e atenção, não permitiu perceber que estava sendo observado de perto por seu pior inimigo. O comportamento doentio promovido pela culpa que carregava foi se desenvolvendo até que Chillingworth começa a pressioná-lo para que lhe conte sobre a “ferida ou problema que há em sua alma,<sup>337</sup> pedido que desencadeia em Dimmesdale seu primeiro comportamento agressivo e passional, fato que comprova que havia cometido “algo selvagem [...] na paixão ardente de seu coração”.<sup>338</sup>

Mas a auto-tortura e a fraqueza emocional e física de Dimmesdale são atestadas quando Chillingworth descobre, sorrateiramente, a marca que o pastor escondia em seu peito.<sup>339</sup> Daí em diante a perseguição psicológica e emocional tornou-se cada vez mais incisiva e destruidora. O desenvolvimento da aflição de Dimmesdale se dá através de duas forças opostas: por um lado temos a pressão imposta pelas “charadas” de Chillingworth,<sup>340</sup> sua maneira de manipular palavras e pensamentos para colocar o pastor em armadilhas intelectuais é dramática; por outro, temos a agonia de Dimmesdale que o torna cada vez mais consciente da “mentira”<sup>341</sup> que representa para seus paroquianos.

A auto-flagelação de Dimmesdale seguia os moldes e costumes de rituais religiosos puritanos tradicionais: “a chibata, o jejum, vigílias,<sup>342</sup> além da marca em seu peito, atos que por mais que fossem praticados, não conseguiam “purificá-lo”. Seu

---

<sup>334</sup> Ibid., Cap. 3, p. 59.

<sup>335</sup> Ibid., Cap. 3, p. 58.

<sup>336</sup> Ibid., Cap. 10, p. 115.

<sup>337</sup> Ibid., Cap. 10, p. 120.

<sup>338</sup> Ibid., Cap. 10, p. 121.

<sup>339</sup> Ibid., Cap. 10, p. 122.

<sup>340</sup> Ibid., Cap. 10, p. 120.

<sup>341</sup> Ibid., Cap. 11, p. 127.

<sup>342</sup> Ibid., Cap. 11, p. 128.

tormento diário o acompanhava, “caminhando na sombra de um sonho,”<sup>343</sup> e seu crescente desespero fez com que “sete anos”<sup>344</sup> após a punição de Hester, enquanto a cidade dormia, Dimmesdale subisse ao pelourinho e fizesse uma “vigília”.<sup>345</sup>

Temos aqui não só o ápice da auto-punição de Dimmesdale, mas também o primeiro encontro íntimo entre ele, Hester e Pearl,<sup>346</sup> encontro que ocorreria novamente na floresta<sup>347</sup> e no dia de sua morte.<sup>348</sup> Em tais momentos, temos o fechamento do halo espiritual que os unia, além da exposição daquilo que há em seus corações, são momentos carregados de verdade, ternura e cumplicidade, mas sobre os quais a sombra do pecado ainda pairava.

Entretanto o aspecto mais incisivo da personalidade de Dimmesdale pode ser apreendido logo após seu encontro com Hester e Pearl na floresta. Imbuído de energia renovada e fortalecido pelos planos de fuga, Dimmesdale avalia a transformação que sofreu na floresta e as conseqüências disto, fato que é enfatizado quando “queima o Sermão da Eleição que havia iniciado e começa a reescrever outro,” em seu novo espírito.<sup>349</sup> É neste sermão que a importância política e religiosa de Dimmesdale fica explícita, a responsabilidade intelectual que tem e que deve expressar para seus paroquianos.

Mas é durante a “procissão” das autoridades<sup>350</sup> que os sinais de uma verdadeira mudança em Dimmesdale são identificados por Hester e Pearl. Seu comportamento “distante e intangível”<sup>351</sup> faz com que Hester perceba que a conversa na floresta tinha sido em vão. Dimmesdale, por sua formação religiosa puritana, não conseguiria simplesmente “fugir;” seu intelecto, sua devoção, a importância social, política e religiosa que lhe impunha o cargo, não o deixariam renunciar à sua revelação e conseqüente punição — a morte.

---

<sup>343</sup> Ibid., Cap. 12, p. 130.

<sup>344</sup> Ibid., Cap. 12, p. 130.

<sup>345</sup> Ibid., Cap. 12, p. 130-139.

<sup>346</sup> Ibid., Cap. 12, p. 134-139.

<sup>347</sup> Ibid., Caps. 17-19, p. 168-189.

<sup>348</sup> Ibid., Cap. 23, p. 223-228.

<sup>349</sup> Ibid., Cap. 20, p. 199.

<sup>350</sup> Ibid., Cap. 22, p. 210-219.

<sup>351</sup> Ibid., Cap. 22, p. 226.

Dentro desta história de “amor e morte” é importante salientarmos a relação que podemos estabelecer entre a “trajetória trágica” de Arthur Dimmesdale e aquela desempenhada por cavaleiros medievais, como por exemplo, Rei Artur, que representava “ideais espiritualizantes: os códigos éticos da Cavalaria, que exigiam destemor e grandeza de alma, e os do Amor Cortês, que exigia autodoação absoluta à Amada e superior grandeza de alma”.<sup>352</sup> Dimmesdale, apesar da aparente fraqueza de caráter, se comparado à coragem de Hester, manteve-se tragicamente fiel às suas crenças religiosas, ao segredo da paternidade de Pearl — fato que amenizou a retaliação sofrida por Hester, pois não sabemos como esta seria julgada por também ter seduzido o pastor local, logo no início de sua condenação — e ao amor que sentia por ambas, até sua morte no pelourinho.

Para apreendermos com maior profundidade o simbolismo que há nesta cena, faz-se importante considerarmos o caráter simbólico que a “procissão” tem. “Toda procissão é um rito que dá substância ao conceito do ciclo ou passagem do tempo, que é provado pelo fato de retornar ao seu ponto de partida”.<sup>353</sup> Esta questão “cíclica” está relacionada ao fato de que da mesma forma que Hester sai da prisão e percorre um trajeto até as escadas do pelourinho<sup>354</sup> no dia de sua exibição em praça pública. Dimmesdale também percorre este mesmo tipo de trajeto até o pelourinho, a diferença é que ele não estava sendo condenado, se auto-condenava, e morre para a vida “eterna,” enquanto Hester “morre” para a vida que conhecia até então. Dimmesdale, Hester e Pearl sobem à plataforma e têm sua culpa revelada e expiada através de uma morte, fato que simboliza, entre outras coisas, a morte “emocional e física” a que aquela sociedade os havia condenado há sete anos.

---

<sup>352</sup> As raízes das “novelas de cavalaria estão na Ordem da Cavalaria fundada na França, no século XI, por uma elite de nobres cristãos que, obedecendo a um rígido código de honra e de heroísmo físico e espiritual, dedicavam suas vidas a combater os “infiéis”, os povos bárbaros que invadiram a Europa à medida que o Império Romano se enfraqueceu e acabou sendo destruído. Guerra, religião e alta devoção eram os paradigmas fundantes dessa nova classe política e religiosa: a da ordem da Cavalaria, à qual apenas a nobreza feudal podia pertencer e receber o título de cavaleiro, cuja formação exigia um difícil e prolongado período de aprendizado da arte de montar e de fortalecimento espiritual. (COELHO, N. N. **O Conto de Fadas: Símbolos Mitos Arquétipos**. São Paulo: DCI, 2003, p. 44-46).

<sup>353</sup> CIRLOT, op. cit., p. 264.

<sup>354</sup> HAWTHORNE, Cap. 2, p. 48.

Além disso, os espectadores de tal “espetáculo” eram, outra vez, a “multidão” e as severas “autoridades,” os mesmos que haviam bradado reprimendas e admoestações para Hester no início de sua punição e que agora “silenciosos,” enquanto viam aquela cena, “irromperam numa estranha, profunda voz de admiração e estupefação” depois que Dimmesdale expirou.<sup>355</sup> A importância desta “platéia” pode ser enfatizada se considerarmos que

The idea of the ‘crowd’ is symbolically superior to that of ‘multiplicity’, since it implies a new concept of the numerous as a totality, or of Oneness as a fragmented whole. Thus, Jung’s interpretation of the multitude or crowd is well judged; he asserts that, especially when moving or restless, it corresponds to an analogous movement in the unconscious. Homer has a well-known simile in which he likens the crowd of warriors in the agora (or in battle) to the ocean swell (constituting another symbol of the unconscious).<sup>356</sup>

Assim, a reação da multidão tanto no início quanto no final da história representaria o estado inconsciente daquela comunidade, pois ao julgar Hester impiedosamente com repúdio e alarido, a multidão exprime as inquietações profundas que escondia em seu inconsciente mais sombrio. Por outro lado, a atitude de espanto e silêncio ao ouvir a revelação de Dimmesdale mostra que aquela sociedade havia experimentado algumas mudanças durante aqueles sete anos, principalmente pela convivência diária com a letra escarlate e o significado particular que adquiriu para cada um deles.

É importante notarmos que o comportamento das “autoridades,” no início e no final do romance, também sofre modificação: no início, temos a severidade e austeridade puritana introduzida através da figura do “bedel da cidade,” “a black shadow emerging into the sun. [A] grim and grisly presence [...], with a sword by his side and his staff of Office in his hand. This personage prefigured and represented in his aspect the whole dismal severity of the Puritanic code of law, which it was his business to administer in its final and closest application to the offender”.<sup>357</sup>

---

<sup>355</sup> Ibid., Cap. 23, p. 228.

<sup>356</sup> CIRLOT, op. cit., p. 72.

<sup>357</sup> HAWTHORNE, Cap. 2, p. 45.

Além do bedel, temos o grupo das outras autoridades que estão presentes para a exposição de Hester no pelourinho: “o Governador, seus conselheiros, um juiz, um general e os ministros da cidade”.<sup>358</sup> A influência, a pompa e a rigidez de tal grupo são enfatizadas ao longo do romance, como, por exemplo, na ocasião em que Hester vai à casa do Governador Bellingham para implorar pela posse de Pearl e na cena da procissão, do dia da eleição. Entretanto este “poder” começa a deixar de ser significativo quando, no final, Dimmesdale dirige-se ao pelourinho e recusa “com seu olhar” a ajuda do Governador Bellingham.<sup>359</sup> Podemos dizer que neste momento temos uma inversão na autoridade representada por estas duas figuras, pois Dimmesdale não poderia cometer tal desrespeito para com a autoridade máxima da comunidade, mesmo numa situação limite como aquela.

Além disso, notamos que a reação de tais figuras diante da revelação de Dimmesdale não foi relatada ao leitor, só a multidão foi considerada, e que a influência deste poder ainda só pôde ser observada quando nos é contado que Hester, depois de sua morte, foi enterrada num túmulo ao lado do de Dimmesdale, não junto deste, mas que havia apenas uma lápide para os dois com os seguintes dizeres: “Num Campo, Severo, A Letra A, Subsiste”.<sup>360</sup> Concluímos, então, que a severidade puritana não havia desaparecido, apenas amenizado sua forma de punição.

Um outro elemento simbólico relevante que encontramos no romance é o “sobrenatural” que é apresentado através da personagem de “Mistress Hibbins”<sup>361</sup> — *the witch* (bruxa) “a viúva de temperamento amargo do magistrado [e irmã do Governador Bellingham] que anos depois morreria na guilhotina” por bruxaria<sup>362</sup> e

---

<sup>358</sup> Ibid., Cap. 2, p. 49.

<sup>359</sup> Ibid., Cap. 23, p. 223.

<sup>360</sup> Ibid., Cap. 24, p. 234.

<sup>361</sup> Ibid., Cap. 2, p. 43.

<sup>362</sup> “In Snow’s book there is this account of Mrs. Ann Hibbins: ‘the most remarkable occurrence in the colony in the year 1655 was the trial and condemnation of Mrs. Ann Hibbins of Boston for witchcraft. Her husband, who died July 23, 1654, was an agent for the colony in England, several years one of the assistants, and a merchant of note in town; but losses in the later part of his life had reduced his state, and increased the natural crabbedness of his wife’s temper, which made her turbulent and quarrelsome, and brought her under church censures, and at length rendered her so odious to her neighbours as to cause some of them to accuse her of witchcraft. The jury brought her in guilty, but the magistrates refused to accept the verdict; so the cause came to the general court, where the popular clamour prevailed against her, and the miserable old lady was condemned and executed in June 1656.’”



“the Black Man” (o Homem Negro)<sup>363</sup> que vivia na floresta. Estes elementos sobrenaturais, particularmente ligados à figura do “diabo,” teriam como ele “o objetivo da regressão e da estagnação naquilo que é fragmentário, inferior, diferente e descontínuo. [Além de] ser relacionado com os instintos e com o desejo em todas as formas passionais, as artes mágicas, desordem e perversão”.<sup>364</sup> Psicologicamente é “um arquétipo: o aspecto perigoso do lado escuro do homem não assumido; sua “sombra;” e a revolta contra a ordem estabelecida”.<sup>365</sup>

Tais significados explicam o medo e o terror que estes elementos impunham na sociedade puritana, por sua ligação com os aspectos desconhecidos da mente humana, o inconsciente. Tanto a bruxa quanto o homem negro eram repelidos pela “liberdade” que experimentavam e pelo poder instintivo com que lidavam: “Mistress Hibbings” era famosa por sua eloquência desconcertante, por exemplo, como quando convida Hester para se juntar a ela e às outras bruxas de Salem quando tivessem seu próximo encontro com o Homem Negro na floresta;<sup>366</sup> quando encontra com Dimmesdale durante seu retorno da floresta e, adivinhando, ou não, lhe pediu “que a convidasse para ir junto da próxima vez;”<sup>367</sup> e finalmente, quando comenta com Hester que o pastor não era o mesmo homem depois de seu passeio na floresta,<sup>368</sup> sua atitude era sempre de muita irreverência.

O “Homem Negro,” por sua vez, era o “desconhecido,” a lenda que assombrava os moradores de Salem e que “atraía” ou tinha como seguidores todos aqueles que expressavam qualquer peculiaridade de comportamento, principalmente as mulheres. Não é por acaso que Pearl foi muitas vezes relacionada às bruxas, ao “diabo” e ao “mal” que este representa, principalmente por ser o fruto de um “pecado”. Da mesma

---

[...] Hawthorne leads the reader to assume that Mrs. Hibbins, nine years before the death of her husband, is living at the home of her brother. Hawthorne uses this relationship between Bellingham and Mrs. Hibbins in order to have fewer stage directions and explanations. It helps him to establish a more realistic unity in the tale. (RYSKAMP, C. “The New England Sources of *The Scarlet Letter*”. In: STEWART, R. (Ed.) **The American Notebooks by Nathaniel Hawthorne: Based upon the original manuscripts**, 1932, p. 140 e 214).

<sup>363</sup> HAWTHORNE, Cap. 4, p. 68.

<sup>364</sup> CIRLOT, op. cit., p. 80.

<sup>365</sup> VRIES, op. cit., p. 134.

<sup>366</sup> HAWTHORNE, Cap. 8, p. 102.

<sup>367</sup> Ibid., Cap. 20, p. 196.

<sup>368</sup> Ibid., Cap. 22, p. 214-215.

forma, Chillingworth “que aprendeu muitos segredos” com os índios<sup>369</sup> e “que saiu da vasta e sinistra floresta e entrou [naquele] assentamento de homens cristãos”<sup>370</sup> também foi relacionado a estas duas figuras, tanto por sua arte de lidar com ervas, por seu conhecimento da alquimia, quanto pelo propósito hediondo e malévolos que corroía seu ser.

Entretanto o “desconhecido” também foi personalizado através dos “índios”<sup>371</sup> “bárbaros pintados”<sup>372</sup> e “marinheiros,” descritos como “desesperados com aparência grotesca”<sup>373</sup> que visitavam a cidade. Por serem forasteiros, por terem peles de cores diferentes e por vestirem roupas diferentes, extravagantes e coloridas, em contraste com os tons “cinza, marrom e preto”<sup>374</sup> das roupas dos imigrantes ingleses, estes personagens também incorporam aquilo que é exótico, obscuro, estranho, temido, indesejado oculto e “selvagem,”<sup>375</sup> na comunidade puritana.

Principalmente os marinheiros, acostumados ao temperamento tempestuoso e incontrolável do mar, “transgrediam, sem medo ou escrúpulo, as normas de comportamento que eram impostas aos outros; fumando debaixo do nariz do bedel da cidade [...] e bebendo, ao seu prazer, goles de vinho ou *aquavita*, os quais ofereciam livremente às pessoas ao seu redor”.<sup>376</sup> Abuso que era considerado como uma

---

<sup>369</sup> Ibid., Cap. 4, p. 64.

<sup>370</sup> Ibid., Cap. 4, p. 65.

<sup>371</sup> Ibid., Cap. 3, p. 53.

<sup>372</sup> Ibid., Cap. 21, p. 206.

<sup>373</sup> Ibid., Cap. 21, p. 206.

<sup>374</sup> “Hawthorne’s description of Puritan costuming has been substantiated by twentieth-century research. Although the elders of the colonial church dressed in “sad-colored garments, and gray, steeple-crowned hats” and preached simplicity of dress, Hawthorne recognized that “the church attendants never followed that preaching.” “Lists of Apparell” left by the old colonists in their wills, inventories of estates, ships’ bills of landing, laws telling what must not be worn, ministers’ sermons denouncing excessive ornamentation in dress, and portraits of the leaders prove that “little of the extreme Puritan is found in the dress of the first Boston colonists.” [...] Hawthorne’s descriptions agree with early annals. The embroideries and bright colors worn by Pearl, the silks and velvets of Mrs. Hibbins, Hester’s needlework—the laces, “deep ruffs . . . and gorgeously embroidered gloves”—were, as he said, “readily allowed to individuals dignified by rank or wealth, even while sumptuary laws forbade these and similar extravagances to the plebeian order.” [...] In *The Scarlet Letter* he is repeating the impressions which are characteristic of his tales: the portrayal of color contrasts for symbolic purposes, the play of light and dark, the rich color of red against black, the brilliant embroideries on the sable background of the sad-colored garments.” (RYSKAMP, C. In: STEWART, R. op.cit., p. 215-216).

<sup>375</sup> HAWTHORNE, Cap. 21, p. 206.

<sup>376</sup> Ibid., Cap. 21, p. 207.

“imoralidade”<sup>377</sup> pelos habitantes de Salem, que não aceitavam, ou não entendiam, a liberdade concedida aos homens do mar — assim como não aceitaram a liberdade de Hester.

Esta “invasão” ou “intromissão” é mais uma forma de como o elemento “estranho” invade e transgride as regras austeras daquela sociedade, não só através de comportamento, mas também em termos visuais — fato que pode ser relacionamento à transgressão comportamental e visual que a letra escarlata lembra aos puritanos —, pois Hester também é uma “forasteira,” o “outro” que chega através do mar, que é tão sinistro e obscuro quanto à floresta, portanto, meios de ligação entre Salem e aqueles que representam regras, idéias e costumes que vão contra os dogmas prescritos pela sociedade puritana, o mundo exterior. Em meio a este grupo de “estranhos” podemos incluir Chillingworth, que também atravessou o mar, conviveu com os selvagens na floresta e aprendeu a arte e o segredo de lidar com ervas, fatos que o colocam também no rol daqueles que lidam com forças e conhecimentos obscuros e estranhos.

Assim, o “indivíduo e a sociedade” se misturam como se fossem seres antagônicos lutando para ocupar um determinado espaço e também para defender suas crenças e culturas. No caso de Salem, os puritanos representariam uma ordem inquestionável e inviolável que é caracterizada pela severidade com que se apresentam no mundo em que criaram. Já os “forasteiros,” os “outros,” simbolizariam tudo o que é abominado, rejeitado e hostilizado, pois representam o pensamento inovador, livre de preconceitos e crenças patriarcais castradoras. A própria “mobilidade” destes forasteiros vai contra a “imobilidade e imutabilidade” do povo de Salem, pois sua condição de *settler* (“colonizador”) também pode denotar “acomodar, fixar, assentar, afundar, fazer calar, reduzir ao silêncio”<sup>378</sup> qualidades que lhes conferem uma aversão a tudo que implicaria novidade, fluidez, colorido, expansividade e luminosidade, que é o que os forasteiros trazem de dentro da floresta e através do mar.

---

<sup>377</sup> Ibid., Cap. 21, p. 207.

<sup>378</sup> HOUAISS, A. & CARDIM, I. (Eds.) **Webster’s Dicionário Inglês-Pertuguês**. Rio de Janeiro: Record, 1ª ed., 1982, p. 707.

Tendo analisado o significado simbólico dos elementos citados podemos passar agora para o “tempo,”<sup>379</sup> que tem uma importância singular na trajetória de Hester. Acompanhamos a agonia de Hester por “sete longos anos” o que torna sua jornada ainda mais simbólica, pois o número “sete” está estreitamente ligado ao significado do tempo, pois

Berthelot has noted that the time-pattern usually follows from the division of space and this applies most particularly to the week. It was indeed the awareness of the seven directions of space (that is, two for each of the three dimensions plus the centre) that gave rise to the projections of the septenary order into time. Sunday — the Day of Rest — corresponds to the centre and, since all centres are linked with the ‘Centre’ Divine source, it is therefore sacred in character. The idea of rest is expressive of the notion of the immobility of the ‘Centre’, whereas the other six Directions are dynamic in character. At the same time, the ‘Centre’ of space and time also retains a spiritual significance. [...] Corresponding, in the strict sense, to this zone within the circle, the ‘Centre’, is spacelessness and timelessness, or the non-formal, or, in short, the ‘mystic nothingness’ which, in oriental thought, is the hole in the Chinese disk of jade called *Pi*, representing heaven. As Eliade notes, *in illo tempore* everything was possible — species and forms were not fixed but ‘fluid’. He goes on to point out that a return to this state implies the cessation of time. The idea that time — the week — derives from the space-pattern ought strictly to be discarded in favour of the notion that both time and space are the outcome of one and the same principle.<sup>380</sup>

Assim vemos que o tempo denota, além dos elementos anteriormente analisados, o caráter “espiritual” da trajetória de Hester. Hawthorne delimita o tempo na narrativa de forma espaçada: no início da história, somos informados de que a exibição de Hester em praça pública acontece no “mês de junho,”<sup>381</sup> “numa manhã de verão,”<sup>382</sup> e que Hester sobe ao pelourinho por “três horas,”<sup>383</sup> e, supomos que tal exposição deve ter se iniciado por volta das dez horas da manhã, pois o bedel da cidade informa que “Mistress Prynne deve ficar onde homem, mulher e criança

<sup>379</sup> “Edward Dawson has suggested we can divide the major action of the novel as follows: *Act One*: i. Chapters I-III. The Market-Place, Boston. A June morning, 1642; ii. Chapter IV. The Prison, Boston. Afternoon of the same day. *Act Two*: Chapters VII-VIII. The Home of Richard Bellingham, Boston. Late summer, 1645. *Act Three*: i. Chapter XII. The Market-Place. Saturday night, early may, 1649; ii. Chapters XIV-XV. The sea coast, “a retired part of the peninsula.” Several days later; iii. Chapters XVI-XIX. The forest. Several days later. *Act Four*: The Market-Place. Three days later.” (RYSKAMP, In: STEWART, R. op. cit., p. 208-209).

<sup>380</sup> CIRLOT, op. cit., p. 343-344.

<sup>381</sup> HAWTHORNE, Cap. 1, p. 41.

<sup>382</sup> Ibid., Cap. 1, p. 44.

<sup>383</sup> Ibid., Cap. 3, p. 55.

tenham uma boa visão de sua corajosa indumentária, desta hora até uma hora depois do meio-dia”.<sup>384</sup> Neste mesmo capítulo sabemos que “segura em seus braços uma criança, um bebê de pelo menos três meses,”<sup>385</sup> o que mostra que Hester está aprisionada por quase um ano, pois foi colocada na prisão assim que a gravidez se tornou visível, não muito tempo depois de ter chegado a Salem “por volta de dois anos, ou menos”.<sup>386</sup>

Tendo sido o leitor informado de todos estes detalhes “temporais,” o assunto só volta a ser abordado no Capítulo 7 quando é mencionado que a pequena Pearl agora “estava numa idade em que podia correr ao lado de sua mãe;”<sup>387</sup> (três anos de idade);<sup>388</sup> e que Chillingworth havia se fixado na cidade há “dois ou três anos”.<sup>389</sup> E, novamente, no Capítulo 12, quando somos informados que havia se passado “sete longos anos” e era o “início de maio”.<sup>390</sup> Também ficamos sabendo de que o navio em que Hester, Dimmesdale e Pearl poderiam fugir “partiria em três dias,”<sup>391</sup> o que nos faz supor que, pelo tempo transcorrido entre “o início de maio” até esta data, o dia da eleição se dá em junho.<sup>392</sup>

---

<sup>384</sup> Ibid., Cap. 2, p. 47.

<sup>385</sup> Ibid., Cap. 2, p. 46.

<sup>386</sup> Ibid., Cap. 3, p. 55.

<sup>387</sup> Ibid., Cap. 7, p. 89.

<sup>388</sup> Ibid., Cap. 8, p. 98.

<sup>389</sup> Ibid., Cap. 8, p. 96.

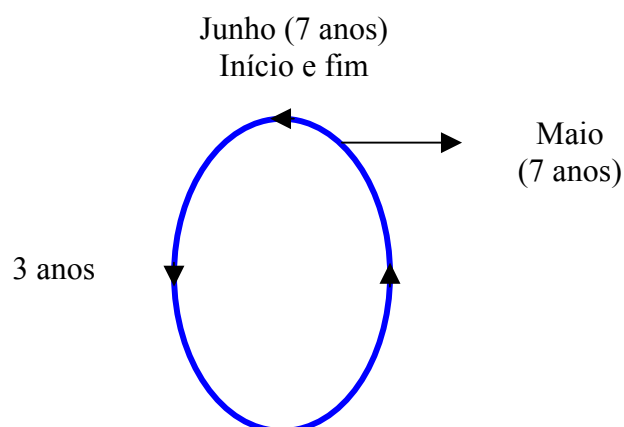
<sup>390</sup> Ibid., Cap. 12, p. 130.

<sup>391</sup> Ibid., Cap. 20, p. 191.

<sup>392</sup> De acordo com RYSKAMP, “the time scheme of the plot of *The Scarlet Letter* may be dated definitely. In Chapter XII, “The Minister’s Vigil,” the event which brings the various characters together is the death of Governor Winthrop. From the records we know that the old magistrate died on March 26, 1649. However, Hawthorne gives the occasion as Saturday, “an obscure night of early May.” Some suggestions may be made as reasons for changing the date. It would be difficult to give a night-long vigil in the cold, blustery month of March without serious plot complications. The rigidly conceived last chapters of the book require a short period of time to be dramatically and psychologically effective. The mounting tension in the mind and heart of the Reverend Mr. Dimmesdale cries for release, for revelation of his secret sin. Hawthorne realized that for a powerful climax, not more than a week, or two weeks at the most, should elapse between the night of Winthrop’s death, when Dimmesdale stood on the scaffold, and the public announcement of his sin to the crowd on Election Day. The Election Day and the Election Sermons (p. 257) were well-known and traditionally established in the early colony in the months of May or June. (The election of 1649, at which John Endicott became governor, was held on May 2.) Consequently Hawthorne was forced to choose between two historical events, more than a month apart. He wisely selected May, rather than March, 1649, for the time of the action of the last half of the book (Chapters XII-XXIII). The minister’s expiatory watch on the scaffold is just seven years after Hester Prynne first faced the hostile Puritans on the same platform. Therefore, the first four chapters of *The Scarlet Letter* may be placed in

Considerando estas indicações temporais podemos identificar o caráter temporal cíclico que há no romance, pois temos:

### GRÁFICO VIII



Simbolicamente, o mês de “maio” é definido como o mês “da floração, ressurreição na natureza, purificação,”<sup>393</sup> pois é a “primavera,” tempo de “renascimento;”<sup>394</sup> o mês de “junho” como o “mês seco” por causa do “verão,”<sup>395</sup> que denota “um período de beleza antecipando declínio; desenvolvimento, perfeição, luz;

---

June, 1642. [...] The next major scene—that in which Hester Prynne goes to the mansion of Bellingham—takes place three years later (1645). [...] From the description of the garden of Bellingham’s house we know that the time of the year was late summer. (RYSKAMP, In: STEWART, R. op. cit., p. 207-208).

<sup>393</sup> VRIES, op. cit., p. 316.

<sup>394</sup> Ibid., p. 437.

<sup>395</sup> Ibid., p. 279.

clareza e inocência; colheita; calor e secura; cujo elemento é o fogo e a cor é o vermelho; o sabor: amargo”.<sup>396</sup>

Definições que nos levam a perceber que a condenação de Hester tem início num mês que representa: a “secura” com que foi tratada por seus pares; o início do “declínio” de uma forma de pensar (austeridade do puritanismo); o “desenvolvimento da perfeição” (que é marcada pela sua trajetória); uma época de “colheita” (daquilo que terá que enfrentar por ter pecado); “luz, clareza e inocência” (trazidas por Pearl); “fogo” (com que a letra escarlata queima em seu peito); da cor “vermelha” da “letra A” e do “sabor amargo” de sua provação — que se “inicia” com a punição e “termina” com a morte de Dimmesdale, sete anos depois. Já o mês de maio nos traz a primeira mortificação de Dimmesdale no pelourinho, em praça pública, mesmo que seja no escuro da noite,<sup>397</sup> sua “purificação” escondida e solitária é um prenúncio do que iria ocorrer um mês depois. Podemos dizer que sua morte traz o “renascimento” de que Hester e Pearl precisavam para poder assumir suas vidas de forma digna e sem o estigma da “letra A”.

Este simbolismo encontrado no tempo nos leva a analisar aquele encontrado nos “números,” pois o “três” e o “sete” permeiam toda a história, como mencionado anteriormente, e lhe conferem uma aura de desenvolvimento espiritual, característica que marca a trajetória mítica.

Ao analisarmos o significado do “número três” vemos que este,

Symbolizes spiritual synthesis, and is the formula for the creation of each of the worlds. It represents the solution of the conflict posed by dualism. It forms a half-circle comprising: birth, zenith and descent. Geometrically it is expressed by three points and by the triangle. It is the harmonic product of the action of unity upon duality. It is the number concerned with basic principles, and expresses sufficiency, or the growth of unity within itself. Finally, it is associated with the concepts of heaven and the Trinity.<sup>398</sup>

Esta “síntese espiritual” pode ser observada no fato de que Pearl, o elemento espiritual do romance, tem “três meses” quando ela e sua mãe são expostas em praça pública; tem “três anos” quando sua mãe briga por sua posse junto às autoridades

<sup>396</sup> Ibid., p. 447.

<sup>397</sup> HAWTHORNE, Cap. 12, p. 130-140.

<sup>398</sup> CIRLOT, op. cit., p. 232.

locais e Pearl tem seu primeiro contato público com Dimmesdale. Percebemos aqui uma “divisão” no encaminhamento da trajetória de Hester, pois três anos se passaram e a comunidade aprendeu a conhecer e a aceitar sua presença, trabalho e valor como mulher e mãe, assim, a ameaça de perder a filha não se concretiza. Além disso, a perspicácia de Pearl é evidenciada, assim como o elo invisível que une Hester e Dimmesdale. A preparação para o desenvolvimento restante da história é estabelecida.

Desta forma, restam outros “quatro” longos anos para que as provações de Hester se completem e para que cheguemos ao desvendamento de seu maior segredo. A importância deste número de anos restantes é corroborada se analisarmos o simbolismo do número “quatro”:

Symbolic of the earth, of terrestrial space, of the human situation, of the external, natural limits of the ‘minimum’ awareness of totality, and finally, of rational organization. It is equated with the square and the cube, and the cross, representing the four seasons and the points of the compass. A great many material and spiritual forms are modelled after the quaternary. It is the number associated with tangible achievement and with the elements.<sup>399</sup>

Percebemos, então, que a “espiritualidade” e “interioridade” denotadas pelo número três têm sua contraparte na “materialidade” e “exterioridade” representadas pelo número quatro. As “conquistas tangíveis” que ocorrem na vida de Hester neste período: sua crescente influência e trabalho junto à comunidade; o sofrimento que descobre haver em Dimmesdale; a conversa franca que tem com Chillingworth sobre o pastor; a elaboração do plano de fuga e o modo como convence Dimmesdale sobre isto; enfim, seu posicionamento diante de sua condição de mulher estigmatizada, nos fazem perceber o movimento que houve em sua trajetória para que seu aprendizado espiritual ocorresse.

Esta interligação dos “três anos iniciais” e os “quatro finais” é explicada pelo número “sete” ser:

Symbolic of order, a complete period or cycle. It comprises the union of the ternary and the quaternary, and hence it is endowed with exceptional value. It corresponds to the [...] reconciliation of the square with the triangle by superimposing the latter upon the former (as the sky over the earth) or by

---

<sup>399</sup> Ibid., p. 232-233.



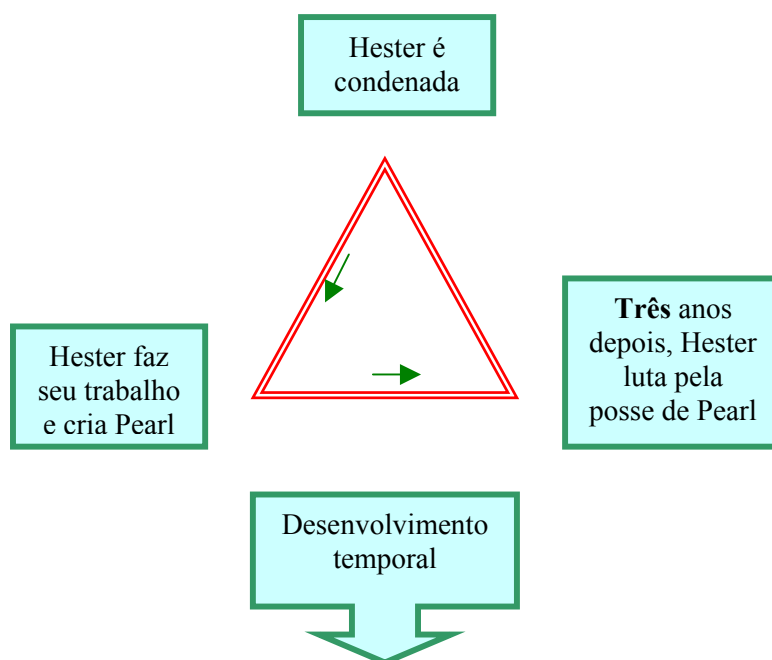
superimposing it within. It is the number of the basic series of the [...] capital sins and their opposing virtues. It also [...] is the symbol of pain.<sup>400</sup>

Daí a razão pela qual Hester precisa de “dolorosos sete longos anos” para expiar seu “pecado capital” que é exposto em praça pública, em oposição às “virtudes” puritanas. O “ciclo” se completa, o espiritual e o mundano se equilibram, a aceitação de Hester pela sociedade ocorre no final, a heroína retorna para que seus pares possam compartilhar de seu aprendizado espiritual e terreno.

Dada a relação de ordem estabelecida entre o “ternário e o quaternário,” este período ou ciclo mítico pode ser exemplificado através dos seguintes gráficos:

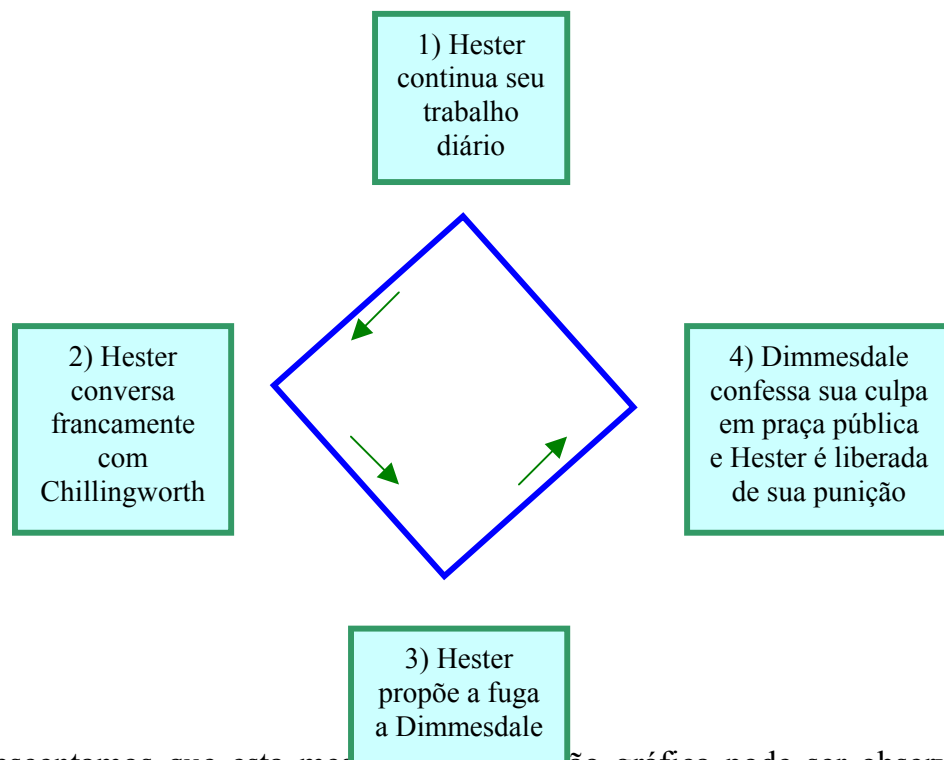
- Primeiros três anos: “período de preparação”

### GRÁFICO IX



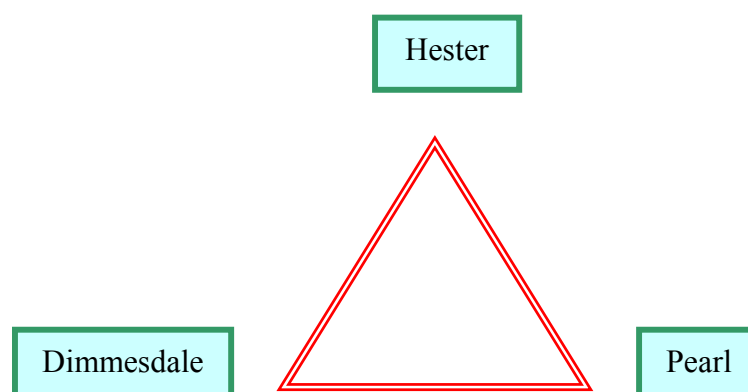
<sup>400</sup> Ibid., p. 233.

- Últimos quatro anos: “período de realização”

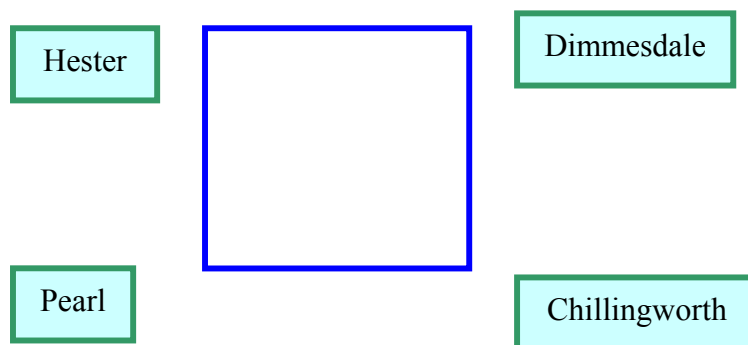


Acrescentamos que esta mesma representação gráfica pode ser observada em relação “aos personagens”: temos o triângulo formado por “Hester – Pearl – Dimmesdale,” em contraposição ao relacionamento “Hester – Pearl – Dimmesdale – Chillingworth”.

### GRÁFICO X

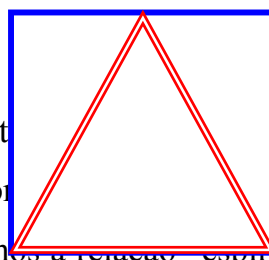


### GRÁFICO XI



- Interligação entre o “ternário” e o “quaternário”:

## GRÁFICO XII

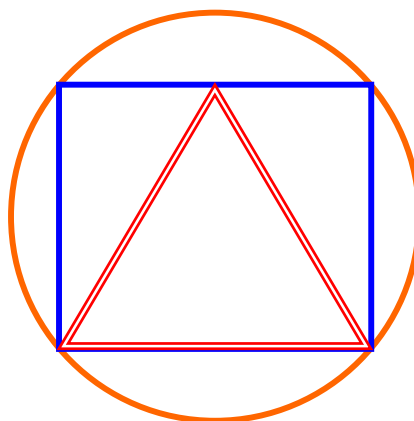


Esta interligação é que sintetiza as relações entre as personagens principais durante o período de sete anos e dimensiona as relações. No “triângulo” formado por Hester-Pearl-Dimmesdale temos a relação “espiritual,” que está acima dos valores opressores da sociedade puritana. Isto é enfatizado principalmente pelo que Pearl representa para os dois, a criança (espiritual) que é o fruto de um pecado, de uma relação “adúltera” mas que vem para desestruturar o pensamento e o comportamento conservador da época, Pearl nunca se deixa intimidar.

Já no “quaternário” formado por Hester-Pearl-Dimmesdale-Chillingworth temos a influência deste último na vida e destinos dos outros três. Chillingworth representa o que há de mais básico e negro no íntimo do ser humano. Sua vingança é “terrena,” seu ofício é manipular ervas (nem sempre conhecidas) que vem da “terra,” seus princípios não estão pautados pela religião, mas pela vergonha da traição, para manter o status social de cidadão respeitado e pelo prazer mórbido da perseguição. Por seu papel de sanguessuga, está literalmente ligado à materialidade da vida e não a seu lado espiritual. Isto é enfatizado também por deixar uma “herança material” para Pearl, único ato digno que tem em toda a trama.

A ligação destas personagens pode ser complementada da seguinte forma:

### GRÁFICO XIII



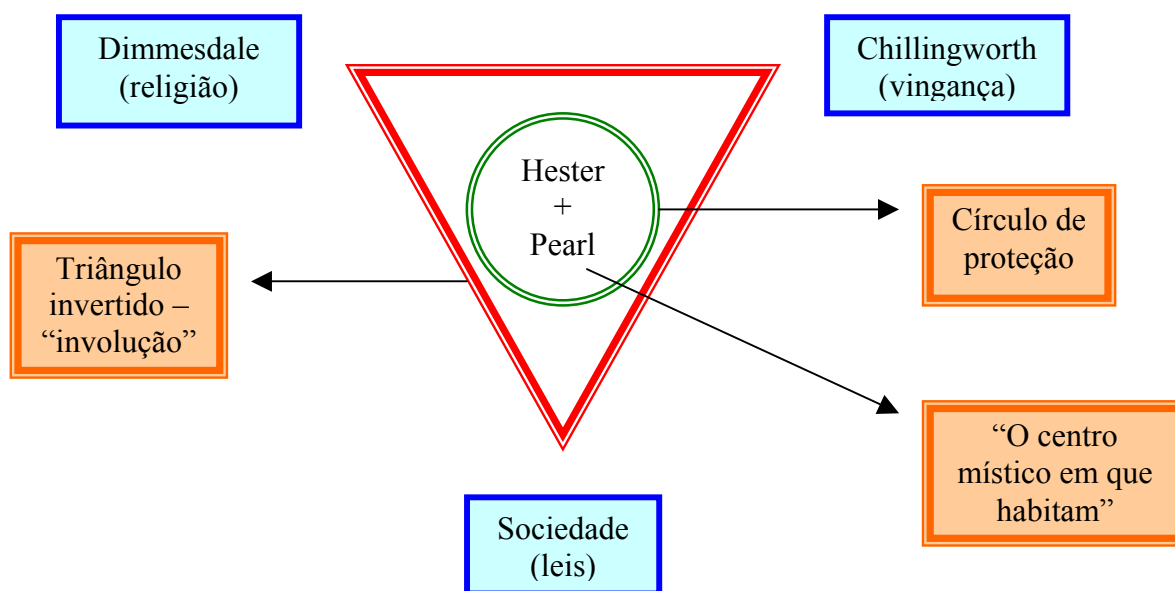
O gráfico representaria os laços estabelecidos por estas personagens dentro do “universo” que as unia, pois suas vidas foram se entrelaçando de modo que a trajetória de Hester poderia se concretizar tanto no plano espiritual quanto material. Tais ligações foram se estabelecendo e expandindo num crescendo: desde o casamento inconveniente entre uma jovem e um homem muito mais velho que só lhe dava segurança material (não emocional) até que Hester se encontre no alto do pelourinho, com uma “letra A” pregada em seu peito, segurando um bebê, e tendo acima de si, no balcão, o pai da criança, e de outro, à sua frente, o marido traído. Este é o ápice daquilo que tais relações representavam.

Por um lado temos as forças do universo que moveram estes quatro destinos para aquele momento e, por outro, a realidade concreta que se impunha de forma austera e severa nas vidas de todos eles. Podemos dizer que estas quatro personagens foram engendradas na trama pérfida de uma sociedade regida por costumes e crenças em que o indivíduo nem sempre tem o poder de se desvincular de certas circunstâncias: Chillingworth reconhece que havia sido impelido a se casar com uma mulher mais jovem e bonita na esperança de resgatar um pouco destas qualidades para

sua vida;<sup>401</sup> Hester, por sua vez, vai ao encontro daquilo que ainda lhe falta — o amor verdadeiro e a realização como mulher; Dimmesdale também em sua juventude procura pelo amor e realização que sua crença não pode lhe dar; Pearl, o fruto desta trama, sofre as conseqüências da punição de sua mãe, mas não é destruída por tal punição, pelo contrário, ela a redime e liberta.

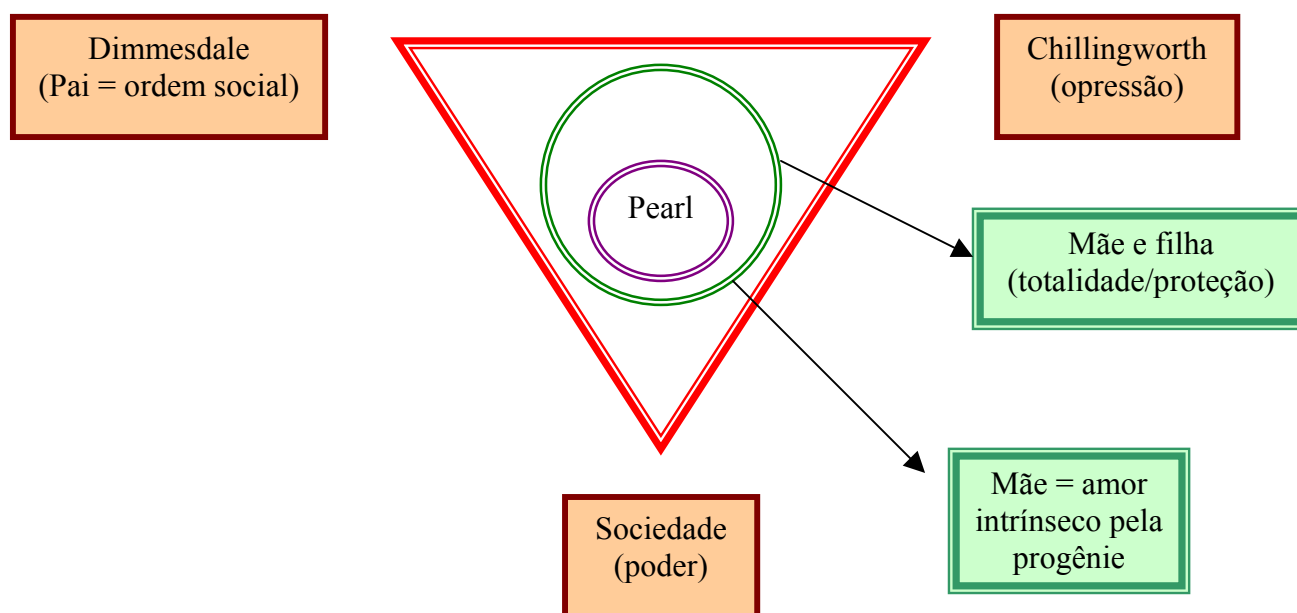
Uma outra forma de expressarmos tais fatos é através dos papéis que estas personagens também desempenham com relação à sociedade. Aqui verificamos que a espiritualidade representada na relação Hester-Pearl-Dimmesdale fica a mercê de algo que tenta subverter tal ligação, tenta colocá-la em termos materiais, concretos e “involutivos”. A dimensão da experiência assim representada se torna a contraparte daquilo expresso no Gráfico X. Forças conflitantes tentam controlar a vida de Hester e Pearl fazendo com que ambas construam uma ligação que as proteja. Isto pode ser visualizado nos seguintes gráficos:

**GRÁFICO XIV**



**GRÁFICO XV**

<sup>401</sup> HAWTHORNE, Cap. 4, p. 65.



Além disso observando o movimento de Pearl e Hester, na história, percebemos que as duas transcendem o drama que Salem impôs a suas vidas. Pearl, o “anjo redentor” experiência a punição da mãe sem ser atingida negativamente por ela — sua partida, e não retorno a Salem é significativa. Pearl, por representar um espírito livre dentro da história, transcende a tudo aquilo que Salem representava. Já Hester, por ter sua trajetória mítica estreitamente ligada ao destino de Salem, sai e retorna para que esta trajetória seja completada e seu intento realizado.

Os movimentos de mãe e filha podem ser representados graficamente:

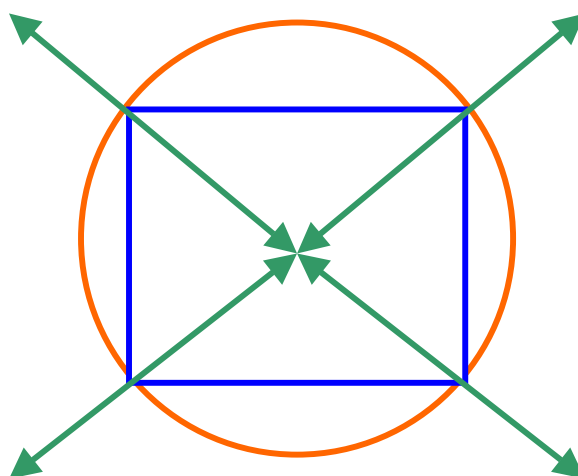
The sign of the conjunction of the quaternary (the cross or the square) with unity is expressed through the union of the numbers four and one, that is, the square (or the cross) and the circle. The relationship between two intersecting diameters and the circumferences emphasized sometimes depicting the centre visibly as a small circle symbolic of the mystic ‘Centre’. The figure thus arrived at is of great symbolic value: it expresses the original Oneness (symbolized by the centre), the ‘way out of the manifest world’ (the four radii, which are the same as the four rivers which well up from the *fons vitae* or from the foot of the cosmic Tree in paradise), and the return to oneness (the outer circumference) through the circular movement which ‘smooths away’ the corners of the square (these corners implying the differentiation characterized of the multiplicity and the transitoriness of the world of phenomena). By adding a further cross, shaped like an X, to this

figure, the wheel is obtained; and the wheel is the commonest symbol of the 'Centre', and of the cycle of transformations.<sup>402</sup>

Assim temos aqui reunidos todos os elementos: o “círculo,” o “quadrado” e a “cruz” que, através de sua representação gráfica e simbolismo implícito, denotam o “ciclo de transformação” da trajetória de Hester. Temos então:

### O movimento de Hester:

#### GRÁFICO XVI



---

<sup>402</sup> CIRLOT, op. cit., p. 127.

De acordo com Cirlot, “the aim of ‘circling the square,’ was to obtain unity in the material world (as well as in the spiritual life) over and above the differences and obstacles (the static order) of the number four and the four-cornered square.”<sup>403</sup> Neste sentido, ao associarmos estas duas forças — o “quadrado” que representa a “terra,” o “mundo material” e o “círculo” que representa o “céu,” o “mundo espiritual” — percebemos como estes dois mundos estão representados na trajetória de Hester: por um lado temos Salem com toda a sua idiossincrasia e materialidade, por outro temos a espiritualidade que determina a trajetória mítica, o que está além do aprendizado terreno.

Se pensarmos na correspondência deste gráfico com a história, o significado e importância de sua forma estão, em primeiro lugar, em sua forma geométrica e regular que denota a organização de Salem em termos estruturais. Tal sociedade está “fechada” em si mesma; segundo, “[as linhas cruzadas que formam] a cruz de Santo André”<sup>404</sup> — que representam a “união dos Mundos Inferior e Superior”<sup>405</sup> — são símbolos de queda e ascensão, respectivamente e que transcendem, vão além da estrutura organizacional da sociedade em questão. Além disso, “numa figura com um centro associado à simetria dual e bilateral,”<sup>406</sup> encontramos duas tendências: primeiro, um movimento rítmico para dentro que denota concentração e também agressão; e segundo, o movimento para fora em direção aos quatro pontos cardeais, que indica a defesa da “integridade”. “Esta figura também denota dispersão e crescimento, porque as linhas também são meios de comunicação entre zonas diferentes — plano espiritual e material. Por isto a importância das linhas e a natureza das zonas que ligam devem ser igualmente analisadas”.<sup>407</sup>

Tais “ritmos” podem ser associados ao movimento feito por Hester, pois esta “sai” de Salem — como um ato de preservação da integridade sua e de Pearl — e depois “retorna” para que o propósito de seu aprendizado seja completado. Podemos dizer que a importância deste gráfico também pode ser observada através do

---

<sup>403</sup> Ibid., p. 308.

<sup>404</sup> Ibid., p. 130.

<sup>405</sup> Ibid., p. 268.

<sup>406</sup> Ibid., p. 131.

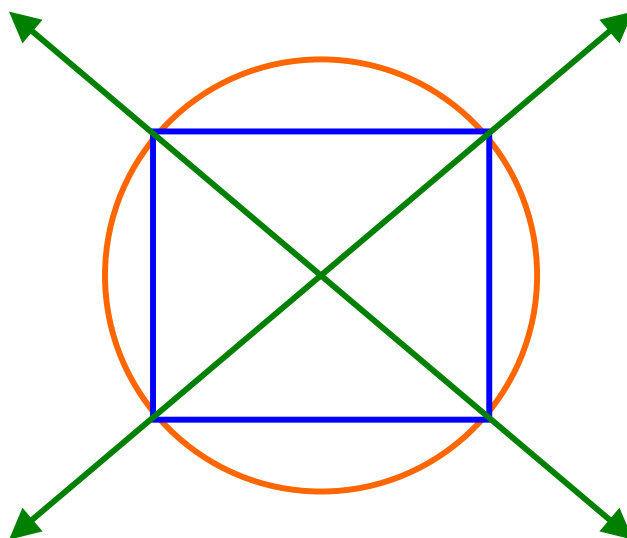
<sup>407</sup> Ibid., p. 131.



simbolismo do número de seus componentes: o número “três,” que representa a “síntese espiritual e é a fórmula para a criação de cada um dos mundos”.<sup>408</sup> Fato que complementa aquilo que o gráfico representa — um movimento de “ida” em busca de algo que possa possibilitar uma nova vida para Pearl e o “retorno” para que ocorra uma completa integração de Hester em Salem.

Isto explica também “o movimento de Pearl” no Gráfico XVII:

### GRÁFICO XVII



---

<sup>408</sup> Ibid., p. 232.

As flechas que seguem “para fora” do universo de Salem, que representam a continuação do “quaternário — espiritual, ativo e dinâmico,” representado pela cruz, denotam a dimensão abrangente da liberdade do indivíduo, a quebra de barreiras que ele experimenta, uma vez que se desvencilha das opressões impostas pela sociedade em que vive. Este sentido também está implícito no simbolismo da cruz com as extremidades em forma de flechas que “denota forças centrífugas”.<sup>409</sup> Estas permitem ao *self* ativo ultrapassar o “passivo” e ir a busca de auto-desenvolvimento através dos “quatro rios que correm da fonte vital” que é simbolizada pela cruz.<sup>410</sup>

Assim, ao contrário de sua mãe, Pearl busca “seu lugar como mulher” numa terra distante de Salem, distante de tudo o que representava a punição pela qual sua mãe havia passado. Seu destino é de liberdade, sua atitude — de ir embora — está de acordo com seu espírito livre e desafiador, o papel que exerceu na trajetória de Hester foi completado, o “encanto [da letra A] foi quebrado por Pearl”.<sup>411</sup>

### 3.1 A Peculiaridade Simbólica das Formas Gráficas

Salientamos que a relevância das formas gráficas para a análise aqui proposta, baseia-se no fato de que

The underlying logico-symbolic force of such figures is so strong that, when one has recourse to an abstract image of a cosmic order, capable of expressing the intimate and intense relationship between the ‘two worlds’, one turns inevitably to this *coniunctio* joining the symbol for earth (the square) with that for heaven (the circle). The fact that figures incorporating the irradiant ‘Centre’ are cosmic symbols of the ultimate destiny of the spirit accounts for the fact that they are also psychological images of this same destiny, that is, of its presentment and of the way of fulfilling it—in short, of the mystic idea of consummation. Hence, psychoanalysts have noted that the joining of the square with the circle [...] is symbolic of the final stage in the process of individuation, or, in other words, of that phase of spiritual development when imperfections (irregular shapes) have been eliminated, as

---

<sup>409</sup> Ibid., p. 68.

<sup>410</sup> Ibid., p. 127.

<sup>411</sup> HAWTHORNE, Cap. 23, p. 227.

have all earthly desires [...] for the sake of concentrating upon the achievement of Oneness and a vision of Paradise [...].<sup>412</sup>

Tal explicação coloca a análise simbólica aqui desenvolvida em alinhamento com a teoria do mito explorada no capítulo anterior. Se a “trajetória mítica” é uma outra representação do “processo de individuação,” a síntese apresentada através dos gráficos se justifica.

Além disso,

Other conclusions of Jung concerning the psychology of shapes are these: opposites are symbolized by a cross (signifying inner urges) and by a square (standing for the horizon); the process of rising above these urges is symbolized by the circle; exact duplication implies confirmation, but when the two symbols face in opposite directions they express the longing for wholeness, that is, the desire not only to explore the two spheres but to conquer all space; to go towards the left is to turn towards the unconscious and the past; to go to the right is to face consciousness and the future.<sup>413</sup>

Assim na configuração da trajetória de Hester há uma busca do “inconsciente,” quando vai para Salem, e há uma busca do “futuro,” da “consciência” quando deixa Salem. Seu retorno não é um ato de submissão ou retrocesso. É um ato de autoconquista e deliberada vontade de compartilhar o que foi apreendido em sua trajetória, ato que determina a transformação e transcendência de valores mundanos por que passa o herói.

A importância do emprego de “gráficos” para esta análise também se encontra no próprio significado da palavra “gráfico,” que denota algo: “muito claro e poderoso”<sup>414</sup> e de acordo com Cirlot,

There is perhaps greater symbolic significance in [graphic signs] than in other aspect of symbolism, because of the clear intention behind them to express an explicit meaning. [Moreover,] the symbol as crystallized in creative art involves a high degree of condensation, deriving from its inherent economy of form and allusive power. This, then, is the psychological basis of the symbolism of graphics (the basis of the magical interpretation is to be sought in the literal interpretation of the theory of correspondences). [...] Any given figure (with its series of multivalences — that is, embracing several meanings which are not irrelevant or equivocal)

---

<sup>412</sup> CIRLOT, op. cit., p. 128.

<sup>413</sup> Ibid., p. 128.

<sup>414</sup> PROCTER, P. **Cambridge International Dictionary of English**. Londres: CUP, 1995, p. 619.

varies in appearance and in significance with the “rhythm-symbol” (that is, the idea and the intended direction) pervading it.<sup>415</sup>

Nesta pesquisa, o que nos interessa são os “significados explícitos” que advêm dos gráficos aqui apresentados, pois suas formas incisivas denotam um alto grau de apreensão em termos de análise. Nos concentramos no poder do “símbolo-ritmo” para que seja criado um efeito visual e psicológico que se baseia na correspondência entre os gráficos e as idéias contidas no texto literário. Isto explica como os gráficos aqui apresentados exprimem uma forma de sintetizar os significado de cada elemento identificado no romance.

Além disso, temos também a “importância simbólica das formas” empregadas em nossa análise,

The most comprehensive and valid definition of the significance of form is that which appears in the legendary *Tabula Smaragdina*: ‘What is above is like what is below’, which Goethe confirmed and bettered by adding: ‘What is within’ — the idea — ‘is also without’ — form. Hence, Paul Guillaume has been able to declare that ‘the terms of shape, structure and organization pertain not only to the language of biology (that is, forms) but also to psychology (that is, thought or ideas) . . .’ and that ‘isomorphism, propounding a theory of form which revives the ancient tradition of parallelism (or magic analogy), refuses to draw a dividing line between, spirit and time’. This observation is rounded off the observation that ‘shapes correspond, in our perception and thought, to comparable forms in the nervous processes’; hence, what is circular is equivalent both to the circle and to the cyclic, and the square is identical with things quaternary and also with the number four, so that forms takes its place as the ‘intermediary between spirit and matter’.<sup>416</sup>

Fato que corrobora a importância de se analisar a trajetória mítica à luz destes elementos, pois nosso estudo está baseado na interligação e contraposição de “espírito e matéria” no que diz respeito ao aprendizado e provações a que a heroína é submetida durante sua jornada. Em nosso caso, Hester lida com tais forças para sustentar sua identidade de mulher, com todas as conotações que isto implica, numa sociedade marcada por um extremismo doentio e cruel. Portanto, a “luz” (espiritualidade) que Hester e Pearl representam em meio a tamanha escuridão (materialidade) denota a

---

<sup>415</sup> CIRLOT, op. cit., p. 122-125.

<sup>416</sup> Ibid., p. 292.

profundidade e abrangência com que tais elementos estão enraizados na vida em sociedade.

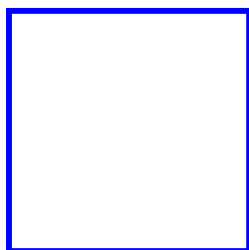
Com relação às formas específicas utilizadas nesta análise, temos

O “quadrado”

The square, as the expression of the quaternary, is a symbol of the combination and regulation of four different elements. Hence, it corresponds to the symbolism of the number four and to all-four divisions of any process whatsoever. Psychologically, its form gives the impression of firmness and stability, and this explains its frequent use in symbols of organization and construction. For Jung, the four-part division of movements and forms is of great value than the three-part. Whether or not it is so, what is certain is that, as against the dynamism of the odd numbers and their related geometric forms (such as: three [...], the triangle [...]), the even numbers and forms (for example: four [...], the square [...]) are characterized by the qualities of stability, firmness and definition. Hence, ternary symbolism tends to illustrate activity and dynamism (or pure spirit), whereas the quaternary alludes predominantly to things material (or merely rational intellect).<sup>417</sup>

Vemos que, no romance analisado, o “quadrado” representaria a estrutura e a organização da cidade de Salem, além do pensamento e comportamento “rígido e definido” que advêm da tradição puritana. Assim a “firmeza” e a “estabilidade” que o quadrado denota estaria relacionada à “racionalidade intelectual” das autoridades de Salem, a austeridade e severidade que as caracterizava e à “materialidade” com que aquela sociedade — simbolicamente expressa pela punição com a “letra A” — tratava aquele que tentasse desestabilizar ou interferir em tal ordem.

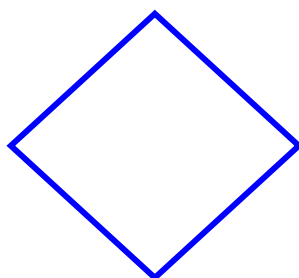
No “quadrado” estão também implícitos dois outros significados:



**Quaternário** – “material e passivo”<sup>418</sup>

<sup>417</sup> Ibid., p. 307.

<sup>418</sup> Ibid., p. 122.

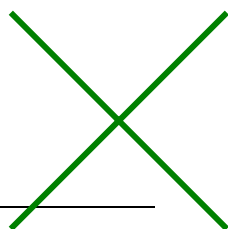


**Quaternário** – “material e ativo”<sup>419</sup>

A “cruz”

The cross stands for the ‘world-axis’. Placed in the mystic Centre of the cosmos, it becomes the bridge or ladder by means of which the soul may reach God. [It] affirms the primary relationship between the two worlds of the celestial and the earthly. [The cross also] stands for the conjunction of opposites, wedding the spiritual (or vertical) principle with the principle of the world of phenomena. Hence its significance as a symbol for agony, struggle and martyrdom. [...] But the predominant meaning of the cross is that of ‘Conjunction’.<sup>420</sup>

Assim a cruz representa o período em que Hester, ativa e dinamicamente, luta por crescimento interior para manter-se como mulher e mãe naquela sociedade; e os períodos em que mudanças ocorrem em termos de atos de rebelião — como quando luta pela posse de Pearl; quando tem uma conversa franca com Chillingworth; quando propõe a fuga para Dimmesdale — e quando, finalmente, livra-se de seu papel de estigmatizada e é acolhida por seus opressores. Este comportamento adverso explica-se, pois a cruz também simboliza o “indivíduo, o ser espiritual, ativo e dinâmico” que luta na sociedade.



**Cruz de Santo André:** “união dos Mundos Inferior e Superior”<sup>421</sup>

<sup>419</sup> Ibid., p. 122.

<sup>420</sup> Ibid., p. 69-70.

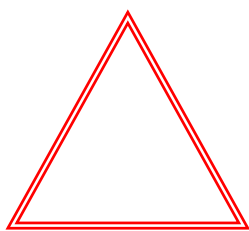
<sup>421</sup> Ibid., p. 68.

**Quaternário** – “espiritual, ativo,  
dinâmico”<sup>422</sup>

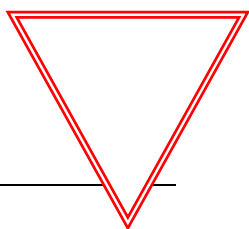
O “triângulo”

The geometric image of the ternary and, in the symbolism of numbers, equivalent to the number three. In its highest sense it concerns the Trinity. In its normal position with the apex uppermost it also symbolizes fire and the aspiration of all things towards the higher unity — the urge to escape from extension (signified by the base) into non-extension (the apex) or towards the Origin or the Irradiating Point.<sup>423</sup>

O “simbolismo ternário tende a ilustrar atividade e dinamismo (ou puro espírito),” significados que estão estreitamente ligados aos papéis de Hester, Pearl e Dimmesdale. Aqueles que, de alguma forma, tentaram ir além dos dogmas impostos pela sociedade de Salem. Aqui não discutimos se conseguiram ou não este intento, mas salientamos que tais personagens possuíam elementos “ativos e dinâmicos” que os colocaram à margem dos pressupostos puritanos e à margem do que a sociedade poderia esperar deles. Dinamismo que também encontramos na forma da “letra A” e nos sentimentos e comportamentos que suscitava naqueles que a viam. O símbolo catalisador se torna vivo por aquilo que representa e por aquilo em que interfere e transforma psicologicamente.



**Ternário** – “evolutivo, desde que o  
eixo vertical seja maior”<sup>424</sup>



**Ternário** – “involutivo, desde que seja  
invertido”<sup>425</sup>

<sup>422</sup> Ibid., p. 123.

<sup>423</sup> Ibid., p. 350-351.

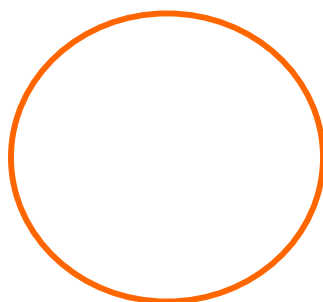
<sup>424</sup> Ibid., p. 122.

<sup>425</sup> Ibid., p. 122.

## O “círculo”

The circle, or disk is, very frequently, an emblem of the sun [...] It also bears a certain relationship to the number ten (symbolizing the return to unity from multiplicity) when it comes to stand for heaven and perfection and sometimes eternity as well. There are profound psychological implications in this particular concept of perfection. As Jung observes, the square, representing the lowest of the composite and factorial numbers, symbolizes the pluralist state of man who has not achieved inner unity (perfection) whilst the circle would correspond to this ultimate state of Oneness. [...] Representations of the relationship between the circle and the square are very common in the universal and spiritual world of morphology.<sup>426</sup>

Além disso, a circunferência — que está estreitamente ligada ao círculo — “is a symbol of adequate limitation, of the manifest world, of the precise and the regular, as well as of the inner unity of all matter and all universal harmony”.<sup>427</sup> Esta “harmonia,” então, representa o que as personagens atingem no final da história, pois, neste estágio, a luta entre forças positivas e negativas encontra seu fim e o indivíduo obtém liberdade e crescimento interior. Todos os elementos da história são reorganizados de forma que haja um perfeito equilíbrio — material e espiritual — o que possibilita a total integração do indivíduo naquilo que antes lhe era vetado ou proibido punitivamente.



“Infinito, o universo, o Todo”<sup>428</sup>

---

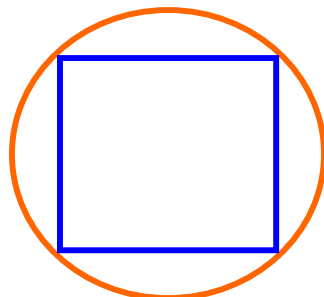
<sup>426</sup> Ibid., p. 46-48.

<sup>427</sup> Ibid., p. 48.

<sup>428</sup> Ibid., p. 123.



Apreendemos, então, com mais clareza o significado do “quadrado dentro do círculo,” a “materialidade” do mundo manifesto inserida na “espiritualidade” do universo:



**“Quaternário dentro do universo:**  
o princípio material dentro da  
totalidade”<sup>429</sup>

Fato que se explica, pois

The square [and] the circle represent a series which progresses from irregularity to regularity, a series which could equally well apply to moral evolution. Jung touches upon this question, commenting that the square, as the minimal composite number (symbolizing a situation), represents the pluralist or inner state of the man who is not yet one with himself. [...] It is unnecessary to emphasize that the meaning of a symbol varies from plane to plane, notably on the psychological and cosmic planes. So, for example, from the psychological point of view, the triangle, in its natural position with the apex uppermost, when placed between the square and the circle, is expressive of communication. But, objectively speaking, these three figures symbolize the relationship (represented by the triangle) between earth (the square) and heaven (the circle, the wheel, or rose-window) [...].<sup>430</sup>

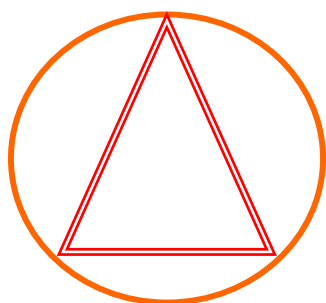
Tal descrição nos remete ao Gráfico XII, onde discorreremos sobre os relacionamentos das personagens dentro do universo que as circunda e suas implicações. Entretanto aqui podemos reverter tal relação para a perspectiva espacial apenas, tendo em mente o simbolismo que as três formas — triângulo, quadrado e círculo — podem adquirir quando assim representadas. Respectivamente, a relação entre Salem (materialidade) e o universo (espiritualidade).

<sup>429</sup> Ibid., p. 124.

<sup>430</sup> Ibid., p. 292.

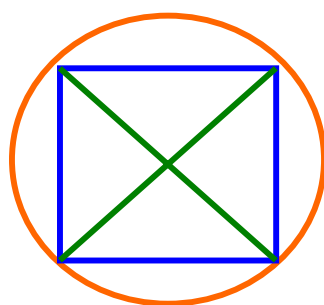
Seguindo esta relação entre os planos: terreno e cósmico, temos ainda a representação gráfica da ligação entre a “espiritualidade” — expressa nas figuras de Hester, Pearl e Dimmesdale — e a totalidade, que está em contraposição à materialidade expressa por Salem como um todo:

O “círculo e o triângulo”



**“Ternário no universo: o princípio espiritual dentro da totalidade”<sup>431</sup>**

Tal representação gráfica delinea o simbolismo das “três formas”: o “círculo,” o “quadrado” e a “cruz” que representam a síntese da trajetória aqui descrita e analisada.



**“Os dois quaternários — espiritual e material — dentro da totalidade”<sup>432</sup>**

---

<sup>431</sup> Ibid., p. 124.

<sup>432</sup> Ibid., p. 124.

Ao apresentar tais formas separadamente, os gráficos adquirem uma nova dimensão, que nos faz compreender como foram construídos e como a combinação de todos estes conceitos — material/passivo, espiritual/ativo ou dinâmico, terreno/cósmico e infinito — levam à compreensão de sua importância para a análise do romance.

Na combinação das partes dos gráficos também pudemos identificar o modo como o indivíduo é representado no universo da história, pois além da “condensação” do significado dos elementos analisados, os gráficos também nos auxiliam analisar a trajetória mítica. Se formos além das fronteiras dos gráficos mostrados anteriormente, percebemos que o indivíduo não atinge apenas um equilíbrio em relação ao seu mundo interior, mas também adquire controle de seu livre arbítrio dentro da sociedade em que vive.

Finalmente, o indivíduo é capaz de procurar seu caminho para a completude, através daquilo que está além das barreiras concretas e psicológicas que o cercam. Esta procura é representada através das etapas da trajetória mítica de Hester. O crescimento espiritual que experimenta durante tal jornada é marcada pelos esforços para manter um movimento contínuo que a distanciasse do *centro* representado pela opressão e repressão de Salem.

### **3.2 A Letra Escarlata: As Profundezas do Universo Feminino**

*Se uma história é uma semente, então nós somos seu solo. O ato de ouvir uma história nos permite vivenciá-la como se nós mesmas fôssemos a heroína que cede diante das dificuldades ou que as supera no final. [...] Num sentido muito real, ficamos impregnadas de conhecimento só por termos dado ouvidos ao conto.*

*Clarissa Pinkola Estés<sup>433</sup>*

---

<sup>433</sup> ESTÉS, op.cit., p. 478.

Considerando que **A Letra Escarlate** traz à tona a “condição da mulher” numa sociedade, que precisa manter determinados valores para não sucumbir totalmente a dogmas autoritários e repressores, a análise “do nível mais profundo da narrativa” também nos permite escrutinar mais detalhadamente como o universo feminino se revela e determina em tal contexto. Para tanto, utilizaremos a proposta de análise encontrada em **Mulheres Que Correm Com os Lobos: Mitos e Histórias do Arquétipo da Mulher Selvagem** (1999) de Clarissa Pínkola Estés, obra que aborda a teoria sobre mitos e histórias do arquétipo da “mulher selvagem”<sup>434</sup> e que nos permitirá apresentar uma outra perspectiva da “trajetória mítica” de Hester Prynne e seu conteúdo simbólico, seguindo, conseqüentemente, os pressupostos das teorias de Campbell e Jung apresentados anteriormente.

Em linhas gerais, Estés nos mostra que cada aspecto de uma história ou conto de fadas representa um aspecto da psique feminina e como este atua para representar, moldar ou transformar sua identidade, quando necessário.

[As histórias] suscitam interesse, tristeza, perguntas, anseios e compreensões que fazem aflorar o arquétipo, nesse caso o da Mulher Selvagem. Nas histórias estão incrustadas instruções que nos orientam a respeito das complexidades da vida. As histórias nos permitem entender a necessidade de reerguer um arquétipo submerso e os meios para realizar esta tarefa. [...] Em cada fragmento de história está a estrutura do todo. [...] O estudo da psicologia dos arquétipos [...] preserva e estuda todos os enredos e temas dos contos de fadas, lendas e dos mitos com o objetivo de compreender as vidas instintivas dos seres humanos.<sup>435</sup>

Nestas histórias, o arquétipo da “Mulher Selvagem” é que direcionaria todo o processo de construção da identidade feminina. Mostrando-nos as várias formas com que a mulher depreende sua identidade como indivíduo público e privado numa sociedade. Como nos coloca Estés,

A Mulher Selvagem como arquétipo é uma força inimitável e inefável que traz para a humanidade um abundante repertório de idéias, imagens e particularidades. O arquétipo existe por toda parte e, no entanto, não é visível no sentido comum da palavra. O que pode ser visto dele no escuro

---

<sup>434</sup> “O termo selvagem neste contexto não é usado em seu atual sentido pejorativo de algo fora do controle, mas em seu sentido original, de viver uma vida natural, uma vida em que a criatura tenha uma integridade inata e limites saudáveis.” (Ibid., p. 21).

<sup>435</sup> Ibid., p. 30-31.

não é visível à luz do dia. Encontramos comprovações residuais dos arquétipos nas imagens e símbolos presentes nas histórias, na literatura, na poesia, na pintura e na religião. Seu brilho, sua voz e seu perfume parecem ter a intenção de fazer com que nos alcemos da contemplação dos nossos próprios rabos para viagens maiores em companhia das estrelas.<sup>436</sup>

Assim tomaremos cada aspecto e momento da vida de Hester Prynne e personagens a que se relaciona como sendo um fragmento de sua psique e indagaremos que papel tal fragmento desempenha em sua trajetória.

### 3.2.1 A “Mulher Selvagem”: A Manifestação do Universo Feminino

Para que possamos esclarecer um pouco mais o teor da obra de Estés, que foi construída ao longo de mais de 20 anos de pesquisas, explicamos que em **Mulheres Que Correm com os Lobos**, Estés trata da “Mulher Selvagem,”<sup>437</sup> que existe em todo ser humano, sem meias palavras ou subterfúgios. Ler o livro é como sentar no divã do analista, enfrentar e encarar todo o nosso ser sem nenhuma reserva, medo, rejeição ou desaprovação, é mergulhar bem fundo no lago do nosso mais escuro ser, o lago que todos querem esquecer ou fazer de conta que não existe.

Mas, podemos nos perguntar, o que é esta “Mulher Selvagem”? Que ser é este que habita em todos nós? Como é que não a percebemos antes, ou ainda? O que fazer para despertá-la? Ou será mesmo que queremos despertá-la e sair deste mundo tão cômodo em que vivemos, ou pensamos viver? Como diz Estés, “ela é o que é; e é um ser inteiro,”<sup>438</sup> a Deusa de inúmeros nomes e faces, a senhora da luz e das trevas, o

---

<sup>436</sup> Ibid., p. 47.

<sup>437</sup> “Chamo-a de Mulher Selvagem porque essas exatas palavras, mulher e selvagem, criam *llamar o tocar a la puerta*, a batida dos contos de fadas à porta da psique profunda da mulher. *Llamar o tocar a la puerta* significa literalmente tocar o instrumento do nome para abrir uma porta. Significa usar palavras para obter a abertura de uma passagem. Não importa a cultura pela qual a mulher seja influenciada, ela compreende as palavras *mulher* e *selvagem* intuitivamente. Quando as mulheres ouvem essas palavras, uma lembrança muito antiga é acionada, voltando a ter vida. Trata-se da lembrança do nosso parentesco absoluto, inegável e irrevogável com o feminino selvagem, um relacionamento que pode ter se tornado espectral pela negligência, que pode ter sido soterrado pelo excesso de domesticação, proscrito pela cultura que nos cerca ou simplesmente não ser mais compreendido.” (Ibid., p. 19).

<sup>438</sup> Ibid., p. 23.

ciclo da vida-morte-vida, o numinoso,<sup>439</sup> a “vagina dentada”<sup>440</sup> o anjo que nasce, o belo e o horrível, o ser e o não ser, a nossa essência mais perfeita, poderosa e profunda. É aquilo que nos impele a trabalhar, a desenvolver nossos projetos de vida, seja em termos pessoais, profissionais e de relacionamentos sadios. Ela é aquela que nos coloca contra a parede, no beco sem saída, no inferno de nós mesmos e nos faz ver aquilo que boicotamos em nossas existências (passadas/presentes e futuras). A “Mulher Selvagem” nos coloca frente a frente com nossos piores medos, ansiedades, angústias, boicotes (da alma e do corpo) e, o que é pior, com a falta de coragem de lutarmos pela nossa plena existência como mulheres, mães, filhas, irmãs, noras, tias, madrinhas, companheiras, amantes, esposas, amigas, profissionais, cidadãs do mundo, indivíduos sociais e ativos, como deveríamos ser. Fatores que também se aplicam à sua contraparte masculina.

Na maioria das vezes, vivemos existências pela metade, ou seja, não nos colocamos plenamente em nossas vidas e propósitos porque fomos levados a acreditar que a sociedade, a família e o meio em que vivemos não nos permitem fazer melhor. Produzimos tudo pela metade: relacionamentos, casamentos, artes, projetos, profissões, amigos, filhos, cuidado com o corpo e a alma, alimentação e tudo mais. Podemos considerar isto como um estado de semi-apatia, ou no pior dos casos, de apatia total. Desenvolvemos doenças “da alma,” além do corpo. Hoje somos informados, através dos meios de comunicação e de vasta literatura, do aspecto psicossomático dos males físicos. De que a doença nada mais é do que o reflexo daquilo que não nos permitimos fazer ou realizar em nossas vidas, aquilo que achamos que está lá esquecido num quarto escuro e que nunca irá se manifestar no mundo físico.

Assim sendo, tudo aquilo que guardamos dentro de nós — mágoas, culpas, desprezos, situações não resolvidas, projetos e desejos não realizados — se manifestam e da pior forma, às vezes, irremediavelmente. Isto é provocado,

---

<sup>439</sup> “Termo descritivo de pessoas, coisas ou situações que têm uma profunda ressonância emocional, psicologicamente associadas a experiências do **self**. Numinoso, como numinosidade, deriva do latim *numinosum* e refere-se a um elemento ou efeito dinâmico, independente da vontade consciente. (SHARP, D. **Léxico Junguiano: Dicionário de termos e conceitos**. São Paulo: Cultrix, 1997, p. 113).

<sup>440</sup> ESTÉS, op. cit., p. 121.

principalmente, pela falta de amor e compaixão por nós mesmos e pelos outros também, pois, na maioria das vezes, além de nos culparmos — por tudo o que não realizamos, alcançamos ou somos, também culpamos os outros — pai, mãe, marido/esposa, amigos, filhos, a sociedade, a família, a cultura. Culpamos todos por aquilo pelo qual não nos responsabilizamos.

Jung observa que

Para mim não há liberação “a todo preço”. Não poderia desembaraçar-me de algo que não possuo, que não fiz, nem vivi. Uma liberação real só é possível se fiz o que poderia fazer, se me entreguei totalmente a isso, ou se tomei totalmente parte nisso. Se me furtar a esta participação, amputarei de algum modo a parte de minha alma que a isso corresponde. É claro que essa participação pode me parecer demasiadamente penosa, e que eu tenha boas razões para não me entregar internamente a isso. Então, ver-me-ei constrangido a um “não posso” e serei obrigado a reconhecer que talvez tenha omitido algo de essencial, que não cumpri uma tarefa. A consciência aguda de minha incapacidade compensa a ausência do ato positivo. O homem que não atravessa o inferno de suas paixões também não as supera. Elas se mudam para a casa vizinha e poderão atear o fogo que atingirá sua casa sem que ele perceba. Se abandonarmos, deixarmos de lado, e de algum modo esquecermo-nos excessivamente de algo, correremos o risco de vê-lo reaparecer com uma violência redobrada.<sup>441</sup>

A “Mulher Selvagem,” a “Deusa,” a “personalidade nº 2,” como diz Jung em suas **Memórias**,<sup>442</sup> nada mais é que esta parte de nós que tentamos sufocar, camuflar e fazer de conta que não existe. É a nossa “identidade feminina e selvagem,” são todas as facetas das deusas que nos habitam e que podemos e devemos invocar para nos fortalecer, mas para não só atingirmos o inatingível, mas para as pequenas coisas de nossas vidas e daqueles que nos cercam e com os quais nos relacionamos, não por acaso. Isto não demanda uma coragem sobre humana, mas uma coragem humana, aquela que há em todos nós, que nos faz participar de grupos de apoio; de termos uma profissão, interesses; que nos permite encarar a vida em seus mais diversos aspectos, sem fugirmos e nos escondermos em situações tidas como cômodas, convenientes, normais, certas ou politicamente corretas.

Estés nos mostra que para viver uma “identidade feminina plena,” não necessitamos tentar alcançar a sublimação, nem virar nossas vidas do avesso — se

---

<sup>441</sup> JUNG, **Memórias...**, p. 243.

<sup>442</sup> *Ibid.*, p. 52.

bem que às vezes é isto que é preciso — nem virar as costas para tudo aquilo que já construímos. Talvez o essencial é olharmos para nossas vidas e vermos o que falta para que esta identidade se torne mais plena, mais robusta, firme, bem enraizada no chão que nos acolhe. É um olhar profundo para o nosso ser. Aquilo que às vezes não queremos tocar, olhar, acalantar, pegar no colo, ninar e amar incondicionalmente.

É olhar tanto para a luz quanto para a sombra, para o que gostamos e não gostamos em nós mesmos e espelhamos nos outros. É cuidar de nosso “predador”<sup>443</sup> mais obscuro e não deixá-lo esquecido num canto, pois a qualquer momento ele se manifestará em nossas vidas na forma de dúvidas, culpas, boicotes, auto-flagelação psíquica e corporal, depressão, relacionamentos doentios e tudo aquilo que conhecemos de pior. Em outras palavras, é termos a coragem de não nos submeter a privações, abusos físicos, emocionais e morais para termos direito às nossas vidas. De habitar uma moradia ou realizarmos nosso trabalho. Isto significa tomar as rédeas de nossas vidas sem que tenhamos que virar as costas para o mundo. Isto demanda coragem e um amor profundo por nós mesmos. Podemos dizer que é esta a maior mensagem que Estés quer nos passar com a apresentação da “Mulher Selvagem”.

A “identidade feminina selvagem” é nosso tesouro mais profundo, aquilo que não nos podem roubar ou impedir que floresça e apareça. Não importa a condição social, nível de escolaridade, idade ou situação em que nos encontramos. Desenvolver e acalantar esta identidade requer esforço, dedicação de período integral e sem preguiça. É procurar ajuda de pessoas que respeitem e colaborem para que esta identidade floresça e não seja ainda mais abafada e amordaçada. Quando começamos a cultivar esta parte de nosso ser, nem todas as pessoas que nos rodeiam irão aceitar, colaborar e apreciar. Pode até parecer uma luta descomunal com nosso meio ou pode implicar até numa mudança radical de turma, amigos, companheiros, trabalho por

---

<sup>443</sup> “Uma entidade em especial, o fugitivo mais traiçoeiro e mais poderoso da psique, exige nossa conscientização e contenção imediatas — e esse é o predador natural. Embora a causa do sofrimento humano possa ser atribuída a uma criação negligente, existe também dentro da psique um aspecto *contra naturam* inato, uma força voltada “contra a natureza”. O aspecto *contra naturam* opõe-se ao que for positivo: ele é contra o desenvolvimento, contra a harmonia e contra o que for selvagem. Trata-se de um antagonista debochado e assassino que nasce dentro de nós e, mesmo com a criação parental mais cuidadosa, sua única função é a de tentar transformar todas as encruzilhadas em ruas sem saída. (ESTÉS, op. cit., p. 57).



exemplo. Isto vai depender de cada um de nós e daquilo que queremos e sentimos falta em nossas vidas mais profundas.

Como enfatiza Estés,

A compreensão dessa natureza da Mulher Selvagem não é uma religião, mas uma prática. Trata-se de uma psicologia em seu sentido mais verdadeiro: *psukhē/psych*, alma; *ology* ou *logos*, um conhecimento da alma. Sem elas as mulheres não têm ouvidos para ouvir o discurso da sua alma ou para registrar a melodia dos seus próprios ritmos interiores. Sem ela, a visão íntima das mulheres é impedida pela sombra de uma mão, e grande parte de seus dias é passada num tédio paralisante ou então em pensamentos ilusórios. Sem ela, as mulheres perdem a segurança do apoio da sua alma. Sem ela, elas se esquecem do motivo pelo qual estão aqui; agarram-se às coisas quando seria melhor afastarem-se delas. Sem ela, elas exigem demais, de menos ou nada. Sem ela, elas calam quando de fato estão ardendo. A Mulher Selvagem é um instrumento regulador, seu coração, da mesma forma que o coração humano regula o corpo físico.<sup>444</sup>

Percebemos que a trajetória para se alcançar e resgatar esta “Mulher Selvagem” demanda muito trabalho e dedicação. A cura de traumas sofridos na infância e na idade adulta, a recuperação da auto-estima, o amor próprio e a compaixão por nós mesmos são fatos que já nos levaram muitas vezes às profundezas de nosso ser, a olhar a morte de frente, a trilhar labirintos e escavar nossa alma em busca de respostas, compreensões e luz. São muitas idas e vindas, muitas visitas à terra da “Baba Yaga.”<sup>445</sup> Sabemos que ainda ocorrerão muitas outras e que o processo é um contínuo cíclico espiralado. O que nos conforta e anima é saber que todo retorno nos trouxe algum ganho, alguma compreensão e entendimento sobre nossa trajetória de vida e aquilo que nos ajuda a reconstruir e resgatar de nossas entranhas nossa identidade feminina e selvagem.

### 3.2.2 Hester Prynne: Exemplo da Condição Feminina “Selvagem”

Para compreendermos a abordagem de Estés, é importante considerar o caráter mitológico da narrativa em que a heroína se enquadra. Hester Prynne é a heroína de uma “trajetória mítica,” onde a busca traz tanto o desenvolvimento e conhecimentos

---

<sup>444</sup> Ibid., p. 23.

<sup>445</sup> Ibid., p. 101.

interiores, quanto elementos para lidar e compreender a sociedade em que se encontra, pois “uma das características próprias do mito [é] a manipulação sintética de grandes oposições cosmológicas e o esforço lógico de resolução de contradições básicas de uma cultura”.<sup>446</sup>

A abordagem proposta por Estés considera cada elemento de uma história como parte integrante da psique feminina, portanto os elementos simbólicos já analisados serão retomados sob uma outra perspectiva, para que assim possamos explicar como a trajetória de Hester caracteriza os conteúdos profundos de sua psique.

Primeiramente é necessário entender qual elemento dá início a tal trajetória e suas implicações. Através daquilo que sabemos sobre a vida de Hester, os motivos pelos quais vai parar em Salem, podemos inferir que em seu inconsciente havia uma vontade, um desejo de mudança, que não poderia ser assumido ou reconhecido abertamente na época em que vivia. Podemos dizer que havia um “desejo oculto” de se realizar como mulher, de amar profundamente e de expressar seu verdadeiro eu, idéias que não cabiam em seu relacionamento com Roger Chillingworth. Sabemos também que a punição de Hester não está somente ligada ao fato de ter cometido o adultério, mas também por se recusar a revelar a identidade de seu cúmplice, por manter um “segredo”. Assim tal “segredo,” juntamente com o desejo inconsciente que a levou até Salem, se torna um “núcleo” ao redor do qual ondas de provações se reverberam até que seja desvendado.

A maioria dos segredos das mulheres se relaciona à transgressão de algum código social ou moral do sistema de valores da pessoa, da religião ou da cultura. Alguns desses atos, acontecimentos e opções, especialmente aqueles relacionados à liberdade das mulheres em toda e qualquer seara, costumaram ser denunciados pela cultura como vergonhosos para as mulheres, mas não para os homens. [...] Em geral, os segredos seguem os mesmos temas encontrados no teatro sério. Alguns desses temas são a traição, o amor proibido, a curiosidade censurável, [...]; sonhos, desejos reprováveis; [...] gravidezes não-planejadas; [...] e a lista continua, sendo que a maioria dos temas se incluiria na categoria de erro lamentável.<sup>447</sup>

---

<sup>446</sup> VIVEIROS de CASTRO & ARAÚJO, R. B. “Romeu e Julieta e a origem do estado.” In: VELHO, G. **Arte e sociedade: ensaios de sociologia da arte**. Rio: Zahar, 1977, p. 141.

<sup>447</sup> ESTÉS, op. cit., p. 463-464.

Este “erro lamentável” é que se torna o âmago daquilo que está por trás da “letra A” e seu significado mais profundo. A importância de tal “erro” para o desenvolvimento da história está no fato de que

Os segredos, como os contos de fadas e sonhos, também seguem as mesmas estruturas e padrões de energia encontrados no drama. Os segredos, no entanto, em vez de obedecer à estrutura heróica, seguem a estrutura trágica. O drama heróico começa com uma heroína em viagem. Às vezes ela não está psicologicamente alerta. Às vezes ela é excessivamente meiga e não percebe o perigo. Por vezes ela já foi maltratada e faz gestos desesperados de um animal em cativeiro. Não importa como comece, a heroína acaba caindo nas garras de qualquer coisa ou de qualquer um e sofre severas provas. Então, recorrendo à sua inteligência e por ter quem se importe com ela, ela é libertada e cresce em consequência disto.<sup>448</sup>

Assim, vemos que a trajetória de Hester apresenta algumas características do “drama heróico,” pois se inicia com sua jornada para Salem, onde se envolve emocionalmente com quem “não deveria”: o pastor local. Ela passa pelas provações e é no final “libertada” através do sacrifício daquele que era seu cúmplice no adultério. Entretanto o trágico e o heróico se misturam nesta narrativa, pois no tipo de “busca” a que Hester se submete, ela também traça uma “trajetória trágica,”<sup>449</sup>

É [...] forçada ou entra direto no inferno, sendo subseqüentemente dominada, sem que ninguém ouça seus gritos ou dê atenção às suas queixas [que é o que ocorre com seu aprisionamento]. Ela perde as esperanças, perde contato com a riqueza da própria vida e entra em colapso [que é caracterizado por seus trajes rústicos e sem cor, além da tristeza que exprime em seu rosto e austeridade de comportamento]. Em vez de ser capaz de saborear sua vitória sobre a adversidade, ou a prudência de suas escolhas e sua resistência, ela é aviltada e entorpecida [principalmente por ter que carregar a “letra A” pregada em seu peito onde quer que esteja].<sup>450</sup>

Desta forma vemos que a “tragédia” também dá lugar ao “heróico”. Hester não se resigna à sua sina, ultrapassa suas provações com altivez e comedimento, apesar de não se deixar abater completamente pela punição de Salem nem por suas crenças, que são enraizadas numa tradição austera e inflexível. Assim o meio para quebrar o padrão

<sup>448</sup> Ibid., p. 464.

<sup>449</sup> CAMPBELL nos diz que: “O romance moderno, tal como a tragédia grega, celebra o mistério do desmembramento, que se configura como vida no tempo. O final feliz é desprezado, com justa razão, como uma falsa representação; pois o mundo — tal como o conhecemos e o temos encarado — produz apenas um final: morte, desintegração, desmembramento e crucifixão do nosso coração com a passagem das formas que amamos.” (CAMPBELL, *O Herói...*, p. 32).

<sup>450</sup> ESTÉS, op. cit., p. 464.

trágico de sua jornada e revertê-lo em heróico é encontrado quando decide contar a Dimmesdale a verdadeira identidade de Chillingworth. E também pelo fato de Dimmesdale resolver fazer sua revelação em praça pública, liberando Hester e Pearl do fardo da “letra A”. Esta inversão de padrão se torna possível, pois “o modo de reverter o drama trágico num drama heróico está em revelar o segredo, em falar a respeito dele com alguém, em escrever um outro final, em examinar nosso papel nele e quais as nossas qualidades ao suportá-lo. Esse aprendizado compõe-se de partes iguais de dor e prudência. O fato de se ter passado por tudo isso é uma vitória do espírito profundo e selvagem”.<sup>451</sup>

Manter estes “segredos” significaria sacrificar toda a experiência que a trajetória mítica propõe à heroína. Isto fica claro quando observamos o comportamento de Chillingworth durante a revelação de Dimmesdale no pelourinho, sua tentativa de tentar impedir que “o pior” acontecesse traduz a necessidade que tinha de que aquele segredo também fosse mantido para que seu propósito mórbido tivesse continuidade. Não é de se estranhar que Chillingworth viesse a morrer logo depois de tal revelação, a causa de sua sombria existência já não existia mais, não havia mais vingança a se fazer, só lhe restava a morte, assim como só restava a liberdade para Hester e Pearl.

Tais tipos de segredos são guardados por serem

Cheios de vergonha [...] Qualquer pessoa que tenha guardado um segredo em detrimento de si mesma viu-se soterrada pela vergonha. Nessa aflição universal, o próprio padrão é arquetípico: ou bem a heroína foi forçada a fazer algo ou, pela perda do instinto, caiu em alguma armadilha. Tipicamente, ela é incapaz de corrigir a triste condição. Ela está presa ao segredo por algum tipo de juramento ou pela vergonha. Ela concorda por medo da perda do amor, da perda da consideração, da perda dos meios básicos de subsistência. Para lacrar ainda mais o segredo, é lançada uma maldição sobre a pessoa, ou pessoas, que o revelar. Há a ameaça de alguma coisa terrível caso o segredo seja um dia revelado.<sup>452</sup>

No caso de Hester vemos que há duas razões distintas para manter seus segredos: primeiro seu amor por Dimmesdale, que a impede de denunciá-lo para as autoridades, fazendo-a ser punida solitariamente pelo adultério — pelo menos por sete anos; segundo as ameaças de Chillingworth que a colocam contra a parede e,

<sup>451</sup> Ibid., p. 464.

<sup>452</sup> Ibid., p. 464-465.

conseqüentemente, o ajudam a identificar quem foi seu cúmplice no adultério e a martirizá-lo. Não podemos nos esquecer que Chillingworth também mantinha sua identidade ocultada por não querer assumir o papel de marido traído perante Salem. Esta trama só se concretiza, pois

No arquétipo do segredo, é lançado sobre a psique da mulher uma espécie de encantamento, como uma rede escura, e ela é encorajada a acreditar que o segredo não deve jamais ser revelado. Além do mais, ela deve acreditar que, se o revelar, todas as pessoas decentes que por acaso a encontrarem irão insultá-la para todo o sempre. Essa ameaça a mais, além da própria vergonha secreta, faz com que a mulher se submeta não a uma, mas a duas cargas.<sup>453</sup>

Paradoxalmente Hester é insultada justamente por não revelar a identidade do pai de Pearl e é liberada de sua condenação quando isto acontece. Entretanto sabemos que Chillingworth é quem coloca um “encantamento sombrio” sobre a psique de Hester, tanto que esta decide revelar sua identidade para Dimmesdale depois de perceber o mal que Chillingworth lhe estava causando. Sabemos que Hester acatou sozinha a punição pela “letra A” sem se arrepender, entretanto guardar o segredo de Chillingworth seria ajudá-lo a arruinar Dimmesdale física e emocionalmente, e nisto ela não concordaria.

Outro aspecto importante do ato de guardar um segredo está no fato de que

A guarda de segredos isola a mulher daqueles que lhe dariam amor, auxílio e proteção. Ela faz com que a mulher carregue a carga da dor e do medo sozinha, e às vezes no, lugar de um grupo inteiro, seja a família, seja a cultura. Além disso, como afirmou Jung, guardar segredos nos isola do inconsciente. Ali onde há um segredo vergonhoso, há sempre na psique da mulher uma zona morta, um local que não tem sensibilidade ou resposta adequada aos acontecimentos contínuos da sua própria vida emocional ou aos acontecimentos da vida emocional dos outros.<sup>454</sup>

Podemos dizer que nesta história há vários fatores que colaboram para o isolamento de Hester, pois serve como um bode expiatório para toda a comunidade. A “letra A” se torna um emblema não só de seu pecado, mas do pecado de muitos, principalmente por viverem numa sociedade tão repressora. Além disso primeiro Hester assume o fardo que Dimmesdale deveria ter suportado junto com ela — não se

---

<sup>453</sup> Ibid., p. 465.

<sup>454</sup> Ibid., p. 465.

auto-flagelado às escondidas — segundo também concorda, sem o perceber, em alimentar os propósitos sombrios de Chillingworth e a livrá-lo de sua vergonha. Desta forma, o segredo coletivo ou individual é aquilo que une as personagens e se revela ao longo desta trama como um agente transformador de crenças e comportamentos, daí a forma como a história termina.

Ao lermos **Mulheres que Correm com os Lobos**, vemos que os vários contos analisados por Estés possuem elementos que seriam identificáveis na história de Hester, entretanto percebemos que aquele cujos elementos mais se aproximam desta história é “A Donzela sem Mãos,”<sup>455</sup> que

Trata da iniciação da mulher para sua entrada na floresta subterrânea através do rito da resistência. O termo resistir dá a impressão de significar “continuar sem interrupção” e, embora essa seja uma parte eventual das tarefas subjacentes ao conto, esse termo também significa “endurecer, tornar firme, robusto, fortalecer”. É esse o principal impacto do conto bem como a característica produtiva da longa vida psíquica da mulher. Não continuamos só por continuar. A resistência denota que estamos criando algo.<sup>456</sup>

Em linhas gerais, “A Donzela sem Mãos” trata da história de *uma donzela que teria sido dada ao diabo por seu pai por engano. O diabo dá riquezas inúmeras para o casal e promete voltar dali a três anos para buscar a donzela. Quando retorna, a donzela está esperando, banhada, de vestido branco e no meio de um círculo de giz, que ela mesma traçou. Mas o círculo não permite que o diabo se aproxime e, depois de duas tentativas frustradas de levar a donzela com ele, o diabo ordena ao pai que corte suas mãos para que não possa mais enxugar suas lágrimas, as quais a tornavam cada vez mais pura. Mesmo assim, pela terceira vez, o diabo não consegue se aproximar da donzela, pois havia chorado tanto que seus braços estavam limpos.*

*A donzela, tendo as mãos decepadas, por ordem do diabo, não aceita a ajuda de seu pai para sobreviver e sai pelo mundo para viver como mendiga, até que chega ao pomar real. Neste pomar, no qual entra com o auxílio de um espírito guardião, come uma das frutas encantadas que se oferece a ela, é descoberta pelo rei, o qual se*

---

<sup>455</sup> De acordo com ESTÉS, “a história da donzela sem mãos é, em diferentes partes do mundo, chamada de “Mãos de Prata”, “A noiva sem mãos” e “O Pomar”. Estudiosos do folclore computam mais de cem versões da história. Na sua essência, a [versão utilizada por ela] é encontrada em toda a Europa central e oriental.” (Ibid., p. 480).

<sup>456</sup> Ibid., p. 479.

*apaixona por ela e acabam se casando. Passado algum tempo o rei vai para a guerra e a rainha (agora com mãos de prata) permanece (grávida) no castelo, junto com a velha rainha (mãe do rei).*

*Ao nascer uma bela criança é enviada uma mensagem para o rei, a qual é interceptada por várias vezes pelo diabo, até chegar ao castelo a ordem de matar a jovem rainha e o bebê e guardar as provas (língua e olhos) para o rei. A velha mãe apavorada amarra o bebê ao corpo da jovem rainha, os cobre com um véu, os manda para bem longe floresta adentro para que salvem suas vidas e sacrifica uma corça no lugar. Na floresta densa, a rainha vagueia e com o auxílio do mesmo espírito guardião de antes, encontra um abrigo e permanece com o povo da floresta por sete anos.*

*Ao retornar para o castelo, o rei é informado do que aconteceu, das mensagens horríveis (que havia enviado) e este, em desespero, sai em procura da jovem rainha e vaga pela floresta por sete anos sem comer ou beber. No final, chega ao abrigo da floresta, é acolhido, descansa e é acordado por uma linda jovem e um belo menino, mas a donzela tinha mãos. Assim, as mãos de prata, a prova de que era realmente sua esposa, lhe são mostradas, e a rainha lhe conta que com suas aflições e bons cuidados suas mãos haviam crescido novamente. A família retorna ao castelo, reúne-se à velha mãe e o casal se casa pela segunda vez, tem vários outros filhos e vivem felizes para sempre.*

Assim

A donzela do conto realiza algumas descidas. Quando ela completa um estágio de descida e transformação, ela mergulha ainda em mais um. Esses estágios alquímicos se completam cada um com um *nigredo*, perda, *rubedo*, sacrifício e *albedo*, chegada da luz, cada um acompanhando o outro. [...] Todas essas descidas, perdas, descobertas e fortalecimentos ilustram a iniciação perpétua da mulher na renovação do aspecto selvagem.<sup>457</sup>

Também encontramos tais estágios alquímicos na trajetória de Hester: 1º) “preto” (*nigredo*): a ligação de Chillingworth a Hester através de um casamento inapropriado (perda) e subsequente ida para Salem sozinha; 2º); “vermelho” (*rubedo*): o envolvimento de Hester com Dimmesdale e sua condenação (sacrifício); 3º)

<sup>457</sup> Ibid., p. 480.

“branco” (*albedo*): o nascimento de Pearl e a final liberação de Hester de sua condenação depois de sete anos (chegada da luz).

Assim como no conto, a *descida* pela qual Hester passa também pode ser identificada através de *sete estágios*: 1º) “O pacto sem o conhecimento:”<sup>458</sup> o casamento com Chillingworth, que representava segurança material, mas não afetiva e emocional (a energia jovem é sugada pela velha) — esta foi a “escolha, o pacto infeliz;”<sup>459</sup> 2º) “A mutilação:”<sup>460</sup> Hester é enviada sozinha para Salem; se envolve com Dimmesdale; comete o adultério e é punida com a “letra A” — ocorre o “corte das mãos [...] e assim termina sua vida como era até então;”<sup>461</sup> 3º) “A perambulação:”<sup>462</sup> Hester inicia sua vida em Salem usando a “letra A,” não foge, enfrenta a vida com a pequena Pearl, inicia seu trabalho como costureira, bordadeira e ajuda aos moribundos e doentes penetrando em todos os níveis da sociedade — aqui há “sofrimento, luta, persistência [...] para prosseguir na direção de [seu] destino de conhecimento”<sup>463</sup> — este estágio também marca a duração temporal de sua trajetória: “três” anos até que tenha que lutar pela posse de Pearl e os “quatro” anos subseqüentes; 4º) “Encontrando o amor no outro mundo:”<sup>464</sup> reencontro com Dimmesdale durante sua vigília no pelourinho durante a madrugada, “depois de sete anos” — Hester percebe a deterioração do estado físico e emocional de Dimmesdale e a responsabilidade que Chillingworth tem sobre isto; 5º) “O tormento da alma:”<sup>465</sup> Hester tem uma conversa franca com Chillingworth sobre o que está fazendo com Dimmesdale — confirmação de que ele sabe quem foi seu cúmplice no adultério; 6º) “O reino da Mulher Selvagem:”<sup>466</sup> na “floresta,” depois de sete anos — a quebra do segredo sobre Chillingworth dá uma outra perspectiva para a história. Hester discute sobre o sofrimento de Dimmesdale em Salem e propõe a “fuga,” a possibilidade de uma vida

---

<sup>458</sup> Ibid., p. 486.

<sup>459</sup> Ibid., p. 487.

<sup>460</sup> Ibid., p. 495.

<sup>461</sup> Ibid., p. 495.

<sup>462</sup> Ibid., p. 507.

<sup>463</sup> Ibid., p. 507 e 513.

<sup>464</sup> Ibid., p. 513.

<sup>465</sup> Ibid., p. 528.

<sup>466</sup> Ibid., p. 547.



plena para os dois e Pearl longe dali; a floresta escura se transforma num ambiente em que a liberdade é possível, Pearl brinca livremente neste ambiente; Hester retira a “letra A” do peito e conversa livremente com Dimmesdale (este é o primeiro encontro deles a sós, depois da punição de Hester); 7º) “O noivo e a noiva selvagens.”<sup>467</sup> a revelação de Dimmesdale confirma a ligação espiritual que havia entre ele e Hester e, também, significa libertação para os dois do “encanto da letra A;” mesmo que ainda seja preciso partir e retornar a Salem para que ela possa cumprir sua missão para com a comunidade. Após sua morte Hester é de alguma forma unida a Dimmesdale, mesmo que seus túmulos não se toquem. Desta forma, Hester cumpre todas as *descidas* necessárias para que alcance o estágio mais profundo de seu inconsciente e obtenha sua transformação espiritual, pois os heróis têm que “sofrer para se desenvolver”.<sup>468</sup>

A aceitação da descida para os níveis mais profundos da psique ocorre, quando a mulher percebe que não importa o que faça,

Os planos [de seu ego] fogem das [suas] mãos. Haverá uma mudança [em sua] vida, uma das grandes, independente dos belos planos que o ego maestro-temperamental tenha para o próximo movimento. [Seu] próprio destino poderoso começa a governar [sua] vida [...]. Acabou-se a vida como a [conhecia]. Não [pode] mais confiar na cultura paterna dominante. [Está envolvida] com o primeiro aprendizado [de sua] vida verdadeira. [Persiste]. [A mulher] não vai se esconder para sempre [por isso Hester permanece em Salem]. Ela irá vestir-se, medicar-se em termos psíquicos [...] e descer ainda mais um degrau de pedra que a levará a um reino ainda mais profundo da psique [, pois sua natureza instintual...] sente que precisa lutar para viver em plena consciência, custe o que custar.<sup>469</sup>

Assim ao ter “as mãos cortadas” — ser punida com a “letra A” — a descida é aprofundada e significa acelerar a *disolutio*, que representa

A difícil perda de todos os nossos valores mais caros, que significam tudo, a perda do ponto privilegiado, a perda das linhas do horizonte, a perda dos nossos pontos de referência acerca daquilo em que acreditamos e por que motivos. [...] Com o corte das mãos, é realçada a importância do restante do corpo psíquico e dos seus atributos [...] a mulher profunda e mutilada vai cumprir sua tarefa, com ou sem a assistência e proteção do pai. E por mais

---

<sup>467</sup> Ibid., p. 555.

<sup>468</sup> Ibid., p. 555.

<sup>469</sup> Ibid., p. 506-507.

medonho que possa parecer a princípio, essa nova versão do corpo vai ser de ajuda.<sup>470</sup>

Não é por acaso que a “letra A,” uma espécie de “escarificação decorativa,”<sup>471</sup> ao mesmo tempo em que mantém Hester “dentro de um círculo de vergonha,” excluindo-a da sociedade, também permite que esta transite por vários lugares de Salem, principalmente aqueles em que a doença e a morte prevalecem.<sup>472</sup> Além disso, paradoxalmente, é através de suas “mãos” que consegue manter sua dignidade e a da filha, a mutilação sofrida por ela foi de outra natureza, tentaram amputar sua essência como mulher, física e emocionalmente.

Para que possamos apreender a relevância desta trajetória, que possibilita o desenvolvimento espiritual de Hester, faz-se necessário retomarmos o simbolismo do número “sete”: temos “sete estágios”<sup>473</sup> distintos realizados durante “sete anos”. Como Estés nos coloca:

A iniciação da mulher é um arquétipo; e, embora um arquétipo tenha muitas variações, seu núcleo permanece constante. [...] A donzela fica [na floresta] sete anos, pois é esse o tempo de uma estação na vida da mulher. O sete é o número de dias de cada fase da lua e é também o número de outras expressões do tempo sagrado: os sete dias da criação, os sete dias da semana e assim por diante. No entanto, para além dessas questões fica uma muito maior: a vida da mulher é dividida em fases, cada uma com sete anos. Cada período de sete anos representa um certo conjunto de experiências e aprendizagens. Essas fases podem ser compreendidas em termos mais concretos como estágios do desenvolvimento, mas elas podem ainda mais ser vistas como estágios espirituais de desenvolvimento [...].<sup>474</sup>

Percebemos que Hester vivencia estas fases durante sua primeira estadia em Salem até que seu desenvolvimento espiritual seja completado, parte e retorna para passar adiante o que havia aprendido. Também é significativo lembrar que Pearl deixa

---

<sup>470</sup> Ibid., p. 503.

<sup>471</sup> Ibid., p. 505.

<sup>472</sup> HAWTHORNE, Cap. 13, p. 141-148.

<sup>473</sup> De acordo com ESTÉS, “desde o início dos tempos, a vida das mulheres foi dividida em fases, a maioria relacionada à mudança dos poderes do corpo. É útil atribuir uma seqüência à vida física, espiritual, emocional e criativa para que ela tenha condições de prever “o que virá em seguida” e de se preparar para tal. O que virá a seguir está no campo da Mulher Selvagem instintiva. Ela sempre sabe. No entanto, com o passar dos tempos, à medida que os antigos ritos de iniciação eram abandonados, a instrução das mulheres mais jovens pelas mais velhas acerca desses estágios inerentes à mulher foi sendo ocultada.” (ESTÉS, op. cit., p. 550).

<sup>474</sup> Ibid., p. 549.

Salem aos sete anos de idade, período que também marcou sua primeira infância que representa a fase da “idade do corpo e do sonho/socialização, mantendo porém a imaginação”<sup>475</sup> e que deixa Salem na idade da “separação,” aos 7 anos,<sup>476</sup> o que significa que Pearl cumpre sua missão junto à Hester e, finalmente, Dimmesdale. Desvincula-se daquela sociedade, de seus valores e parte para uma vida mais plena, para assumir seu papel como “mulher numa sociedade” bem distante. Este tipo de “fechamento” de uma fase de vida explica-se pelo fato de que: “[tais estágios] são ciclos de conclusão, de envelhecimento, de morte e de renascimento. Os sete anos que a donzela passa na floresta irão ensinar-lhe os detalhes e os dramas relacionados a essas fases. Temos aqui ciclos de sete anos cada, que se estendem por toda a vida da mulher. Cada um tem seus ritos e suas tarefas. Cabe a nós cumpri-los.”<sup>477</sup>

A transformação ocorre, pois “durante a trajetória da mulher por esses ciclos, suas camadas de defesa, proteção e densidade vão se tornando mais diáfanas até que o brilho de sua própria alma começa a transparecer. Podemos sentir e ver o movimento da alma dentro da psique corporal de uma forma surpreendente à medida que envelhecemos cada vez mais.”<sup>478</sup> É por isso que na “cena da floresta” vemos Hester como ela é, o que pensa e deseja para si, o homem a quem ama e a filha. Apesar dos sete anos de provações e descidas, Hester mantém sua integridade, sua essência e não se deixa corromper completamente pelos valores de Salem.

O ato de tirar a “letra A” de seu peito e jogá-la longe<sup>479</sup> é significativo, pois mostra que seu desenvolvimento como mulher ocorreu, ela não aceita mais aquilo que não lhe é apropriado (como o casamento com Chillingworth) e é capaz de ir além das próprias possibilidades para que isto seja cumprido: propõe a fuga — escapar daquilo que mata e obscurece sua luz interior — do mesmo modo que, inconscientemente, “escapou” do casamento com Chillingworth, ocorre uma “regeneração do controle da mulher sobre a própria vida.”<sup>480</sup>

---

<sup>475</sup> Ibid., p. 551.

<sup>476</sup> Ibid., p. 551.

<sup>477</sup> Ibid., p. 550.

<sup>478</sup> Ibid., p. 552.

<sup>479</sup> HAWTHORNE, Cap. 18, p. 179.

<sup>480</sup> ESTÉS, op. cit., p. 554.

Portanto, o sete é o número da iniciação. [Uma de suas referências dentro da psicologia arquetípica] faz parte das antigas atribuições dos sete sentidos. Acreditava-se que esses atributos simbólicos pertencessem a todos os seres humanos, e eles aparentemente constituíam uma iniciação na alma através das metáforas e dos sistemas reais do corpo. Segundo os ensinamentos antigos, os sentidos representam aspectos da alma, ou do “santo corpo interno”, e devem ser exercitados e desenvolvidos. [... Dentro da tradição antiga] são os seguintes os sete sentidos e, portanto, as sete áreas de tarefas a cumprir: animação, sensação, fala, paladar, visão, audição e olfato.<sup>481</sup>

Este período de sete anos divide-se: primeiro num período de “três anos,” (preparação) até que os “quatro anos” restantes se completem (de realização). A importância deste primeiro período está no fato de que

Esses três anos representam um tempo em que a mulher não tem plena consciência do fato de que ela própria é a vítima do sacrifício. Ela é o holocausto oferecido em troca de algo sem valor. [...] Esse número de anos simboliza o tempo em que a mulher se pergunta o que irá acontecer agora; em que ela gostaria de saber o que mais teme — ser totalmente envolvida por uma força destrutiva — vai realmente acontecer.<sup>482</sup>

E isto é o que ocorre com Hester, pois depois de três anos o pior poderia ainda acontecer, ela poderia perder a guarda de Pearl para que esta fosse educada por pessoas mais austeras e moralmente aceitáveis na sociedade. Daí a primeira “reação” que temos de Hester, ela sai de sua vida costumeira e defende a posse da filha com todos os argumentos possíveis. Ela é como a donzela que enfrenta a floresta “maior e mais selvagem que jamais vira”<sup>483</sup> para salvar sua vida e a do filho. Nesta hora de perigo eminente, o “espírito [da mulher] reage”<sup>484</sup> e ela coloca em prática seu instinto primordial, a defesa da vida e da luz interior, que neste caso era representada por Pearl.

Um outro ponto a ser analisado sob esta perspectiva diz respeito às personagens que, além de Hester, fazem parte desta “floresta subterrânea” da psique feminina: Chillingworth, Dimmesdale, Pearl, as outras pessoas da sociedade e Mistress Hibbins.

Hester, a heroína, representa

A psique sincera que esteve adormecida. No entanto, uma heroína-guerreira encontra-se por baixo da sua aparência frágil. Ela tem a resistência do lobo solitário. Ela é capaz de suportar [...] a traição, a mágoa, a solidão e o exílio

<sup>481</sup> Ibid., p. 552.

<sup>482</sup> Ibid., p. 496.

<sup>483</sup> Ibid., p. 485.

<sup>484</sup> Ibid., p. 496.

do iniciando. Ela é capaz de vagar pelo mundo dos mortos e voltar, enriquecida, ao mundo objetivo. Embora ela talvez não seja capaz de colocá-las em palavras, ao descer pela primeira vez está seguindo as instruções e recomendações da Velha Mãe, a Mulher Selvagem.<sup>485</sup>

Pearl é a filha feita “no outro mundo [e é, portanto,] uma criança mágica que tem todo o potencial associado ao mundo subterrâneo, como por exemplo a audição aguçada e a capacidade inata de pressentir.”<sup>486</sup> Daí a personalidade perturbadora e incompreensível de Pearl, seu jeito livre e audacioso, numa sociedade tão fechada em seus próprios valores. Pearl se parece com “um pássaro tropical de plumagem exuberante pronto para alçar vôo,”<sup>487</sup> daí seu comportamento e pensamento livres. Sem que ninguém lhe precisasse dizer notou a peculiaridade da “letra A;” o isolamento dela e da mãe; a atitude auto-punitiva de Dimmesdale; a crueldade do povo de Salem e a sombra que pairava sobre Chillingworth. Pearl teria a mesma função do “espírito de branco” que é “o guia, aquele que tem um conhecimento inato e delicado, que mais parece um desbravador para a jornada da mulher,”<sup>488</sup> a luz interior intensa e ofuscante.

A idéia psíquica aqui representada é a de que o mundo subterrâneo, à semelhança do inconsciente dos seres humanos, é um torvelinho com muitas características incomuns e irresistíveis: imagens, arquétipos, seduções, ameaças, torturas e provas. É importante para o processo de individuação da mulher que ela tenha bom senso espiritual, ou que seja auxiliada por um guia que o tenha, para que ela não caia na fantasmagoria do inconsciente, para que ela não se perca no meio deste material torturante e sedutor.<sup>489</sup>

Dimmesdale, por sua vez, assim como o “rei,” “se envolve nos mecanismos do processo vital da psique: a fragilidade, a morte e a volta à consciência”.<sup>490</sup> Ele também “vagueia” em sua auto-punição “por sete anos,” se mortifica física e espiritualmente, até que tem a coragem de fazer sua revelação. Sabemos que isto não o levou a “viver feliz para sempre com Hester e Pearl,” mas foi como uma espécie de renascimento e libertação. “Em termos psíquicos, isso quer dizer que as antigas atitudes centrais da psique [precisam morrer, para que sejam] substituídas por pontos de vista novos, ou

---

<sup>485</sup> Ibid., p. 516.

<sup>486</sup> Ibid., p. 531.

<sup>487</sup> HAWTHORNE, Cap. 8, p. 98.

<sup>488</sup> ESTÉS, op. cit., p. 516.

<sup>489</sup> Ibid., p. 511.

<sup>490</sup> Ibid., p. 517.

renovados, acerca de quase tudo na vida da mulher. Nesse sentido, [Dimmesdale] representa a renovação das atitudes e leis que regem a psique [de Hester]”.<sup>491</sup>

Esta característica só pode ser apreendida se reconhecermos o ciclo dos estágios da vida da mulher, estágios que se repetem no mesmo ciclo e do mesmo modo.

Em toda morte há uma inutilidade que passa a ser útil quando descobrimos como nos recuperar. O conhecimento que chegará a nós revela-se à medida que prosseguimos. Em tudo que é vivo, a perda gera um ganho real. Nossa missão é a de interpretar o ciclo da vida-morte-vida, vivê-lo com a elegância que pudermos ter, uivar como um cão enlouquecido quando não pudermos ter nenhuma — e prosseguir, pois lá adiante está a carinhosa família subterrânea da psique, que nos abraçará e nos ajudará.<sup>492</sup>

A natureza regeneradora deste ciclo é que nos faz compreender a ligação de seres tão distintos como Dimmesdale e Hester,

Em termos junguianos [esta união representa] a “tensão dos opostos”, na qual alguma coisa de cada pólo da psique se constela de uma vez, criando um novo campo. [...] essa união está relacionada a todos aqueles casamentos picarescos nos contos de fadas nos quais são reunidas duas vidas cheias de energia, porém dessemelhantes. [...] a alma absorve o conhecimento de cada entidade. É isso o que quer dizer “nacer pela segunda vez”. Nos casamentos [...], a união entre seres diferentes pode durar para sempre, ou apenas até que o aprendizado esteja concluído. Na alquimia, a união dos opostos significa que logo ocorrerão uma morte e um nascimento [...].<sup>493</sup>

Assim primeiro temos a “morte” por que passa Hester e o nascimento de Pearl; segundo temos a morte de Dimmesdale e o renascimento de Hester e Pearl, uma nova vida se inicia para as duas e finalmente a morte de Chillingworth que não só representa a redenção de Hester, como a transformação de Pearl numa herdeira milionária. Isto também poderia ser evidenciado pelo suposto nascimento de um bebê para o qual Hester “bordou esmeradas roupas,”<sup>494</sup> no final um ciclo se completa e outro se inicia.

Entretanto dentro de toda esta “luz” também há “escuridão”. Chillingworth, assim como a sociedade de Salem, representa a figura do “diabo,” do “predador natural da psique da mulher”.<sup>495</sup> Este é um aspecto da psique da mulher que é “contrário à natureza [e] que se opõe ao desenvolvimento da psique e tenta eliminar

<sup>491</sup> Ibid., p. 517.

<sup>492</sup> Ibid., p. 524.

<sup>493</sup> Ibid., p. 525.

<sup>494</sup> HAWTHORNE, Cap. 24, p. 233.

<sup>495</sup> ESTÉS, op. cit., p. 518.

todo o ânimo. Ela é uma força que se isolou do seu aspecto revitalizante. É uma força que precisa ser dominada e contida”.<sup>496</sup> Desta forma, por um lado temos Chillingworth “um bandido arquetípico que precisa de luz, que a deseja e a rouba”<sup>497</sup> ao se casar com Hester e ao torturá-la com suas ameaças em Salem. Não é à toa que Chillingworth tenta destruir Dimmesdale, ele sabe da força espiritual que este representa para a trajetória de Hester. Assim

O diabo [se elege para o casamento] porque a doce luz da jovem o atraiu. Sua luz não é qualquer uma, mas a de uma alma virginal presa num estado de sonambulismo. Ah, que petisco! Sua luz refulge com uma beleza de partir o coração, mas ela não tem consciência de seu valor. Uma luz dessas, quer se trate do brilho da vida criativa da mulher, de sua alma selvagem, da sua beleza física, da sua inteligência, quer da sua generosidade, sempre atrai o predador. Uma luz dessas que é também alheia e desprotegida é sempre um alvo.<sup>498</sup>

Fato que explica seu inesperado aparecimento em Salem, justamente quando Hester estava sendo exposta em praça pública; sua profissão como médico; sua arte de lidar com ervas e o conhecimento da alquimia; sem falar em seu aspecto grotesco e diabólico, por isso sua comparação com o “Homem Negro,” o elemento mais sombrio deste inconsciente, um “tomador da vida”.<sup>499</sup>

Por outro lado temos a “sociedade” como um todo, que é regida pelos ditames da cultura local. Sabemos que Hester recebeu aquele tipo de condenação por ter cometido o adultério numa sociedade em que o patriarcalismo, corroborado pela religião puritana, ditava severamente as normas comportamentais. Esta condição da sociedade exercendo também o papel do diabo explica-se, pois

Muitos aspectos da cultura (na acepção do sistema de pensamento coletivo e dominante num grupo de pessoas que vivem em proximidade suficiente para se influenciarem mutuamente) ainda atuam como o diabo no que diz respeito ao trabalho interior, à vida pessoal e os processos psíquicos das mulheres. Eliminando um pouco aqui e apagando mais um pouco acolá, cortando uma raiz aqui e vedando uma abertura adiante, o “diabo da cultura” e o predador intrapsíquico fazem com que gerações de mulheres sintam o medo mas

---

<sup>496</sup> Ibid., p. 518.

<sup>497</sup> Ibid., p. 491.

<sup>498</sup> Ibid., p. 491.

<sup>499</sup> Ibid., p. 515.

continuem perambulando sem a menor pista das causas, ou da própria perda da natureza selvagem, que poderiam revelar tudo para elas.<sup>500</sup>

E é desta forma que Salem interfere na vida pessoal e coletiva de Hester. Impondo-lhe a “letra A,” a sociedade pode “vigiar” sua vida sexual e afetiva e “controlar” o modo como se relaciona daí em diante com os demais moradores da cidade. Isto ocorre, pois o “predador se vê atraído também pela consciência, pela renovação, pelo alívio e pela liberdade recém-adquirida”<sup>501</sup> que é o que Hester representa — a mulher estranha, casada e solitária que se permite o prazer. Entretanto o fato de Hester estar

Esperando um bebê, um novo e pequenino self selvagem [faz com que o controle de seu corpo se faça necessário, pois] o corpo na gravidez faz o que quer fazer. A nova vida prende-se, divide-se, cresce. A mulher nesse estágio do processo psíquico pode entrar em outra *enantiodromia*, o estado psíquico em que tudo que um dia foi considerado valioso já não é mais tão valioso e, além do mais, pode ser substituído por desejos extremos e inusitados por iniciativas, experiências e visões estranhas e raras.<sup>502</sup>

Este seria o motivo para aprisionar Hester durante a gravidez e soltá-la só depois do nascimento de Pearl. Seu estado era de ebulição, efervescência, pois “um novo *self* [estava] a caminho. [Sua] vida interior, [estava] prestes a mudar”.<sup>503</sup> Podemos dizer que Pearl representa a nova vida pela qual Hester procurava, a realização de seu self mais profundo, que foi gerada nos subterrâneos de seu ser. Mas a perseguição do predador — a cultura — também é atraída pela luz que esta nova vida tem.

Não só quando as pessoas estão famintas e carentes que o diabo aparece, mas também às vezes quando houve um acontecimento de rara beleza, neste caso o nascimento de um lindo bebê. [...] se alguém deu à luz algo de belo, algo perverso também irá surgir [...] algo que sinta inveja, que careça de compreensão ou que demonstre desdém. [...] O nascimento do novo faz com que complexos, [...] surjam do depósito de lixo psíquico e tentem, no mínimo, criticar acirradamente a nova ordem e, na pior das hipóteses, fazer desanimar a mulher e seu novo rebento, idéia, vida ou sonho.<sup>504</sup>

---

<sup>500</sup> Ibid., p. 536.

<sup>501</sup> Ibid., p. 536.

<sup>502</sup> Ibid., p. 532.

<sup>503</sup> Ibid., p. 532.

<sup>504</sup> Ibid., p. 539.



Além disso, “a cultura e os indivíduos dentro da cultura captaram a mensagem deformada pelo diabo sem examiná-la, passando-a adiante de uma forma impressionante, transformando assim o período da mulher [jovem] pleno das sensações mais intensas, em termos emocionais e sexuais, num período de vergonha e punição”.<sup>505</sup>

Por isso o comportamento abusivo da multidão, quando Hester é exposta no pelourinho, principalmente das mulheres que a acusavam, criticavam e julgavam. Tudo isso mostra como elas estavam contaminadas pelo pensamento castrador e repressor da cultura em que viviam. As estratégias do predador consistem na “difamação dos objetivos da protagonista, no emprego de linguagem depreciativa para a descrição da vítima, nas críticas irracionais, nas proibições e nas punições injustificáveis”.<sup>506</sup>

Tal atitude é detectada em vários períodos da História, neste caso, no Século XVII,

Quando o predador invade uma cultura, seja ela a de uma psique, seja a de uma sociedade, os vários aspectos ou indivíduos dessa cultura têm de usar de astúcia, ler nas entrelinhas, manter sua posição, para que não se vejam carregados pelas alegações escandalosas mais atraentes do predador. Quando há um excesso do predador e carência da alma selvagem, as estruturas religiosas, sociais e emocionais da cultura começam a mudar o natural para o artificial, o selvagem para o não-selvagem e a fazer especulações sombrias sobre a natureza instintual. É então que métodos dolorosos e antinaturais subsistem o que anteriormente era abordado com sabedoria e reflexão.<sup>507</sup>

Isto explica a punição imputada a Hester e a dimensão que o adultério tomou na comunidade. Salem se tornou o palco onde a “letra A” ofuscante transitava, trabalhava, cooperava, cuidava, fazia caridade, mas não podia ocupar um lugar mais próximo de seus habitantes. Fato que nos leva a reconhecer o arquétipo “do lobo solitário ou do proscrito [em Hester]. Ela agora está exilada das famílias aparentemente felizes [de Salem]. [É como se fosse a donzela andarilha que está] fora dos ambientes aquecidos e ao relento, no frio. É essa agora sua vida. Essa passa a ser a imagem viva para as mulheres que iniciaram a viagem. [Começam] de certo modo a

---

<sup>505</sup> Ibid., p. 537.

<sup>506</sup> Ibid., p. 536.

<sup>507</sup> Ibid., p. 537.

não mais sentir que [fazem] parte da vida que rodopia à [sua] volta”.<sup>508</sup> Há aqui um paradoxo, pois ao mesmo tempo em que a sociedade, por vaidade ou por compaixão, utiliza aquilo que Hester possa lhe oferecer, a exclusão que impõe a ela é determinante, apesar de até chegarem a admirar sua presteza e modificar o significado da “letra A” para “capaz”.

Entretanto sabemos que é através de sua arte e de sua compaixão que Hester consegue manter-se firme em seu aprendizado. Ao costurar e bordar está tecendo os fios que a ligariam profundamente àquela sociedade, embora seja rejeitada por ela. Isto prova que suas “descidas” não foram em vão, ao final de sete anos a letra escarlate perdeu seu significado, “não fez seu trabalho.”<sup>509</sup> Hester não permaneceu para sempre como uma “excluída.”<sup>510</sup> No final seu valor como mulher é reconhecido e aceito.

Assim observamos que **A Letra Escarlate** “revela como o predador tem a capacidade de distorcer as percepções humanas e as compreensões vitais de que precisamos para desenvolver dignidade moral, amplitude de visão e uma ação solidária na nossa vida e no mundo. [...] O diabo [, neste caso,] permite a vida, mas procura impedir que a mulher refaça o vínculo com os profundos conhecimentos da Mulher Selvagem, aquela natureza instintual que possui uma precisão automática de percepção e de ação”.<sup>511</sup>

Podemos dizer que o erro cometido pelo predador é subestimar a capacidade da mulher para enfrentar as adversidades que a vida psíquica ou objetiva lhe impõe. Hester “parecia” subjugada pelos dogmas puritanos, no entanto a cena da floresta nos revela que sua força interior, seu instinto mais profundo ainda não haviam sido deturpados. Pearl seria “o retrato ambulante e objetivo” do interior de sua mãe, a vivacidade. O modo como era vestida e seu comportamento perturbador retratavam o que havia nos níveis mais profundos do inconsciente de Hester e sua verdadeira essência.

---

<sup>508</sup> Ibid., p. 507-508.

<sup>509</sup> HAWTHORNE, Cap. 13, p. 147.

<sup>510</sup> Ibid., p. 141.

<sup>511</sup> ESTÉS, op. cit., p. 535.

Dentro deste contexto, a única figura feminina que interage diretamente com Hester é Mistress Hibbins. Isto está ligado ao fato dela ser um dos elementos sobrenaturais no romance, incorporando a figura mística da “bruxa,” assumindo os “aspectos que a cultura considera apavorantes nas psiques das mulheres. [Porém são estes os aspectos] as bênçãos que [a mulher] mais precisa resgatar e trazer à superfície”<sup>512</sup> para não ser “engolida” pelos predadores de sua cultura. Não podemos nos esquecer que, alguns anos depois, Mistress Hibbins foi morta na guilhotina por bruxaria, embora fosse irmã do governador.

Este elemento assustador representa “antigas qualidades e forças femininas [que] são imensas e causam espanto. [...São] os Antigos Poderes Selvagens,”<sup>513</sup> por isto Mistress Hibbins aceita Hester e está intimamente ligada à vida obscura da floresta. Ela representa aquela *visão* que a tudo vê, observa e percebe. É a *intuição* mais aguçada: como quando convida Hester para acompanhá-la à floresta para encontrar o Homem Negro; quando fala abertamente a Dimmesdale sobre seu encontro na floresta e quando comenta com Hester o mesmo assunto.

Mistress Hibbins é parte intrínseca deste contexto. Ela representa “a identidade elemental [da mulher]: seu Self Yaga, a força enigmática e intensa da mãe da vida-morte-vida. [Pois,] ser forte [...] significa [...] encontrar nossa própria numinosidade sem fugir, convivendo ativamente com a natureza selvagem ao nosso próprio modo. Significa ser capaz de aprender, e ser capaz de agüentar o que sabemos. Significa manter-se firme e viver”.<sup>514</sup> Hester compreende estas qualidades, pois diz à “senhora bruxa,” que se tivessem tirado Pearl de sua guarda, “a acompanharia de bom grado à floresta e assinaria seu nome no livro do Homem Negro também, e com o próprio sangue!”<sup>515</sup> o que denota seu conhecimento intuitivo daquilo que aquela senhora representa em sua jornada. Hester é tão excluída quanto ela, é tão estigmatizada quanto ela. Daí ambas expressarem o que a sociedade mais abomina e teme. As forças conflitantes e inovadoras que reagem contra as regras rígidas e austeras que defendem

---

<sup>512</sup> Ibid., p. 122.

<sup>513</sup> Ibid., p. 122.

<sup>514</sup> Ibid., p. 123.

<sup>515</sup> HAWTHORNE, Cap. 8, p. 103.

a todo custo, nem que seja com a punição excessiva ou a execução de alguém, principalmente uma mulher.

Temos aqui o cerne do dilema vivenciado por uma mulher “diferente” numa sociedade em que seus valores são primeiramente direcionados para enfatizar e manter a supremacia masculina, principalmente através de suas instituições políticas, sociais e religiosas.

#### 4. Teorias da Psicologia Social: O Processo de Estigmatização

*A diferença aparece como o contorno mais saliente e intrigante da alteridade. Sinuoso, ele tanto pode afastar como aproximar. O desenho do outro, mais que um retrato, talvez seja um holograma: uma projeção em movimento, e como tal, também um pedaço de mim, prestes a evanecer.*

Ângela Arruda<sup>516</sup>

Nos dois capítulos anteriores estudamos os aspectos literários do romance sob a perspectiva da teoria do mito de Joseph Campbell, em contribuição com conceitos da psicologia analítica desenvolvida por C. G. Jung. Também analisamos o aspecto simbólico da narrativa, percorrendo assim sua camada mais profunda. Isto nos possibilitou enfatizar o caráter mitológico da história narrada em **A Letra Escarlate** e como esta é uma das representações possíveis de como ocorre a construção da identidade feminina individual e social, bem como da condição da mulher numa sociedade regida por dogmas patriarcais.

Agora passamos a um dos outros objetivos desta pesquisa que é analisarmos como se dá a interação social, principalmente levando em consideração os aspectos discriminatórios que tal interação pode proporcionar. Estamos preocupados em estudar sob que base se dá a interação social e como ela pode apontar e enfatizar certas idiosincrasias de determinados indivíduos ou grupos. Para tanto, trabalharemos com um dos principais conceitos que denotam negatividade dentro da interação social: o “estigma”.

Para se desenvolver a “análise psicológica social” de **A Letra Escarlate**, será utilizada a teoria do “estigma,” de Erving Goffman em **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada** (1988) em que trata do processo de “estigmatização” pelo qual passam alguns indivíduos e como tal processo define suas relações sociais.

---

<sup>516</sup> ARRUDA, A. (Org.) **Representando a Alteridade**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 17.

Para complementarmos a teoria de Goffman, utilizaremos a teoria de Henri Tajfel e Joseph P. Forgas, em “Social Categorization: Cognitions, Values and Groups”<sup>517</sup> para analisarmos a questão da “categorização social” enquanto um processo utilizado para ordenar o meio em termos de categorias e qual o papel de tais categorias no comportamento social e na construção de uma identidade. O estudo de como ocorre a “categorização social” na narrativa analisada, nos fornecerá outros elementos para embasarmos a pesquisa de como a identidade feminina social é construída através de “categorias” e “valores” que são inerentes à cultura e ao meio em que o indivíduo atua.

Para que possamos melhor compreender os fundamentos da teoria sobre o “estigma” de Goffman, faz-se necessário apresentarmos, em primeiro lugar, a **Teoria Integrativa do Conflito Intergrupala**, desenvolvida por H. Tajfel e J. Turner (1979), precursora na análise dos processos psicológicos cognitivos e sociais que influenciam a construção da identidade social de um indivíduo.

Nesta teoria Tajfel e Turner introduzem a integração de três processos: o de “categorização social,” o de auto-avaliação através de “identidade social,” e o de “comparação social intergrupala,” dentro de um esquema coerente e verificável que contribui para a explicação de várias formas de “comportamento intergrupala,” “conflito social” e “mudança social”. O argumento principal desta teoria é fazer uma complementação da “teoria realista do conflito grupala” (R.C.T.)<sup>518</sup> principalmente no que se refere aos processos que permeiam o desenvolvimento e manutenção de identidade grupala e aos possíveis efeitos autônomos destes aspectos “subjetivos” da filiação grupala sobre o comportamento intragrupala e inter grupala. Tajfel e Turner

<sup>517</sup> In: FORGAS, J. P. (Ed.) **Social Cognition: Perspectives on everyday understanding**. Nova York: New York Academic Press, 1981.

<sup>518</sup> “O ponto de partida desta teoria, desenvolvida por SHERIF e seus associados, para a explicação do comportamento intergrupala está no que SHERIF (1966) chamou de relações funcionais entre grupos sociais. Sua hipótese central — “conflito real de interesses grupais causa conflito intergrupala” (CAMPBELL, 1965: 287) — é enganadoramente simples, intuitivamente convincente, e tem recebido forte suporte empírico [...] A teoria R.T.C. dos SHERIF foi pioneira em Psicologia Social no sentido de oferecer tanto uma etiologia da hostilidade intergrupala quanto uma teoria da competição como tendo um caráter realístico e instrumental, e motivada por recompensas que, em princípio, são extrínsecas à situação intergrupala.” (TAJFEL, H. & TURNER, J. “An Integrative Theory of Social Conflict”. In: AUSTIN, W. G. & WORCHEL, S. (Eds.) **The Social Psychology of Intergroup Relations**. Monterey: California Books, 1979, Tradução de Clélia Maria Nascimento-Schulze, p. 1).

sugerem que quanto maior o conflito entre grupos, maior a chance de tais indivíduos se auto julgarem sobre suas afiliações grupais do que sobre suas características individuais. Além disso, Tajfel e outros teóricos concluíram através de suas observações que “existia discriminação intergrupar em condições de afiliação mínima ao *ingrupo*, anonimato dos membros do grupo, ausência de conflitos de interesse, e ausência de hostilidade prévia entre os grupos,”<sup>519</sup> daí a necessidade de se ir mais além na teorização sobre o fenômeno do comportamento intergrupar.

Tajfel e Turner baseiam sua análise na distinção entre dois extremos do comportamento social: o “comportamento interpessoal” versus o “comportamento intergrupar”. Por um lado temos a interação entre dois ou mais indivíduos, totalmente determinada pelas suas relações interpessoais e características individuais e, de forma alguma afetada pelos vários grupos sociais ou categorias a que eles respectivamente pertencem. Interação que, no romance analisado, caracteriza-se pelo relacionamento entre Hester e Dimmesdale; Hester e Pearl; Hester e Chillingworth, por exemplo. Por outro lado temos as interações entre dois ou mais indivíduos (ou grupos de indivíduos) que são totalmente determinadas pelas suas respectivas afiliações a vários grupos sociais ou categorias e que não são de nenhuma forma afetadas pelas relações pessoais interindividuais entre os envolvidos.<sup>520</sup> Neste caso, temos por um lado a relação entre Hester e a comunidade e por outro Hester e o grupo das autoridades locais.

Quanto a esta divisão de opostos, surgem algumas questões empíricas e a principal é aquela relacionada ao “conflito intergrupar,” que está ligado às condições que determinam a adoção de formas de comportamento social próximas de um dos dois extremos mencionados. Tal conflito pode ser observado na mudança de comportamento grupar que ocorre após o nascimento de Pearl: formam-se dois grupos distintos, Hester (a adúltera) e sua filha e a comunidade puritana como um todo. Neste caso, quanto maior o conflito intergrupar, maior a chance dos indivíduos que são membros dos grupos opostos se auto julgarem por suas afiliações grupais do que por suas características individuais.<sup>521</sup> No romance podemos dizer que acontece o

---

<sup>519</sup> Ibid., p. 2.

<sup>520</sup> Ibid., p. 2.

<sup>521</sup> Ibid., p. 2.

contrário, pois são as características individuais de Hester que vão influenciar a forma de comportamento que o grupo terá em relação a ela e sua filha.

Nesta teoria é enfatizada a existência de dois outros contínuos comportamentais e sociais associados ao contínuo interpessoal-intergrupar. Assim, há dois importantes “sistemas de crenças” que moldam o pensamento dos indivíduos sobre a natureza e a estrutura das relações entre os grupos sociais em cada sociedade.

O primeiro, o da “mobilidade social,” baseia-se no “pressuposto geral de que a sociedade em que o indivíduo vive é flexível e permeável, de tal forma que se ele/ela não estiver satisfeito/a, por qualquer razão, com as condições impostas pelos grupos a que é afiliado/a, é possível mover-se individualmente para outro grupo, através de talento, muito trabalho, boa sorte ou qualquer outro meio”.<sup>522</sup> Tal sistema não se aplica à sociedade puritana em questão, cujo papel é de restringir o indivíduo infrator a um sistema de punição que não lhe dá a mínima chance de sair de sua condição de “acusado,” mesmo a confissão não amenizaria a punição, só acrescentaria mais um indivíduo no julgamento, Dimmesdale; a penalidade moral imputada permaneceria a mesma.

O segundo sistema de crença, o da “mudança social,” “implica que a natureza e estrutura das relações entre grupos na sociedade sejam percebidas como fortemente estratificadas. O que faz com que seja impossível ou muito difícil para os indivíduos, enquanto indivíduos, despojarem-se de uma afiliação grupal insatisfatória, desprestigiada ou estigmatizada”.<sup>523</sup> Em tal sistema, os indivíduos interagem uns com os outros com base em suas afiliações grupais e não como indivíduos. Este sistema caracteriza aquele em que Hester foi enquadrada a partir do adultério. É preciso lembrar que antes ela era uma respeitável senhora casada, à espera de seu marido, mas que havia a suspeita de que este havia morrido em um naufrágio durante sua vinda da Inglaterra. Assim houve uma mudança social brusca para Hester, ela passou da total respeitabilidade social para o total descrédito e escárnio, a estigmatização tem início aí.

---

<sup>522</sup> Ibid., p. 3.

<sup>523</sup> Ibid., p. 3.



O que caracteriza este sistema é o fato de que

As realidades sociais ou econômicas de uma sociedade podem ser tais [...] que a impossibilidade de se sair da situação por si mesmo, enquanto um indivíduo, torna-se uma realidade do dia a dia que determina muitas formas de comportamento social intergrupais. [...] Muitas situações sociais intergrupais que contêm, por qualquer razão, fortes elementos de estratificação percebidos como tal, moverão o comportamento social para longe do pólo dos padrões interpessoais em direção ao pólo dos padrões intergrupais, isto é verdadeiro tanto para grupos que são “superiores” em um sistema social como para os que são “inferiores”. A maior característica do comportamento social relacionada a este sistema de crenças é que, em situações intergrupais relevantes, indivíduos, não irão interagir como indivíduos, com base em suas características individuais ou em suas relações interpessoais, mas como membros de seus grupos posicionado-se a membros de outros grupos em certas relações definidas.<sup>524</sup>

No caso de Hester, temos, por exemplo, as situações em que precisa se expor aos olhos da comunidade, situações nas quais a “letra A” determina todos os estágios da interação social — desde o mais extremo repúdio à identificação não revelada por aqueles que também haviam pecado de alguma forma naquela comunidade.

Além deste contínuo de crenças, há dois outros contínuos que se intercalam e que estão relacionados ao “comportamento social,” ou seja, “contínuo interpessoal” — “intergrupo”. Ambos estão ligados à variabilidade ou uniformidade dentro de um grupo de comportamento e atitudes relativas a *outgroups* relevantes.

O primeiro refere-se ao fato de que

Quanto mais próximos os membros de um grupo estão do extremo da *mudança social* do contínuo de sistema de crenças e do extremo *intergrupo* do contínuo comportamental, maior uniformidade eles mostrarão em seu comportamento em relação a membros do *outgroup* relevante: uma aproximação em relação aos extremos opostos dos dois contínuos será correspondentemente associada com maior variabilidade comportamental do *ingroup* em relação a membros do *outgroup*.<sup>525</sup>

O segundo contínuo refere-se a “quanto mais próximos estão os membros de um grupo dos extremos de “mudança social” e “intergrupo,” tanto mais eles tenderão a tratar os membros do *outgroup* como itens indiferenciados dentro de uma categoria social unificada em vez de em termos de suas categorias individuais.”<sup>526</sup> Sendo Hester

---

<sup>524</sup> Ibid., p. 3.

<sup>525</sup> Ibid., p. 4.

<sup>526</sup> Ibid., p. 4.

a única mulher adúltera naquela comunidade, temos o *outgroup* representado por ela e o outro, *ingroup*, da comunidade puritana como um todo. Aqui as categorias individuais não são relevantes, apenas a categoria que marca sua diferenciação do resto da comunidade — temos “o outro” e “o nós,” considerados nos dois extremos do contínuo da mudança social.

Outro ponto importante desta teoria é a definição do que vem a ser um “grupo social,” pois Tajfel e Turner dizem que

Da perspectiva psicossocial, os critérios essenciais para afiliação grupal, considerando-se como eles se aplicam a amplas categorias da escala social, são que os indivíduos envolvidos definam a si mesmos e sejam definidos por outros como membros de um grupo. [...] neste sentido, um grupo pode ser conceitualizado como uma coleção de indivíduos que percebem a si mesmos como membros de uma categoria social, dividem algum envolvimento emocional nesta definição comum deles mesmos e atingem algum grau de consenso social sobre a avaliação de seu grupo e sobre o fato serem membros deste grupo.<sup>527</sup>

A partir desta definição, os autores designam “comportamento intergrupal” como “qualquer comportamento apresentado por um ou mais atores em relação a um ou mais indivíduos. Ele é baseado na identificação dos próprios atores e dos outros como pertencentes a diferentes categorias sociais”.<sup>528</sup> Tais “categorizações sociais” são definidas como “instrumentos cognitivos cujos segmentos classificam e ordenam o ambiente social, assim capacitando o indivíduo a desempenhar muitas formas de ação social”.<sup>529</sup> Entretanto, as categorizações sociais

Não apenas sintetizam o mundo social, elas fornecem um sistema de orientação para auto-referência, elas criam e definem o lugar do indivíduo na sociedade. Este tipo de grupo social provê seus membros com uma identificação de si mesmos em termos sociais. Estas identificações são, de forma ampla, relacionais e comparativas. Elas definem o indivíduo como sendo “semelhante a”, ou “diferente de”, “melhor” ou “pior” do que os membros de outros grupos.<sup>530</sup>

A categorização que marca a posição de Hester na comunidade a define como a “mulher diferente,” “estrangeira,” “adúltera,” aquela que vem de fora (de um país

---

<sup>527</sup> Ibid., p. 9.

<sup>528</sup> Ibid., p. 9.

<sup>529</sup> Ibid., p. 9.

<sup>530</sup> Ibid., p. 9.

estrangeiro) e se torna “pior” que todos os outros membros da comunidade ao cometer um “pecado,” uma desonra para aquele grupo como um todo. Hester se torna um exemplo de “punição” e “repreensão” para todos os outros habitantes de Salem. Ao mesmo tempo em que sua categoria a coloca numa posição de repúdio, ela também serve de “exemplo” para o que pode acontecer àqueles que ousarem pecar, ou transgredir a ordem da mesma forma.

A partir destas considerações surge o termo “identidade social” que serve para explicar como os indivíduos usam esta categorização. Como podemos perceber, a identidade social de Hester é modificada a partir do momento em que o adultério é constatado (isto não é descrito na narrativa). Há uma descaracterização de sua identidade social inicial (aquela que tem quando chega a Salem), o que nos mostra como sua identidade social, a partir do adultério, é construída através de parâmetros comportamentais e subjetivos — não importa o que a levou ao ato, o que importa é a mancha que colocou sobre si mesma e sobre a sociedade. A partir deste momento, a “letra A” rege toda sua interação social, não há como escapar dos olhares, dos comportamentos repulsivos, da rejeição e do menosprezo que lhe são imputados. A “letra A,” em seu sentido social, não só serve como um meio de alertar os mais desprevenidos como também espelhar aquilo que a sociedade puritana mais condena, a transgressão de seus valores morais e religiosos.

O argumento de Tajfel e Turner para criar esta teoria baseia-se em três suposições:

1. Os indivíduos lutam para manter ou melhorar sua auto estima: eles lutam por um auto-conceito positivo;
2. Grupos sociais e ou categorias e seus respectivos membros, estão associados com conotações valorativas – positivas ou negativas;
3. A avaliação de nosso próprio grupo é determinada com referência a outros grupos específicos através de comparações sociais em termos de características e atributos carregados de valores.<sup>531</sup>

Assim os atributos negativos conferidos a Hester fazem com que ela sofra uma comparação constante com aqueles a sua volta. Sua identidade social passa a ser determinada através de tal comparação, que neste caso só é caracterizada pela conotação negativa de sua condição.

---

<sup>531</sup> Ibid., p. 9.

Destas três suposições, derivam-se três princípios teóricos:

1. Os indivíduos lutam para adquirir ou manter identidade social positiva; 2. A identidade social positiva está baseada em comparações favoráveis que podem ser efetuadas entre o *ingroup* e alguns *outgroups* relevantes: o *ingroup* precisa ser percebido como positivamente diferenciado ou distinto dos *outgroups* relevantes; 3. Quando a identidade social é insatisfatória, indivíduos lutarão ou para abandonar seus grupos existentes ou para se unirem a algum grupo que seja mais positivamente distinto do que o anterior e/ou para fazer o seu grupo atual mais positivamente distinto.<sup>532</sup>

O terceiro princípio teórico nos faz entender o mecanismo que Hester utiliza para amenizar e tornar um pouco mais positiva sua situação: a letra escarlate é ricamente bordada; Pearl só veste roupas ricamente confeccionadas por ela e, por último, Hester se torna uma exímia costureira, tendo seus serviços requisitados por toda a comunidade. Esta foi a forma que ela encontrou para sustentar a si e a filha, para não ser mais excluída ainda daquela comunidade e para mostrar seu valor como indivíduo e como mulher. Embora Hester não fosse a única mulher hostilizada em Salem, pois também havia a viúva Hibbins. Hester não se identificava com sua condição de excluída, Hester sabia que era a única em seu “grupo” e isto não enfraquecia a interação social que estabeleceu com a comunidade.

O pressuposto que seguimos é de que “as pressões para avaliarmos o nosso grupo positivamente através de comparações entre *ingroup* e *outgroup* levam os grupos sociais a tentar se diferenciarem uns dos outros”. Tal diferenciação intergrupala em situações sociais concretas é influenciada por três variáveis:

Primeiro, os indivíduos devem ter internalizado sua afiliação grupal como um aspecto de seu auto-conceito, eles precisam estar subjetivamente identificados com o “*ingroup*” relevante. [...] Segundo, a situação social precisa ser tal que permita comparações intergrupais que por sua vez irão facilitar a solução e avaliação dos atributos relacionais relevantes. [...] Terceiro, “*ingroups*” não se comparam com cada “*outgroups*” que seja cognitivamente disponível, o “*outgroup*” precisa ser percebido como um grupo de comparação relevante, igualmente, a saliência situacional e proximidade estão entre as variáveis que determinam a comparabilidade do “*outgroup*,” e as pressões em relação a distância do “*ingroup*” deveriam aumentar como uma função dessa comparabilidade. [...] em muitas situações sociais, comparabilidade atinge um escopo muito mais amplo do que uma simples “semelhança” concebida entre outros grupos. O objetivo da

---

<sup>532</sup> Ibid., p. 9-10.

diferenciação é o de manter ou adquirir superioridade sobre um “outgroup” em alguma dimensão.<sup>533</sup>

A diferenciação com que lidamos é pautada no pressuposto de que os puritanos se consideravam corretos em seus preceitos religiosos e morais e tudo o que ia contra tal crença era tido como impuro, errado, condenável. Daí a severidade com que Hester é punida. Quando comparada à sociedade como um todo, ela se torna “inferiorizada” por sua condição de adúltera e, portanto, pecadora.

Outro aspecto da teoria de Tajfel e Turner que é pertinente para este trabalho é a discussão sobre “hierarquias de status” e “mudança social,” pois o tipo de sociedade de que tratamos é altamente marcada por valores hierárquicos. Na sociedade patriarcal, o indivíduo tem muito pouca chance de conseguir qualquer mudança social.

Assim podemos considerar a descrição de “status”:

O produto da comparação intergrupar. Ele reflete a posição relativa de um grupo em algumas dimensões avaliativas de comparação, status subjetivo baixo não promove competição intergrupar diretamente, seus efeitos sobre o comportamento intergrupar são medidos pelos processos de identidade social. Quanto mais baixa for a posição do status subjetivo de um grupo em relação a grupos de comparação relevantes, tanto menor será a contribuição que ele poderá dar para uma identidade social positiva.<sup>534</sup>

Desta forma a identidade social positiva de Hester é abalada no início. De uma senhora casada e respeitada, passa a ser a mulher que subverte a ordem social local através do adultério. Entretanto, mais tarde, integra-se novamente à comunidade adquirindo uma identidade social positiva ao contribuir socialmente com seu trabalho e conselhos. A ordem dos valores é invertida outra vez.

Quando a identidade social é ameaçada os indivíduos podem:

1.[Através da Mobilidade Social] tentar sair ou dissociar-se do grupo ameaçador; 2. [Através da Criatividade Social] os membros do grupo podem procurar distinção positiva para o *ingroup* através da redefinição ou alteração dos elementos da situação comparativa através da: a. comparação do *ingroup* com o *outgroup* sob nova perspectiva; b. mudança dos valores atribuídos ao grupo de tal forma que as comparações que eram previamente negativas serão agora percebidas como positivas; c. mudança do *outgroup* (ou seleção do *outgroup*) com o qual o *ingroup* é comparado, em particular, cessar ou evitar o uso de um *outgroup* com status mais alto como um ponto

---

<sup>533</sup> Ibid., p. 10.

<sup>534</sup> Ibid., p. 12.

de referência comparativa. 3. [Através da Competição Social] os membros do grupo podem procurar distinção positiva através de uma competição direta com o *outgroup*.<sup>535</sup>

Podemos enfatizar que a identidade social do grupo puritano também é ameaçada pelo adultério cometido por Hester, daí o seu repúdio. O grupo perde sua coesão, há uma divisão de valores e idéias, isto é o que parece preocupar a comunidade — alguém que não siga seus ditames rigorosamente e que possa colocar a ordem a perder caso este comportamento seja aceito ou não punido devidamente. Além disso, os autores apontam que “a baixa moral que se deriva da identidade social negativa pode provocar processos desintegradores que, ao longo prazo, podem dificultar uma mudança no status grupal”.<sup>536</sup>

No que se refere à nossa pesquisa, vemos que tais fatores influenciam definitivamente na mobilidade que o indivíduo possa ter na sociedade em que vive e que tais diferenciações de status e suas implicações fazem com que os limites subjetivos estabelecidos entre os grupos sejam um fator determinante para impedir (ou quase impedir) que o indivíduo modifique a situação desvantajosa em se encontre. Este quadro é revertido depois da morte de Dimmesdale. O escândalo é desvendado, a morte atenua a punição e Hester pode se integrar à comunidade novamente sem que lhe cobrem pelos seus atos.

Os autores também salientam que “os processos de identidade social fornecem uma fonte de conflito intergrupar, na medida em que grupos desenvolvem interesses conflitantes no que diz respeito à manutenção de situações comparativas como um todo”.<sup>537</sup> Isto nos leva a uma distinção importante entre dois tipos de “conflitos”: conflitos “objetivos” (de natureza social, econômica, política e histórica) que são desencadeados pelo que representa a “letra A” e “subjetivos” (psicossociais) que são inerentes ao modo de punição por que passa Hester, como sua identidade social é construída a partir da “letra A”.

Dentro do conflito objetivo podemos distinguir uma categoria de comportamento em relação a um *outgroup* que é a “categoria não instrumental” que

---

<sup>535</sup> Ibid., p. 13-14.

<sup>536</sup> Ibid., p. 16.

<sup>537</sup> Ibid., p. 17.

pode ser vista como uma discriminação “gratuita” contra o *outgroup*, tal como a criação de estereótipos negativos (mulher adúltera) e todos os outros aspectos das diferenciações irrelevantes entre *ingroup* e *outgroup*. Isto é retratado nas situações de hostilidade causadas pela nova condição de Hester e, principalmente, pelo perigo que ela representa na comunidade. Esta categoria pode ser considerada em função da seqüência “comparação social, identidade social e distinção positiva do *ingroup*”.

Outro fator importante dentro da “teoria da identidade social” é que ela assume que as pessoas são motivadas a se avaliarem positivamente e que à, medida que o vínculo a um grupo se torna significativa para a sua auto-definição, elas serão motivadas a avaliar aquele grupo positivamente, já que as pessoas procuram uma identidade social positiva. Desde que o valor de qualquer vínculo grupal depende da comparação com outros grupos importantes, a identidade social positiva é alcançada através do estabelecimento da diferença positiva do *ingroup* dos *outgroups* relevantes. Este tipo de relação só ocorre no final do romance, quando a ordem social é reestabelecida e Hester pode ocupar um lugar de igualdade com o grupo dominante novamente.

Além da interpretação dos experimentos com grupos mínimos e outros intragrupos, a teoria da identidade social procurou detalhar as maneiras diferentes através das quais os indivíduos podem alcançar uma distinção positiva do *ingroup* e especificar as condições sob as quais várias estratégias (por exemplo, mobilidade social, criatividade social, competição social) podem ser alcançadas. Até que ponto os indivíduos perceberam se as relações do *ingroup* eram legítimas ou ilegítimas, estáveis e não estáveis, foi reconhecido como determinante importante das ações dos membros do grupo.

A teoria e a pesquisa da identidade social enfatizou a complexidade do processo discriminatório e sua sensibilidade para com as realidades do contexto social e das relações intergrupos. Fato que fica explícito através da narrativa analisada. Os níveis e tipos de interações sociais deflagradas pela “letra A,” as várias situações negativas e positivas a que Hester é exposta nos mostram que o processo discriminatório engloba não só aspectos exteriores da interação, mas também as implicações subjetivas e

psicológicas a que o indivíduo discriminado está exposto e as formas de lidar com tal fenômeno.

Tendo apresentado a teoria de Tajfel e Turner e como ela se aplica à nossa análise, podemos tratar agora sobre o fenômeno do “estigma.”<sup>538</sup> “a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena”.<sup>539</sup> Neste estudo o autor propõe rever alguns trabalhos sobre estigma para observar o que fornecem à sociologia e estabelecer a relação do estigma com a questão do “desvio,” para tanto Goffman utiliza conceitos “relacionados à “informação social,” a informação que o indivíduo transmite diretamente sobre si”.<sup>540</sup>

Para que se possa compreender como ocorre o fenômeno da estigmatização precisamos considerar que

A *sociedade* estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerado como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Os *ambientes sociais* estabelecem as categorias de pessoas que têm possibilidade de serem neles encontradas. As *rotinas de relação social* em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com “outras pessoas” previstas sem atenção ou reflexão particular. (Grifo da pesquisadora).<sup>541</sup>

Entretanto, quando uma pessoa estranha nos é apresentada, seus primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua “identidade social”. Tais pré-concepções são transformadas em “expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso”.<sup>542</sup> Estas expectativas e exigências estão pautadas por uma “questão efetiva”. Durante o processo de conhecimento fazemos

---

<sup>538</sup> “Os gregos, que tinham bastante conhecimento de recursos visuais, criaram o termo *estigma* para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o *status* moral de quem os apresentava. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor — uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada, especialmente em lugares públicos. Mais tarde, na Era Cristã, dois níveis de metáfora foram acrescentados ao termo: o primeiro deles referia-se a sinais corporais de graça divina que tomavam a forma de flores em erupção sobre a pele; o segundo, uma alusão médica a essa alusão religiosa, referia-se a sinais corporais de distúrbio físico. Atualmente, o termo é amplamente usado de maneira um tanto semelhante ao sentido literal original, porém é mais aplicado à própria desgraça do que à sua evidência corporal.” (GOFFMAN, E. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan., 4ª ed., 1988, p. 11).

<sup>539</sup> Ibid., p. 7.

<sup>540</sup> Ibid., p. 8.

<sup>541</sup> Ibid., p. 12.

<sup>542</sup> Ibid., p. 12.



afirmativas daquilo que o indivíduo que está à nossa frente “deveria ser”. Tais exigências são denominadas de “demandas feitas “efetivamente” e o caráter que imputamos ao indivíduo poderia ser encarado como uma imposição feita por um retrospecto em potencial — uma categorização “efetiva,” uma “identidade social virtual”. A categoria e os atributos que ele prova possuir serão chamados de sua “identidade social real”.<sup>543</sup>

Em termos de “identidade social virtual” temos aquela que é conferida pela “letra A,” Hester é instantaneamente julgada pelo que apresenta em seu corpo. Em termos de “identidade social real,” temos a identidade que Hester assume perante si mesma, diante de Pearl, Dimmesdale e Chillingworth, pois estes são os únicos que realmente a conhecem em sua intimidade e sabem dos segredos que carrega.

Quando estamos na presença de uma pessoa estranha, podem surgir alguns traços que a diferencie de outras pessoas que pertençam a uma categoria em que ela pudesse ser incluída. Assim deixamos de considerá-la uma criatura comum e total para considerá-la “estragada e diminuída”. Esta característica é “um *estigma*, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande — algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem — e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real”.<sup>544</sup> Em nosso estudo, o principal estigma é aquele representado pela “letra A,” que influencia toda a interação social de Hester. A “letra A” torna-se não só o estigma social, mas também o pessoal, pois ela se torna parte de seu corpo e de seu ser mais íntimo.

Goffman enfatiza que os atributos considerados aqui são aqueles “incongruentes com o estereótipo que criamos para um determinado tipo de indivíduo”.<sup>545</sup> O termo “estigma” é utilizado “em referência a um atributo profundamente depreciativo [...] um estigma é, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo”.<sup>546</sup>

---

<sup>543</sup> Ibid., p. 12.

<sup>544</sup> Ibid., p. 12.

<sup>545</sup> Ibid., p. 13.

<sup>546</sup> Ibid., p. 13.

O autor também salienta que o termo estigma e seus sinônimos compreendem uma dupla perspectiva: a condição de “desacreditado” (o estigmatizado assume que a sua característica distintiva já é conhecida ou é imediatamente evidente) e a condição de “desacreditável” (o estigmatizado assume que a sua característica distintiva não é nem conhecida pelos presentes e nem imediatamente perceptível por eles). Em nossa análise trabalhamos com estas duas condições. Analisamos os efeitos sociais da estigmatização sofridos tanto pelo indivíduo que possui um estigma aparente (Hester) quanto aquele que o esconde, ou encobre (Pastor Arthur Dimmesdale e Chillingworth).

Além desta dupla perspectiva, há três tipos de estigma: “1. as abominações do corpo — as várias deformidades físicas. 2. as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade [...] 3. os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos pela linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família”.<sup>547</sup> Como mostramos em nossa análise, Hester e Dimmesdale se encaixam na segunda categoria.

Nestes tipos de estigma encontram-se as mesmas características sociológicas: “um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode se impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Ele possui um estigma, uma característica diferente da que havíamos previsto”.<sup>548</sup> Esta é exatamente a função da “letra A,” punir e revelar algo desonroso ao mesmo tempo. A exposição de Hester torna-se constante. A “letra A” não pode ser retirada nem na intimidade. Quando isto ocorre, Pearl resiste a isto e seu ato de estranhamento faz com que Hester não tenha outra saída, a não ser incorporar tal estigma de modo permanente.

Cria-se assim um conjunto de percepções sobre um determinado indivíduo, mas tais percepções podem estar longe de serem pertinentes à sua “identidade social real”. Tais percepções determinarão a qualidade da aceitação e integração do indivíduo dentro do grupo a que pertence ou tenta pertencer. A maneira como o indivíduo é visto

---

<sup>547</sup> Ibid., p. 14.

<sup>548</sup> Ibid., p. 14.

(e vê a si mesmo) é que guiará toda a interação social a qual está sujeito. Isto ocorre, pois acreditamos que

[...] alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida. Construimos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social. Utilizamos termos específicos de estigma como aleijado, bastardo, retardado, [adúltera], em nosso discurso diário como fonte de metáfora e representação, de matéria característica, sem pensar no seu significado original.<sup>549</sup>

A desumanização de Hester atinge seu grau mais alto quando é presa por ter cometido o adultério, é punida em praça pública e obrigada a usar a “letra A” pregada em seu peito. Ao significar perigo para a ordem religiosa e social vigentes Hester é acuada como um “animal perigoso” e que deve ser banida do convívio comunitário (quase que de forma total).

Goffman nos coloca que a característica central da situação de vida do indivíduo estigmatizado “desacreditado” é a sua “aceitação” na sociedade através de alguns atributos que lhe garantam isto. Uma das formas de garantir tal “aceitação” é através da correção indireta de sua condição. Ao dedicar-se “com esforço individual ao domínio de áreas de atividades consideradas, geralmente, fechadas, por motivos físicos e circunstanciais, a pessoas com o seu estigma. [...] A pessoa com um atributo diferencial vergonhoso pode romper com aquilo que é chamado de realidade, e tentar obstinadamente empregar uma interpretação não convencional do caráter de sua identidade social”.<sup>550</sup> Para que isto ocorra, Hester trabalha como costureira e bordadeira e assim tem permissão de transitar “livremente” pela cidade.

Outro aspecto que nos interessa se refere a quando o defeito da pessoa estigmatizada é visualmente percebido — quando é uma pessoa “desacreditada,” e não “desacreditável” — ela passa a se sentir exposta a invasões de privacidade, mais agudamente experimentadas, talvez, quando crianças a observam fixamente. Assim, a interação face a face, também chamada “situação social mista,” pode tornar-se

---

<sup>549</sup> Ibid., p. 15.

<sup>550</sup> Ibid., p. 19-20.

extremamente angustiante e desconfortável. Em tais situações, o estigmatizado percebe cada fonte potencial de mal-estar na interação, ele sabe que os outros também a percebem e, inclusive, que não ignoram que ele a percebe. Isto é claramente retratado quando Hester e Pearl estão em contato com outras pessoas da comunidade, principalmente as crianças, que não se contentavam apenas com o olhar de repúdio, mas proferiam palavras e faziam gestos discriminatórios, refletindo o que toda a comunidade de adultos também gostaria de fazer.

O indivíduo estigmatizado também passa pelo que denomina “carreira moral”<sup>551</sup> que indica que a pessoa que tem um estigma particular tem uma “experiência de aprendizagem” relativa à sua condição e sofre mudanças semelhantes na concepção do eu.

Uma das fases deste processo de socialização é aquela na qual a pessoa estigmatizada aprende e incorpora o ponto de vista dos normais, adquirindo, portanto, as crenças da sociedade mais ampla em relação à identidade e uma idéia geral do que significa possuir um estigma particular. Uma outra fase é aquela na qual ela aprende que possui um estigma particular e, dessa vez, detalhadamente, a conseqüências de possuí-lo. A sincronização e interação dessas duas fases iniciais da carreira moral formam modelos importantes, estabelecendo as bases para um desenvolvimento posterior, e fornecendo meios de distinguir entre as carreiras morais disponíveis para os estigmatizados.<sup>552</sup>

Hester, apesar do desconforto, aprendeu a usar e incorporou a “letra A,” isto pode ser visto pelo modo rico com que a bordou, pela altivez com que a usa, pelo fato de que a pequena Pearl não admite que Hester não a use e, finalmente, pela atitude que tem ao regressar para Salem (Hester novamente usa a “letra A” e se reintegra na sociedade até morrer e ser enterrada ao lado de Dimmesdale).

Dentre os modelos de socialização apresentados por Goffman — “1. dos que possuem um estigma congênito; 2. da capacidade de uma família e, em menor grau, da vizinhança local, em se constituir numa cápsula protetora para seu jovem membro; 3. daqueles que, inicialmente são socializados numa comunidade diferente, dentro ou fora das fronteiras geográficas da sociedade normal”<sup>553</sup> — o modelo que nos interessa

---

<sup>551</sup> Ibid., p. 41.

<sup>552</sup> Ibid., p. 41-42.

<sup>553</sup> Ibid., p. 43.

se refere aos indivíduos que se “tornam estigmatizados numa fase avançada da vida” e têm que enfrentar as dificuldades e experiências impostas por esta nova condição, por este “novo ego estigmatizado”. Principalmente quando este indivíduo estigmatizado é “único” dentro de sua comunidade e não tem como formular “referências” com outros iguais a ele, como é o caso de Hester e, em certo grau, de Dimmesdale. O fato de adquirirem o estigma depois de adultos os torna ainda mais suscetíveis às mudanças psicológicas acarretadas pelo estigma. O indivíduo passa de uma condição social de respeitabilidade para a de total descrédito, desta forma ele tem que re-elaborar simultaneamente tanto sua identidade pessoal quanto social.

No que se refere aos elementos que consolidam a interação social de um indivíduo estigmatizado e como tais elementos determinam o modo como a “informação social” é transmitida nesta interação, temos que considerar que,

No estudo do estigma, a informação mais relevante tem determinadas propriedades. É uma informação sobre o indivíduo, sobre suas características mais ou menos permanentes, em oposição a estados de espírito, sentimentos ou intenções que ele poderia ter num certo momento. Essa informação, assim como o signo que a transmite, é reflexiva e corporificada, ou seja, é transmitida pela própria pessoa a quem se refere, através da expressão corporal na presença imediata daqueles que a recebem. [A informação “social” possui todas estas propriedades.] Alguns signos que transmitem informação social podem ser acessíveis de forma freqüente e regular, e buscados e recebidos habitualmente; esses signos podem ser chamados de “símbolos”.<sup>554</sup>

Assim o estudo sobre os “signos” ou “símbolos” que compõem a “leitura” que fazemos dos indivíduos estigmatizados é um dos aspectos que abordamos nesta análise. Tais “símbolos,” como traços exteriores ou de características de uma mulher nos informam a maneira pela qual são construídas as relações grupais e como uma mulher é diretamente afetada por elas. “A informação social transmitida por qualquer símbolo particular pode simplesmente confirmar aquilo que outros signos nos dizem sobre o indivíduo, completando a imagem que temos dele de forma redundante e segura”.<sup>555</sup>

---

<sup>554</sup> Ibid., p. 52-53.

<sup>555</sup> Ibid., p. 43.

Para o desenvolvimento de nossa análise sobre a construção da identidade feminina enfatizamos a importância do uso dos “símbolos de estigma:” “signos que são especialmente efetivos para despertar a atenção sobre uma degradante discrepância de identidade que quebra o que poderia, de outra forma, ser um retrato global coerente, com uma redução conseqüente em nossa valorização do indivíduo”.<sup>556</sup>

Tais signos também se caracterizam por trazerem informação social, cuja presença, inicialmente, se deve a outras razões. Eles têm apenas uma função informativa superficial e podem “ao longo do tempo, serem reduzidos, tornando-se, finalmente, vestígios, mesmo quando a função de informação da atividade permaneça constante ou cresça em importância. Além disso, um signo pode ser fabricado premeditadamente apenas devido à sua função informativa e [...] se tornar uma parte permanente daquele que o carrega”.<sup>557</sup> É importante ressaltar que “os signos não permanentes, usados apenas para transmitir informação social, quando empregados contra a vontade do informante, tendem a ser *símbolos de estigma*,”<sup>558</sup> como no caso da “letra A”.

Outro conceito que nos auxilia dentro desta teoria é o da “visibilidade”: “até que ponto o estigma está adaptado para fornecer meios para comunicar que um indivíduo o possui”.<sup>559</sup> A “visibilidade” é um fator muito importante, pois está relacionado ao que pode ser dito sobre a identidade social de um indivíduo em sua rotina diária e por todas as pessoas com que interage. “A informação cotidiana disponível sobre ele é a base da qual ele deve partir para decidir qual o plano de ação a empreender quanto ao estigma que possui. Assim, qualquer mudança na maneira em que deve se apresentar sempre e em toda parte terá, por esses mesmos motivos, resultados fatais”.<sup>560</sup>

Isto fica claro quando Hester tira a “letra A,” primeiro diante de Pearl, que não aceita a mãe sem “o ornamento” e, segundo, quando Hester tira a “letra A” na cena da floresta e a joga no chão. Parece que sua identidade fica desfalcada ou incompleta ao

---

<sup>556</sup> Ibid., p. 53.

<sup>557</sup> Ibid., p. 55.

<sup>558</sup> Ibid., p. 55.

<sup>559</sup> Ibid., p. 58.

<sup>560</sup> Ibid., p. 58.

retirar a letra de si e que o fato de não usá-la faz com que transpareça uma nova identidade, não aquela que é marcada pela punição. O ato de retirar a letra, mesmo que na intimidade, faz com que a personagem assuma uma atitude desafiadora em relação ao sistema que a obriga usar tal aparato. O desafio aqui parece mais um ato de auto-conhecimento do que de repúdio, mostra que Hester, apesar da aparência, não aceita ou se submete totalmente ao que lhe é imposto pela sociedade.

Para que o conceito de “visibilidade” seja empregado em seu sentido correto, Goffman enfatiza que ele deve ser diferenciado de outras três noções:

1. De sua “possibilidade de ser conhecido”. Quando um estigma de um indivíduo é muito visível, o simples fato de que ele entre em contato com outros levará o seu estigma a ser conhecido; 2. Da “intrusibilidade”. Quando um estigma é imediatamente perceptível, permanece a questão de se saber até que ponto ele interfere com o fluxo da interação; 3. deve ser dissociado de certas contingências, do que pode ser chamado de “foco de percepção”. Nós, normais, desenvolvemos concepções, fundamentadas objetivamente ou não, referentes à esfera de atividade vital, que desqualificam primeiro o portador de um determinado estigma.<sup>561</sup>

O estigma, que é representado pela “letra A,” é considerado, principalmente, por sua característica “exterior,” ou seja, é reforçado através de marcas, vestuários e profissões que expõem o papel social da mulher, dando a ela “visibilidade” e uma interação constante com a sociedade. A visibilidade deste estigma se torna um fator determinante na criação de graus de discrepâncias e no entendimento de como o indivíduo estigmatizado (neste caso, Hester) é considerado numa interação social e em relação a si mesmo.

No lado oposto à “visibilidade,” entretanto, há outro fator determinante do processo de estigmatização que está relacionado à questão da “manipulação do estigma”. Este fenômeno ocorre quando lidamos com uma situação em que há “controle” de informação sobre o estigma que se possui. É o caso do indivíduo “desacreditável,” a interação social assume uma outra característica que será baseada na “manipulação de informação” sobre o defeito — físico, ou de caráter — que se possui. “Exibi-lo ou ocultá-lo; contá-lo ou não contá-lo; revelá-lo ou escondê-lo;

---

<sup>561</sup> Ibid., p. 59-60.

mentir ou não mentir; e em cada caso, para quem, como, quando e onde”.<sup>562</sup> No caso de Dimmesdale, ele não só esconde o segredo da paternidade de Pearl como também a cicatriz que marca seu auto flagelo. Além disso, também podemos citar a manipulação de informação por parte de Chillingworth que não quer que a comunidade saiba que ele é o marido traído e ser desonrado moralmente. Chillingworth assume o papel de médico errante e assim mantém sua identidade e moral resguardada. É importante enfatizar que Hester tem um papel importante para que estes segredos não sejam revelados à comunidade e, conseqüentemente, para que a manipulação da informação ocorra. Por um lado, Hester protege Dimmesdale da difamação por amor e, por outro, mantém o segredo de Chillingworth por medo de suas ameaças contra aquele que foi seu companheiro no adultério.

A “manipulação da informação” “é uma ramificação de algo básico na sociedade: a estereotipia ou o “perfil” de nossas expectativas normativas em relação à conduta e ao caráter. A manipulação do estigma está estritamente relacionada à vida pública, ao contato entre estranhos ou simples conhecidos, colocando-se no extremo de um *continuum* cujo pólo oposto é a intimidade”.<sup>563</sup>

Dimmesdale, sendo o pastor local e uma figura de extrema importância dentro da comunidade, passa por todas as provações possíveis para manter seu estigma encoberto (além do fato de ser constantemente vigiado por Chillingworth). Sua atitude passa a ser marcada pela reticência, doença e fraqueza, características que o ajudam a camuflar sua debilidade emocional e moral perante seus párocos. Chillingworth, por sua vez, impõe sua vilania somente com relação a Hester ao obrigá-la a manter o segredo de sua identidade e ao fazer chantagem para que ela diga quem foi seu parceiro no adultério. Por um lado temos a camuflagem de um estigma físico e, por outro, de um estigma moral.

Entretanto a intimidade e a familiaridade não excluem a possibilidade de se manipular um estigma. Nas várias esferas em que o indivíduo circula podem ocorrer discrepâncias entre a identidade social virtual e a identidade social real. Fato que é

---

<sup>562</sup> Ibid., p. 51.

<sup>563</sup> Ibid., p. 62.



bem percebido pelo astuto Chillingworth, suas manobras o levam a viver na casa do pastor e, com isto, perceber a atitude estranha com que este se comporta, mesmo na intimidade de sua casa. Goffman<sup>564</sup> esclarece que “todo o problema da “manipulação do estigma” é influenciado pelo fato de conhecermos ou não pessoalmente o indivíduo estigmatizado,” e que esta influência está ligada ao conceito de “identidade pessoal” do indivíduo. Esta “identidade pessoal” relaciona-se a determinados fatores:

Marcas positivas ou apoio de identidade e a combinação única de itens da história de vida que são incorporados ao indivíduo com o auxílio desses apoios para a sua identidade. A identidade pessoal, então, está relacionada com a pressuposição de que ele pode ser diferenciado de todos os outros e que, em torno desses meios de diferenciação, podem se apegar e entrelaçar, como açúcar cristalizado, criando uma história contínua e única de fatos sociais que se torna, então, a substância pegajosa à qual vêm-se agregar outros fatores biográficos. O que é difícil de perceber é que a identidade pessoal pode desempenhar, e desempenha, um papel estruturado, rotineiro e padronizado na organização social justamente devido à sua unicidade.<sup>565</sup>

Apesar dos aspectos positivos que caracterizam a identidade pessoal de um indivíduo, devemos lembrar que o contexto da familiaridade não impede que a manipulação do estigma ocorra, pois a “identidade pessoal” de um indivíduo pode ser camuflada para que seja atingido um determinado grau de aceitação em seu grupo, como no caso de Dimmesdale e Chillingworth. Para compreendermos as razões pelas quais isto ocorre, temos que considerar que “a falsa informação social deve ser diferenciada da falsa informação pessoal”.<sup>566</sup> Fato que reforça a condição do “indivíduo desacreditável,” aquele que deliberadamente manipula seu estigma para evitar os desconfortos que o conhecimento deste por outras pessoas lhe traria. Neste caso, estamos nos referindo a existência de

Normas relativas à *identidade pessoal*, [...que] pertencem não a esferas de combinações permissíveis de fatos sociais mas ao tipo de controle de informação que o indivíduo pode exercer com propriedade. Para uma pessoa, ter tido o que se chama de um passado sombrio é uma questão relativa à sua identidade social; a maneira pela qual ele manipula a informação sobre esse passado é uma questão de identificação pessoal. A posse de um passado estranho (não estranho em si, é claro, mas estranho para alguém que pertence à identidade social presente do indivíduo) é um tipo de impropriedade; para

---

<sup>564</sup> Ibid., p. 65.

<sup>565</sup> Ibid., p. 67.

<sup>566</sup> Ibid., p. 74.

o possuidor, viver toda uma vida diante daqueles que ignoram esse passado e não estão informados sobre ele pode ser um tipo muito diferente de impropriedade. A primeira refere-se a nossas regras relativas à identidade social, a segunda às regras relativas à identidade pessoal.<sup>567</sup>

Assim o ocultamento de certas informações pessoais permite ao indivíduo interagir livremente com seu grupo de forma a manter sua respeitabilidade e aceitação dentro dele. Este tipo de atitude é de extrema relevância para aqueles indivíduos que ocupam posições de destaque numa comunidade e que, caso seu passado, ou estigma, seja revelado, isto lhe traria a desonra e o banimento total do grupo, ou até a morte, que é o que ocorre com Dimmesdale. Ou, também, como ocorre com Chillingworth, o qual “esconde” sua identidade pessoal para ser respeitado pela comunidade e para manter-se incógnito no que se refere ao seu passado com Hester. Neste caso podemos dizer que a manipulação se torna um instrumento de aceitabilidade aparente, o “indivíduo desacreditável” tem o conhecimento daquilo que “esconde” e supõe a dimensão da rejeição que sofreria caso viesse a ser desmascarado.<sup>568</sup>

Este aspecto da interação social nos leva à relação que existe entre a “identificação pessoal” e a “identificação social,”

É evidente que para construir uma identificação pessoal de um indivíduo utilizamos aspectos de sua identidade social — junto com tudo o mais que possa estar associado a ele. É claro ainda que o fato de ser capaz de identificar pessoalmente um indivíduo nos dá um recurso de memória para organizar e consolidar a informação referente à sua identidade social — um processo que pode alterar sutilmente o significado das características sociais que lhe imputamos.<sup>569</sup>

Outro ponto estabelecido pela relação — identificação social e identificação pessoal — refere-se ao “controle social” que a interação grupal pode estabelecer, principalmente no que se refere ao indivíduo que por alguma razão passa a ter uma

---

<sup>567</sup> Ibid., p. 73-74.

<sup>568</sup> “Pode-se supor que a posse de um defeito secreto desacreditável adquire um significado mais profundo quando as pessoas para quem o indivíduo ainda não se revelou não são estranhas para ele, mas sim suas amigas. A descoberta prejudica não só a situação social corrente mas ainda as relações sociais estabelecidas; não apenas a imagem corrente que as outras pessoas têm dele mas também a que terão no futuro; não só as aparências, mas ainda a reputação. O estigma e o esforço para escondê-lo ou consertá-lo fixam-se como parte da identidade pessoal. Daí o crescente desejo de um comportamento inadequado quando se usa uma máscara.” (Ibid., p. 76).

<sup>569</sup> Ibid., p. 76.

“má reputação” dentro de sua comunidade.<sup>570</sup> Aqui temos a situação em que uma pessoa “privada” é transformada numa figura “pública” de forma estigmatizada. É o que ocorre a Hester depois que o adultério é descoberto. A interação social de Hester passa a ser pautada por um controle rígido quanto às normas a serem seguidas diante da comunidade. Suas formas de comunicação, seu comportamento, os lugares que frequenta e as pessoas com que interage são afetados por “demandas virtuais” que, favoráveis ou desfavoráveis, são criadas por sua imagem pública.

Neste contexto há uma “desorganização de seus movimentos habituais.” Ela se sente constantemente observada devido à falta de anonimato que experimenta em sua nova identificação social por causa da “letra A”. Quando isto ocorre, o indivíduo, apesar de preservar seus aspectos biográficos pessoais, tem sua interação social controlada por normas estabelecidas pela comunidade que, desconhecendo sua “identidade pessoal,” (apenas se baseando em sua identidade social virtual) faz com que o processo de estigmatização se concretize da forma mais radical possível. Numa sociedade puritana isto foi mais do que possível, os membros da comunidade se sentiram compelidos à deixar bem claro para Hester sua condição de estigmatizada e de como ela deveria se comportar diante deles, principalmente as mulheres, (elas foram ferozmente contra o adultério e queriam uma pena mais severa para Hester).<sup>571</sup>

Como podemos perceber, o fenômeno da estigmatização engloba dois opostos: o “estigma” que é “aparente” e não há como ser ignorado nem pelo indivíduo que o possui, nem por aqueles com quem interage (como é a “letra A”); e o “estigma” que pode ser “ocultado” ou manipulado sem que aquele que o possui deteriore sua identidade social (como ocorre com Dimmesdale e Chillingworth). Este segundo aspecto nos leva a outro fator que determina a interação social e subsequente aceitação do indivíduo estigmatizado, o “encobrimento,”<sup>572</sup> ato que se caracteriza pela “camuflagem” de um traço que tornaria o indivíduo não aceito, ou lhe traria sérios problemas dependendo de com quem ele interage. Fato que se torna característica

---

<sup>570</sup> Ibid., p. 80.

<sup>571</sup> HAWTHORNE, Cap. 2, p. 45.

<sup>572</sup> GOFFMAN, op. cit., p. 84.

principal do comportamento de Dimmesdale e da pressão psicológica que Chillingworth impõe principalmente a ele e a Hester.

Entretanto o ato de encobrir um estigma ou de ocultá-lo, pode colocar o indivíduo em circunstâncias desfavoráveis que ameacem sua identidade social virtual, apesar de seu esforço para transmitir uma identidade social sem máculas. O paradoxo desta situação é que Dimmesdale torna-se escravo de sua culpa, enquanto Hester a expõe em todos os momentos de sua interação social. Chillingworth, por sua vez, não experimenta nenhuma “situação desagradável,” muito pelo contrário, tem prazer em todas as situações em que se coloca e tira proveito destas para articular seu plano de vingança contra aquele que participou no adultério. O encobrimento de seu estigma moral o aproxima facilmente de Dimmesdale, que se torna alvo de sua constante observação, e o coloca favoravelmente dentro da sociedade, pois seu conhecimento como médico lhe dá o status necessário para ser respeitado, embora desconhecido por todos.

Além de experimentar um conflito entre a sinceridade e decoro (a opção é sempre pelo último), o indivíduo pode ser alvo de descrédito devido ao que se torna aparente sobre ele. Esta situação dá margem a uma série de ocorrências, como por exemplo: o “incidente embaraçoso;” o indivíduo também pode se tornar alvo de “chantagem,” caso alguém do seu grupo perceba o “encobrimento” e descubra a natureza do estigma que está sendo camuflado; o indivíduo que encobre algo leva uma “vida dupla,” pois no âmbito pessoal e social age de formas distintas e que abrange aquelas pessoas que pensam conhecê-lo totalmente e aquelas que “realmente” o conhecem. Ele também sofre “de “aprofundamento de pressão” para elaborar mentiras, uma atrás da outra, e assim evitar uma revelação”.<sup>573</sup>

O indivíduo pode também “sofrer a experiência clássica e fundamental de ter que se expor durante uma interação face-a-face, traído pela própria fraqueza que tenta esconder, pelos outros presentes ou por circunstâncias impessoais;”<sup>574</sup> ou “pode ser forçado a se revelar a outras pessoas que acabaram por descobrir o seu segredo e

---

<sup>573</sup> Ibid., p. 95.

<sup>574</sup> Ibid., p. 96.

devem colocá-lo frente ao fato de haver mentido;”<sup>575</sup> além do perigo que corre de ser “desacreditado” por uma pessoa com quem é obrigado a ter uma convivência mais assídua. Dimmesdale passa por todos estes estágios, seja com seus párocos, com os membros mais ilustres da política local, seja com Chillingworth ou até mesmo Hester e Pearl.

Como todo processo, o “encobrimento” é caracterizado por um “ciclo natural” de desenvolvimento e finalização. Em nossa análise, o “encobrimento” a que nos referimos denomina-se “desaparecimento,” pois significa o “encobrimento completo em todas as áreas de vida, segredo que só é conhecido pelo encobridor”.<sup>576</sup> Dimmesdale, apesar de ter seu segredo guardado por Hester, não permite que esta saiba do flagelo que se auto impõe, nem da intenção de revelar tal segredo em praça pública, mesmo que isto signifique sua morte.

Já Chillingworth tem Hester como álibi e, depois da confissão e morte de Dimmesdale, não tem necessidade de revelar sua verdadeira identidade e segue sua vida normalmente até sua morte, como supomos, não há mais motivo para vingança. Outro aspecto deste “ciclo” é sua finalização através de um “rito de passagem” que quebra o ciclo de encobrimento e que pode ser planejado conscientemente pelo próprio encobridor. Como é o caso de Dimmesdale, que revela seu segredo em praça pública, no mesmo pelourinho onde Hester e Pearl haviam sido expostas e morre logo depois.

O “encobrimento” também tem uma influência determinante quanto ao espaço em que o indivíduo pode ocupar em sociedade. Devido à existência de um estigma haverá uma

Divisão do mundo do indivíduo em lugares públicos, proibidos, e lugares retirados. [Divisão que] estabelece o preço que se paga pela revelação, ou pelo ocultamento, e o significado que tem o estigma ser conhecido ou não, quaisquer que sejam as estratégias de informação escolhidas. Assim como o mundo de alguém está especialmente dividido por sua identidade social, ele também está por sua identidade pessoal.<sup>577</sup>

---

<sup>575</sup> Ibid., p. 96.

<sup>576</sup> Ibid., p. 91.

<sup>577</sup> Ibid., p. 94.

Dimmesdale só se sentia parcialmente confortável quando estava sozinho ou em seu quarto. A vida pública de pastor se torna um martírio constante. O contato com a comunidade lhe coloca o tempo todo em confronto com seu segredo e culpa, pois seus párocos lhe concedem um grau muito alto de respeito, confiança e admiração. Não importa onde esteja, em seu quarto, na rua, no púlpito, na casa de seus amigos mais íntimos ou, até mesmo na floresta com Hester e Pearl, seu estigma arde e sua consciência lhe faz querer acabar com aquela situação a qualquer momento. Falta-lhe coragem. Só mesmo a morte poderia abrandar o preço que pagava por seu pecado, seu ocultamento e, principalmente, por saber que Hester havia assumido sozinha, e publicamente, por um ato que os dois haviam cometido.

Outra questão que o fenômeno do encobrimento levanta é a respeito do “estado psíquico da pessoa que se encobre”. Por viver uma vida que pode entrar em colapso a qualquer momento, este indivíduo deve sofrer uma pressão psicológica muito forte e um nível de ansiedade elevado. A pessoa que se encobre deve se sentir dividida entre “duas lealdades,” por um lado, pode se sentir protegida em seu encobrimento e, por outro, desprezível por não poder responder às expectativas criadas em relação a ela. A pessoa que tem um defeito secreto tem uma outra percepção da situação social a sua volta, pois sempre está “verificando as possibilidades” para sua ação. Sua rotina deixa de ter um caráter simples.

O que para os normais “é a base, para ela é a imagem”.<sup>578</sup> A tortura de Dimmesdale torna-se constante e cada vez mais sobrecarrega seu estado emocional e físico. O jogo em que se coloca, a vida dupla que tem que manter após o adultério faz com que ele se sinta cada vez mais vulnerável. Podemos dizer que a idéia da fuga, que Hester lhe propõe é a gota d’água que faltava para que ele resolvesse acabar com seu martírio de uma vez por todas. Um pastor puritano não poderia fugir aos desígnios de sua fé e muito menos fugir de sua comunidade e da “ira de seu Deus”.<sup>579</sup>

Um dos aspectos desta transformação da percepção da rotina relaciona-se com o fator tempo, já que o “desacreditável” nunca se ausenta por períodos muito longos de

---

<sup>578</sup> Ibid., p. 99.

<sup>579</sup> HAWTHORNE, Cap. 23.

seu habitat, ele parece “viver atado a uma corda,” precisa estar a uma distância que lhe permita voltar sem perder o controle da informação sobre sua pessoa. Isto é o que acontece com o pastor, seu quarto é seu melhor refugio desde que seu flagelo começou.<sup>580</sup>

Goffman também propõe que para que os conceitos de “identidade social” e “identidade pessoal” sejam melhores compreendidos, eles devem ser considerados em conjunto e contrastados com os conceitos de “identidade do eu” ou “identidade experimentada,” que pressupõem “o sentido subjetivo de sua própria situação e sua própria continuidade e caráter que um indivíduo vem a obter como resultado de suas várias experiências sociais”.<sup>581</sup> Além disso, “as identidades social e pessoal são parte, antes de mais nada, dos interesses e definições de outras pessoas em relação ao indivíduo cuja identidade está em questão. [...] Por outro lado, a identidade do eu é, sobretudo, uma questão subjetiva e reflexiva que deve necessariamente ser experimentada pelo indivíduo cuja identidade está em jogo”.<sup>582</sup>

Goffman também esclarece que:

O conceito de identidade social nos permitiu considerar a estigmatização. O de identidade pessoal nos permitiu considerar o papel do controle de informação na manipulação do estigma. A idéia de identidade do eu nos permite considerar o que o indivíduo pode experimentar a respeito do estigma e sua manipulação, e nos leva a dar atenção especial à informação que ele recebe quanto a essas questões.<sup>583</sup>

A informação que o indivíduo estigmatizado recebe do meio pode ser vivenciada e processada através de vários aspectos: a “ambivalência” em relação ao seu próprio eu, devido à impossibilidade de se conformar com os modelos de identidade que aplica a si mesmo; a elaboração de um “código de conduta” que lhe permita uma melhor interação com os outros e com seu “eu;” a identificação e interação intragrupal; o desenvolvimento de habilidades para lidar em situações sociais mistas (com o exogrupo); a “política de identidade” que tenta fazer com que o

---

<sup>580</sup> Ibid., Cap. 20, p. 197.

<sup>581</sup> GOFFMAN, op. cit., p. 116.

<sup>582</sup> Ibid., p. 116.

<sup>583</sup> Ibid., p. 117.

indivíduo estigmatizado pense sobre si mesmo, sobre a identidade de seu eu e se adapte da melhor maneira possível à sua condição.

Tais características estão bem aparentes na interação que Hester tem que manter com os moradores de Salem. Há uma sobreposição dos vários aspectos abordados, Hester não só entra em conflito com sua própria identidade, mas também, com a identidade que precisa assumir diante da sociedade e de alguns indivíduos em particular. Temos sua interação com Pearl, na qual sua atitude precisa ultrapassar a barreira do estigma da mãe adúltera e excluída da sociedade; temos sua relação com Dimmesdale, aquele ao qual ela protege devido ao amor que sente; temos sua interação com Chillingworth que é marcada pelo trauma de outro segredo a ser mantido e pelo medo do que ele possa fazer a Dimmesdale, caso descubra a identidade do pai de Pearl.

No que se refere a Dimmesdale e Chillingworth, podemos dizer que experimentam tais aspectos de forma contrária a Hester. Os dois ocultam seus estigmas e, desta forma, as percepções que têm sobre suas identidades e seus relacionamentos com o meio ocorrem de forma inversa. Hester tem que lidar com sua “identidade do eu” de forma complexa, pois está exposta, não há manipulação de sua identidade, enquanto que Dimmesdale e Chillingworth caminham na direção oposta que é proporcionada pelo ocultamento do estigma.

Sendo assim a teoria do estigma nos faz considerar não só os fatores externos acarretados pela estigmatização, mas também os fatores internos que o indivíduo enfrenta diante deste problema “social”. Esta teoria nos oferece um amplo entendimento sobre os efeitos e causas da interação social que o indivíduo estigmatizado experimenta e nos auxilia explicar um dos fenômenos discriminatórios mais importantes dentro do estudo da construção da condição e da identidade feminina em sociedade.

Um outro conceito que está estreitamente ligado ao de estigmatização é o de “categorização”. Este fenômeno é entendido como o “processo de organizar o meio em termos de categorias,” através do agrupamento de pessoas, objetos e eventos como sendo similares em termos de categorias ou equivalentes entre si em suas relevâncias



para as ações, intenção ou atitudes do indivíduo”.<sup>584</sup> A principal função da categorização é de ser um instrumento de sistematização do meio para o propósito da ação.

A “categorização social” abrange muito mais do que a classificação cognitiva dos eventos, objetos ou pessoas. Ela é um processo imbuído de valores, representações culturais e sociais, que vai além da pura classificação analítica da informação. A categorização social está centrada no senso comum, no conhecimento e no entendimento cotidiano. A maneira pela qual um indivíduo ou uma cultura identifica as diferenças e as semelhanças entre as pessoas e grupos em seu meio é o alicerce em que o relacionamento social cotidiano é baseado. Assim a categorização social é muito mais que uma pura tarefa: ela é central para a vida social, e como tal, está sujeita a pressões e distorções da cultura rica e variada da qual nasce.

De acordo com Tajfel (1979), o efeito da categorização social é imbuir as relações com um significado baseado no grupo e o que acontece depois depende do que as importantes relações do intergrupo significam e implicam. Para Tajfel, os indivíduos aplicam o processo de categorização na interação social pelas mesmas razões empregadas na atividade perceptiva. A “categorização social” permite ao percebido “estruturar o entendimento causal do ambiente social” como se fosse um guia para a ação. Isto também determina um sistema de orientação para auto-referência, criando e definindo o lugar do indivíduo na sociedade.

Aspectos que são claramente observados na interação social estabelecida entre Hester e a comunidade de Salem. Hester está inserida em três categorias que se entrelaçam: mulher, estrangeira (o outro/*outsider*) e adúltera, categorias que colaboram para que sua característica de transgressora de ordens morais seja enfatizada e corroborada pelo comportamento que a sociedade tem para com ela. Podemos acrescentar que, por um lado temos o grupo categorizado como “puritano-correto-irrepreensível,” e, por outro, o grupo “mulher-incorreto-repreensível”. Tais grupos

---

<sup>584</sup> TAJFEL, H. & FORGAS, P. J. “Social Categorization: Cognitions, Values and Groups”. In: FORGAS P. J., op. cit., p. 13.

estabelecem a base para a interação social que, por sua vez, pode ser categorizada pelo julgamento e pela “punição”.

A auto-definição do indivíduo num contexto social, o significado de suas ações e atitudes naquele contexto, depende da categorização social. Onde a categorização divide indivíduos em grupos sociais, a ação dentro daquele contexto captará o significado específico e a significação das relações intergrupais. Este elo que é proposto entre o *self* (termo definido abaixo) e a categorização social foi formalizado no conceito de “identidade social,” inicialmente definida por Tajfel (1979) como “aquela parte do auto-conceito do indivíduo que deriva de seu conhecimento de seu vínculo a um grupo social (ou grupos) junto com o valor e significado emocional atribuído àquele vínculo”. Trazer o *self* e o grupo juntos ajudou a entender a discriminação mínima intergrupar e incitar novas tentativas para se lidar com o problema da relação entre o grupo e o indivíduo, entre as uniformidades sociais da vida em grupo e os processos psicológicos individuais.

Desta forma, as considerações sobre a “categorização” nos remetem à teoria da “auto-categorização” (*self-categorization*) de J. Turner, em **Rediscovering the Social Group: A Self-Categorization Theory** (1988). Entretanto antes de discutirmos sobre o que esta teoria propõe, faz-se necessário conceituar o termo *self*. No que se refere à pesquisa sobre o *self*, desde tempos remotos, teóricos da psicologia e outras áreas procuram entender e identificar os mecanismos pelos quais nosso comportamento em sociedade e nossa noção de identidade são determinados. Muitos nomes já foram dados a esta entidade que gerencia nosso ser: “*soul, nature, breath, will, and spirit*”,<sup>585</sup> termos geralmente ligados a dogmas filosóficos e religiosos e que são extremamente subjetivos para uma análise metodológica da maneira pela qual o indivíduo interage em seu grupo social e como uma entidade individual dentro do processo de socialização.<sup>586</sup>

---

<sup>585</sup> BURNS, R. B. **The Self Concept in Theory, Measurement, Development and Behaviour**. Londres: Longman, 1979, p. 3.

<sup>586</sup> “Self conceptualisation is regarded as a major facet and determinant of every individual’s behaviour by many psychologists. Writings from classical Greek times to the present reveal a shift in emphasis from a philosophic and subjective experiencing ‘I’ to a psychological, end empirical ‘Me’, a

Historicamente a psicologia social lutou para chegar a uma definição específica do termo *self* para o estudo da relação do indivíduo e a sociedade. Podemos citar aqui, por exemplo, primeiro a definição dada por Gergen: “the notion of self can be defined first as a process and then as structure. On the former level we shall be concerned with that process by which the person conceptualises (or categorizes) his behaviour — both his external conduct and his internal states. On a structural level, our concern is with the system of concepts available to the person in attempting to define himself”.<sup>587</sup>

Aqui vemos que o termo *self* está encapsulado em duas esferas, ou como um “processo,” ou como uma “estrutura.” Tais esferas auxiliam o indivíduo a organizar e dimensionar sua realidade exterior e interior. O indivíduo seria orientado em dois níveis diferentes a definir o meio em que vive e a ele mesmo. A “categorização” do meio externo e a “auto-definição” seriam os resultados finais destas noções do *self*.

Se compararmos esta definição com aquela sugerida por Vallacher: “more generally, the self represents the interface between the individual and social reality, and for this reason it has become a vitally important concept in virtually every domain of social psychology. Social interaction produces self-awareness in the first place, and everyday events provide for continual refinement of one’s self-view; in this sense, the self is a product of social reality”.<sup>588</sup> Vemos que o *self* deixa de ser considerado como um processo e uma estrutura para ser visto como “uma interface entre a realidade social e individual” e como um “produto da realidade social”. Fato que o coloca, fundamentalmente, ligado aos estímulos externos que o indivíduo recebe. O *self* é visto como um meio e um produto. Não apenas como um processo da interação do indivíduo com seu ambiente, como se fosse um agente de ligação entre as duas entidades.

Isto nos leva a supor que o *self* corresponde àquela parte do indivíduo que filtra as informações e estímulos que ele recebe e ajuda no desenvolvimento de sua auto-percepção e da percepção da realidade da qual faz parte. Tal interação dentro da

---

move from the self as knower to the self as known, a discriminations most cogently established by William James.” (Ibid., p. 28).

<sup>587</sup> GERGEN, K. J. (a) **The Concept of Self**. Nova York: Holt, Rinehart & Winston, Inc., 1970, p. 22.

<sup>588</sup> WEGNER, M. D. & VALLACHER, R. R. (Eds.) **The Self in Social Psychology**. Oxford: Oxford University Press, 1980, p. 28.

realidade incorpora seu relacionamento com outros indivíduos, o modo como um indivíduo é percebido pelo outro, aquilo que assimilamos das percepções que os outros têm de nós e como trabalhamos, internamente, tais percepções. Esta variedade de estímulos nos dá a noção de quem somos, nossas características e as características dos contextos em que estamos inseridos.

Tais considerações nos levam à teoria da “auto-categorização” de Turner (1988) que argumenta que às vezes nós nos percebemos como indivíduos únicos e que em outras vezes como membros de grupos. Estas duas condições são igualmente válidas como expressões do *self*. Isto significa que nossas identidades sociais (que derivam dos grupos a que pertencemos) são tão verdadeiras e básicas para o *self* quanto a identidade pessoal (que deriva da visão que o indivíduo tem de si mesmo) e que o modo pelo qual nos definimos, tanto ao nível pessoal quanto social, é flexível e antagônico.

Ao analisarmos o modo como a identidade de Hester se modifica a partir do adultério e da punição, percebemos que ela experimenta não só uma descontinuidade de sua identidade pessoal como a subversão de sua identidade social. Hester experimenta o que podemos chamar de fardo social psicológico, sua identidade não só é reinterpretada como sendo a “mulher adúltera e pecadora” como também é configurado pela letra que tem que carregar em seu corpo. Sua identidade torna-se auto referenciada pela letra escarlata e, conseqüentemente, sua identidade pessoal é afetada por esta estratégica de punição. Podemos dizer que se há um conflito em Hester, que está ligado principalmente ao fato de que ela tem que concordar, pelo menos aparentemente, com a rigidez e a ignorância criada por um sistema em que a mulher é totalmente controlada e manipulada por normas severas de conduta.

A teoria reconhece a possibilidade de mais dois níveis de identidade — “níveis de abstração” —, não só o nível pessoal e social. Esta flexibilidade de mudança na auto-percepção é que dá o embasamento para esta teoria. Outro fator para o estudo da influência social é o fato de que o nível de abstração do grupo é o nível no qual os indivíduos tendem a considerar-se como intercambiáveis com outras pessoas, em termos de percepções e crenças.

O mecanismo pelo qual estas auto-definições são seletivamente empregadas é central para a fundamentação da teoria. O quanto a categorização é aplicada a um nível particular é chamada de “saliência”. O que é muito importante é o fato de que a “saliência” não está relacionada apenas à importância geral da participação em um grupo, mas se refere à mudança seletiva em auto-percepção, pela qual as pessoas realmente se auto definem como indivíduos únicos ou como membros de um grupo. Quando os indivíduos se definem como membros de um grupo eles se percebem como “intercambiáveis” com membros daquele grupo, e diferentes dos membros de outros grupos. Daí a distinção entre os grupos: puritanos e mulher adúltera.

A teoria da auto-categorização tem sido aplicada a muitos processos na psicologia social, em particular ao processo de “estigmatização”. Esta teoria é sempre apresentada como uma teoria dos processos ligados à formação psicológica de um grupo e sua proposta original é explicar as bases psicológicas do grupo social. Sua relevância para a “estigmatização” está no fato de tentar explicar a natureza da relação entre os processos cognitivos (especialmente a “categorização”) e a vida em grupo.

Um dos aspectos mais importantes da teoria da “auto-categorização” está em seu objetivo de desenvolver uma análise interacionista e ante-individualista destes assuntos. Considera seriamente a interação funcional dos processos sociais e psicológicos e a validade e importância das definições coletivas e pessoais do *self*. Esta teoria assume que há uma interdependência recíproca da identidade social como representação cognitiva e produto social.

Outra contribuição da teoria da psicologia social para nosso estudo é o trabalho de Tajfel sobre “estereotipia,” fenômeno estreitamente ligado à “estigmatização”. Em seu estudo “Estereótipos Sociais e Grupos Sociais” (1981) Tajfel coloca que para se entender a psicologia do fenômeno de grupo, como a estereotipia, é necessário examinar as maneiras pelas quais a cognição media e é mediada pelos grupos dos indivíduos e pelas relações sociais. Os processos de percepção e cognição são psicológicos sociais, mas, não meramente porque são produtos psicológicos de uma interação entre a mente e a sociedade.

O autor inicia o estudo com a diferenciação de definição de “estereótipo,” ou seja, “formal e social,” e ressalta a dificuldade de se estabelecer um estudo cognitivo dos mesmos. Tajfel nos explica que os “estereótipos”

São certas generalizações conseguidas por indivíduos, derivam predominantemente, ou são uma instância, do processo cognitivo geral da categorização. Este processo cognitivo tem como principal função, simplificar ou sistematizar, com vista à adaptação cognitiva e comportamental, a abundância e complexidade de informação que o organismo humano recebe do meio.<sup>589</sup>

Entretanto tais estereótipos só podem tornar-se sociais quando são compartilhados por um grande número de pessoas no interior de grupos sociais ou entidades — implicando a partilha de um processo de difusão efetiva. Tajfel também elabora sua análise a partir de duas questões fundamentais para o estudo dos estereótipos: primeiro a análise das funções que os estereótipos desempenham no interior de um grupo social, onde sejam amplamente difundidos; segundo, a questão que diz respeito à natureza das ligações entre estas duas funções sociais, dos estereótipos e a sua adoção comum por um grande número de pessoas que partilham uma afiliação social.

Tajfel identificou cinco funções dos estereótipos sociais, dois “individuais” e três funções “ao nível grupal”. Para o indivíduo, os estereótipos servem como função cognitiva de sistematizar e simplificar o meio ambiente e função motivacional de representar e preservar valores sociais importantes. Para os grupos, os estereótipos contribuem na criação e manutenção dos pensamentos coletivos que são então usados para explicar eventos sociais de grande escala e justificar várias formas de ação grupal. Eles são envolvidos na criação e manutenção da distinção positiva do intragrupo, a tendência para diferenciar o *ingroup* positivamente de *outgroups* selecionados — “[isto ocorre] quando tais diferenciações são percebidas como inseguras e ultrapassadas; ou quando não é positivo; e as condições sociais existem e são observadas como propiciadoras de uma mudança na situação”.<sup>590</sup>

---

<sup>589</sup> TAJFEL, H. “Estereótipos Sociais e Grupos Sociais,” 1981, p.162.

<sup>590</sup> Ibid., p. 168.

Em **A Letra Escarlate** temos o fenômeno da estereotipia representado pela ação de um grupo que se vale de uma “ação coletiva” para justificar a retaliação e punição de um indivíduo que foge às normas e aos pensamentos daquele grupo. O emprego do estereótipo da “mulher adúltera” se transforma numa forma de escudo de proteção contra aqueles que vão contra os interesses morais, religiosos e sociais do grupo, que no caso só é praticado por um único indivíduo, Hester. Ou, até mesmo Mistress Hibbins, a bruxa.

Tajfel enfatizou dois pontos cruciais para o desenvolvimento potencial de uma teoria psicológica apropriada sobre a estereotipia e considerou duas funções sociais dos estereótipos: “primeiro, a sua função na contribuição para a criação e preservação de ideologias de grupo, para explicar e justificar uma variedade de ações sociais; segundo, o seu papel em ajudar a preservar ou criar diferenciações positivamente valorizadas, dum grupo, em relação a outros grupos sociais”.<sup>591</sup> Estas funções do estereótipo fundamentam o que Tajfel propôs como uma “teoria dos conteúdos dos estereótipos, enquanto partilhados por grupos sociais.” Esta teoria vai mais além do que as tradicionais investigações sobre estereótipos, segue a linha “descritiva,” que “consiste numa análise detalhada dos conteúdos dos estereótipos; e a “cognitivista que enfatiza os processos cognitivos individuais”.<sup>592</sup>

Esta teoria seria baseada na classificação das funções psicológicas desempenhadas pelos estereótipos nos grupos sociais e como estes estereótipos são criados e difundidos:

1. [causalidade social] uma procura de compreensão de acontecimentos sociais em larga escala, complexos e lamentáveis; 2. [justificação] a justificação de ações cometidas ou previstas, contra os grupos-dos-outros; 3. [diferenciação] uma diferenciação positiva do grupo próprio em relação a certos grupos-dos-outros, numa altura em que uma tal diferenciação se está a tornar insegura e falsa; ou quando ela *não* é positiva e existe uma percepção de que há condições sociais que permeiam a possibilidade duma mudança na situação.<sup>593</sup>

---

<sup>591</sup> Ibid., p. 164.

<sup>592</sup> Ibid., p. 173.

<sup>593</sup> Ibid., p. 174.

No romance vemos estas três funções claramente representadas: 1. a “causalidade social” está pautada na ocorrência do adultério, que é um fenômeno extremamente complexo e lamentável para a sociedade puritana; 2. a “justificação” da punição imputada a Hester para que a moral do grupo majoritário seja mantida, punição que é simbolicamente representada pela “letra A”. Podemos dizer que no ato de obrigar Hester a utilizar tal emblema está representada a idéia de que “nós, os representantes da lei, da ordem e da moral a obrigamos a mostrar sua vergonha e punição onde quer que vá.” Esta é uma forma indireta (e ao mesmo tempo, direta) de justificar uma punição tão severa e de coibir a ação de um indivíduo dentro de um grupo; 3. a “diferenciação” é criada entre Hester (a mulher adúltera sobrecarregada por uma grande dose de negatividade) e o grupo da comunidade como um todo.

Para Tajfel, uma teoria dos conteúdos dos estereótipos sociais deveria relacionar as funções citadas anteriormente — causalidade social, justificação e diferenciação — com as funções individuais de estruturação cognitiva e preservação dos valores, utilizando duas outras abordagens teóricas. A primeira diz respeito ao

Estudo dos grupos sociais concebidos enquanto categorias sociais, cada uma delas imersa numa complexa estrutura mais ampla de muitas categorias sociais, *definidas como tal*, pelos indivíduos implicados e relacionadas umas com as outras numa variedade de configurações delimitáveis (tais como a de poder, estatuto, prestígio, maioria-minoria, percepção de estabilidade ou de possibilidade de mudança, flexibilidade ou rigidez das fronteiras do grupo, etc.) Esta iniciativa estabelece a relação entre respeito próprio, ou conceito próprio dum indivíduo (ou a sua «identidade social») — através do processo da comparação social do intergrupo — com a posição relativa do seu grupo em certas dimensões dum sistema multigrupal.<sup>594</sup>

Percebemos que tal abordagem aplica-se no contexto estudado pois os grupos a que nos referimos — puritanos e Hester — estão imbuídos de categorias sociais que denotam as configurações de extremos: poder e subordinação; estatuto e regras transgredidas; prestígio e desprestígio; maioria e minoria; percepção de estabilidade (pelo grupo majoritário) e nenhuma possibilidade de mudança (por parte de Hester), assim como a rigidez das fronteiras impostas pelo grupo de puritanos. Vemos que há

---

<sup>594</sup> Ibid., p. 177-178.



vários níveis de contraposições que estabelecem a interação de Hester em oposição a ela.

A segunda teoria refere-se à “função social, ou de grupo, da causalidade social, mas também tem implicações importantes nas outras duas funções de justificação e diferenciação”.<sup>595</sup> O propósito de Tajfel, ao defender este desenvolvimento da teoria tradicional da psicologia sobre estereótipos sociais, baseia-se no fato de que era preciso buscar uma teoria que fosse mais abrangente no que se refere “às realidades sociais das relações intergrupo, incluindo o conflito social e que [não possibilitaria que] os processos individuais resultantes da estereotipia [fossem] vistos como uma espécie de ramo místico duma «mentalidade de grupo»”.<sup>596</sup>

Uma das características essenciais do “estereótipo” é a de ser uma generalização sobre um conjunto de pessoas baseada na crença delas pertencerem a uma categoria social específica. No que se refere à interligação de estereótipos e realidade, “estereótipos” são representações de grupos, representações que são freqüentemente usadas para descrever, interpretar e prever as ações de indivíduos as quais fazem com que os estereótipos distorçam a realidade.<sup>597</sup>

No romance, esta distorção está caracterizada pela gravidade imputada à conduta de Hester e à magnitude de sua punição. É como se Hester tivesse sido transformada no bode expiatório de todos os pecados cometidos, ou que poderiam ser cometidos por aquela comunidade. Isto é exemplificado pelo espelhamento que ocorre quando alguns indivíduos se deparam com a letra escarlata e se sentem compelidos a analisarem seus próprios erros.

A maneira como nos comportamos em relação a outras pessoas e nossos sentimentos sobre elas dependem muito dos grupos sociais a que pertencemos. Temos conceitos formados sobre grupos sociais e tais conceitos influenciam nossa interação com as pessoas identificadas como membros e como e porque nós os vemos enquanto membros de categorias sociais. Este processo pode levar à má interpretação das

---

<sup>595</sup> Ibid., p. 178.

<sup>596</sup> Ibid., p. 180.

<sup>597</sup> OAKES, P. J. et al. (b) “Cognition and the Group: Social Identity and Self-Categorization”. In: **Stereotyping and Social Reality**. Oxford: Blackwell Publishers, 1984, Cap. 4, p. 87.

verdadeiras características das pessoas, pois esta interpretação depende: das condições em que categorizamos as pessoas como membros de grupos ao invés de indivíduos; dos fatores que determinam como caracterizamos tais grupos; e, quando estes estereótipos são aplicados a indivíduos em particular, torna-se indispensável lidar com as pessoas em termos dos grupos a que pertencem.

No que se refere a Hester, tal comportamento fica caracterizado pela hostilidade com que é tratada pela comunidade e pelo fato de pertencer a um grupo, ou ter sido colocada em um grupo, que denota os principais vícios que aquela comunidade gostaria de negar em si mesma. Hester passa a ser não só banida fisicamente do convívio social, mas também é punida em termos psicológicos por ter cometido o adultério e, ainda mais, por se recusar a dizer quem é o pai da criança. Hester se torna alvo de duas formas de punição: tanto moral quanto social. O grupo a que pertence, mesmo sendo de um único indivíduo, representa um ameaça sem precedentes. Ela os afronta por seu comportamento e por sua inflexibilidade de caráter, ao se recusar delatar seu amante.

Quando lidamos com os indivíduos em termos dos grupos a que pertencem, nós geralmente os tratamos como se eles fossem mais similares a algumas pessoas (membros do mesmo grupo) e mais diferentes de outros (membros de grupos diferentes) do que eles realmente são. Desta forma, a percepção baseada no grupo é contaminada por valores discriminatórios — temos a tendência de acreditar que os grupos a que pertencemos são melhores do que aqueles a que não pertencemos. Fato que caracteriza a interação de Hester e o grupo dos puritanos. Hester só tem a oportunidade de se igualar a eles depois da morte de Dimmesdale e de seu regresso voluntário a Salem.

Fato relevante também é que a narrativa não nos conta a reação da comunidade com relação ao depoimento de Dimmesdale. Isto nos exclui de saber o juízo que poderiam ter feito do ato do pastor e do suposto perdão que ele poderia ter recebido de seus párocos. Ainda assim temos o grupo versus Hester, sua mancha parece ter sido tirada no momento em que o pastor morre em praça pública e sua aceitabilidade se

torna possível novamente. Nem mesmo Chillingworth é colocado em evidência novamente, sua função de perseguidor e atormentador de Hester acaba aí.

A estereotipia tem sido caracterizada, no melhor dos casos, como um processo de simplificação que serve para fazer com que a realidade seja fácil de se lidar e, no pior dos casos, como um instrumento patológico para preconceito e destrato. Que é o que ocorre no caso de Hester. Ela e Pearl se tornam as figuras mais repudiadas daquela sociedade e sofrem os preconceitos e destrato de todos. A interação social dos dois grupos só não se torna pior porque os trabalhos de costura e de bordado de Hester são extremamente apreciados na comunidade, o que a torna de certa forma útil (apesar de rejeitada) e lhe possibilita uma certa independência e mobilidade dentro da comunidade.

Um dos aspectos mais importantes que encontramos na teoria sobre estereotipia é o fato dela explorar a relação entre estereotipia e características do mundo social ao tentar responder, “Porque sempre caracterizamos as pessoas em termos dos grupos a que pertencem e não em termos de suas qualidades como indivíduos diferenciados? Isto é feito para se negar a individualidade, ou para facilitar o preconceito, ou para tornar o lidar com as outras pessoas menos trabalhoso? Neste sentido, algumas dessas caracterizações são deficientes? Os estereótipos são errados (e até que ponto) porque representam a manifestação de processos psicológicos deficientes?”<sup>598</sup>

Através de nossa análise pudemos perceber que o fato de se poder criar um estereótipo dentro de uma comunidade facilitou a forma pela qual um fenômeno tido como irreparável pudesse ser lidado e, principalmente, julgado e condenado. No caso de Hester, o estereótipo e o preconceito gerado por seu “crime” fez com que a comunidade em que vivia pudesse lidar de forma mais justificável com um elemento que teria o poder de desestruturar a ordem, que os indivíduos daquela determinada sociedade deveriam seguir e manter. Além disso, as relações de poder, que também foram colocadas em jogo através de sua conduta, colaboraram para que a forma de punição e julgamento que sofreu fosse considerada necessária e de caráter corretivo.

---

<sup>598</sup> Ibid., p. 123.

Hester se torna o alvo daquilo que o poder religioso, social e político local não poderia deixar de controlar, mesmo que para isto fosse preciso utilizar a pior forma de punição. O fato de rotular Hester como adúltera e julgá-la em praça pública torna-se necessário para que determinados dogmas não deixassem de ser seguidos e respeitados. “Crime e castigo” se tornam sinônimos de exemplos morais, religiosos e sociais utilizados como forma de manter o indivíduo dentro de normas rígidas de comportamento e obediência.

A **Teoria do Conflito Intergrupar** elaborada por Tajfel e Turner influenciou as diretrizes do estudo da psicologia social no que se refere ao estudo da interação intergrupar e da forma que os indivíduos percebem-se uns aos outros. Tal fato nos leva a considerar o mecanismo pelo qual se dá a “percepção social”: “como percebemos e somos percebidos pelo outro,” verificamos que neste processo

Percebe-se as pessoas como agentes causais, que têm seus atos determinados por traços e características que lhes são inerentes; são reconhecidas nelas intenções, desejos, emoções, pensamentos, e toda uma gama de estados internos que percebemos em nós mesmos. O objeto de nossa percepção tem, neste caso, uma *mente*, e isto tem diversas conseqüências sobre o modo como o percebemos e nos comportamos com relação a ele.<sup>599</sup>

Podemos dizer que tal percepção e comportamento baseiam-se num determinado “juízo social”.<sup>600</sup> Como se dá o conhecimento das características do outro, onde são analisados: a exatidão do juízo social: “a concordância entre o juízo dado e o objeto julgado,”<sup>601</sup> a formação de impressões e a atribuição de causalidade. Neste processo há a possibilidade de haver uma “habilidade individual de percepção social” e como esta atua diante da complexidade do processo para avaliar a exatidão do juízo social devido aos fatores envolvidos no processo: os personagens, o contexto, o que é julgado e os critérios para a avaliação.

Chega-se à conclusão de que não há uma única habilidade mas “diversas habilidades concernentes à compreensão do outro”. Daí a necessidade que se teve de

---

<sup>599</sup> CAMINO, L. et. al., “O Conhecimento do Outro: Primeiras Explicações em Termos de Percepção Social”. In: CAMINO, L. (Org.) **Monografias em Psicologia Social: Conhecimento do Outro e a Construção da Realidade Social: Uma análise da percepção e da cognição social**. João Pessoa: Editora Universitária, Cap. 1, 1996, p. 17.

<sup>600</sup> Ibid., p. 22.

<sup>601</sup> Ibid., p. 22.

dirigir tal análise para a “formação de impressão,” sendo que “impressão” é definida como “o conjunto de avaliações afetivas, morais e instrumentais que elaboramos sobre uma determinada pessoa. A impressão que um indivíduo forma sobre uma outra pessoa possui elementos cognitivos e elementos afetivos. Tal impressão predispõe o indivíduo a estabelecer determinadas formas de interação com a outra pessoa”.<sup>602</sup>

Entretanto o que nos interessa aqui é a análise das “impressões e da diferenciação perceptual”<sup>603</sup> que nos introduz ao estudo da nossa habilidade de julgar o outro enquanto membro de uma categoria social”.<sup>604</sup> A impressão que um indivíduo forma sobre outra pessoa possui elementos cognitivos (a idéia que faz dela, que é a base da inferência sobre outras características dessa pessoa) e elementos afetivos (gosta ou não dela). Esta impressão com seus elementos cognitivos e avaliativos, predispõe o indivíduo a estabelecer determinadas formas de interação com outra pessoa”.<sup>605</sup>

Além disso,

A impressão sobre outras pessoas desenvolve-se basicamente de duas maneiras: de forma direta, com interação real e observação do outro, ou de forma indireta, a partir de comentários sobre o outro, elaborados por um terceiro. Formar impressões sobre as pessoas parece ser um fenômeno não só universal, mas, relativamente rápido. Constata-se que com poucos indícios, forma-se uma impressão sobre uma pessoa. As pessoas, mesmo possuindo poucos indícios do comportamento do outro, sentem-se aptas a emitir juízos sobre uma série de atributos deste, de maneira convicta e unificada. Neste sentido, as impressões cumprem a função geral da percepção social de orientar o indivíduo em suas relações com o meio social.<sup>606</sup>

Podemos dizer que Hester, ao se tornar o principal alvo de observação em Salem, desperta um determinado grau de “curiosidade e percepção” em relação à sua pessoa. De um momento para outro, todos começam a fazer julgamentos e avaliações sobre seu caráter e sua aceitabilidade dentro do grupo. Hester não só desperta curiosidade, mas repúdio e uma série de impressões e julgamentos distorcidos decorrentes do fato de ter cometido adultério. Ter sido colocada em evidência, ter se

---

<sup>602</sup> Ibid., p. 17.

<sup>603</sup> Ibid., p. 23.

<sup>604</sup> Ibid., p. 24.

<sup>605</sup> Ibid., p. 24.

<sup>606</sup> Ibid., p. 24-25.

tornado um “alvo indesejado” faz com que as relações sociais anteriores ao adultério sejam desestruturadas e causam o surgimento de uma nova série de relações em seu meio social.

Tais relações serão redimensionadas e reorientadas a partir das percepções e das impressões, e podemos dizer, do estranhamento causado pelo fato de ter cometido adultério. Neste caso, há uma inversão de valores, categorias e conceituação com relação a um único indivíduo, o que faz com que a comunidade se torne mais abusiva em sua forma de julgamento e discriminação. O alto grau de julgamento e punição conferido a Hester tem um efeito significativo na comunidade e, desta forma, as impressões formadas sobre ela são necessariamente influenciadas por tal tipo de condenação.

Este tipo de comportamento está estritamente relacionado ao meio em que uma certa comunidade interage. Assim no que se refere ao “meio” ou “estímulo social,” a “cognição social” tem se voltado para três aspectos: “saliência do estímulo, o fato do indivíduo processar continuamente dados singulares e a natureza específica do estímulo social que é percebido como fonte de intencionalidade ou causalidade”.<sup>607</sup>

O primeiro aspecto se refere à capacidade dos estímulos em atrair a atenção do sujeito. Neste caso, as pessoas categorizam, atribuem causas e intenções, julgam acontecimentos, sem utilizar criteriosamente o conjunto complexo de informações disponíveis. As pessoas utilizam alguns poucos aspectos que se encontram mais facilmente disponíveis para construir a realidade social. Neste caso, a interação social de Hester está inteiramente pautada na observação constante da “letra A” por parte da comunidade. A letra escarlate se torna o eixo sobre o qual toda a interação social se desdobra.

O segundo aspecto se refere à natureza singular ou individual dos eventos do meio ambiente: a avaliação de um indivíduo, ao julgar uma determinada pessoa, dependerá principalmente de uma diversidade de fatores contextuais. Nos contextos interpessoais as características da pessoa julgada terão um papel dominante. Em situações intergrupais, o julgamento apoiar-se-á nas categorias e estereótipos próprios

---

<sup>607</sup> Ibid., p. 75.

dessas relações. Há também uma interação entre o contexto social e as características pessoais do julgador. Características que são bem definidas na interação de Hester com os outros moradores de Salem. Apesar de totalmente banida pela comunidade, Hester é o alvo de diferenciados graus de rejeição e julgamento. Temos a viúva Hibbins que se identifica com Hester pelo fato de serem “mulheres diferentes” (mas com a “bruxaria” como ponto em comum); temos os doentes que aceitam seus cuidados e temos as pessoas da comunidade que aceitam seus serviços de costureira e bordadeira. Além, é claro, daqueles que não cruzam o seu caminho de forma alguma.

O terceiro aspecto, refere-se à natureza das pessoas como fontes de “ações” ou de “intencionalidade”.<sup>608</sup> É preciso ressaltar que a atividade do sujeito no processamento de informação inclui três fatores: 1. o “processo,” que é percebido como um fluxo constante de informação e que é subdividido em atenção, codificação e recuperação; 2. as “estruturas”: a partir de experiências anteriores, o sujeito desenvolve um conjunto de estruturas cognitivas que orientam na escolha dos elementos do meio ambiente que devem ser processados, dentro destas estruturas há duas “estruturas de atenção seletiva”: “expectativas” (que dirigem a atenção do sujeito para perceber as evidências que sejam capazes de confirmar as hipóteses iniciais); e 3. os *scripts*: formas de expectativas próprias do processamento de informação em situações sociais padronizadas.

Os processos de codificação incluem os “esquemas” (estruturas gerais e complexas) e a “categorização” e a “atribuição” (categorias específicas).<sup>609</sup> Os “esquemas” são unidades mentais mais importantes (são estruturas de representação mental das informações assimiladas relacionadas a um domínio do estímulo). A partir da análise dos esquemas, o que nos interessa é sua ligação com a existência de estruturas elementares tais como a “categorização” e a “atribuição” (processos psicológicos básicos na interação do homem com o seu meio ambiente). São eles que permitem aos indivíduos organizar o meio, julgar os eventos sociais e inferir futuras conseqüências desses eventos. Dentro da análise dos processos de categorização,

---

<sup>608</sup> Ibid., p. 76.

<sup>609</sup> Ibid., p. 77.

temos a análise da “natureza do processo” de categorização; as “consequências sociais” do processo de categorização; a diferenciação grupal (que mostra estudos dos processos de categorização com base numa situação mínima de inter-grupo); e por fim o “conhecimento do outro” (trata dos aspectos cognitivos dos estereótipos); dentro deste processo, a base para qualquer tipo de estereótipo é a diferenciação perceptual entre grupos realizada pela categorização. Esta tem a capacidade de acentuar tanto as diferenças entre os grupos como as semelhanças dos membros no interior do grupo.<sup>610</sup>

Desta forma o “processo de percepção social” nos mostra outras características inerentes à “interação social”. Analisar os “aspectos internos” que determinam nossa percepção do outro, nos permite ir além da exterioridade da relação social e averiguar o verdadeiro significado de nossas ações e reações com relação ao outro e o modo como o definimos ou categorizamos. Fazer a relação entre estes dois opostos é de extrema relevância para que possamos explicar como o “processo de estigmatização” se torna efetivo dentro das várias formas de interações possíveis numa comunidade e seus efeitos sobre um indivíduo em particular.

Numa outra perspectiva, o estudo da psicologia social também pode ser complementado pelas obras de Janos Laszlo, “Narrative Organization of Social Representations”<sup>611</sup> e de Kenneth J. Gergen, “Narrative, Moral Identity and Historical Consciousness: A Social Constructionist Account”<sup>612</sup> que nos possibilitam demonstrar o papel sócio-cultural da narrativa.<sup>613</sup>

Para nosso trabalho, as abordagens de Laszlo e Gergen esclarecem como o contexto histórico social da narrativa analisada influencia na apresentação de temas e

---

<sup>610</sup> Ibid., p. 78.

<sup>611</sup> LASZLO, J. (a) “Narrative Organisation of Social Representations.” In: **Papers on Social Organization**, v. 6, Cap. 2, 1997.

<sup>612</sup> GERGEN, K. J. (b) “Narrative, Moral Identity and Historical Consciousness: A Social Constructionist Account.” Disponível em: <http://www.swarthmore.edu/SocSci/kgergen1/text3.htm> Acesso em: 30 mar. 1998.

<sup>613</sup> “Narratives [...] can be, and indeed are conceived [...] as vehicles and material for the social-cognitive construction of reality and meaning. Narrative research in psychology extends to narratology, i.e., the study of how stories work and to psychologically interpreted forms and functions narratives play in people’s life. [...] Maurice Halbwachs [defended] the role of narratives in constructing and organizing social experiences. He claimed that people create and share stories that render their world intelligible. Their community feelings or social identity derives from narratives. Narratives, he further argued, also provide the social anchoring for even seemingly most individual memories.” (LASZLO, J., op. cit., p. 162).



características ligadas à construção da identidade feminina, principalmente, no que diz respeito à “alteridade” e como esta rege o papel da mulher tanto como indivíduo público quanto privado. Desta forma, estas teorias sociais nos permitem analisar o papel do pensamento e do comportamento do indivíduo na construção da identidade feminina e averiguar a função histórico-social e cultural da narrativa, enquanto elemento construtor de identidade.

Ao trabalhar a narrativa literária<sup>614</sup> de acordo com sua função social e ideológica, podemos considerá-la como forma de prática social dentro do contexto histórico em que foi escrito. Laszlo diz que:

The most conspicuous materialisations of narrative thinking are stories told by formal authors and ordinary people. Bruner (1986: 14) sensitively notes that stories must construct two psychological realms, or as he calls them “landscapes”, simultaneously. The constituents of the landscape of action are the arguments of actions: agent, intention or goal, situation, instrument, and so on. The other realm, the landscape of consciousness maps what those involved in the action know, think, feel, or do not know, think or feel. This simultaneous dual landscape of narrative argues that developed narratives are not simple accounts of what happened but imply much more, notably, the necessary involvement of time [...] and perspective [...] makes narrative a “natural instrument” for differentiating between action, affect and thought, for reintegrating them.<sup>615</sup>

A “paisagem” que se descortina através de uma narrativa literária nos possibilita compreender não só os elementos estruturais que a compõem, mas o que tais elementos implicam. Os valores que definem tal “paisagem” são aqueles referentes à cultura e à sociedade que estão retratadas nela. Ir além da história contada significa questionar e escrutinar a natureza inerente a uma determinada cultura e o que isto implica, em nosso caso, para a construção da identidade e da condição do indivíduo

---

<sup>614</sup> “The narrative paradigm can offer not only a particular logic of intentional actions, thoughts and feelings on a cognitive level, but also the capacity to deal with emerging, non-conceptualised like feelings or images, to time and perspective. When we read a story we may not only understand the time and location of the actions but imagine the spot and the protagonist [...] This capacity for engagement is exploited extensively by literature. As Vigotsky (1971) notes, literature is articulating unspecified, vague, and non-conscious feelings in social relations, therefore it counts as a “social technique for emotions”. [...] This type of narrative capacity, however, is not delimited to literary narratives; it belongs to the real life of social groups when they act together and experience their own actions. An outstanding Hungarian psychologist, Ferenc Méri (1949) insisted that group traditions and thereby group identity are composed mainly of the experience of togetherness, of the experience of joint, concerted activity”. (Ibid., p. 161-162).

<sup>615</sup> Ibid., p. 159.

naquela sociedade em particular. Assim a narrativa além de tratar da ação e intenção humanas e das conseqüências que marcam seu curso, nos possibilita estudar como o indivíduo é tratado em sua inteireza e como ele faz sentido do mundo ao seu redor.

Outra característica da narrativa literária é ter um papel decisivo para a construção de uma identidade, pois ao permitir que se construam os mais diversos personagens esta narrativa também contribui para que a “identidade” que é, “principalmente, uma conquista discursiva,” seja explorada nas mais variadas formas. Gergen nos diz que “ser identificado como esta ou aquela pessoa, ser o objeto de vários atributos e ser auto-referencial significa ser identificado através da linguagem. Isto ocorre, pois é através do discurso que nos construímos como seres individualizados com atributos particulares e capacidades auto-referenciais”.<sup>616</sup>

É importante salientar que no caso específico de nossa pesquisa, também lidamos com a “linguagem simbólica”. Assim a narrativa é utilizada como meio de demonstrar o modo pelo qual a identidade feminina pode ser ideologicamente elaborada a partir de conceitos psicológicos, comportamentais e sociais. Para Gergen, “a criação discursiva da identidade é, principalmente, uma prática social”.<sup>617</sup> Esta prática social pode contribuir para que seja construída tanto uma identidade positiva quanto negativa, sendo a última a que analisamos em nosso trabalho.

Vemos que a narrativa literária em questão demonstra como uma sociedade imbuída de valores morais tradicionais e rígidos pode “transformar” e “re-construir” a identidade de uma mulher como meio de punição e repreensão pública. Desta forma, é construída uma linguagem (simbólica) que serve para, ao mesmo tempo, punir um indivíduo em particular e alertar os outros membros da comunidade para a penalidade a que qualquer um deles está sujeito. Neste caso temos uma função punitiva individual e grupal que é construída através do discurso dominante de uma determinada época e sociedade. Isto é corroborado pelo fato de que:

Narratives function both to reflect and to create cultural values. In part, the value sustaining and generating function of narrative is textually derived. That is, in establishing a given endpoint and endowing it with value, and

---

<sup>616</sup> GERGEN, K. J., *Narrative...*, p.10.

<sup>617</sup> *Ibid.*, p. 15.

populating the narrative with certain actors and certain facts as opposed to others, the narrator enters into the world of moral and political evaluation. Value is placed on certain goals [...], certain individuals [...], and particular modes of description. [...] However, narrative tellings do more than create conversational realities; they are themselves constituents of ongoing and often institutionalised patterns of societal conduct. In this sense, they function so as to generate and sustain (and sometimes disrupt) cultural traditions.<sup>618</sup>

Sendo assim, os “valores culturais” expressos numa narrativa fornecem meios para que possamos analisar as normas de conduta dentro de uma sociedade em particular e averiguar como o indivíduo se posiciona com relação a estas normas. Analisar a construção da identidade pessoal e social de um indivíduo sob esse enfoque nos permite refletir como os aspectos — culturais, sociais, políticos e religiosos — são utilizados, ou manipulados, para que sua identidade seja construída de acordo com um determinado sistema de valores.

Em **A Letra Escarlata** temos um grande exemplo de como uma determinada cultura, no caso regida por valores puritanos, pode colaborar para que a construção da identidade pessoal e social de uma mulher se efetue. A sociedade de Salem era controlada por normas rígidas de conduta expressas pelo puritanismo, que fizeram com que o século XVII se tornasse um marco para a repressão às mulheres.

Ao analisarmos esta obra, percebemos como a identidade de Hester foi desconstruída e reconstruída a partir de um ato considerado desviante da norma. O adultério se torna um símbolo de degeneração moral e religiosa, além de transgredir as normas sociais da comunidade. Hester se transforma num objeto de julgamento e punição juntamente com sua filha e tem que submeter sua vida social ao que o grupo estabelece como correto (carregar o emblema de seu crime em seu peito). A “letra A” se transforma na fonte geradora de toda a interação social e da percepção individual que Hester tem de si mesma e como sua nova identidade vai ser construída. Tal forma de punição não poderia ser mais adequada numa sociedade em que a sexualidade, as relações pessoais e individuais eram totalmente controladas pelos ditames da religião.

Hester se transforma no outro, no intruso que traz desordem e vergonha para as pessoas com que convive, por isto deve ser exposta em praça pública e condenada a

---

<sup>618</sup> Ibid., p. 67.

usar uma marca que pareça forjada a fogo em seu peito. A “letra A” ambulante se torna aos poucos parte da paisagem, mas tal paisagem não arrefece sua culpa ou julgamento, muito pelo contrário, a comunidade colabora para que Hester não se esqueça daquilo que cometeu, não importa o sofrimento por que passe junto com a filha.

Temos aqui um exemplo de uma época da história da humanidade em que o indivíduo só era reconhecido e respeitado se estivesse de acordo com o grupo em que vivia. Não que isto tenha se modificado de modo decisivo ao longo da História, mas no século XVII, principalmente a mulher não poderia nunca destoar daquilo que era esperado dela, tanto na vida social quanto na vida privada. A mulher se torna instrumento de devoção religiosa e familiar, sendo que suas principais funções na comunidade e na família eram de procriar (filhos sadios), cuidar da casa e ser fiel ao marido. O âmbito doméstico só poderia ser estendido ou comparado ao da igreja, onde o pastor era considerado o senhor supremo, assim como o marido em casa e o magistrado na corte. Sobrava muito pouco espaço ou oportunidade para a mulher se expressar, a não ser através de um bom casamento.

Portanto, as teorias da psicologia social a que nos referimos nos permitem verificar os vários aspectos que envolvem o processo da “interação social” e, a partir deles, configurar um modelo de análise para o comportamento discriminatório que estudamos. A interação social, com seus fatores externos e internos de percepção, ação e reação, também nos auxilia a demonstrar como a identidade social de um indivíduo pode ser construída para que valores culturais sejam reforçados e sirvam de elementos reguladores dentro de uma sociedade.

## 5. Discussão sobre a História das Mulheres: A Condição Feminina entre os Séculos XVII e XIX

*Ciclos, ciclos, ciclos; nada ocorre que já não tenha ocorrido antes. Nada se pode fazer a respeito a não ser render-se.*

*Joseph Campbell*<sup>619</sup>

Nos três capítulos anteriores, discorremos sobre o aspecto literário e psicológico de nossa análise, enfocando os elementos que podem interferir, proporcionar ou determinar a construção da identidade feminina individual e social numa sociedade caracteristicamente patriarcal do século XVII. Estudamos também como tais elementos, imbuídos de um teor simbólico ou impregnados pela idiossincrasia da interação social, remetem à condição da mulher em sociedade. Assim oferecemos agora uma visão histórica de como a mulher teve suas opções de vida (pessoal e social) marcadas por aspectos culturais, religiosos, sociais e econômicos nos séculos XVII, XVIII e XIX, para que possamos avaliar como sua condição na sociedade contemporânea ocidental continua ou não atrelada a fatores que ainda possam cercear sua condição como indivíduo.

Esta retrospectiva histórica não só nos auxilia a identificar pormenores da época em que a história de Hester Prynne se passa, bem como salientar a cultura e o momento histórico em que o romance foi escrito. Hawthorne escreveu o romance no século XIX, lançando um olhar ao passado para construir sua narrativa. Além disso, analisar a condição feminina nestas épocas nos ajuda a ter uma melhor compreensão do papel da mulher na construção da História e como estes três séculos, marcados por grandes mudanças político-sociais e culturais, são cruciais para percebermos hoje a condição feminina na sociedade contemporânea ocidental.<sup>620</sup>

---

<sup>619</sup> CAMPBELL, Joseph. **A Jornada do Herói: Joseph Campbell Vida e Obra**. São Paulo: Ágora, 2003, p.41.

<sup>620</sup> BAUER diz que: “Um dos problemas crônicos da historiografia ocidental é o banimento da presença feminina da maioria dos estudos e pesquisas de caráter histórico; quando esta é finalmente localizada dá-se a ela um tratamento estereotipado, quando não minimizando ao máximo sua

Assim esta trajetória do feminino dentro da História nos possibilita lançar um olhar sobre como a condição feminina está delineada em nossos dias. Nossa intenção é de mostrar a importância que há em lançarmos um olhar para o passado, para entendermos o nosso presente e tentarmos modificar aquilo que há para ser modificado na condição feminina no futuro. É imprescindível acreditarmos que, com base no passado, podemos fortalecer o presente para construirmos um futuro mais promissor em termos de identidade, neste caso, a feminina.

No final da “Introdução” ao seu livro **As Mulheres e os Silêncios da História**, Michele Perrot pergunta: ““Mulheres, quem somos nós? De onde viemos? Para onde vamos?” Qual foi o nosso caminho neste mundo? Vocês nos ouvem?”<sup>621</sup> E tais perguntas nos fazem refletir a respeito do que dizer sobre a mulher dentro do contexto da História da humanidade, ora vista como mãe, companheira e filha, ora vista como o mais reles subalterno dentro da esfera pública e privada.

A mulher ao longo dos anos e das transformações sofridas pelas sociedades ocidentais, deixa sua marca de várias formas, deixa seu aprendizado e sua sabedoria nos vários níveis de tais sociedades. Desafiando as leis que lhe são impostas, dos abusos físicos, psicológicos e emocionais, a mulher vai deixando seu rastro, sua marca, seja em palavras, gestos, ações e até mesmo a morte, pois muitas tiveram suas vidas prematuramente ceifadas por ousarem falar, transgredir e, principalmente, transformar normas, comportamentos e pensamentos que eram enraizados nas tradições religiosas, políticas e sociais das épocas em que viveram.

Sabemos que tais mulheres foram precursoras do pensamento moderno e contemporâneo, daquilo que as mulheres de nossa era tentam seguir, manter e desenvolver para que possam ocupar seu lugar na sociedade, para que a História não se repita e a mulher seja engolfada novamente nos vícios permissivos das sociedades que ainda carregam o ranço do patriarcado.

---

importância social. Somente no final do século XX a preocupação com uma “história das mulheres” conseguiu firmar-se como uma área específica do conhecimento histórico e passou a obter um efetivo reconhecimento nos meios acadêmicos e culturais nos países europeus, na América do Norte e até mesmo no Brasil.” (BAUER, C. **Breve História da Mulher no Mundo Ocidental**. São Paulo: Pulsar, 2001, p.11).

<sup>621</sup> PERROT, M. **As Mulheres e os Silêncios da História**. Bauru-SP: EDUSC, 2005, p. 26.

As mulheres, ao longo do tempo, desde as civilizações primordiais foram solicitadas a participarem efetivamente da vida de suas comunidades, não apenas gerando e cuidando do bem estar de sua família, mas participando ativamente da atividade grupal, dos afazeres relacionados ao cultivo da terra, à geração de alimentos, nas atividades espirituais e de cura. Como explicar que de um momento para outro da História ela foi relegada à esfera do lar, à clausura da igreja e à degradante comparação de seu status com os dos animais, crianças e escravos? De divindade conhecedora dos mistérios da natureza, da vida e da morte, a mulher passa a ser considerada como uma parideira, doméstica, analfabeta, cortesã, prostituta, trabalhadora pouco remunerada, e que acima de tudo, não podendo se intrometer em assuntos políticos, sociais e culturais, tidos como exclusivamente masculinos.

A mulher foi emudecida, amordaçada, assassinada, queimada viva e usurpada de seus direitos como indivíduo ativo e pensante, como uma figura essencial para que a sociedade como um todo se mantivesse equilibrada e em transformação constante. O que dizer de tudo isto? O que dizer sobre a perseguição àquelas que ousaram viver além do pensamento dominante de suas eras e da selvageria social empregada em nome da tradição e dos bons costumes? De santa a bruxa, de parteira a curandeira, de mãe a prostituta, a mulher vai sendo construída e desconstruída ao longo da História, através das conveniências sociais, econômicas, políticas e religiosas,<sup>622</sup> desde as mais

---

<sup>622</sup> MURARO relata que “o poder disperso e frouxo do sistema feudal para sobreviver é obrigado, a partir do fim do século XIII, a centralizar, a hierarquizar e a se organizar com métodos políticos e ideológicos mais modernos. A noção de pátria aparece, mesmo nessa época (Klausevitz). A religião católica e, mais tarde, a protestante contribui de maneira decisiva para essa centralização do poder. E o fizeram através dos tribunais da Inquisição que varreram a Europa de norte a sul, leste e oeste, torturando e assassinando em massa aqueles que eram julgados heréticos ou bruxos. Este “expurgo” visava recolocar dentro de regras de comportamento dominante as massas camponesas submetidas muitas vezes aos mais ferozes excessos dos seus senhores, expostas à fome, à peste e à guerra e que se rebelavam. E principalmente as mulheres. Era essencial para o sistema capitalista que estava sendo forjado no seio mesmo do feudalismo um controle estrito sobre o corpo e a sexualidade, conforme constata a obra de Michel Foucault, **História da Sexualidade**. Começa a se construir ali o corpo dócil do futuro trabalhador que vai ser alienado do seu trabalho e não se rebelará. A partir do século XVII, os controles atingem profundidade e obsessividade tais que os menores, os mínimos detalhes e gestos são normatizados. Todos, homens e mulheres, passam a ser, então, os próprios controladores de si mesmos a partir do mais íntimo de suas mentes. É assim que se instala o puritanismo, do qual se origina, segundo Tawnwy e Max Weber, o capitalismo avançado anglo-saxão. [...] As regras convencionais só eram válidas para as mulheres e homens das classes dominantes através dos quais se transmitiam o poder e a herança. Assim os quatro séculos de perseguições às bruxas e aos heréticos nada tinham de histeria coletiva, mas, ao contrário, foram uma perseguição muito bem calculada e

altas esferas da sociedade até as mais baixas. Seu papel é sempre desafiador, desestabilizador, desconcertante para aqueles que ora a temem, veneram ou a desmoralizam.

Apesar disto tudo, a mulher sempre soube como recobrar forças, principalmente através dos exemplos do passado. Daquelas que se levantaram das cinzas, das lágrimas, dos sofrimentos físicos e morais, das perdas incessantes e constantes que as sociedades lhes impuseram. A mulher, através da História, aprendeu a falar, agir e se afirmar em suas idéias, ideais, lutas e reivindicações. Seja no âmbito familiar ou público, a mulher compreendeu que seu espaço dentro da sociedade teria que ser conquistado (como ainda o é) teria que ser plasmado como num útero, para que sua voz fosse ouvida, suas palavras proferidas e sua presença percebida. Não importa de que classe social esta mulher possa emergir (ou tenha emergido) ela transpõe todos os obstáculos que lhe sejam oferecidos, sobrevive a todas as torturas e fogueiras e se perpetua nos pensamentos e ações daquelas que a precederão ao longo da História das civilizações.

Com os passar dos séculos vemos que a mulher, mesmo que, às vezes, invisível aos olhos da sociedade, se manteve firme em seus propósitos de construção do bem estar, da perpetuação do saber, e do desenvolvimento dos grupos a que se relacionava. Seja através dos trabalhos caseiros, de sua arte, daquilo que foi produzido por suas mãos ou pensamentos, a mulher foi tecendo uma teia de ramificações abundantes e extensas. Sua presença, ainda que invisível, confinada à esfera do lar, produziu, alterou padrões de pensamento e comportamento e criou reações, mesmo que adversas, àquilo a que se dedicava, fazia e transmitia a seus pares. A luta da mulher foi sempre constante, pois o elemento masculino se interpôs em seu desenvolvimento como indivíduo, tentou fazer com que ela se calasse e se conservasse na obscuridade e

---

planejada pelas classes dominantes, para chegar a maior centralização do poder. Num mundo teocrático, a transgressão da fé era também transgressão política. Mais ainda, a transgressão sexual que grassava solta entre as massas populares. Assim, os inquisidores tiveram a sabedoria de ligar a transgressão sexual à transgressão da fé. E punir as mulheres por tudo isso”. (In: KRAMER, H. & SPRENGER, J. **O Martelo das Feiticeiras: Malleus Maleficarum**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002, p. 14-15).



reclusão da vida privada. Felizmente sabemos que as mulheres conseguiram mais do que isto, mais do que o anonimato, a mudez e a invisibilidade.

Daí a importância desta “História” ser contada e recontada, re-analisada e rediscutida, pois é através de inúmeras reflexões que a História das Mulheres<sup>623</sup> atingirá seu verdadeiro propósito, o de redimir aquelas que por nós passaram, há milhares de anos. E também aquelas que hoje lutam por direitos ainda não adquiridos, aquelas que ainda esperam por uma oportunidade para se expressarem e atuarem como indivíduos pertencentes integralmente a uma sociedade, e aquelas que ainda estão por vir e seguir os passos que um dia deixaremos para trás.

Devido à turbulência de nossos dias, toda e qualquer discussão sobre a História das mulheres pode se tornar uma semente da qual germinarão futuros rebentos, que se tornarão, sucessivamente, as sementes daquilo que almejamos construir e manter em eras futuras: o equilíbrio que a tudo abarca, a harmonia e a igualdade de direitos pelos quais todos lutamos e que, principalmente, a voz da mulher deixe de ser apenas um murmúrio dentro da multidão. Para que isto ocorra,

É preciso recusar a idéia de que as mulheres seriam em si mesmas um objeto de História. É o seu lugar, a sua “condição,” os seus papéis e os seus poderes, as suas formas de ação, o seu silêncio e a sua palavra que [devemos] perscrutar, a diversidade das suas representações — Deusa, Madona, Feiticeira... — que [necessitamos] captar nas suas permanências e nas suas mudanças. História decididamente relacional que interroga toda a sociedade e que é, na mesma medida, História dos homens.<sup>624</sup>

Desta forma, aqui retratamos algumas das várias formas em que a condição feminina se delineia em sociedade, tanto em seu domínio público quanto privado, do social ao individual, em que tanto mulheres quanto homens questionaram e, ainda questionam, o papel, ou papéis que as mulheres exercem em suas comunidades.

---

<sup>623</sup> De acordo com PERROT, “a história das mulheres e das relações entre os sexos coloca de maneira muito feliz a questão da permanência e da mudança, da modernidade e da ação, das rupturas e das continuidades, do invariante e da historicidade... Objeto de pesquisas precisas e necessárias, terreno sonhado para a microhistória, ela é também um terreno de reflexão maior, “teórico” como o chamariam os americanos, epistemológicos, como teríamos dito nas décadas de 1970 e 1980, para a pesquisa, diremos mais modestamente nos dias de hoje. Ela interroga a linguagem e as estruturas do relato, as relações do sujeito e do objeto, da cultura e da natureza, do público e do privado. Ela coloca em questão as divisões disciplinares e as maneiras de pensar”. (PERROT, op. cit., p. 25-26).

<sup>624</sup> DUBY, G. & PERROT, M. “Introdução”. In: FRAISSE G. & PERROT, M. (Dir.) **História das Mulheres no Ocidente, 4: O Século XIX**. Porto: Edições Afrontamento, 1991, p. 7.

Em sua obra, **Mulheres Públicas** (1998) Michellle Perrot, aponta que uma das principais causas que marcam a condição feminina em sociedade está no fato de que,

No espaço público, aquele da cidade, homens e mulheres situam-se nas duas extremidades da escala de valores. Opõem-se como o dia e a noite. Investido de uma função oficial, o homem público desempenha um papel importante e reconhecido. Mais ou menos célebre, participa do poder. [...] Depravada, debochada, lúbrica, venal, a mulher — também se diz a “rapariga” — pública é uma “criatura”, mulher comum que pertence a todos. O homem público, sujeito eminente da cidade, deve encarnar a honra e a virtude. A mulher pública constitui a vergonha, a parte escondida, dissimulada, noturna, um vil objeto, território de passagem, apropriado, sem individualidade própria.<sup>625</sup>

Neste tipo de contexto a mulher é vista como o “outro” insubordinável:

O lugar da mulher no espaço público sempre foi problemático, pelo menos no mundo ocidental, o qual, desde a Grécia antiga, pensa mais energicamente a cidadania e constrói a política como o coração da decisão e do poder. “Uma mulher em público está sempre deslocada”, diz Pitágoras. Prende-se à percepção da mulher uma idéia de desordem. Selvagem, instintiva, mais sensível do que racional, ela incomoda e ameaça. A mulher noturna, mais ou menos feiticeira, desencadeia as forças irreprimíveis do desejo. Eva eterna, a mulher desafia a ordem de Deus, a ordem do mundo.<sup>626</sup>

Perrot enfatiza assim que a mulher é esvaziada de seus conteúdos primordiais, de sua condição de indivíduo ativo que contribui diretamente para a construção da História da cultura a que pertença.

Como nos relata Rose Marie Muraro, em sua “Breve Introdução Histórica” da edição brasileira da obra **Malleus Maleficarum: O Martelo das Feiticeiras** (2002),<sup>627</sup> “é preciso termos uma visão ao menos mínima da História da mulher no interior da História humana,” se quisermos avaliar as condições que relegaram a mulher ao

<sup>625</sup> PERROT, op. cit., p. 7.

<sup>626</sup> Ibid., p. 8.

<sup>627</sup> “Em 1496, Jacob Sprenger e Heinrich Institor publicam em Estrasburgo um livro destinado a conhecer um sucesso considerável, o **Malleus Maleficarum, o Martelao das Feiticeiras**. Pela primeira vez, esses autores — na realidade Heinrich Institor, o verdadeiro redactor do livro — estabelecem uma ligação directa entre a heresia de feitiçaria e a mulher. Para demonstrar o quê parece uma evidência tendo em conta a sua experiência como inquisidores, apóiam-se num conjunto de argumentos tirados da melhor tradição antifeminina do antigo Testamento, dos textos da Antiguidade Clássica e dos autores medievais. Neste domínio os dois dominicanos não inventam nada. Contentam-se em reunir idéias até então dispersas ou simplesmente implícitas e a formulá-las de um modo claro e sistemático.” (SALLMAN, Jean-Michel. “Feiticeira”. In: DAVIS, N. Z. & FARGE, A. (Dir.) **História das Mulheres no Ocidente, 3: Do Renascimento à Idade Moderna**. Porto: Afrontamento, 1991, p. 520).

obscurcimento, à perseguição e “castração” psicológica e moral em algumas épocas. Muraro faz uma retrospectiva histórica desde as primeiras culturas de coleta e de caça — em que a força física não era necessária para a sobrevivência e em que as mulheres possuíam um lugar central e eram consideradas como seres sagrados, integralmente ligadas à natureza —, até que a mulher se torne um ser subjogado pelas sociedades patriarcais.

É no neolítico que, em algum momento, o homem começa a dominar a sua função biológica reprodutora e, podendo controlá-la, pode também controlar a sexualidade feminina. Aparece então o casamento como o conhecemos hoje, em que a mulher é propriedade do homem e a herança se transmite através da descendência masculina. [...] Nessa época, o homem já tinha aprendido a fundir metais. Essa descoberta acontece por volta de 10000 ou 8000 a.C. E, à medida que essa tecnologia se aperfeiçoa, começam a ser fabricadas não só armas mais sofisticadas como também instrumentos que permitem cultivar a terra (o arado, por ex.).<sup>628</sup>

Desta forma, a mulher se vê confinada à esfera do lar, parindo quantos filhos pudesse para que os exércitos fossem engrossados e a terra arada. Além disso, sua sexualidade, seu corpo e tudo o mais eram controlados por seu marido, não havia mais vida pública para a mulher, dá-se então sua dependência econômica, a qual geraria futuramente, a “submissão psicológica” que percebemos até hoje.<sup>629</sup> Acontecimentos que nos mostram os principais fatores sociais e culturais que afetaram e transformaram profundamente o papel da mulher em sociedade e como estes fatores contribuíram para a condição feminina que presenciamos em nossos dias,

Aquilo que se verifica no decorrer dos séculos, isto é, a transição das culturas de coleta para a civilização agrária mais avançada, é lembrado simbolicamente na vida de cada um dos homens do mundo de hoje. Mas duas observações devem ser feitas. A primeira é que o pivô das duas tragédias, a individual e a coletiva, é a mulher; e a segunda, que o conhecimento condenado não é o conhecimento dissociado e abstrato que daí por diante será o conhecimento dominante, mas sim o conhecimento do bem e do mal, que vem da experiência concreta do prazer e da sexualidade, o conhecimento totalizante que integra inteligência e emoção, corpo e alma, enfim, aquele conhecimento que é, especificamente na cultura patriarcal, o conhecimento feminino por excelência.<sup>630</sup>

<sup>628</sup> In: KRAMER & SPRENGER, op. cit., p.7.

<sup>629</sup> Ibid., p.7.

<sup>630</sup> Ibid., p. 10-11.

Por mais paradoxal que pareça, por mais que se tenha tentado colocar a culpa na mulher, como “pivô” na História, ela conseguiu manter seu conhecimento inato ativo e tal “conhecimento” é que fez com que fosse ao longo da História não um sujeito aparte, mas um sujeito construtor e transformador de sua própria História. A transformação de seus papéis vai se perpetuando conforme suas idéias e, principalmente, seu corpo é considerado. No início a mulher era unida à natureza por laços espirituais, sagrados e ritualísticos; depois passa a ser objeto de posse, de prazer e sensualidade para o mundo masculino dominante. Entretanto, a mulher consegue colocar-se acima destes preceitos e preconceitos e se torna, também, agente da vida em sociedade e tudo o que isto implica.

Para onde quer que nos voltemos, ela está presente, infinitamente presente: do século XVI ao século XVIII, no conjunto das cenas doméstica, econômica, pública, conflitual e até lúdica da sociedade, a mulher está presente. Normalmente por exigência das suas tarefas quotidianas. Está também presente em acontecimentos que constroem, transformam ou dilaceram a sociedade. De alto a baixo na escala social, ela ocupa todos os espaços, salvo, evidentemente, o da guerra — e mesmo aqui há exceptuar o período tumultuoso da Fronda —, e da sua presença falam constantemente os que a olham, muitas vezes para se assustarem com ela.<sup>631</sup>

É interessante analisarmos este “assustar” constante que a mulher provoca, não importa em que cultura ou época viva. Para ela estão voltados sentimentos de veneração, admiração ou extrema repulsa e medo. Como justificar que isto ocorra, como explicar o turbilhão de sentimentos e comportamentos e respostas que a mulher provoca, seja no âmbito privado ou público? Observamos que há um tipo de construção de idéias que envolvem a História das mulheres, há um meticuloso e abrangente meio de fazer sua figura soar mais ou menos admirável ou, sobretudo, respeitável e crível. Davis e Farge nos dizem que

[A mulher] ocupa o campo dos discursos e das representações, o das fábulas e dos sermões, mesmo o do mundo científico e filosófico. Dela muito se fala, até mais não poder, a fim de pôr o universo em ordem. Mas aqui reside o paradoxo, porque este discurso pletórico e repetido sobre a mulher e sobre a sua natureza é um discurso atravessado pela necessidade de a conter, pelo desejo mal disfarçado de fazer sua presença uma espécie de ausência ou, pelo menos, uma presença discreta que deve cingir-se a limites cujo traçado

---

<sup>631</sup> DAVIS & FARGE, op. cit., p. 9.

se assemelha a um jardim fechado. [...] O discurso não dá conta da realidade da sua presença: cego, só a vê através de uma imagem, a da Mulher que pode tornar-se perigosa pelos seus excessos, ela que é tão necessária dada a sua função essencial de mãe. O discurso não a mostra, inventa-a, define-a através de um olhar culto (logo masculino) que não consegue senão subtraí-la a si própria.<sup>632</sup>

Daí a necessidade de se analisar a forma como a mulher foi influenciada por tal discurso e representação, como sua maneira de ser foi moldada ou “ditada” para que se ajustasse aos interesses de cada época ou circunstância em que se achava. Percebemos que ao longo da História o papel da mulher vai sendo construído com base naquilo que o “saber masculino” acreditava ser melhor para seus filhos, o Estado, a Igreja, enfim, tudo ao redor da mulher, e não a mulher em si.

Cada fase da História que analisamos traz sua própria gama de preocupações, atitudes e medidas que influenciaram diretamente a vida da mulher, tanto íntima quanto pública. Podemos dizer que há um excessivo cuidado para que a mulher se mantenha numa espécie de “jardim murado,” longe de interesses que não poderiam ser seus, longe daquilo para o qual sua mente e, principalmente, emoções não estavam devidamente ajustadas para entender ou lidar, sua esfera é a do lar e tudo que a isto diga respeito, nada mais.

Entretanto esta situação gera uma certa comoção, uma reação, que de certa forma faz com que a mulher ultrapasse os limites a ela impostos pela “opinião masculina,” por aquilo que quer torná-la voltada para interesses pertinentes ao seu sexo, à sua constituição física e emocional. De acordo com Davis e Farge,

Do século XVI ao século XVIII há um aceso debate entre homens e mulheres. Tal debate está ligado ao clima de instabilidade sócio-política e de deterioração dos quadros de referências, no momento em que o modelo eclesial se fende em redes de espiritualidade, em que se organizam socialmente novas práticas de crenças e em que o Estado se apóia — sobretudo no século XVII — no mercantilismo econômico. Ele está ainda ligado a um fundo de querelas religiosas, da Reforma à Contra-Reforma, vão desenhar espaços novos, depois de a violência e o sangue terem apanhado todas e todos nas suas malhas. E está de tal forma ligado que, no final do século XVI e início do século XVII, se falará mesmo da «querela das mulheres» ou da guerra dos sexos.<sup>633</sup>

---

<sup>632</sup> Ibid., p. 9.

<sup>633</sup> Ibid., p. 11.

Entre os séculos XVII e XVIII vemos que a vida da mulher é caracterizada por extremos, por um lado temos aquelas que por motivos familiares e, principalmente, econômicos, se “consagram a Deus” sendo confinadas em conventos ou em ordens religiosas para que ali servissem a uma “vocação” mais de acordo com sua natureza e com os recursos econômicos que suas famílias dispunham para sustentá-las.<sup>634</sup> Por outro, temos o “casamento precoce”<sup>635</sup> que obrigava a jovem garota a seguir os ditames de sua família, e entregar-se a uma união que, na maioria das vezes, era um acordo financeiro que salvaguardasse a continuidade da “guarda” e do cuidado de uma figura masculina. Das mãos do pai a mulher passava diretamente para as do marido.<sup>636</sup> A partir de seu nascimento a menina só poderia ser definida pela sua relação com um homem. Esta atitude em relação à mulher também se resume bem nas palavras do ensaísta Richard Steel que, no século XVIII, definiu a mulher como: “uma filha, uma irmã, uma esposa e uma mãe, um mero apêndice da raça humana...”.<sup>637</sup> Palavras que demonstram não só como a mulher era considerada pela sociedade em geral, mas também um desrespeito à mulher enquanto ser humano e indivíduo social.

O destrato por que passa a mulher vai além destes limites. A mulher de baixa renda, cuja família não tem meios para lhe dar um dote, deve trabalhar para obtê-lo, a fim de casar-se e ter um melhor status na sociedade. Além disso, esta mulher trabalhadora deve auto-sustentar-se para também ajudar nas despesas depois de casada. Contudo não poderia ter total independência financeira do marido, daí os baixos salários que foram instituídos para ela. A menina pobre então tinha uma

---

<sup>634</sup> VAN KESSEL, E. S. “Virgens e mães entre o céu e a terra.” In : DAVIS & FARGE, op. cit., p. 183-227.

<sup>635</sup> HUFTON, O. “Mulheres, trabalho e família”. In: DAVIS & FARGE, op. cit., p.42.

<sup>636</sup> “Eram principalmente as considerações econômicas que determinavam a escolha de um companheiro, embora isto não excluísse inteiramente considerações românticas. O casamento era entendido como uma instituição destinada a proporcionar apoio e sustento a ambas as partes e uma percepção clara dos imperativos econômicos era fundamental à sobrevivência. O casamento não era visto apenas como um destino natural da mulher, mas como um agente específico de uma metamorfose que transformava a mulher num ser econômico e social diferente enquanto parte de um novo agregado familiar, a unidade primária sobre a qual se baseava toda a sociedade. A função do marido era proporcionar-lhe abrigo e sustento. Ele pagava os impostos e representava o agregado na comunidade. O papel da mulher era o de companheira e de mãe. Nos estratos sociais mais elevados, as mulheres tornavam-se donas de casa, com criados para dirigir, propriedades para administrar com a ajuda de feitores e agentes, e ofereciam hospitalidade em nome dos maridos.” (Ibid., p. 47-48).

<sup>637</sup> Ibid., p. 23.

infância muito curta, a partir dos doze anos de idade começava a trabalhar como doméstica em casas de famílias ou em quintas — por mais dez ou doze anos — para juntar dinheiro para se casar: passava do pai para o patrão (que muitas vezes abusava de sua autoridade) e então para o marido.

A esta mulher também caberia o trabalho nas zonas industriais onde a mão de obra feminina foi absorvida pela indústria têxtil — costura, renda e produção de seda. Este trabalho era produzido em domicílio e era considerado como “indigente,”<sup>638</sup> sinal da insistente desvalorização da mulher. Tal desvalorização também é sentida com relação às mulheres rurais, que não eram consideradas geradoras de dinheiro, mas “prestadoras de serviços de apoio não remunerado,”<sup>639</sup> pois além de todo o serviço doméstico e de cuidado aos filhos, ainda dividiam as tarefas externas com o marido.

No fim do século XVIII temos mudanças de padrão de trabalho das mulheres do campo. Há um maior interesse pela indústria em detrimento do campo. Cresce a indústria doméstica através do aumento da especialização regional — rendeiras, produção de estambre, manufatura de algodão. Já nas cidades as mulheres tinham uma renda independente do marido numa “oficina de imprensa” ou como escrituraria; ou na compra e venda de vestuário de segunda mão, tipo de comércio muito difundido na Europa dentro da classe mais baixa. Nesta época a mulher necessitava de um trabalho que lhe permitisse sustento caso se tornasse viúva. Assim desempenhava trabalhos diversos — lavadeira, cozinheira, bordadeira, etc — que não ocupavam seu tempo inteiro. Esta era chamada “economia de expedientes,”<sup>640</sup> na qual a mulher tem papel central, além do trabalho com a casa e os filhos. É nesta época que começam a dizer que “o trabalho de uma mulher nunca estava feito,”<sup>641</sup> fato que não mudou muito ao longo dos anos.

Assim, em meio à vida de muito trabalho, a mulher também tinha que se apoiar no casamento para que sua vida tivesse um pouco de estabilidade, prosperidade e para

---

<sup>638</sup> Ibid., p. 41.

<sup>639</sup> Ibid., p. 48.

<sup>640</sup> Ibid., p. 55.

<sup>641</sup> Ibid., p. 55.

que sua sobrevivência fosse garantida. Um dos principais fatores para que isto ocorresse estava no fato de que,

A par do companheirismo e do apoio recíproco, o objetivo do casamento era a reprodução da espécie num ambiente protegido, organizado para que a mulher não fosse deixada sozinha na educação dos filhos e o homem não se furtasse à responsabilidade de assegurar o sustento da sua descendência. Os filhos representavam a perpetuação da propriedade, a proteção derradeira dos pais idosos, num mundo conturbado e violento. Numa síntese razoável, se havia um papel na vida adulta de uma mulher, esse papel era o de mãe e procriadora.<sup>642</sup>

Isto contribuía para que nesta época houvesse uma pré-ocupação constante por parte das mães quanto à vida da criança — fato que se verifica em gravuras e documentos do século XVII. Havia o cuidado com o desmame precoce por causa de doenças que afetavam as crianças. As famílias eram pequenas devido à idade avançada com que as mulheres do campo se casavam, ao contrário da aristocracia. O principal papel da mãe era de alimentadora, além de nutrir, limpar e manter o filho aquecido. Entretanto se a criança apresentasse alguma deformidade física ou de caráter, ou morte prematura, a mulher era a culpada. Nesta época, as amas de leite também tinham um papel importante para as aristocratas, para as mulheres da classe média e aquelas que trabalhavam, gerando assim um outro tipo de trabalho incorporado pela mulher mais pobre.

Depois da infância, a mãe se tornava “educadora” — “criava o filho para enfrentar o mundo em que ambos viviam”.<sup>643</sup> As aristocratas treinavam as filhas para o matrimônio. Para as mães de classe média, a filha tinha que aprender economia e contabilidade doméstica além de todos os trabalhos domésticos, principalmente a culinária. A mãe letrada ensinava os filhos a ler antes de irem para a escola. A costura representava “o trabalho fino com a agulha [que] definia uma grande senhora”.<sup>644</sup> Nas classes mais baixas o serviço “feminino” tinha que ser aprendido pelas meninas;<sup>645</sup>

---

<sup>642</sup> Ibid., p. 56.

<sup>643</sup> Ibid., p. 60.

<sup>644</sup> Ibid., p. 62.

<sup>645</sup> “O censo de 1570 em Norwich indica que as raparigas eram muito mais prontamente absorvidas pela indústria doméstica urbana do que seus irmãos. Quatro quintos das raparigas — em comparação com menos de um terço dos rapazes — dos seis aos doze anos estavam a trabalhar. Outro terço dos rapazes freqüentava a escola. Não tendo ainda a força física para o trabalho de um homem e talvez



mas também mãe e filha mendigavam juntas e era passado para os filhos o conhecimento de como sobreviver às dificuldades. Neste rol de aprendizagem, as mães eram responsáveis pela transmissão de crenças populares através de histórias, contos de fadas e costumes locais. Havia também o chamado “vínculo de dote”<sup>646</sup> que estabelecia um laço muito forte entre mãe e filha devido à necessidade que estas tinham de recursos materiais para o casamento.<sup>647</sup>

Nas famílias, no caso do falecimento da mulher, a situação ficava mais difícil para as filhas, pois a solução seria o pai arrumar uma madrasta (que nem sempre era ideal); ou passar toda a responsabilidade da casa para a filha mais velha. No caso da mulher que ficasse viúva, a sociedade aí tinha uma posição mais influente, pois a mulher, se pertencesse à aristocracia, estava amparada por seu dote e situação econômica deixada pelo marido. Já a mulher de classe mais baixa, teria que trabalhar mais para prover o próprio sustento e da família. Entretanto a situação ainda pior era das “solteironas,” que necessitavam da ajuda da família por receberem magros salários. Para estas “as perspectivas eram sempre negras,” pois viveriam a mercê daquilo que a família poderia prover.<sup>648</sup> O problema social enfrentado pelas “mulheres sós” se agravará mais ainda durante o século XIX, onde o número destas se elevará e

---

menos destros nessa idade do que suas irmãs, apenas uma minoria dos rapazes estava empregada a fiar ou a tecer, actividades que ocupavam a maioria das raparigas. Identicamente, o censo de Bruges de 1814 sublinha que enquanto as rapariguinhas já faziam renda aos dez anos de idade, os seus irmãos não tinham emprego remunerado.” (Ibid., p. 62).

<sup>646</sup> Ibid., p. 64.

<sup>647</sup> “Os sociólogos modernos consideram que o vínculo entre mãe e filha é geralmente o mais forte dos gerados entre os membros da família nuclear. No passado, essa vinculação emanaria de razões complexas que englobariam o ensino do governo da casa, a partilha de opiniões sobre a forma de orientar a vida, a dependência continuada relativamente a conselhos sobre o parto e cuidados com os filhos e provavelmente, por vezes, um sentimento de solidariedade contra as imperfeições putativas do marido e pai.” (Ibid., p. 65).

<sup>648</sup> “Fora da família, e dos papéis estabelecidos de filha, esposa e mãe, as mulheres viviam em condições muito difíceis. A sua independência, como tão convincente reclamou Virginia Woolf, dependia de um rendimento pessoal e de um quarto próprio. A idéia insistente de que o lugar da mulher era dentro da família criou o problema das mulheres que não tinham esse suporte ou que consideravam a família inadequada para as apoiar. Ao longo prazo, e em número crescente pelo final do século, foram as mulheres que não se conformavam com os tipos de papéis que lhes eram impostos quem acabou por forçar o ritmo das mudanças. As mulheres infelizes, ou as que não viam alternativa para sua sorte, não estavam destinadas a fazer história.” (Ibid., p. 69).

crecerá enormemente, fazendo com que a sociedade se sinta cada vez mais ultrajada com uma individualidade e liberdade nunca antes experimentada pela mulher.<sup>649</sup>

Além destas atribuições sociais, a mulher sempre teve como referência à sua condição, a relação da sociedade com o seu “corpo”.<sup>650</sup>

As mulheres foram muito tempo identificadas com o seu próprio corpo. Quer sejam consideradas como «machos imperfeitos» ou «úteros ambulantes», reflexos terrenos da beleza divina ou tentações lascivas ao serviço de Satanás, o seu viver social é dominado tanto pela atitude cultural face ao corpo, em geral, como pelas suas mais específicas definições de gênero. Para se compreender quer as dimensões sociais quer as do imaginário da vida das mulheres entre os séculos XVI e XVIII, é por isso indispensável compreender como era entendido e tratado o corpo. [...] Os cânones da beleza feminina e as normas da higiene física iriam sofrer uma série de alterações significativas entre o final da Idade Média e o final do período inicial da Idade Moderna. Estas evoluções nos hábitos e nos gostos refletiam, no entanto, mais do que meras mudanças na concepção do corpo e da aparência femininos. Refletiam também preocupações mais vastas que tinham a ver com uma instabilidade social crônica e com conflitos políticos e religiosos; manifestavam um interesse constante e obsessivo pela ordem, pela estabilidade, e definiam claramente fronteiras sociais nas quais o conceito de gênero desempenhava um papel permanente e determinante.<sup>651</sup>

Com a devastação causada pelas epidemias na Europa, os banhos e a higiene pessoal passaram a ser substituídos por uma higiene “seca,” produzida por perfumes e pó-de-arroz; somente no século XVII é que os banhos são instituídos novamente nas casas mais abastadas e a sociedade começa novamente a utilizar a água como elemento higienizador. Em termos de beleza pessoal, o século XVII cultua uma mulher mais

<sup>649</sup> “Mulher só, a qualificação existia, pois, no século XIX. Por detrás do lamento e das visões alarmistas que os escritos da época repisam, emerge uma série de interrogações que acabam por constituir um problema para os contemporâneos. Quem são? Porquê? Que fazer? Desproporção do número, revelador de turbulências económicas e sociais, antímodo da mulher ideal, assim as mulheres sós têm acesso à visibilidade. Mas, aprisionadas no espectro da «velha solteirona», que podem elas oferecer da sua existência aos observadores, a não ser a sua máscara trágica de mulheres sem homem? A nossa sociedade moderna banalizou a expressão. Etiqueta fácil, sobreutilizada e sem simetria masculina, ela aplica-se às mulheres sem marido, viúvas ou celibatárias, com ou sem filhos.” (DAUPHIN, C. “Mulheres sós”. In: FRAISSE & PERROT, op. cit., p. 478).

<sup>650</sup> “Duas atitudes contraditórias em relação ao corpo caracterizam a Idade Moderna. Por um lado o Renascimento herdou uma desconfiança fundamental do corpo, da sua natureza efêmera, dos seus apetites perigosos e das suas inúmeras fraquezas. Esta herança medieval não foi de modo algum esquecida nem pela Reforma Protestante nem pela contra-Reforma Católica. Por um lado, a Europa do século XVI viria a caracterizar-se tanto por uma vaga de puritanismo e de vergonha em relação ao corpo, à sua aparência e à sexualidade, como viria a celebrar-se pelo seu culto da beleza e pela redescoberta do nu.” (GRIECO, S. F. M. “O corpo, aparência e sexualidade”. In: DAVIS & FARGE, op. cit., p. 71).

<sup>651</sup> Ibid., p. 71-72.

volumosa, nas classes sociais mais altas, fato que é contrabalançado pelo raquitismo e inanição sofridos por suas conterrâneas mais pobres.<sup>652</sup> Entretanto, o corpo, que é contrastado entre a brancura da aristocracia e o tom escuro das trabalhadoras mais pobres, também começa a ser o alvo de um ilimitado interesse em torná-lo mais agradável e perfeito, daí o início da era dos cosméticos e dos cuidados com a aparência mais feminina.<sup>653</sup>

No século XVIII vê-se a criação da *toilette* em que a mulher revela-se a alguns poucos admiradores, como o estilista, o cabeleireiro, por exemplo. Mas este mesmo século termina com “uma nova estética feminina, um gosto pré-romântico pela graça e pela simplicidade, [...] que se supunha convirem ambos a uma delicadeza de sentimentos e a uma sensibilidade que iriam dar o tom ao início do século XIX e ao conceito romântico de feminilidade”.<sup>654</sup>

Desta forma, a referência ao corpo feminino nos leva à “sexualidade feminina,” outro fator desconcertante no que diz respeito à História da mulher.

Na Europa do século XVII, [...] os cosméticos femininos foram totalmente desacreditados pelos seus estranhos poderes de sedução, que, de acordo com moralistas e teólogos, atraíam os homens à sua perdição na doce agonia da luxúria. A sexualidade, sempre presente e cada vez mais policiada, tornou-se um dos fantasmas das autoridades civis e religiosas. Autorizada apenas dentro do casamento, e, mesmo assim, apenas na sua função de procriação, o sexo estava sujeito a uma vaga de controle e repressão que procurava moldar

---

<sup>652</sup> “A maioria das mulheres — camponesas, criadas e artesãs — alimentavam-se pior do que seus companheiros, sendo a melhor comida, e em melhor quantidade, reservada aos membros masculinos da família, às crianças e às mulheres, por esta ordem. Entre os séculos XVI e XVIII, as mulheres européias se tornaram mais baixas, em consequência de uma longa crise econômica e agrícola que só veio a ser ultrapassada durante o século passado. Outra consequência da subnutrição feminina foi uma alteração significativa da idade em que era atingida a puberdade, que varia em função da relação idade/peso. Na idade Média, as raparigas atingiam a maturidade entre os 12 e 15 anos de idade. Nos séculos XVII e XVIII, todavia, a idade média da puberdade elevou-se para os 16 anos de idade, sendo um pouco inferior nas jovens que viviam nas cidades e um pouco superior nas camponesas. O raquitismo, o escorbuto e uma série de doenças repugnantes eram consequência de uma subnutrição crônica.” (Ibid., p. 82).

<sup>653</sup> “Para além e acima do papel desempenhado pelos cosméticos na obrigação social e moral que as mulheres sentiam de parecerem bonitas, a maquilagem constituía também um símbolo necessário de posição social. A pintura era a «roupagem» das partes visíveis do corpo, era o que distinguia a pessoa que a usava, tanto como os tecidos dispendiosos, a roupa fina e os adornos caros revelavam a riqueza e o estatuto do seu possuidor. Os cosméticos eram um acessório fundamental, sem o qual uma mulher elegante não se sentia vestida.” (Ibid., p. 90).

<sup>654</sup> Ibid., p. 91.

os costumes das populações urbanas e rurais segundo linhas estritamente definidas pela Igreja e pelo Estado.<sup>655</sup>

Vemos, então, que a mulher, cujo “corpo” é símbolo de sensualidade e sedução, passa a ter sua vida privada totalmente regida pelas normas políticas, sociais e religiosas da época.<sup>656</sup> A mulher passou a ser o elemento mais perseguido e maltratado dentro da sociedade, pois simbolizava o poder maligno que levava os homens à perdição. Esta noção “devoradora da sexualidade feminina” foi altamente corroborada pela ciência médica que declarava que

A satisfação erótica era uma necessidade biológica das mulheres. Não só seus úteros «famintos» exigiam continuamente que fossem satisfeitos, como doenças horríveis esperavam aquelas que ignoravam o imperativo «natural» da reprodução. A histeria, uma doença cuja origem residia no útero, era tida como responsável pelas alucinações da possessão diabólica e por outras formas de doença mental. Outro fator que reforçou a equação mulheres-sexo-pecado foi o aparecimento da sífilis nos finais do século XV e sua rápida propagação.<sup>657</sup>

Observamos que nossas companheiras daquela época tiveram que carregar um fardo muito pesado e pagaram caro por serem criaturas dotadas de atributos muito diferentes daqueles dos homens. Percebe-se a salvaguarda dos direitos masculinos, o patriarcado impera com mãos de ferro, a mulher é colocada no último substrato da esfera social e sua condição passa a ser construída a partir de normas exclusivamente perversas e normativas. A necessidade de se manter uma ordem aparente e uma “ilusão de limpeza,” tanto do corpo quanto da alma, fazem com que o Estado e Igreja

---

<sup>655</sup> Ibid., p. 92.

<sup>656</sup> Enquanto a Idade Média havia testemunhado a formulação de uma ética sexual baseada na recusa do prazer e na obrigação da procriação, só no século XVI foi lançada uma campanha coerente contra todas as formas de nudez e de sexualidade extra-conjugal. Entre 1500-1700, novas atitudes em relação ao corpo e novas regras de comportamento deram origem a uma promoção radical da castidade e do pudor em todas as áreas da vida quotidiana. Os bordéis foram encerrados, os banhistas foram obrigados a manter as camisas vestidas e a camisa de noite veio substituir a nudez como veste de dormir aprovada. A parte inferior do corpo tornou-se um mundo à parte, um território proibido que as *précieuses* do século XVII se recusavam a nomear. Sob a influência conjunta da Reforma Protestante e da contra-Reforma Católica, os artistas desistiram da sua difícil luta para mostrar a figura humana, e uma série de roupagens não essenciais, folhas e arbustos voltam a encobrir os nus. [...] O pudor tornou-se um símbolo de distinção social e moral, particularmente caro às classes médias da sociedade, que condenavam tanto a grosseria física das classes inferiores como a indiferença libertina da aristocracia.” (Ibid., p. 92-91).

<sup>657</sup> Ibid., p. 93.

interferiram veementemente nas vidas dos indivíduos e controlem até o modo como se relacionariam na intimidade do lar e do quarto, é claro.

Tudo deveria ser controlado, e imposto por um Deus puritano e assustador. Leis rígidas e implacáveis fariam com que a população se comportasse devidamente. A leitura da Bíblia obrigatória, o púlpito da igreja e a confissão tomariam conta da alma daqueles pecadores, assim como as leis do Estado os colocariam à mercê daquilo que as autoridades locais exigiam que fosse cumprido.<sup>658</sup> O indivíduo — principalmente as mulheres — está encurralado de todos os lados, não há como fugir, a não ser aceitar esta condição para preservar a própria sobrevivência. Aqueles e aquelas que não se sujeitaram, ou seguiram seus próprios pensamentos e desejos, foram condenados a duras penas ou até mesmo a morte, na fogueira, na maioria das vezes. E como sabemos, “esta História” não acaba aí.

Até mesmo as posições para o ato sexual e os dias permitidos para sua realização eram determinados pelas autoridades.<sup>659</sup> Sem contar que o ato sexual antes do casamento era expressamente proibido. Além disso, os casais tinham suas vidas afetivas também regulamentadas, pois a paixão excessiva entre um casal também era pecaminosa, colocava o amor terreno acima do espiritual. Mas a sexualidade dos homens também era “administrada” de certa forma, pois havia também uma preocupação excessiva com relação ao homossexualismo; à prática da masturbação

---

<sup>658</sup> “A consolidação da autoridade e do poder legislativos que caracterizou o período renascentista não se preocupou apenas com o direito criminal mas também com as ofensas morais. No que aos legisladores civis dizia respeito, o corpo era tão susceptível ao «crime» quanto na opinião dos teólogos, o era o pecado. Novas penas foram introduzidas para punir novas ofensas, e velhos crimes, se cometidos contra novos «inimigos», foram transformados em delitos menores. [...] O século XVII e o início do século XVIII continuaram a policiar os costumes com o mesmo zelo. [...] Até meados do século XVIII, tanto a Igreja como o Estado impuseram ciosamente os seus direitos sobre o corpo e a sua sexualidade, condenando o erotismo em favor de uma concepção conjugal e natalista das relações sexuais, nas quais a sensualidade era considerada como um meio bastante infeliz para um fim necessário.” (Ibid., p. 94-95).

<sup>659</sup> “Mesmo as posições adoptadas pelo casal estavam sujeitas a um controlo rigoroso. [...] Todas as acrobacias eróticas para além da fórmula aprovada — a mulher deitada de costas e o homem por cima — eram consideradas suspeitas, na medida em que privilegiavam o prazer em detrimento da procriação. A única posição que favorecia a implantação da semente masculina era a que, de forma simbólica era associada ao gesto do lavrador a lavrar a terra. Quanto às condições ideais para a concepção dos filhos, os textos médicos apoiavam as regras teológicas, defendendo tanto a moderação da paixão como a posição mais favorável, ameaçando que qualquer desvio em relação à norma podia resultar numa descendência deformada ou deficiente. Ambas as autoridades estipulavam também uma série de dias em que deviam ser evitadas as relações sexuais.” (Ibid., p. 100-101).

(não só solitária, como também mútua entre os casais, usada como forma de contracepção) e ao envolvimento sexual dos rapazes jovens antes do casamento.<sup>660</sup>

Um outro fator importante ocorria caso um dos cônjuges viesse a falecer, o “re-casamento” também passava pelo crivo da comunidade e das autoridades, pois implicava na “re-união” de jovens viúvos, ou viúvas, ou até mesmo na união de viúvos muito mais velhos com moças ainda solteiras, fato que acarretava grande revolta na comunidade de jovens. Com relação ao ato sexual ilícito, fora do casamento, havia uma “escala ascendente de crimes sexuais” que variavam da simples relação sexual entre indivíduos não casados; passando pelo adultério e, finalmente, pelos crimes que iam “contra a natureza,” como o homossexualismo, a masturbação e a “bestialidade”.<sup>661</sup>

Entretanto há ainda um outro problema a ser abordado quanto ao rigor aplicado ao controle da sexualidade — o número, relativamente baixo, de crianças ilegítimas que nasciam naquela época por conta do rigor religioso e social — fato que contribuiu para que as mães solteiras adquirissem certos direitos, como a “*déclaration de grossesse*” e o processo de paternidade; a criação de leis contra o infanticídio e casas para acolher crianças abandonadas. Por volta de 1750, houve uma maior liberação dos costumes sexuais o que propiciou o aumento de nascimentos ilegítimos. Os jovens do campo migravam para as grandes cidades à procura de trabalho e não ficavam mais à mercê da supervisão dos pais, da comunidade e da igreja. Fato que fez com que a situação se invertesse, pois agora a cidade é que abrigava um maior número de crianças ilegítimas, tanto daqueles que se mudavam para ela quanto das mulheres que eram expulsas de suas vilas rurais por estarem grávidas de uma criança ilegítima, o que caracterizava também, se livrar de um escândalo e do ônus econômico que isto traria para a comunidade.

Esta mudança de comportamento gerou uma série de outras mudanças legais, econômicas e sociais que afetaram não só as relações nas classes inferiores quanto nas mais altas da sociedade. O século XVIII vê o surgimento do casamento igualitário, no

---

<sup>660</sup> Ibid., p. 102-103.

<sup>661</sup> Ibid., p. 108-113.

qual o afeto e a compatibilidade sexual mútua são estabelecidos; a prostituição também aumenta devido à maior liberdade sexual e ao crescente número de mulheres desempregadas, mães solteiras e pobres.<sup>662</sup>

Um outro fator importante para a época é o recurso do “adultério” que permitia aos homens uma total liberdade em suas relações, enquanto à mulher este ato era totalmente negado. Outra vez, de uma outra forma, a mulher é suprimida do prazer, da liberdade de sua sexualidade e do uso de seu corpo. A mulher deveria se manter casta para o casamento patriarcal e fiel a ele, para que a descendência de seu marido se mantivesse legítima.<sup>663</sup> Tanto que a mulher flagrada em adultério poderia ser “legalmente” assassinada por seu marido, pois a pena para este crime — “uxoricídio” — era perdoável.<sup>664</sup> É importante salientar que, nas altas classes, o adultério era politicamente permitido à mulher, por causa dos interesses de seu marido enquanto que nas classes mais baixas cabia à comunidade imputar a pena que lhe aprouvesse para condenar a mulher adúltera. Indubitavelmente, “para a maioria das mulheres o amor ilegítimo continuava a ser uma área em que o preço a pagar para poderem dispor dos seus próprios corpos e afetos era muito superior ao pago pelos homens. Cada vez menos protegidas contra as conseqüências da sedução e da concubinação, as mulheres eram igualmente discriminadas pela duplicidade do padrão de adultério em vigor há tanto tempo”.<sup>665</sup>

---

<sup>662</sup> Ibid., p. 112.

<sup>663</sup> “A idéia de que a fornicação e o adultério masculinos eram apenas pecados veniais, que a mulher deveria encarar com indulgência, era reforçada pelo fato de, antes do século XVIII, muitos casamentos realizados nas classes média e superior serem combinados pelos pais no interesse das estratégias econômicas ou políticas familiares. Não só o noivo e a noiva tinham poucas oportunidades de se conhecerem antes dos casamento, como a sua ligação afetiva depois do casamento era considerada inconveniente, se não indecente. O adultério masculino com criadas e mulheres das classes mais baixas era por isso encarado como normal, embora algumas mulheres protestassem contra este comportamento duplo e contra a ofensa que a infidelidade provocava nos sentimentos femininos. No início do século XVII, no entanto, tanto os padrões sexuais da Contra-Reforma como os dos Puritanos passaram a impor um maior secretismo sobre as ligações adúlteras. [...] Uma segunda explicação para a existência deste padrão de comportamento duplo reside no fato de as mulheres serem consideradas propriedade sexual dos homens, cujo valor diminuiria se fossem usadas por outros que não o proprietário legítimo.” (Ibid., p. 114).

<sup>664</sup> Ibid., p. 114.

<sup>665</sup> Ibid., p. 115.

Uma outra questão neste período da História que caracteriza a condição feminina é com relação à “beleza”<sup>666</sup> e o que ela significa para a vida da mulher, como a determina. A beleza — ou a fealdade — e a condição social é marcante para a sorte de uma mulher numa época em que ela facilmente poderia ser seduzida devido à beleza que possuía ou marginalizada totalmente por sua fealdade. A mulher, mais uma vez tem sua sorte determinada por um padrão social, econômico e cultural: se é pobre e feia é hostilizada e sua única sorte é se casar com um homem pobre e criar seus filhos sem nenhum privilégio; se é pobre e bonita é preza fácil do sedutor e cai facilmente na desonra; se é bonita e rica tem o respaldo de sua situação econômica e cultural para protegê-la de situações adversas, como o abuso sexual e o fardo de uma gravidez indesejada, o que colocava as mulheres mais pobres rumo à pobreza e prostituição.

Mas além desta diferenciação que ocorre entre os níveis sociais e entre a esfera rural e a cidade, temos o fato de que

As sociedades de corte européias, itinerantes ou sedentárias, e mais geralmente qualquer representação «corpórea» do político entre o século XVI e o final do século XVIII, utilizam a ênfase ostentatória das aparências como sinal espetacular do poder. Os tecidos luxuosamente coloridos, as pedras preciosas, o ouro, a lentidão do gesto cerimonial, cativam o olhar do público, deslumbrando-o, saturando-o mesmo. O poder, o sagrado, o sol, bem como o aparecimento da mulher bela, são espetáculos sociais heterogêneos que ocupam a cena visual pondo em funcionamento uma mesma tática de luminosidade e de expectativa. Esta valorização do parecer na História das instituições políticas européias, em que todas as grandes cortes rivalizavam, sucessivamente através do seu fausto, e impuseram as suas modas estéticas ao mundo, ao mesmo tempo que tentavam impor a sua língua e a sua ordem econômica e social, é característica da relação ocidental com o poder, tal como ele se instaura naquela época.<sup>667</sup>

Como a mulher e seu corpo estão estreitamente ligados à questão da beleza, da sedução e da aparência, não é de se espantar que seu papel neste período, como em tantos outros, esteja social e politicamente ligado à noção do poder e aos efeitos que causava em seu ambiente social. A supervalorização da aparência e crescente valorização estética da época colocavam a mulher numa situação não só de risco para

---

<sup>666</sup> NAHOUM-GRAPPE, V. “A mulher bela.” In: DAVIS, N. Z. & FARGE, A., op. cit., p. 121-139.

<sup>667</sup> Ibid., p. 125.



sua integridade moral, mas também para a formação de sua identidade como indivíduo social. Por um lado temos a questão do poder político nas classes dominantes e por outro temos o poder do sedutor, da pobreza e da desonra que assolavam as classes mais baixas e que levava a mulher pobre a uma condição social mais degradante ainda do que sua contraparte mais rica.

Paradoxalmente em um extremo temos a beleza, a castidade e a fragilidade da mulher do campo, que precisava deixar sua casa para trabalhar na cidade ou em empregos em que o empregador abusava de sua autoridade e de seu poder sobre ela. No outro temos o fim da linha de uma vida de ingenuidade e decência, na qual imperava a doença, a pobreza e a prostituição, enfim, a fealdade, destino certo das mulheres que sofriam por possuírem um determinado padrão de beleza e status social e econômico na época. Entretanto esta construção da aparência e da estética corporal vai além dos estatutos comportamentais. Temos aí também o reflexo de um poder econômico que enreda a mulher em suas malhas.<sup>668</sup>

Vale salientar então mais esta forma de construção da condição feminina e como ela age para colocar a mulher dentro de uma outra esfera de valores, de interesses e preconceitos que são alimentados por uma série de contextos sociais, econômicos e culturais. As regras comportamentais, de auto apresentação e de auto referência ditadas no ambiente social fazem com que a mulher seja alvo de algo que a coloca mais uma vez num nível de reconhecimento doentio, pois na época a “feminilidade” estava relacionada a “uma mistura de fraqueza e de perversão, de impotência e de incompetência e de inconsistência.”<sup>669</sup> Atributos dos quais a mulher não tinha como se poupar ou defender.

---

<sup>668</sup> “A estética do corpo inscreve a sua eficácia fora do círculo contabilizável dos produtos econômicos. O efeito sociológico da beleza corporal e o processo econômico da produção deste puro e efêmero espetáculo são mascarados por um estereótipo de dupla entrada: o da especificidade feminina, por um lado, e o da frivolidade, da vaidade das aparências, por outro. No entanto, toda uma tecnologia — a dos espelhos cujas dimensões e presença nos interiores urbanos aumentam nos séculos XVII e XVIII, a dos cosméticos e do penteado —, todo um saber científico e médico, todo um conjunto de objetos e de práticas, toda uma ocupação do tempo de trabalho social, numa palavra, todo um conjunto complexo e heterogêneo de investimentos, ajudam à produção da imagem de si para si. Mas as condições de descrição da beleza corporal escondem estes diferentes processos.” (Ibid., p.134).

<sup>669</sup> Ibid., p. 130.

A beleza perfeita [cultuada nas artes a partir do século XVIII], imóvel, é também suspeita de ser vazia, ou vã, sem espírito ou sem alma, ou sem cultura e silenciosa porque nada tem a dizer. Arrisca-se também a ser fria e decepcionante, e desde o final da Idade Média, na Europa, muitas imagens negativas lhe são associadas, tais como a crueldade ou simplesmente as da estupidez. Estes juízos sociais estão patentes tanto nos textos como nas conversas orais, nas chalaças e nos risos, cuja trama, inacessível ao historiador, permite o reforço reativado das imagens antigas.<sup>670</sup>

Desta forma vemos que a mulher continuava a mercê de valores degradantes e que lhe colocavam numa situação ainda mais desfavorável na vida social. Não bastava somente seu recolhimento à esfera do lar, a vida privada se mantinha respaldada pelas tarefas domésticas e familiares e a pública se tornava alvo de algo mais perverso, de leis e normas que expunham a mulher ao declínio e quase destruição. Não foram poucas as que não conseguiram sobreviver às normas da estética e da aparência, sucumbindo a uma vida miserável e doentia.

As evidências disto devem ser procuradas nas esferas mais baixas da sociedade, onde a vida cruel e desumana acontecia em sua total inteireza. Foram as mulheres das classes menos privilegiadas que mais sofreram com o ônus das sociedades patriarcais, e ainda sofrem, foram elas que tiveram que trabalhar duro para sobreviver às intempéries sociais, econômicas e culturais, lutando para preservar a dignidade diante de abusos físicos, psicológicos e emocionais. Isto se dá, pois a mulher nascida nas esferas mais altas da sociedade sempre contou com um certo tipo de privilégio e, conseqüentemente, proteção contra as injúrias praticadas contra a mulher comum. Como sempre, o poder econômico, social e cultural manteve uma esfera da sociedade intacta às normas desumanas impostas ao povo comum.

Esta época da História também viu ser evidenciada a importância da “educação” para a mulher. Mas tal educação ainda estava muito aquém daquela oferecida para os homens, pois o saber da mulher deveria ser restrito ao universo doméstico, o “saber-fazer”. Há uma preocupação da Igreja em que as mulheres possam saber educar seus filhos,<sup>671</sup> daí a propagação de instituições escolares nas quais os

---

<sup>670</sup> Ibid., p. 138.

<sup>671</sup> “[Dando continuidade às decisões tomadas no Concílio de Trento (1545-1563)...] Na viragem do século XVI para o século XVII [...] uma nova onda de iniciativas toma forma, dedicadas, estas, especificamente ao ensino feminino. Os reformadores católicos compreendem então o papel chave que

saberes fundamentais se resumiam em: “ler , escrever e contar,”<sup>672</sup> com a ressalva de que às mulheres caberia a tarefa de aprender a ler, principalmente os escritos religiosos como a Bíblia, o catecismo. No entanto, “apesar dos entraves que dificultavam o acesso das mulheres a conhecimentos úteis e economicamente rentáveis, os progressos da alfabetização feminina nos séculos XVII e XVIII são a prova de que estavam em marcha um processo irreversível”.<sup>673</sup>

Processo que originou várias controvérsias e discussões. Havia aqueles que defendiam uma educação restritiva para as mulheres, que não precisavam saber mais do que o necessário para lidar com os afazeres da casa e ler a Bíblia; e aqueles que defendiam uma educação tão abrangente quanto aquela oferecida aos rapazes. Entretanto além da desigual educação oferecida a rapazes e moças, neste âmbito também se faziam sobressaltar as desigualdades de classes sociais. As classes mais altas contavam com os internatos caros, com os conventos e a educação aprimorada no lar através de tutores e pais letrados, enquanto que às classes mais pobres eram oferecidos ensinamentos em “externatos caritativos”<sup>674</sup> nos quais o principal intuito era ensinar a leitura religiosa e um trabalho manual — relacionado à agulha — que pudesse ser utilizado depois de deixada a escola.

Às meninas da classe pobre estava assegurada uma profissão, não uma possibilidade de ascender econômica e profissionalmente, pois a mobilidade social se tornava inacessível dentro deste contexto. Sem falar, é claro, nas mulheres do campo que quase não tinham acesso à escolaridade devido à dificuldade financeira para tal. A única forma possível de ensino para elas eram as escolas mistas, estritamente controladas pela igreja, que só permitia que as aulas fossem dadas em turnos diferentes

---

a rapariga pode desempenhar num processo de reconquista religiosa e moral da sociedade no seu conjunto. Em cada uma está adormecida uma futura mãe, uma potencial educadora. Ela é a peça mais importante do dispositivo, visto que é chamada a transmitir a boa nova hoje ensinada. Esta tomada de consciência dá um impulso decisivo à generalização de uma instrução feminina que compreende pelo menos a leitura e o catecismo. [...] A educação assim promovida visa formar boas mães cristãs.” (SONNET, M. “Uma filha para educar”. In: DAVIS & FARGE, op. cit., p. 144-145).

<sup>672</sup> Ibid., p. 142.

<sup>673</sup> Ibid., p. 142.

<sup>674</sup> Ibid., p. 165.

para meninos e meninas; que houvesse divisórias nas salas e que as meninas deixassem a escola aos nove anos de idade. Não havia nada a fazer, senão aceitar.

Entre os séculos XVII e XVIII houve uma proliferação de escolas femininas, mas a “quantidade” ficava bem longe da “qualidade” necessária. Havia uma preocupação em que as meninas adquirissem o menor grau de aprendizado possível, lhes era ensinada a leitura — principalmente escritos religiosos —, mas não a escrita. Por isso também tinham muito menos horas de estudos do que os meninos. Eram mais enfatizados os trabalhos manuais do que o estudo de conhecimento mais profundo. Isto denota como os conhecimentos adquiridos pelas meninas eram “severamente controlados” não lhes permitindo ir além daquilo que a Igreja entendia como necessário para a atuação delas na família e na sociedade.<sup>675</sup>

Assim o único meio que os historiadores tiveram para analisar até que ponto as mulheres aproveitaram os ensinamentos obtidos no lar ou na escola foi através da “assinatura feita em actos notoriais”<sup>676</sup> fato que implicaria numa mínima noção de leitura. Apesar disso observa-se que a alfabetização da mulher entre os séculos XVII e XVIII é bem mais rápida que a dos homens, houve uma oportunidade para que elas recuperassem, de certa forma, a desvantagem que sempre tiveram em relação a este ponto. “O século XVIII é um século de recuperação para as mulheres,”<sup>677</sup> apesar de que ainda se tivesse a forte convicção de que a principal função da mulher era a da maternidade. Nessa época a taxa de mortalidade infantil era muito alta, e uma das funções femininas era garantir o crescimento populacional e transmitir a seus filhos os valores religiosos e morais que regiam a sociedade.

Esta é uma época em as mulheres também tiveram que se aproveitar dos privilégios que seu casamento ou nascimento lhes concedia para poderem atuar mais concretamente em áreas como a “política,” onde predominantemente a figura masculina imperava e ainda impera. Na condição de aristocrata ou nobre a mulher podia exercer uma determinada influência em assuntos relativos à política e assuntos de estado. Fora disto, não houve uma mulher que ocupasse qualquer cargo público na

---

<sup>675</sup> Ibid., p. 169-171.

<sup>676</sup> Ibid., p. 176-178.

<sup>677</sup> Ibid., p. 177.

época.<sup>678</sup> Para a mulher mais pobre restava as manifestações contra o poder público, os motins contra a alta de preços de alimentos ou impostos. Esta era a única forma de interferir em assuntos públicos, tomar parte ou incitar tumultos em aldeias e cidades. As mulheres também conseguiam fazer-se ouvir através de “petições a propósito de assuntos públicos” junto ao parlamento inglês. Além disso, começaram os primeiros questionamentos sobre o direito ao voto<sup>679</sup> para mulheres, assunto que precisaria esperar pelo século seguinte para ser resolvido, pelo menos em alguns países.

Nas áreas das “artes” também vemos que a mulher é representada de várias formas.<sup>680</sup> Entretanto, há ainda uma preocupação em retratar a virtude e a beatitude da mulher; suas verdadeiras funções de esposa e mãe, enfatizando também a submissão que deve ter para com uma figura masculina.<sup>681</sup> A igreja principalmente se incumbiu de fazer com que as inovações trazidas pela modernidade não perturbassem a ordem social. Isto fica bem claro se analisarmos os papéis teatrais que as mulheres desempenhavam, cujo teor era religioso e contido, de acordo com sua constituição.<sup>682</sup>

Os séculos XVII e XVIII também foram séculos em que as mulheres se manifestaram em seus papéis mais ultrajantes para a época, as chamadas “dissidentes,”<sup>683</sup> mulheres que transgrediram de alguma forma as normas de comportamento da época. Seja nos “salões” nos quais, a partir do século XVIII, a mulher passa a ter uma interação mais pública e, assim, transformadora, com os

---

<sup>678</sup> Davis, N. Z. “A mulher «na política».” In: DAVIS & FARGE, op. cit., p. 230-249.

<sup>679</sup> Ibid., p. 246-249.

<sup>680</sup> “A imagem, a literatura, o teatro oferecem um discurso com mil saídas: neles, a mulher assume tantos rostos imaginados, fantasiados pelos autores, que ela pode encontrar aí as suas próprias linhas de fuga, mesmo no meio de tantas perspectivas normativas, moralistas ou edificantes. O escritor e o pintor cantam suas emoções e a mulher ocupa nelas um lugar específico, ela serve, sem dúvida alguma, a realização da sua glória [...] O mesmo se passa com os pintores; aqui, o imaginário transborda, explode, desmesurado, inocente ou perverso [...] representações em que se misturam mitos, medos e encantamentos, nascidos do feminino. Todos os sonhos são permitidos; a cena pictural, literária e teatral oferece, apesar de tudo, espaços de liberdade ou, pelo menos, alimenta sem dúvida meios para a mulher se apropriar dos papéis e das funções que o discurso das artes não tem os meios nem a vontade de constranger de uma forma demasiado autoritária.” (DAVIS & FARGE, op. cit., p. 297).

<sup>681</sup> DESAIVE, J-P., “As ambigüidades do discurso literário”. In: DAVIS & FARGE, op. cit., p. 301-339.

<sup>682</sup> NICHOLSON, E. A. “As mulheres e o teatro, 1500-1800. Imagens e representações.” In: DAVIS & FARGE, op. cit., p. 342-367.

<sup>683</sup> DAVIS & FARGE, op. cit., p. 461.

homens; seja através do trabalho como jornalista<sup>684</sup> ou escritora<sup>685</sup> anônima; ou nas ruas, como “prostituta, feiticeira, criminosa e revoltosa,”<sup>686</sup> a mulher se insere em esferas perigosas para sua preservação no ambiente social, ao mesmo tempo em que esbanja uma liberdade nunca antes experimentada.

A mulher volta-se para o ambiente público através de uma reputação desaprovada, ao mesmo tempo em que marcha à frente de motins, revoltas e revoluções civis para lutar por direitos nunca antes permitidos. A mulher se torna uma “heroína desenfreada”<sup>687</sup> que incita multidões a lutarem por seus direitos de cidadãos.<sup>688</sup> Embora haja a marginalização social da mulher por causa de ocupações moralmente degradantes, sua condição de indivíduo social começa a mudar, a percorrer caminhos que lhe levarão às conquistas experimentadas a partir do século XIX.

A partir do final do século XVIII,<sup>689</sup> a mulher torna-se um agente ainda mais ativo e perturbador de sua própria História. Com o advento da “educação,” as portas

---

<sup>684</sup> Ibid., p. 459.

<sup>685</sup> DULONG, C. “Da conservação à criação”. In: DAVIS & FARGE, op. cit., p. 484.

<sup>686</sup> DAVIS & FARGE, op. cit., p. 461.

<sup>687</sup> FARGE, A. “Agitadoras Notórias”. In: DAVIS & FARGE, op. cit., p. 571.

<sup>688</sup> “Disse-se muitas vezes que as mulheres nada tinham ganho com a Revolução, quer porque esta em nada tinha mudado a sua condição, quer pelo contrário, porque a tinha mudado, mas no mau sentido. Esses dois pontos de vista convergentes e antagônicos negligenciavam, um e outro, a importância da transformação revolucionária. Transformação demasiado profunda e demasiado generalizada para que todos os sectores, todos os protagonistas da sociedade, não fossem por ela afetados. Transformação demasiado fecunda para não ser, apesar das suas devastações, promissora. Considerar-se-á portanto a Revolução Francesa como uma mutação decisiva na história das mulheres. Em primeiro lugar, muito simplesmente porque o foi na história dos homens — os do outro sexo e os seres humanos no seu conjunto. Em seguida, porque essa mutação foi a ocasião de um questionar sem precedentes das relações entre os sexos. A condição das mulheres não mudou apenas porque tudo mudava então e porque a tempestade revolucionária nada deixaria intacto. Mais profundamente, a condição das mulheres mudou porque a Revolução levantou a questão das mulheres e inscreveu-a no próprio coração da sua questionação *política* da sociedade. [...] a Revolução Francesa preocupa-se com a relação entre os sexos como o fizeram, antes dela, o cristianismo nascente, a Reforma e o racionalismo de Estado. Mas eis que desta vez questões inéditas são postas na ordem do dia, como a do lugar da mulher na cidade, e já não apenas na ordem doméstica. A Revolução Francesa é o momento histórico em que a civilização ocidental descobre que as mulheres podem ter um lugar na cidade.” (SLEDZIEWSKI, É. G. “Revolução Francesa. A viragem”. In: FRAISSE & PERROT, op. cit., p. 41).

<sup>689</sup> “A partir do século XVIII, as reivindicações femininas foram em toda parte as de uma vanguarda, mais ou menos audaciosa, de mulheres empenhadas na vida activa, instruídas, oriundas da pequena e média burguesia. As operárias não viam no trabalho assalariado mais do que uma exploração suplementar, tanto mais quanto o socialismo nascente se bate em primeiro lugar pela revolução social e pela instauração do sufrágio universal. Não participando na elaboração das leis, as mulheres não

são abertas para que a mulher adquira cultura e um pensamento crítico mais acirrado. De indivíduo subjugado ao lar, à família e à autoridade do marido, fatos que ainda continuam ao longo do século XIX, a mulher sai para as ruas, para ter sua voz ouvida por seus pares e pelas autoridades. Ela não só lê, mas escreve, publica, sai às ruas e faz com que sua opinião seja ouvida — ou lida em jornais, petições e livros —, e levada em consideração, em todos os níveis sociais.

Conquistas são alcançadas e a mulher volta a ter um lugar que lhe era de direito. Sua cidadania — que no início do século XIX é inexistente, apesar de sua ação nas revoltas civis<sup>690</sup> — é aos poucos reconhecida e restaurada. A igualdade de direitos e deveres é defendida e alcançada aos poucos. Algumas leis são alteradas para que não só o homem seja beneficiado, em detrimento da mulher, que, a partir daquele momento, passa a ter direitos iguais sobre suas posses, bens, heranças, ações e, principalmente, idéias. Enfim há o reconhecimento da mulher como indivíduo social, apesar de ainda estar subjugada à autoridade do marido. Fato que leva a uma das lutas mais acirradas que se travou entre as mulheres e o Estado no século XIX, a igualdade de direitos na sociedade.<sup>691</sup>

O século XIX então traz à tona a importância da mulher tanto na vida pública, quanto privada. Sua condição é repensada e reavaliada, daí as transformações positivas que este século traz para a vida da mulher em seu sentido mais amplo.<sup>692</sup> Entretanto esta é ainda uma época em que a mulher continua submetida aos ditames masculinos

---

podem fazer mais do que tentar convencer os que votam, através de manifestações, petições e jornais.” (ARNAUD-DUC, N. “As contradições do Direito.” In: FRAISSE & PERROT, op. cit., p. 100).

<sup>690</sup> FRAISSE & PERROT, op. cit., p. 25.

<sup>691</sup> ARNAUD-DUC, In: FRAISSE & PERROT, op. cit., p. 97-137.

<sup>692</sup> “É certo que este século repensou a vida das mulheres como o desenrolar de uma história pessoal submetida a uma codificação colectiva precisa e socialmente elaborada. Seria, porém, errado pensar que essa época é apenas o tempo de uma longa dominação, de uma absoluta submissão das mulheres. De facto, esse século assinala o nascimento do feminismo, palavra emblemática que tanto designa importantes mudanças estruturais (trabalho assalariado, autonomia do indivíduo civil, direito à instrução) como o aparecimento colectivo das mulheres na cena política. Por isso, será preferível dizer que esse século é o momento histórico em que a vida das mulheres se altera, ou mais exactamente o momento em que a perspectiva de vida das mulheres se altera: tempo de modernidade em que se torna possível uma posição de sujeito, indivíduo de corpo inteiro e actriz política, futura cidadã.” (FRAISSE & PERROT, op. cit., p. 9).

que ora as chamam a participarem efetivamente dos acontecimentos sociais mais importantes e ora ainda as subjugam aos afazeres domésticos.<sup>693</sup>

Este conflito de interesses se faz presente principalmente por esta época ser marcada por acontecimentos determinantes para as mudanças ocorridas na vida da mulher em sociedade:

[Primeiro,] o aparecimento de uma História da humanidade que supõe que a mulher tem também uma História, que a sua condição de companheira do homem e de reprodutora da espécie é menos imutável do que parece, que a sua essência aparentemente eterna de mulher que pode ser submetida a múltiplas variações e destinada a uma vida nova. [Segundo,] a revolução industrial, tal como a formação progressiva de um espaço político democrático, revelam-se, apesar da violência com que as mulheres são aí tratadas, lugares sociais onde o indivíduo, como ser completo, é privilegiado. Neste sentido, o indivíduo feminino poderá tornar-se semelhante ao indivíduo masculino, ao trabalhador e ao cidadão, poderá romper os laços de dependência econômicos e simbólicos que o ligam ao pai e ao marido. [Terceiro,] a era democrática não é *a priori* favorável às mulheres. No seu início ela afirma que é necessário excluir as mulheres da coisa pública, circunscrevê-las ao espaço doméstico.<sup>694</sup>

Esta contínua exclusão contraditória das mulheres da vida pública é que gera uma série de iniciativas reacionárias pela afirmação da igualdade de direitos entre homens e mulheres. Nasce assim o “feminismo” “depois de 1830 [e] cujo objectivo é a igualdade dos sexos e cuja prática a de um movimento colectivo, social e político”.<sup>695</sup> Com relação a este movimento podemos citar as experiências de quatro mulheres marcantes do feminismo francês de 1789 a 1944: Olympe de Gouges, Jeanne Deroin, Hubertine Auclert e Madeleine Pelletier<sup>696</sup> que lutaram pela condição feminina dentro

---

<sup>693</sup> “O século XIX abre e fecha com dois acontecimentos, uma revolução e uma guerra: os historiadores percorrem-no de 1789 a 1941, sem que no entanto se possa dizer que esses acontecimentos produzam o essencial do sentido dessa época. Pelo que diz respeito às mulheres poderá, no entanto, notar-se que uma revolução, tal como uma guerra, pode chamá-las a executar certas tarefas, sabendo porém, de seguida, dispensá-las, com maior ou menor rapidez. [Há um] jogo subtil por parte dos homens, entre o convite e a rejeição, a exclusão e a participação das mulheres nos assuntos que dizem respeito ao Estado e à nação. Se a modernidade é um ensejo para as mulheres, é porque as conseqüências das mudanças económicas e políticas, sociais e culturais, características do século XIX, lhes são favoráveis.” (Ibid., p.9).

<sup>694</sup> Ibid., p. 10.

<sup>695</sup> Ibid., p. 10.

<sup>696</sup> “Olympe de Gouges foi guilhotinada pelos Jacobinos sob a acusação de cometer excessos de imaginação; Jeanne Deroin foi ridicularizada por querer virar o mundo de cabeça para baixo; Hubertine Auclert foi comparada à Medusa e vista como “afligida por loucura ou histeria, uma doença que a fazia considerar os homens como seus iguais”, segundo relatório da polícia de 1880; Madeleine



da sociedade ocidental e fizeram, segundo Scott (2002), uma tentativa “paradoxal”<sup>697</sup> para reivindicarem seus direitos como cidadãs, lutaram contra leis abusivas, contraditórias, excludentes e desmedidas para com a efetivação dos papéis públicos e privados da mulher.

Ainda dentro do leque de intelectuais que lutaram avidamente pelos direitos das mulheres temos Condorcet e Mary Wollstonecraft que contribuíram para trazer a tona discussões sobre “o estatuto jurídico das mulheres” e seu “papel social,” além das reivindicações “políticas” de Olympe de Gouges.<sup>698</sup> Estes fizeram com que suas convicções “filosóficas, políticas e éticas” se tornassem parâmetros para discussões “ainda hoje presentes no debate sobre os direitos da mulher”.<sup>699</sup> Tais discussões se fizeram necessárias, pois a mulher, independente do trabalho que exercia na sociedade, ainda era mantida à sua margem, ainda era mantida fora das discussões políticas e do Estado, o que tornava seus direitos como cidadã, engessados por um discurso masculino e dominante.

Esta “exclusão” da vida pública se dá de várias formas: com relação ao direito ao voto, pois as mulheres eram “contribuintes, mas não votavam,”<sup>700</sup> situação que foi

Pelletier foi considerada uma fonte de desorganização moral pelos grupos contrários à limitação de natalidade na década de vinte e confinada numa instituição para doentes mentais até o fim da vida.” (SCOTT. J. **Cidadã Paradoxal: As feministas francesas e os direitos do homem**. Florianópolis: Mulheres, 2002, p.47).

<sup>697</sup> SCOTT explica que “os paradoxos a que [se refere] não são estratégias de oposição, mas elementos constitutivos de próprio feminismo. A história do feminismo é a história de mulheres que só tiveram a oferecer paradoxos não porque — como queriam os críticos misóginos — a capacidade racional da mulher seja deficiente ou a essência de sua natureza seja fundamentalmente diferente, nem porque o feminismo, de algum modo, não conseguiu alinhar teoria com prática, mas porque o feminismo ocidental e historicamente moderno é constituído por práticas discursivas de política democrática que igualaram individualidade e masculinidade.” (Ibid., p. 29).

<sup>698</sup> As obras produzidas por estes três intelectuais são, respectivamente: **Sur l’admission des femmes au droit de cité** (1790); **Vindication of the Rights of Woman** (1792) e **Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne** (1791). (SLEDZIEWSKI, É. G.: In: FRAISSE & PERROT, op. cit., p. 49-50).

<sup>699</sup> “Onde Condorcet vê uma exigência da razão política e a correcção de uma assimetria prejudicial à geometria constitucional, Olympe de Gouges vê o objeto de uma mobilização histórica das mulheres, ao passo que, segundo Mary Wollstonecraft, a reivindicação dos direitos é para o sexo oprimido ensejo de uma verdadeira mutação. O ponto de vista de Condorcet permanece no plano da teoria, [...] O ponto de vista de Olympe de Gouges é, pelo contrário, o do empenhamento militante numa luta de libertação contra a tirania dos homens. O ponto de vista de Mary Wollstonecraft está mais radicalmente, mas também de maneira mais programática, centrado na dimensão cultural da opressão das mulheres e da reivindicação dos seus direitos.” (Ibid., p.50).

<sup>700</sup> ARNAUD-DUC, In: FRAISSE & PERROT, op. cit., p. 101.

sendo revertida desde o início do século XIX até o início do século XX; temos também a diferença na educação para rapazes e moças, situação que só foi solucionada em 1925, quando instituiu-se a legalização da igualdade de ensino para os dois sexos (fato que ainda não modificou a situação para as que viviam no campo, pois este sempre esteve às margens das conquistas urbanas); com relação ao trabalho, a mulher ainda continuou a receber salários menores do que os dos homens (só obteve a legalização do trabalho noturno em 1911, além de que o acesso a diferentes profissões, como a medicina e o direito, só foi aceito depois de muitas reivindicações).

Além destas distorções de direitos, a mulher teve que se submeter à “autoridade do marido” até às vésperas da Segunda Guerra Mundial. E mesmo obtendo o direito ao divórcio, a mulher teve que lidar com o preconceito social que tal condição lhe impunha (já que passava à condição de “mulher sem homem”). Estas e outras situações comprovam a “perversidade do direito” e como foi difícil para a mulher obter o reconhecimento de sua cidadania e os direitos que lhe cabiam como um indivíduo construtor da própria identidade.<sup>701</sup>

Identidade que, no século XIX, ainda era representada através da “mulher ideal — casada” criada através da literatura; ou da figura desoladora de uma mulher presa pelas armadilhas da sociedade.<sup>702</sup> Fato que não se modifica muito nas artes visuais, onde a mulher ainda é vista como “madona, sedutora, musa — arquétipos femininos<sup>703</sup> [que continuariam] a dominar a imaginação do século XIX”.<sup>704</sup>

---

<sup>701</sup> Ibid., p. 104-136.

<sup>702</sup> MICHAUD, S. “Idolatrias: representações artísticas e literárias.” In: FRAISSE & PERROT, op. cit., p. 159-165.

<sup>703</sup> “Os arquétipos femininos adquiriram um renovado vigor em tempos de crise, quer através da inovação formal e temática, quer por pura repetição. Tais momentos ocorreram em épocas e locais distintos; no entanto é possível situar duas crises gerais, uma por volta de 1860 e outra no final do século. Na década de 1860, os desafios burgueses aos princípios artísticos estabelecidos produziram imagens de temas domésticos contemporâneos que insistiam no papel das mulheres como filhas, mães e esposas castas. Pelo final do século, estetas burgueses marginais reagiram contra esses valores com uma torrente de imagens apropriadamente classificadas por um autor recente como «ídolos de perversidade». Os arquétipos femininos eram muito mais do que o reflexo dos ideais de beleza; eles constituíam modelos de comportamento. A sua capacidade de persuasão, embora específica das artes visuais, era activada pelo contexto cultural.” (HIGONNET, A. (a) “Mulheres e imagens. Aparências, lazer, subsistência”. In: FRAISSE & PERROT, op. cit., p. 298).

<sup>704</sup> Ibid., p. 297.

A feminilidade é em parte uma questão de aparências. A cultura visual do século XIX produziu um sem número de imagens de mulheres, muitas delas consistentes, algumas delas contraditórias, todas elas poderosos elementos da definição, sempre em mudança, do que significava ser mulher. As imagens continuaram a dar uma forma permanente ao fluxo social e económico. Mas, pela primeira vez na História, as mulheres puderam, tal como os homens, representar a sua própria percepção do mundo.<sup>705</sup>

Entretanto isto só foi possível pois a mulher artista se atrelou a um homem, para que através dele pudesse exercer sua arte. Tal estratégia era necessária, “no domínio específico das artes, o factor de maior peso e mais persuasivo era o conceito de que o gênio era exclusivamente masculino”.<sup>706</sup> Assim no início as mulheres ainda representavam a si mesmas de acordo com os padrões estabelecidos pelos homens, porém aos poucos conseguiram representar-se de modo como se viam e percebiam, fazendo com que suas tarefas, afazeres e interesses fossem retratados nas mais diversas formas artísticas. Desta forma a mulher pôde ir além do trabalho feminino tradicional: a “costura,” feita na reclusão do lar, longe das discussões sociais, e se colocar audaciosa e diretamente na esfera pública através de sua pintura, fotografia, escultura, escrita e outras formas artísticas.<sup>707</sup>

Mas ao mesmo tempo em que a mulher abre caminho para sua individualidade como cidadã, este século ainda lhe tolhe uma relação mais aberta com o próprio corpo, com sua sexualidade. O século XIX ainda está encerrado no moralismo que prega o aspecto pecaminoso do corpo e da sexualidade feminina em contraposição à elevação do espírito, da alma, dos bons sentimentos. A menina é mantida distante dos aspectos pecaminosos de seu corpo, camisolões o escondem durante o banho e o sono; a menstruação é tabu e a virgindade é preservada a todo custo até o casamento. O prazer sexual é totalmente abolido, pois “a ovologia, em pleno desenvolvimento entre 1840 e 1860, estabelece que o prazer feminino não é necessário à fecundação: esta descoberta confirma a vocação maternal da mulher, justifica o egoísmo masculino e fundamenta a hostilidade contra o inútil clitóris”.<sup>708</sup> Além destas formas de “conter” o prazer

---

<sup>705</sup> Ibid., p. 297.

<sup>706</sup> Ibid., p. 302.

<sup>707</sup> HIGONNET, A. (b) “Mulheres e imagens. Representações”. In: FRAISSE & PERROT, op. cit., p. 336-343.

<sup>708</sup> KNIBIEHLER, Y. “Corpos e corações”. In: FRAISSE & PERROT, op. cit., p.367.

feminino, no início do século temos a volta do “espartilho” (1810), que ao realçar o peito e as nádegas aludem a função reprodutora da mulher, elemento que só vai sair de moda em 1905 quando os vestidos se transformam em vestes fluidas e lisas, caracterizando uma maior liberdade para a mulher.<sup>709</sup>

Para que a moral e os bons costumes prevaleçam, dá-se então a cultura do “angelismo” que, até o final do século, manterá o erotismo fora das relações matrimoniais e o prazer longe das mulheres, fato que se altera e faz com que as relações de intimidade tomem uma nova proporção nos casamentos transformando o casal em parceiros, o homem não é mais dono e senhor da mulher. Um outro fator que também contribui para esta mudança de comportamento é a alta taxa de abortos cometidos durante o século XIX, fato que alarmou as autoridades e fez com que novas políticas surgissem para controlar o problema. As mulheres já não queriam ter tantos filhos, o que transformava sua sensibilidade, tornava as famílias menores fazendo com que as mães dispensassem maiores cuidados para as crianças.<sup>710</sup>

Entretanto a contraparte da “família modelo” que caracteriza os valores morais e religiosos da época, o século XIX também tem que lidar com mulheres de “sexualidades perigosas,” aquelas que estão na contramão da “madona e da musa”. Estas são as mulheres estigmatizadas: as prostitutas, as homossexuais, as travestis, as que abortam, as quais têm uma vida sexual “desordenada” e perturbam a ordem social por seu liberalismo exacerbado. Tais mulheres foram retratadas e immortalizadas por pintores, fotógrafos e intelectuais da época, sua liberdade e libertinagem eram um desafio para a moralidade exagerada do século XIX e, apesar de rejeitadas, representavam uma válvula de escape para o pensamento moralista da época.<sup>711</sup>

---

<sup>709</sup> Ibid., p. 357.

<sup>710</sup> Ibid., p. 375.

<sup>711</sup> “Ao longo do século XIX os reformadores da classe média puseram em curso uma prática médico-moral para estigmatizar a prostituta, a mãe que abortava, a travestida, as amigas apaixonadas, como ilícitas e perigosas. Esta mobilização serviu não só para isolar as mulheres que se desviavam da norma feminina como para especificar essa norma, para escorar, para aliviar uma ansiedade crescente perante o facto de que o erotismo tinha perdido as amarras e a sua identidade fixa na sexualidade reprodutora. Apesar dos seus esforços, esses «outros» femininos não estavam delimitados seguramente e separados da sociedade respeitável. Incorporavam e sobrepunham-se à feminilidade burguesa nas ruas comerciais do West End de Londres, onde as prostitutas se misturavam com as damas elegantes, na lógica malthusiana de uma matrona que aborta, na superioridade moral de reformadoras femininas que

Ao mesmo tempo em que temos estes dois retratos antagônicos da virtude da mulher, o século XIX também teve que lidar com a “mulher trabalhadora,” aquela que trilhou seu caminho nas mais diversas profissões. Isto se deu pois

A mulher trabalhadora ganhou no século XIX uma proeminência extraordinária. É evidente que ela existia já muito antes do advento do capitalismo industrial, ganhando o seu sustento como fiandeira, costureira, ourives, cervejeira, polidora de metais, fabricante de botões ou de rendas, ama, criada, de lavoura ou criada doméstica nas cidades e no campo da Europa e da América. Mas no século XIX ela foi observada, descrita e documentada com uma atenção sem precedentes, quando os seus contemporâneos debateram a conveniência, a moralidade e até a legalidade das suas actividades assalariadas. A mulher trabalhadora foi um produto da revolução industrial, não tanto porque a mecanização tenha criado para ela postos de trabalho onde antes não existiam (mesmo que esse foi seguramente o caso em algumas áreas), mas porque no decurso da mesma ela se tornou uma figura perturbadora e visível.<sup>712</sup>

Assim temos a mulher não só mantendo uma mão-de-obra ativa, competente e produtiva na sociedade, mas também levantando vários questionamentos dentro desta: “deve a mulher trabalhar por um salário? Qual o impacto do trabalho assalariado no corpo feminino e na sua capacidade de desempenhar as funções maternas e familiares? Que gênero de trabalho é adequado para uma mulher?”<sup>713</sup> Tais questionamentos, principalmente os que se referem à “divisão” da mulher entre o lar e o trabalho fora dele, se mantêm ao longo do século, pois o lar ainda era considerado o lugar ideal para a mulher, sua participação crescente na vida pública gerava inquietações, apesar de sua mão-de-obra atingir níveis de aproveitamento nunca vistos antes, a mulher ainda era restrita a serviços domésticos e não industriais.<sup>714</sup>

Entretanto as trabalhadoras na maioria moças jovens e solteiras, ainda tinham que se sujeitar a uma remuneração baixa, mesmo que trabalhassem longe de suas casas ou nestas, freqüentemente executando serviços com a agulha, além de cuidar da família, é claro. Além disso, por volta do final do século XIX, houve uma crescente

---

saíam à rua para salvar as prostitutas, na preferência de arrogantes solteironas pela companhia de membros do seu próprio sexo, e mesmo aceitação por parte da travestida de identidades feminina e masculina diferenciadas.” (WALKOWITZ, J. R. “Sexualidades perigosas”. In: FRAISSE & PERROT, op. cit., p. 438-439).

<sup>712</sup> SCOTT, J. “A mulher trabalhadora”. In: FRAISSE & PERROT, op. cit., p. 444.

<sup>713</sup> Ibid., p. 144.

<sup>714</sup> Ibid., p. 148.

demanda por “empregos de «colarinho branco»,” aqueles relacionados ao setor comercial e de serviços: repartições públicas, empresas e companhias de seguros que contratavam secretárias, datilógrafas e escriturarias. Os correios contratavam vendedoras de selos; telefonistas, vendedoras, enfermeiras e professoras. A mulher para executar tais serviços deveria ser solteira, ter menos de 25 anos e não ser casada, o que não impediu que houvesse uma “deslocação maciça do serviço doméstico (urbano e rural, da casa, artesanal, ou agrícola) para os empregos de colarinho branco”.<sup>715</sup>

Independente desta demanda de trabalho que atraiu as mulheres para fora de seus lares, a baixa remuneração é que as tornava alvo dos empregadores, além de que algumas áreas como a mineração, construção civil, mecânica ou naval, não permitiam sua contratação. A mulher ainda era relacionada a trabalhos manuais nas áreas: têxteis, confecção, calçado, tabaco, alimentação e marroquinaria,<sup>716</sup> fato que corroborava a distinção de “gênero” na distribuição de trabalhos e a apropriação da mulher para certos tipos de tarefas.<sup>717</sup> Isto nos mostra que o trabalho feminino e a condição em que este colocava a mulher na estrutura social era “efeito de um discurso masculino,” que tentava de várias formas impor à mulher um status inferior, secundário, e ainda subjugado à figura do homem, que ainda era visto como o único provedor e mantenedor da família. Como salienta Scott,

No discurso da divisão sexual do trabalho, oposições marcadas entre mulheres e trabalho, reprodução e produção, domesticidade e trabalho

---

<sup>715</sup> Ibid., p. 451-452.

<sup>716</sup> Ibid., p. 453.

<sup>717</sup> “A identificação do trabalho feminino com certo tipo de empregos e como mão-de-obra barata foi formalizada e institucionalizada de várias maneiras durante o século XIX, de tal modo que se tornou axiomática, uma questão de senso comum. Até aqueles que procuravam mudar o estatuto do trabalho feminino se viram na situação de ter de argumentar o que era tido como «factos» observáveis. Estes «factos» não existiam objectivamente, mas eram produzidos por histórias que sublinhavam os efeitos causais da separação entre lar e trabalho, por teorias de economistas políticos e por preferências de contratação dos empregadores que criavam uma força de trabalho claramente segregada pelo sexo. Os estudos de reformadores, médicos, legisladores e estatísticos tornavam efectivamente naturais os «factos», tal como o faziam as políticas da maioria dos sindicatos masculinos, que tomavam por adquirido o mais baixo valor produtivo das mulheres trabalhadoras. A publicação de legislação protectora para as mulheres, desde as primeiras leis fabris ao movimento internacional do final do século XIX, assumia (e assim assegurava) a idéia de que todas as mulheres eram inevitavelmente dependentes e que as assalariadas eram um grupo insólito e vulnerável, necessariamente limitado a certos tipos de empregos”. (Ibid., p. 454-455).

remunerado faziam da própria mulher trabalhadora um problema. Isto desviou a discussão de soluções das condições do seu trabalho, dos seus baixos salários, da falta de apoio social à criação dos filhos, que eram todos considerados sintomas da violação da diferença funcional «natural» entre homens e mulheres mais do que como causas da miséria das trabalhadoras assalariadas. Isso teve o efeito de estabelecer um único objectivo desejável: afastar as mulheres, tanto quanto possível, do trabalho assalariado permanente ou a tempo inteiro. Embora esta política raramente tivesse sido posta em prática, tornou difícil formular soluções práticas para as mulheres trabalhadoras, pois aceitava como natural e inevitável o facto de que as mulheres seriam sempre empregadas de segunda categoria, cujos corpos, capacidades produtivas e responsabilidades sociais as tornavam incapazes para o tipo de trabalho que lhes traria reconhecimento econômico e social como trabalhadoras plenas.<sup>718</sup>

Embora o século XIX apresente esta situação *paradoxal* para as mulheres, temos uma reviravolta e inversão de valores sociais ao longo de seu desenvolvimento.

As normas estabelecidas no seu início são normas colectivas que definem uma função social, a de esposa e mãe, que regulamentam os direitos da mulher em função dos seus deveres, e que designam finalmente as mulheres como um grupo social cujo papel e comportamento devem ser uniformizados, portanto idealizados. Ora esta representação totalizante desfaz-se progressivamente e as identidades femininas parecem multiplicar-se: a mãe, a trabalhadora, a celibatária, a emancipada, etc., são qualidades próprias de uma ou outra mulher, vividas frequentemente de maneira contraditória, submetidas a tensões que anunciam a vida das mulheres do século XX. Deste ponto de vista, a diversidade das formas da solidão feminina é exemplar dos jogos complexos do acaso, da necessidade e da livre escolha. [...] Com maior ou menor ingenuidade ou consciência, as mulheres recusaram a normalização de uma existência apresentada no entanto sob a forma de ideal; e mesmo quando acreditaram neste ideal e dele se procuraram aproximar, transformaram-no.<sup>719</sup>

Esta transformação consciente faz com que a mulher se re-aproprie de seu espaço e de sua condição como indivíduo na sociedade. É através de suas escolhas, dos papéis que quer desempenhar integralmente que consegue conduzir mudanças definitivas para sua condição e valorização como cidadã, não apenas como elemento reprodutor da espécie humana. Tanto a mulher quanto a sociedade reconhecem que há muito mais do que a “maternidade reprodutora” e a valorização do elemento feminino advém de tal reconhecimento, não importa que infortúnios teve que passar ou que forma de retaliação e punição teve que sofrer, a mulher no espaço público incomoda, e

<sup>718</sup> Ibid., p. 474.

<sup>719</sup> FRAISSE & PERROT, op. cit., p. 12-13.

muito, pois suas convicções são enraizadas em seu conhecimento profundo da vida e de seus mecanismos mais complexos. Sua condição em sociedade, conquistada a duras penas — cintos de castidade, fogueiras, estupros, pedras, guilhotinas, aprisionamentos, clausuras, entre outras — lhe trouxe o direito e o dever de agir como um indivíduo por inteiro. Sua função é mais do que dar à luz, também é oferecer a luz através de seus ensinamentos, vivências e aprendizados; é contribuir de forma concreta e objetiva para que a sociedade cresça como um todo, tanto em sua masculinidade quanto em sua feminilidade.

Entretanto tais transformações só foram possíveis, pois há muito tempo as mulheres as vêm construindo: na sua invisibilidade, no seu trabalho contínuo e dedicado à família — o principal núcleo da sociedade —, nos seus afazeres manuais e delicados, nas várias formas de submissão, nos trabalhos em grupos, nas conversas camufladas, na atuação na Igreja e, finalmente, na primeira vez em que saiu às ruas para reivindicar um direito que o Estado ou a Igreja haviam negado ou usurpado de seus filhos. Paradoxalmente ao restringir a mulher ao lar, aos filhos e à família, tanto a Igreja quanto o Estado estavam imputando a ela um poder enorme e inigualável. Já que a mulher se fortalece naqueles a que gera e cria, e vai se opor ferrenhamente àqueles que tentarem infligir punições a seus filhos e sua família. Os séculos se passaram, no lar a mulher se recolheu — ou foi recolhida —, se fortaleceu e criou mecanismos para se reintegrar novamente à sociedade, para readquirir os direitos e deveres que há muito tempo lhe haviam sido usurpados em nome de um poder que a tudo devia controlar.

Apesar de todas as limitações, a mulher continua trilhando sua trajetória para ocupar espaços cada vez mais restritos da sociedade, espaços que lhe permitam consolidar sua identidade e individualidade enquanto cidadã — da metalurgia ao lar — a mulher se envereda por profissões diversas, luta por seu espaço político e público sem que com isto se deixe esquecer de sua identidade, muito pelo contrário, ela a conquista e a exprime cada vez mais. A passagem do século XIX ao XX corrobora todas as contradições exercidas sobre a figura feminina, ao mesmo tempo em que possibilita que uma “Nova Mulher” nasça e faça com que o masculino também se



“redefina”.<sup>720</sup> A mulher “sai” da clausura do lar, dos afazeres domésticos, sai “moralmente dos papéis que lhes são atribuídos, [passa a ter] opinião, [passa] da submissão à independência”.<sup>721</sup>

Esta imagem ativa e transformadora da mulher é evidenciada por Carlos Bauer, em sua obra **Breve História da Mulher no Mundo Ocidental** (2001), que trata da trajetória pública e privada da mulher desde a sociedade feudal até o final do século XX. Bauer nos oferece um relato da importância do papel da mulher na sociedade, desmistificando o estereótipo da mulher passiva, relegada a trabalhos domésticos e à criação dos filhos. Imagem que há muito tem tentado “subtrair a participação feminina no passado da humanidade”.<sup>722</sup>

Bauer relata a

Situação de mulheres de diferentes classes sociais: nobres, burguesas, operárias e camponesas ou as que produziram uma experiência societária ainda mais localizada, as freiras, as bruxas, as militantes e ativistas revolucionárias, políticas ou sindicais, as intelectuais, as educadoras...etc. além de nos dizer que a situação da mulher não é estática na História e que se foram processando transformações nas mais variadas esferas da vida social (econômicas, políticas, religiosas, culturais etc.) nas quais as mulheres se notabilizaram como responsáveis diretamente por elas.<sup>723</sup>

Fatos que nos fazem compreender a função social da mulher e como esta se processou de forma imperceptível nos níveis mais profundos da vida em sociedade. Sabemos que a partir do final do século XVIII as transformações se fizeram sentir em termos de educação, de relações entre os sexos, de um relativo afrouxamento do controle religioso e do Estado. As mulheres puderam se colocar e atuar em nichos antes privilegiadamente masculinos, como a política, as artes, a escrita, etc. Novas condições de trabalho são adquiridas, novas formas de aprendizado formal se abrem para as mulheres. O saber deixa de ser confinado ao “saber-fazer,” passando ao conhecimento profundo de assuntos somente ensinados a homens. Entretanto as diferenças sociais continuam e mesmo à mulher de baixa renda — que continua trabalhando tão arduamente como antes — não são concedidos alguns direitos,

<sup>720</sup> Ibid., p. 500.

<sup>721</sup> PERROT, “Sair”. In: FRAISSE & PERROT, op. cit., p. 503.

<sup>722</sup> BAUER, op. cit., p. 7.

<sup>723</sup> Ibid., p. 11-12.

principalmente, a educação que lhe garanta uma condição financeira melhor, uma mobilidade social.<sup>724</sup>

Assim o século XX também com o advento da Primeira Guerra Mundial, faz com que a mulher continue lutando por direitos ainda não conquistados como: o do voto; pela infundável discussão sobre a incompatibilidade entre a maternidade e o trabalho; sobre o trabalho mal remunerado e todas as conseqüências que isto traz; sobre sua inserção efetiva em todas as áreas públicas. A mulher, vista por pensadoras como Alexandra Kollontai, na Rússia, Betty Friedan e Kate Millet, nos Estados Unidos ou Simone de Beauvoir, na França, discute avidamente “sobre o porque das causas da existência das mulheres na História, como o “outro,” como o segundo sexo no universo masculino”.<sup>725</sup> Fato que pode ser justificado se pensarmos que

As mulheres vêm sofrendo há muito tempo em secreto isolamento, separadas umas das outras, mãe e filha, irmã e amiga, numa cultura patriarcalmente definida. Fomos separadas em garotas boas e más, bonitas e feias, velhas e moças, casadas e solteiras, ricas e pobres, e assim por diante. Essas dualidades e opostos são sombreados pelo rumor constante de que, no escuro somos todos iguais, ou seja, de que todas temos vagina, embora não seja exatamente essa a palavra utilizada. Por muito tempo, as mulheres sofreram por causa dessa definição excludente, denegridora, negativa, numa vergonha separada e silenciosa. Quando, no fim dos anos 60, explodiu o rugido da ira feminina suprimida, rejeitada e negligenciada, as mulheres começaram a exprimir um pouco de sua raiva pessoal e de sua fúria divina, e começou a brotar, de uma cornucópia de auto-expressão feminina, arte, literatura, teatro, filosofia. As mulheres começaram a ler outras mulheres, a ouvir outras mulheres, a ver outras mulheres, a amar, a apreciar, a valorizar, alimentar outras mulheres, a se preocupar com outras mulheres. A Irmandade se reuniu.<sup>726</sup>

O século XX também é marcado pela intensificação de organizações e instituições mundiais, como a Organização das Nações Unidas (ONU), preocupadas em discutir os problemas relacionados à discriminação da mulher, fato que proporcionou “maior sensibilização de governos e extratos crescentes da sociedade ocidental para com as necessidades e problemas da mulher [...] No final do século XX, verificou-se que uma crescente consciência feminista havia-se estendido por todas as

<sup>724</sup> ARNAUD-DUC, N., op. cit., p.97.

<sup>725</sup> BAUER, op. cit., p. 107-108.

<sup>726</sup> KOLTUV, B. B. **A Tecelã: Ensaio sobre a psicologia feminina extraídos dos diários de uma analista junguiana**. São Paulo: Cultrix, 1992, p.55.

sociedades, inclusive entre as mulheres não-vinculadas a nenhum movimento, com o desejo de alcançar maior independência no âmbito político, profissional e pessoal”.<sup>727</sup>

Tais avanços nos permitem, então, considerar a situação da mulher neste início de século. Através de estudos como o do filósofo e professor Giles Lipovetzky, em **A Terceira Mulher** (2000), vemos uma reflexão sobre as transformações ocorridas em vários aspectos das vidas das mulheres — sexo, estética, casamento, trabalho, amor, por exemplo — e como em nossa era emerge uma “terceira mulher”<sup>728</sup> — aquela que precede a “Nova Mulher” nascida no final do século XIX. Na apresentação de seu livro, Lipovetzky nos coloca a seguinte questão: “Como não se interrogar sobre o novo lugar das mulheres e suas relações com os homens quando nosso meio século mudou mais a condição feminina do que todos os milênios anteriores?”<sup>729</sup> Daí a necessidade de se identificar uma mulher que possa adaptar-se a esta nova condição e às exigências que ela impõe em suas escolhas como indivíduo ativo dentro de uma sociedade em acelerada transformação.

Esta “terceira mulher” vem então para reconciliar o indivíduo em seus mais variados papéis e substratos sociais. É ela que permite a reintegração e, ao mesmo tempo, a ruptura de valores tradicionais que não mais se aplicam à condição feminina, tão pouco à masculina. O repensar e reorientar dos papéis desempenhados tanto por homens quanto por mulheres são a possibilidade para novas conquistas e desafios para ambos os sexos, sem que isto os transforme em meros reprodutores de normas e regras rígidas de controle, pois neste momento histórico,

---

<sup>727</sup> BAUER, op. cit., p. 109.

<sup>728</sup> “Nas sociedades ocidentais contemporâneas, instalou-se uma nova figura do feminino, instituindo uma ruptura muito importante na “história das mulheres” e exprimindo um último avanço democrático aplicado à condição social e identitária do feminino. Chamamos essa figura sócio-histórica de *a terceira mulher*. Pela primeira vez, o lugar do feminino não é mais preordenado, orquestrado de ponta a ponta pela ordem social e natural. O mundo fechado de antigamente foi substituído por um mundo aberto ou aleatório, estruturado por uma lógica de indeterminação social e livre governo individual, análoga em seu princípio à que organiza o universo masculino. Se há sentido em falar de revolução democrática a respeito da construção social dos gêneros, é, antes de tudo, por eles agora se encontrarem consagrados ao mesmo “destino”, marcado pelo poder de livre disposição de si e pela exigência de inventar a si próprio fora de qualquer imperatividade social. (LYPOVETSKY, G. **A Terceira Mulher: Permanência e Revolução do Feminino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 12).

<sup>729</sup> Ibid., p. 11.

As identidades sexuais mais se recompõem do que se desfazem, a economia da alteridade masculino/feminino não é de modo algum arruinada pela marcha da igualdade. O homem permanece prioritariamente associado aos papéis públicos e “instrumentais”, a mulher, aos papéis privados, estéticos e afetivos: longe de operar uma ruptura absoluta com o passado histórico, a modernidade trabalha em reciclá-lo continuamente. A época da mulher-sujeito conjuga descontinuidade e continuidade, determinismo e imprevisibilidade, igualdade e diferença: a terceira mulher conseguiu reconciliar a mulher radicalmente outra e a mulher sempre recomeçada.<sup>730</sup>

Há que se pensar neste “recomeçar” constante do feminino, pois a mulher ainda hoje, apesar de ser “sujeito” de sua História, continua a ser o cerne de considerações que envolvem seus papéis públicos e privados. A paridade de poder, de funções e responsabilidades com relação ao homem é bem mais definida e discutida, mas a mulher ainda é alvo de questionamentos sobre as vantagens da maternidade versus o trabalho bem sucedido; sobre a quantidade de empresas que permitem sua participação em cargos de chefia; sobre as diferenças salariais, que ainda a colocam em desvantagem com relação ao homem; sobre o fato de cumprir duas jornadas de trabalho para poder dar conta da profissão e da família; sobre as mulheres que ainda preferem, ou são obrigadas a optar pelo trabalho domiciliar e informal, para estarem mais próximas de suas famílias; e o problema que as mulheres de baixa renda, sozinhas ou casadas, enfrentam para se manterem economicamente.

Retrospectivamente podemos afirmar que os ganhos foram muitos para as mulheres. Saímos da condição de excluídas, invisíveis para uma esfera de conquistas e realizações sociais, políticas e culturais, mas não podemos nos esquecer das culturas que ainda se mantêm presas a dogmas sociais e religiosos rígidos que regem completamente a vida da mulher em sociedade. Nem todas podem exercer sua identidade e individualidade, nem todas podem usufruir os direitos e deveres como cidadãs livres, ainda.<sup>731</sup>

---

<sup>730</sup> Ibid., p. 15.

<sup>731</sup> De acordo com PERROT, “a autonomia das mulheres é em todo mundo, um desafio. Isso pode ser avaliado nos países em que se desenvolve o integrismo religioso. Iranianas, tibetanas, afeganas, argelinas, estão particularmente ameaçadas.” (PERROT, **Mulheres...**, op. cit., p. 154).

## 5.1 Hester Prynne e a Sociedade Puritana: O Emblema “Escarlate” da Luta pelo Poder

Considerar alguns aspectos da condição feminina nos séculos XVII, XVIII e XIX nos permitiu apresentar o cerne do dilema vivenciado por uma mulher “diferente” numa sociedade em que seus valores são primeiramente direcionados para enfatizar e manter a supremacia masculina, principalmente através de suas instituições políticas, sociais e religiosas. Problemática que nos leva à importância do tema da “sexualidade feminina” no romance **A Letra Escarlate** e como esta sexualidade está à mercê do poder vigente no contexto histórico em que a trama se desenrola.

Neste caso, temos o indivíduo, no século XVII, na sociedade puritana em que dogmas religiosos, políticos, sociais e culturais delimitavam e limitavam a vida das mulheres de forma autoritária e não condescendente. Tematicamente sabemos que o romance aborda a questão da dificuldade de se defender a identidade feminina em uma sociedade extremamente repressora; trata das rígidas regras que determinam o uso do corpo e da sexualidade da mulher; do papel dela em sociedade, tanto ao nível público quanto privado; lida com os preconceitos a que as mulheres estão sujeitas e da luta que uma mulher deve travar para não perder sua real identidade.

Assim esta re-leitura de **A Letra Escarlate** nos possibilita focar a “realidade social” através de um grupo imaginário, já que o texto literário representa uma época específica da História, o século XVII. O que nos permite analisar a construção da identidade pessoal e social do indivíduo, e enfatizar como se processa a interação social — sociedade-grupo-indivíduo.

Na sociedade de Salem, Hester é submetida a provas que não só colocam o indivíduo feminino em confronto consigo mesmo, mas com o que o poder quer de sua vida, aquilo que é subtraído e usurpado em nome da ordem e dos padrões de conduta que devem ser seguidos. O indivíduo não se vê somente numa armadilha externa, mas internamente ele deve lutar com todos os tipos de pensamentos, sentimentos e sensações que lhe ajudarão, ou não, a sair daquele “inferno”. Vê-se então a sociedade,

com todas as suas normas restritivas como uma extensão, ou reflexo, daquilo que o indivíduo sofre interiormente e vice-versa.

Neste caso a mulher é desprovida tanto de sua identidade quanto do domínio de seu corpo e sexualidade. Hester se transforma na “estranha adúltera,” a “letra A” ambulante e ofuscante, no “outro forasteiro” que vem para desestabilizar a ordem vigente e, ainda por cima, aviltar dogmas religiosos, cometendo adultério com o pastor puritano local. A análise anteriormente apresentada nos capítulos II, III e IV demonstra que “como todo mito, o compromisso [da personagem] não é com uma verdade objetiva, mas com categorias de pensamentos, formas socialmente definidas de experimentar o mundo”.<sup>732</sup>

Em seu “esforço inconsciente” para se livrar de um casamento, indesejado e imposto, com um homem muito mais velho, Hester concorda em sair da Inglaterra sozinha e se instalar numa terra distante e desconhecida. Sua “trajetória mítica” se inicia no momento da concordância com a idéia de “sair do lugar indesejado,” de aventurar-se no desconhecido para alcançar “auto-conhecimento” e, principalmente, “liberdade”. Entretanto para alcançar este fim Hester deveria ainda submeter-se a severas provações, internas e externas, até que conseguisse “sobreviver” e atingir um total “desprendimento” das circunstâncias que a cercavam.

Tal desprendimento é percebido quando Hester tem um momento de “rebeldia” e tenta escapar de Salem, aqui há uma segunda “quebra de padrões” em seu comportamento: a primeira ocorreu quando ela se envolveu sexualmente fora do casamento. A característica primordial de sua trajetória está no fato de que depois da morte do Pastor Dimmesdale, Hester “livra-se de sua condenação,” sai de Salem, vive em outras terras com sua filha Pearl, e depois de algum tempo, retorna para Salem, para sua casa, para a roupa com a letra escarlate e se integra à sociedade como uma pessoa que presta ajuda e conselho aos que precisam.

Neste retorno vemos dois movimentos antagônicos: primeiro, Hester “volta” por livre e espontânea vontade, é claro, para o lugar onde só encontrou preconceito e

---

<sup>732</sup> VIVEIROS de CASTRO & ARAÚJO, “Romeu e Julieta e a origem do estado”. In: VELHO, G. *Arte e Sociedade – ensaios de sociologia da arte*. Rio: Zahar, 1977, p. 142.

sofrimento; segundo, Hester “assume e veste novamente” a identidade da letra escarlate, do papel da estranha adúltera e vive em conformidade com isto até morrer e ser enterrada ao lado de Dimmesdale.<sup>733</sup> Objetivamente o que apreendemos desta atitude da heroína é que, por um lado, ela atinge um estado de auto-conhecimento, realização e liberdade e que, por outro, aceita a sua alteridade e, ao mesmo tempo, sua definitiva integração na sociedade de Salem. Não queremos dizer que esta fosse a única saída para uma mulher no século XVII, mas que este talvez seja um reflexo de como uma mulher, mesmo naquela época, pudesse usar de seu livre arbítrio e tomar a decisão que melhor considerasse para a sua vida, mesmo que esta fosse uma simples aceitação de seu “destino” ou a devoção a um amor.

Esta realização da liberdade é possível, porque:

Las relaciones de poder son por tanto móviles, reversibles, inestables. Y es preciso subrayar que no pueden existir relaciones de poder más que en la medida en que los sujetos son libres. Si uno de los dos estuviese completamente a disposición del otro y se convirtiese en una cosa suya, en un objeto sobre el que se puede ejercer una violencia infinita e ilimitada, no existirían relaciones de poder. Es necesario pues, para que se ejerza una relación de poder, que exista al menos un cierto tipo de libertad por parte de las dos partes.<sup>734</sup>

E tal “liberdade” pode ser relacionada à maneira como Hester atuou em Salem depois de sua condenação. Como manteve sua vida e a de Pearl de acordo com normas próprias de conduta e relacionamentos sociais. Entretanto sabemos que o dilema causado pela luta entre poder e sexualidade e o significado das violações a que a Hester é submetida podem ser corroborados pelo fato de que o sexo e o corpo desta

---

<sup>733</sup> “C.G. Jung [...] enfatizou as crises da segunda metade [do ciclo de vida humano] — quando, para evoluir, essa esfera brilhante deve submeter-se a descer e desaparecer, finalmente, no útero noturno do túmulo. Os símbolos normais dos nossos desejos e temores transformam-se, nesse entardecer da vida, em seus opostos; pois, nesse ponto, já não é a vida, mas a morte, que constitui o desafio. Portanto, não é difícil deixar o útero; a dificuldade reside em deixar o falo — a não ser, é verdade, que o amargor da vida já tenha tomado posse do coração, situação na qual a morte atrai como a promessa de bênção que era antes representada pelo encantamento amoroso. Percorremos um círculo completo, do túmulo do útero ao útero do túmulo: uma ambígua e enigmática incursão num mundo de matéria sólida prestes a se diluir para nós, tal como ocorre com a substância do sonho. E, rememorando aquilo que prometia ser nossa aventura — ímpar, imprevisível e perigosa —, tudo o que encontramos, no fim, é a série de metamorfoses padronizadas pelas quais homens e mulheres, em todas as partes do mundo, em todos os séculos de que temos notícia e sob todas as aparências assumidas pelas civilizações, têm passado.” (CAMPBELL, **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2003, p. 22-23).

<sup>734</sup> FOUCAULT, M. (b), **Hermenéutica del Sujeto**. Madri: Ediciones de la Piqueta, 19\_\_ , p. 126.

mulher era submetido a normas, tais como: “não te aproximes, não toques, não consumas, não tenhas prazer, não fales, não apareças; em última instância não existirás, a não ser na sombra e no segredo [...] Renuncia a ti mesmo sob pena de seres suprimido; não apareças se não quiseres desaparecer. Tua existência só será mantida à custa de tua anulação”.<sup>735</sup>

Contudo, “anulação” é o que menos ocorre na trajetória de Hester, o que ela busca e encontra é resistência, tenacidade e coragem de sobrevivência, não importando o que sofra. Sua trajetória é marcada por: “fuga” (Hester sai de sua casa em busca de algo melhor), “cicatrizes” (a “letra A”), “quedas” (aprisionamento), “sedução” (o envolvimento sexual com o pastor, que era representante do poder religioso local), “elementos repressores” e “opressores” (as doutrinas religiosas e as leis político-sociais puritanas), “paralisia física e emocional” (Hester é pega, incorpora as funções que lhes são atribuídas e se deixa dominar/doutrinar, pelo menos, aparentemente), “segredos castradores de liberdade” (Hester guarda o segredo da paternidade de Pearl, como forma de proteger Dimmesdale de um escândalo e mantém o segredo de Chillingworth). Em contraposição esta mulher é orientada pela “obstinação;” não se rende facilmente às provações por piores que sejam. Daí a “liberdade” incondicional que consegue manter, apesar dos infortúnios.

Esta análise da trajetória de Hester nos leva a um terceiro ponto: a história contida no romance também nos possibilita fazer uma análise de como o indivíduo tinha sua vida delimitada pelos fatores, sociais, políticos e culturais, dominantes da sociedade específica que descreve. Este quadro se torna mais claro ainda se considerarmos que a “distância social intransponível”<sup>736</sup> que sempre determinou o relacionamento de submissão ou poder entre os indivíduos de uma sociedade marcou principalmente o relacionamento homem-mulher e o lugar que as mulheres ocupariam dentro da sociedade.

<sup>735</sup> \_\_\_\_\_ (a). “O Dispositivo da Sexualidade,” In: \_\_\_\_\_. **História da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1990, Cap. 1, v. 1, 1990, p.81.

<sup>736</sup> DUARTE, L. F. D. e GIUMBELLI, E. A. “As concepções cristã e moderna da pessoa, os paradoxos de uma continuidade”. **Anuário Antropológico/93**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995, p. 80.



A manutenção de tal distanciamento está vinculada à necessidade de controlar e de expor um “estilo de dominação estudadamente autocontrolada e benevolente”<sup>737</sup> que colocaria o indivíduo dentro de uma esfera de vigilância constante. No que diz respeito às mulheres — não menosprezando a idéia de que homens também estão sujeitos a tais circunstâncias de controle — tal dominação teve como objetivo principal o controle do uso do corpo e conseqüentemente sua sexualidade — numa época em que a mulher era considerada no mesmo nível das crianças e escravos<sup>738</sup> — sua função era de se manter dentro de um casamento e procriar com boa qualidade, fato que também delimitava sua mobilidade e expressão dentro da sociedade.

A questão do domínio sobre o corpo feminino estava além da sua ligação ao código de conduta sexual e autocontrole. Este domínio ia além do quarto e da casa, e refletia-se na sociedade e na forma como uma suposta “ordem” deveria ser mantida. A administração e o direcionamento do corpo e do comportamento de indivíduos comuns refletia o domínio das classes dirigentes sobre todos os outros aspectos e condições da vida em sociedade.

Em termos religiosos, “corpo,” “sexo” e “pecado” formam uma tríade simbólica da relação “indivíduo” — “sociedade” — “Ser Supremo” que remetem o sujeito a uma condição de submissão aos desígnios de seus pares e de uma ordem “superior”. “Ao pecar, o homem deixa de ser uma criatura da natureza e constitui, pela sua própria rebeldia [...] um ser que vive numa dada época e se define pelo conjunto de suas experiências vivenciadas. Paradoxalmente é enquanto pura negatividade e enquanto figura trágica que o homem se torna o sujeito da História sagrada”<sup>739</sup>.

O corpo representa então um núcleo de forças contrastantes e conflitantes e a fragilidade do indivíduo — independente de sexo, níveis de cultura e posição social — que luta ao mesmo tempo com a urgência dos sentidos e prazeres que incitam seu corpo terreno e com a necessidade de ter tais sensações e atos perdoados por uma ordem transcendente e superior. Assim, temos as díades — “corpo-alma” —

---

<sup>737</sup> Ibid., p. 80.

<sup>738</sup> Ibid., p. 80.

<sup>739</sup> Ibid., p. 85.

“indivíduo-natureza” – “indivíduo-sociedade” — que se confrontam e lutam entre si para manter uma condição de ordem.

Se considerarmos que a vida do indivíduo estaria também pautada pela tríade “vontade, verdade e interioridade,”<sup>740</sup> esta busca por uma aceitação e adequação, tanto terrena (dentro da sociedade) quanto espiritual e transcendente, resume os mecanismos que o indivíduo desenvolve para: tornar sua “vontade” em realidade; experimentar sua “verdade” e certificar-se de sua “interioridade”. O indivíduo passa a ser o objeto de si mesmo (mundo interior) e dos outros (mundo exterior). Mas há também um conflito em relação aos papéis estabelecidos pela sociedade: primeiro, o dirigente, ao mesmo tempo em que retém o poder, o faz por temer não poder exercê-lo plenamente, daí a necessidade do controle abusivo; segundo, o subalterno, mantém o domínio sobre si mesmo (seu mundo interior) enquanto corrobora a autoridade e o domínio (externo) do outro, apesar de ser controlado e subjugado em todos os sentidos.

No romance, Hester sofre severas condenações: é condenada a renunciar sua sexualidade, expô-la em praça pública e a identificá-la permanentemente em seu próprio corpo através da “letra A” escarlate, a isolar-se com a filha como se fossem elementos malditos e corruptíveis dentro da sociedade. Tais condenações fazem com que Hester se torne primeiro uma “função” que lhe garanta a sobrevivência: Hester torna-se costureira e bordadeira para a classe dominante da cidade.

Ao mesmo tempo, esta sobrevivência física/externa só era possível através da sobrevivência espiritual/interior: Hester tinha uma vida aparte de toda a comunidade. Mãe e filha completavam-se e refletiam uma a existência da outra. A existência deste mundo aparte fica explícita quando Hester encontra-se com Dimmesdale na floresta e fala de seu plano de fuga. Sabemos então que a “liberdade interior” se manteve plena, não subjugada.

Podemos assim relembrar um dos mecanismos pelos quais este mundo interior é fortemente preservado:

[A Mulher Selvagem] abre canais através das mulheres. Se elas estiverem reprimidas, ela luta para erguê-las. Se elas forem livres, ela é livre.

---

<sup>740</sup> Ibid., p. 95.

Felizmente, por mais que seja humilhada, ela sempre volta à posição natural. Por mais que seja proibida, silenciada, podada, enfraquecida, torturada, rotulada de perigosa, louca, e de outros depreciativos, ela volta à superfície nas mulheres, de tal forma que a mulher mais tranqüila, mais contida, guarda um canto secreto para a Mulher Selvagem. Mesmo a mulher mais reprimida tem uma vida secreta, com pensamentos ocultos que são exuberantes e selvagens, ou seja, naturais. Mesmo a mulher presa com a máxima segurança reserva um lugar para o seu *self* selvagem, pois ela intuitivamente sabe que um dia haverá uma saída, uma abertura, uma oportunidade, e ela poderá escapar.<sup>741</sup>

Este comportamento ou tática de sobrevivência pode ser explicado, pois apesar da sociedade e forma de poder que rege sua vida pregar a “anulação” do outro, a descaracterização do indivíduo enquanto ser pensante e agente da própria existência, Hester lança mão de tipos de “resistências” para lidar com sua realidade: “possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício; [que,] por definição, não podem existir a não ser no campo estratégico das relações de poder”.<sup>742</sup>

Assim tais resistências formam uma rede de tensão e atrito entre estas duas forças que são o indivíduo e a sociedade, a sexualidade e o poder. Um tentando resistir ao outro e moldá-lo como forma de auto-preservação e auto dominação. Tanto o indivíduo quanto a sociedade em que está inserido, o poder que direciona seus passos, estão subjugados a um enfrentamento/distanciamento contínuo, a um duelo de forças opostas que os mantém altamente alertas e determinados a resistir para manterem suas existências intactas e preservadas.

Tal preservação só é atingível se o indivíduo mantiver, como forma de autocontrole, a sua identidade. Caso esta também seja moldada ou anulada, nada mais restará senão entregar-se. Este enfrentamento constante se dá, pois “as correlações de poder [...] não podem existir senão em função de uma multiplicidade de pontos de resistência que representam, nas relações de poder, o papel do adversário, de alvo, de

---

<sup>741</sup> ESTÉS, C. P. **Mulheres Que Correm Com os Lobos: Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 12. ed., 1999, p. 23-24.

<sup>742</sup> FOUCAULT (a), op cit., p. 91.

apoio, de saliência que permite a apreensão. Esses pontos de resistência estão presentes em toda a rede de poder”.<sup>743</sup>

No caso de Hester, ser “alvo” significa reforçar tanto seu papel/funções quanto espelhar as inseguranças e faltas da própria sociedade em que vivia, de seus “adversários”. As “correlações de poder,” neste caso, demonstram o fator desestabilizador representado pela alteridade da personagem nas relações: homem (poder)/mulher (ser subjugado) — homem (pertencente à classe dominante)/mulher (forasteira) — homem (aquele que estabelece regras)/mulher (aquela que acata) — homem (controlador do sexo)/mulher (sexo controlado), temos assim a mulher como o *outro* dentro de um esquema rígido de normas e leis.

A necessidade de se “controlar” sua conduta nada mais é do que “refrear” e tentar “encobrir/camuflar” as faltas da sociedade em que estão inseridas. O “outro,” aqui nada mais é do que uma presa que reflete e revela, em sua conduta abominável, a conduta e o estado de ser da sociedade. O ato de adultério, por conseguinte, torna-se o símbolo daquilo que a sociedade puritana mais quer esconder, seus falsos pudores e dogmas exagerados. Desta forma, controlar cada ação da mulher significa controlar cada ação da sociedade; não deixar que ela ultrapasse limites para que, aparentemente, tudo esteja ordenadamente em seu lugar.

A sexualidade da mulher, por ser instintiva e natural, torna-se um elemento perigoso e suspeito que precisa ser controlado e coibido para que não extrapole os limites político-sociais, morais e religiosos da sociedade. A situação que aniquila a mulher enquanto indivíduo, explica-se pelo fato de que,

As condições culturais mais destrutivas para [...] a vida de uma mulher são aquelas que insistem em obediência sem consulta à própria alma, aquelas sem [...] rituais de absolvição, aquelas que forçam a mulher a escolher entre a alma e a sociedade, aquelas nas quais a compaixão é segregada pelas classes econômicas ou por sistemas de castas, em que o corpo é visto como algo que precisa ser “purificado” ou como um santuário a ser regulamentado por decreto, nas quais o novo, o incomum ou o diferente não geram prazer, nas quais a curiosidade e a criatividade são punidas e censuradas em vez de recompensadas apenas quando não se é mulher, nas quais são perpetrados

---

<sup>743</sup> Ibid., p. 91.

contra o corpo atos dolorosos que são chamados sagrados, ou nas quais a mulher é castigada injustamente.<sup>744</sup>

Entretanto o ser natural e verdadeiramente livre nunca se deixará dominar ou anular por quaisquer situações. A heroína de que tratamos, embora tenha sido contextualizada numa era de extrema repressão e opressão para as mulheres, consegue retratar, em sua época e trajetória mítica, o que nos mantém a todos em nossas vidas, a luta pela sobrevivência não só de nossos corpos, mas de um espírito livre, natural e instintivo que deveria caracterizar todos os seres humanos.

Tais considerações abarcam a essência de nosso trabalho e aquilo que almejamos conseguir através dele. Falar sobre a mulher em diversas épocas de nossa História, analisar seu universo e como ele se compõe nos possibilita redirecionar e enfatizar a necessidade que nós mulheres temos de nos colocar além das premissas cotidianas e rotineiras de nossas vidas. Lidar com o conteúdo desta narrativa literária nos permite ultrapassar a barreira do usual e daquilo que pensamos ser nossos limites mais restritos. Significa ir além de barreiras concretas e subjetivas para escrutinar o que está além da narrativa histórica sobre mulheres; sobre o discurso que ainda teima em construí-las e caracterizá-las para que se moldem a dogmas culturais.

Trazer a tona alguns aspectos que compõem a História das mulheres nos séculos XVII, XVIII e XIX, bem como em nossa era, nos faz perceber quanto ainda temos que apreender, refletir e concretizar para que esta História deixe de ser tão predisposta a valorizar o masculino em detrimento do aspecto “feminino” que aqui enfatizamos. Significa não deixarmos de olhar para nosso passado, aprender lições valiosas com aqueles que nos antecederam e lutar para que as diferenças de direitos e deveres entre os indivíduos que formam uma sociedade se tornem cada vez mais ínfimos, diminutos.

---

<sup>744</sup> ESTÉS, op. cit., p. 222.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Quando você estiver em acordo com a natureza, ela lhe dará suas dádivas. E todo lugar sagrado é o lugar onde a eternidade brilha ao longo do tempo.*

*Joseph Campbell*<sup>745</sup>

Em nosso estudo, nos propusemos “fazer uma releitura do romance **A Letra Escarlate** para construir uma visão da condição e da identidade feminina na era puritana do século XVII. E a partir desta releitura analisar a História das mulheres nos séculos XVIII e XIX para que pudéssemos estabelecer relações entre tal História e a condição e identidade feminina na sociedade contemporânea ocidental”.

Assim, ao demonstrar como a análise de uma narrativa literária pode ilustrar o processo de construção da identidade individual e social de uma mulher, também, poderíamos evidenciar como a condição feminina em sociedade se caracteriza mediante aspectos sócio-políticos, religiosos e culturais. Além disso, nosso propósito foi chamar a atenção do leitor para a importância do desenvolvimento histórico da condição feminina em sociedade, desde o século XVII até a atualidade, e as implicações que cada período traz para a análise do processo de formação da identidade feminina.

Verificamos que o processo de formação da identidade feminina em sociedade ocorre através da interligação de dois processos, a princípio distintos, mas que transcorrem de forma simultânea, pois se desenvolvem no meio em que as relações humanas se estabelecem. Em primeiro lugar, vimos que a “trajetória mítica” é um processo singular de amadurecimento e aprendizagem que o indivíduo experimenta em sua vida interior, mas que é também a manifestação daquilo que ocorre em seu meio exterior. Daí o ponto de ligação que tem com o processo social de estigmatização aqui estudado. Assim partindo do “esquema de relação” apresentado a seguir:

---

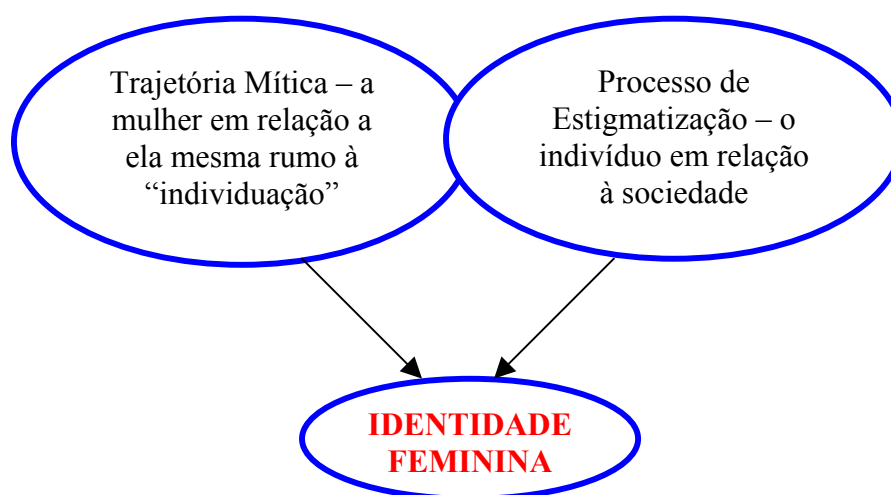
<sup>745</sup> CAMPBELL, Joseph. **A Jornada do Herói: Joseph Campbell Vida e Obra**. São Paulo: Ágora, 2003, p. 40.

## GRÁFICO XVIII

### Esquema de Relação

Relação entre a Trajetória Mítica e o Processo de Estigmatização

A Construção da Identidade Feminina Individual e Social



E tomando o exemplo de Hester Prynne, observamos que o indivíduo, por conta de fatores inconscientes, segue um determinado caminho em sua vida. Caminho que aparentemente lhe traz infortúnio, mas que na verdade lhe coloca em contato com conteúdos de sua psique, que lhe farão reestruturar sua vida interior e exterior. Contudo para que tais conteúdos sejam ativados ou venham à tona, é preciso que o indivíduo percorra uma trajetória desconhecida, que realize uma “descida” simbólica até as profundezas de seu ser, da “floresta escura” de sua mente inconsciente. Configurando assim uma “iniciação,” a partir do momento que Hester é enviada para Salem por seu marido Roger Chillingworth.

Tal fato corrobora a utilização do “mito do herói” teorizado por Joseph Campbell, pois este nos possibilitou observarmos que os vários passos da “trajetória mítica” de Hester a levaram a um conhecimento profundo de sua própria natureza, bem como da natureza daqueles que a cercavam. Esta trajetória individual é paralelamente conduzida por elementos externos e o principal destes é a “letra A” que

deve usar em seu peito, pois esta, ao mesmo tempo em que é um “símbolo” imbuído de significados profundos, é principalmente um “símbolo de estigma,” que revoluciona a interação social que Hester enfrenta a partir de sua saída da prisão.

Desta forma, por um lado temos a trajetória mítica, espiritual, interior, individual acompanhada por todos os elementos externos de sua punição. A construção de ambos os aspectos, pessoal e social, se dá consecutivamente e paralelamente sem que o indivíduo se aperceba disso. A “letra A,” ao modificar a percepção que Hester tem de si mesma e de sua realidade, também modifica a percepção que seus companheiros têm dela e da criança que carrega. Tal símbolo, repele e atrai num contínuo que faz com que a interação social agora estabelecida siga regras conscientes e inconscientes de conduta, percepção e avaliação. Hester se torna a figura central de um drama que não é só seu, um drama que reflete o que há de pior na sociedade puritana ou em qualquer outra sociedade.

Sua sina é a sina de todos que ousem não seguir regras determinadas pelo meio em que vive, que ousem seguir sua intuição ou instintos mais latentes, que ousem amar livremente ou simplesmente valorizar sua liberdade. Hester se torna o símbolo daquilo que é proibido, do que não é mencionado ou dito em voz alta. Sua punição extrema, a morte em vida a que é condenada por sete longos anos, reflete a castração, a auto-punição a que determinadas sociedades se auto-infligem para que a ordem seja estabelecida e respeitada.

A mulher então se torna o “bode expiatório” dentro de um esquema de punição e reconhecimento. Reconhecimento, pois aqueles que seguem as regras sociais, políticas e religiosas com afínco são “recompensados,” são reconhecidos pela Igreja, pelo Estado, são membros efetivos da comunidade. Mas os “outros,” os diferentes, forasteiros, transgressores são punidos, pois a ordem não pode ser subvertida, deve ser mantida a todo custo. Hester se torna um exemplo do que não pode ser seguido, copiado, embora muitos tenham demonstrado um certo grau de identificação para com a “letra A”. Como vimos, na sociedade puritana a mulher é quase que inexistente, seu papel está ligado exclusivamente ao lar, aos filhos, à igreja. Sua voz jamais é ouvida. Podemos nos lembrar de que as mulheres no romance só são ouvidas em praça



pública, no dia da exposição de Hester no pelourinho ou quando Mistress Hibbins faz um de seus comentários estapafúrdios, no papel de bruxa.

O aspecto pessoal e social da trajetória de Hester vai se moldando ao modo como sua punição é colocada em prática. Sua vida pessoal, com a pequena Pearl, com o segredo que guarda, tanto de Dimmesdale quanto de Chillingworth, se desenvolve através de seu trabalho comunitário, de seu bordado e de sua costura, e do “salvo-conduto” que a “letra A” representa. Paradoxalmente este estigma se transforma na “passagem de entrada” para a intimidade dos moradores de Salem, para seus problemas mais profundos e para a “morte” destes, pois Hester não só costura suas mortalhas, ela também lhes dá consolo na hora final.

Este trabalho teve como um de seus objetivos “resgatar a história do feminino para tratarmos do tema da condição e identidade da mulher em sociedade”. A importância que se evidenciou com tal resgate está ligada à necessidade que tínhamos de contextualizar historicamente um conceito que hoje se faz quase que ausente em algumas áreas do pensamento humano contemporâneo. Esta ausência está fundamentalmente alicerçada no tipo de sociedade em que ainda nos encontramos, a sociedade patriarcal. O “feminino” e tudo a que diz respeito foi sendo relegado, ao longo da história humana, ao esquecimento, ao desrespeito, incredulidade e obscurecimento, pois trata de áreas delicadas e ameaçadoras para uma sociedade regida por valores masculinos, racionais e, mais do que tudo, economicamente dirigidos.

O resgate do conceito “feminino” então nos faz compreender a necessidade urgente que temos de recuperar valores ancestrais e reorganizá-los de forma que legitimem e tragam unidade interior ao indivíduo, para que este possa agir ao nível pessoal e social e também seja capaz de atravessar o limiar em que nos encontramos. Limiar que é configurado por uma profunda mudança de paradigmas, de conceitos que diminuem e desqualificam homens e mulheres em suas condições de indivíduos sociais, membros ativos em suas comunidades.

Outro fator relevante de nosso trabalho foi escolher **A Letra Escarlate** para exemplificar como se faz urgente este resgate e revalorização do aspecto humano de

nossas existências. Esta narrativa nos possibilitou “verificar como sua riquíssima temática simbólica implica na construção da identidade social da mulher e em seu processo de individuação”. Fato que nos auxiliou mostrar como o indivíduo interage consigo mesmo, assim como socialmente. Através da “teoria do mito” elaborada por Joseph Campbell, pudemos analisar como ocorre a “trajetória mítica” de uma mulher presa às malhas de uma comunidade puritana, patriarcal, e quais os efeitos que esta relação — indivíduo-sociedade — traz para a construção de sua identidade pessoal e social e da sua condição como mulher dentro de tal contexto.

Esta relação também foi corroborada pela análise da “estrutura profunda da narrativa,” que nos permitiu verificar “como a temática simbólica utilizada por Hawthorne denota a construção do “feminino” na sociedade puritana do século XVII. A análise dos vários elementos simbólicos nos auxiliou escrutinar os mecanismos e significados profundos que emanam e como estes representam uma linguagem que vai além da estrutura superficial, além daquilo que a realidade aparente e objetiva nos incita perceber. Através do estudo simbólico do romance pudemos ir além daquilo que nossos sentidos nos fazem perceber objetiva e concretamente, nos permitindo assim, redimensionar a “trajetória mítica” magnificamente teorizada por Campbell, para que o leitor pudesse conferir passo a passo como tal trajetória se compõe e que elementos a tornam intrinsecamente “mítica,” profunda, iluminada e plena de significados inconscientes àquele que a vivencia.

A mulher neste caso se faz configurar como a “fazedora,” tecelã de sua própria iniciação nos labirintos de seu inconsciente profundo. A mulher se torna não só o cálice receptor de vida, de transformação, mas é a portadora do conhecimento inato à sua psique e ao universo que a gerou. O ciclo de transformações por que passa Hester é o mesmo pelo qual todos nós passamos em nossas vidas cotidianas, num constante espiralar que vai tecendo os meandros daquilo que fomos, somos e seremos. Daquilo que aprendemos a cada instante. Do crescimento profundo que implica os encontros com “Dimmesdales,” “Pérolas” e “Chilligworths,” ou até mesmo com “Homens Negros,” que desafiam todo o conhecimento que pensamos ter sobre nós mesmos e nossas vidas.

Desta forma, ao lidarmos com “os níveis e tipos de relacionamentos estabelecidos por Hester tanto individual quanto socialmente” pudemos averiguar como o indivíduo é levado a uma “trajetória mítica inconsciente” e como tal trajetória vai se construindo e determinando as várias reações e ações que o indivíduo e o grupo em que está inserido têm. Através do símbolo da “letra A” e seus vários significados observamos como Hester foi socialmente inserida numa categoria estigmatizante, na qual pôde vivenciar sua condição de mulher, forasteira, adúltera, impura. Qualidades que não só determinaram a interação social que teve com a comunidade de Salem, mas também a interação com si mesma, com sua individualidade.

Como pudemos perceber, esta individualidade se manteve “num círculo de proteção,” incorruptível, inviolável. Hester nos mostra como conseguiu lidar com toda forma de estigmatização sofrida por ela e por Pearl, sem que sua essência, seu lado feminino profundo fosse abalado. O trabalho esmerado, o cuidado com a filha, a fidelidade para com Dimmesdale, sua dedicação comunitária comprovam isto, sem mencionar o relacionamento com Chillingworth, o aspecto negro de sua existência, que não a faz arrefecer em seus propósitos e valores.

Podemos nos perguntar: “Hester é uma heroína contemporânea?” Talvez a resposta seja positiva, pois como vimos no breve relato da História das mulheres entre os séculos XVII e XIX, bem como de nossa era, há inúmeras mulheres cujas lutas foram travadas para manter a integridade do “feminino,” não importa o que sofreram para isto. Aquelas que morreram, foram torturadas, queimadas, assassinadas, não passaram por tais sofrimentos em vão, muito pelo contrário, são os exemplos históricos de uma luta que ainda não teve o seu fim, talvez um dia tenha. Entretanto o espírito e a convicção de tais mulheres “paradoxais” espelha aquilo que nos há de mais caro, nossa essência e integridade como seres humanos.

As mulheres sempre lutaram e continuarão lutando por causas que tentam diminuir ou minimizar a degradação que ainda sofremos em nossas culturas. A mulher, por ser portadora de uma natureza profunda e instintiva, continuará batalhando por um mundo mais coeso, equilibrado e sadio. A vida se assemelha ao que é saudável,

robusto e “numinoso”. Portanto, a luta de Hester é contemporânea, como o foram as lutas daquelas que a antecederam e precederam.

Assim pudemos observar com nossa pesquisa, que a História das mulheres nos indica que a condição feminina e sua identidade se desenvolveram de acordo com o papel imposto pelo contexto dominante no qual foi e está inserida. Mais do que isto, a História das mulheres nos faz refletir sobre como podemos ainda tentar melhorar um quadro que há muito foi pintado. E suas cores não são das mais belas. O vermelho escarlate da “letra A,” tão poeticamente descrito por Hawthorne, nos faz pensar não só em seu significado como a cor da vida, o vermelho do sangue que nos mantém, mas no vermelho do sangue derramado durante os vários séculos de dominação masculina. Vermelho que tingiu e ainda o faz o solo e os corpos de várias nações, povos e indivíduos.

A “letra A” então mais do que um símbolo de estigma, que não deve ser esquecido simboliza tudo aquilo que mulheres, homens e crianças sofreram, sofrem e ainda sofrerão por conta da barbárie imputada em nome do poder. Poder este que não constrói, mas mantém o “feminino” encarcerado, mutilado, escondido e contido por “burcas,” véus, máscaras, maquiagens, roupas e vários outros acessórios e estratégias, visíveis ou não, que fazem do indivíduo, principalmente a mulher, um objeto a ser manipulado, maltratado por dogmas culturais, intransigentes para com sua condição de indivíduo social.

Sabemos que o século XXI encontra as mulheres com muitos direitos reconhecidos, com muitos deveres estabelecidos. Entretanto verificamos através da História destas mulheres que as divisões de classes e seus respectivos “direitos” ainda continuam nos mesmos patamares. Hoje somos maioria em muitos setores da sociedade: nas universidades, em profissões ainda tidas como femininas, mesmo na “chefia” da família — que tira o papel de provedor da exclusividade masculina. Fato que é enfatizado por Muraro.

Agora que as mulheres são 50% da força de trabalho e que, portanto, não há mais a divisão entre o mundo público e o privado que caracterizou o patriarcado, pode-se dizer que, tecnicamente, ao menos, já entramos numa **Era Pós-Patriarcal**. Fecha-se, pois, [...] um período de, ao menos, oito mil

anos. E, como afirmamos, essa é a revolução mais silenciosa e mais profunda deste período histórico.<sup>746</sup>

Seja na atualidade de ONGs,<sup>747</sup> de entidades filantrópicas ou instituições de apoio aos desprivilegiados, aos “outros” excluídos da sociedade, a mulher de hoje, globalmente falando, continua sua luta contra a opressão, repressão, tirania, abusos infundáveis de vários tipos, que colocam não só mulheres, mas homens e crianças, à mercê de um poder que se torna ultrajante a cada dia. O século XXI tem que lidar, mais do que nunca, com a degradação moral e física em nossas sociedades, ocidentais, ou não. Ainda tem que lidar com a degradação de nosso meio ambiente, daquilo que ainda preserva e nos dá condições de vida.

Entretanto a mulher de baixa renda ainda continua no subemprego, no mau trato diário por causa da pobreza que a família enfrenta, na falta de escolaridade, de oportunidades de trabalho e de cidadania. As mulheres ainda enfrentam a violência doméstica — que no Brasil atinge níveis alarmantes —, discriminação por gênero no trabalho,<sup>748</sup> cor, idade, aparência, status social e civil, e tudo o que isto implica. As mulheres, apesar de estarem mais atuantes política e socialmente ainda não conseguiram o reconhecimento pleno de sua capacidade intelectual e de liderança, como atesta no Brasil o número de mulheres inseridas na política e em cargos de confiança. Isso sem falar no mundo, em que poucas chegaram a cargos de presidência, ministérios e outros níveis hierárquicos mais altos.<sup>749</sup>

Desta forma perguntamos: o que há para comemoramos neste início de século? O que há para realizarmos e como? Já realizamos e conquistamos muito em certos setores da sociedade, aí podemos comemorar e muito. Mas em outros ainda estamos muito aquém do que possa ser considerado como realização e conquista. Muitas mulheres ainda vivem no obscurecimento de lares, de comunidades, de países que ainda as tornam “objetos,” seja de “decoreção” ou de “escravidão;” mercadorias, das quais se dispõe da forma como se aprouver. Mulheres ainda sofrem as mais severas

<sup>746</sup> MURARO, R. M. **Um Mundo Novo em Gestação**. Campinas: Versus, 2003, p. 61-62.

<sup>747</sup> CARDOSO, R. “A Solidariedade Feminina”. In: NEDER, M. V. (Dir.) **Mulheres do Brasil**. (Edição Especial de **Cláudia**, nº 3, ano 45) São Paulo: Abril, 2006, p. 36.

<sup>748</sup> SOARES, V. “Precisamos Ir Mais Longe”. (Ibid., p. 24).

<sup>749</sup> MURARO, R. M. & BOFF, L. **Feminino e Masculino: Uma nova consciência para o encontro das diferenças**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002, p.197.

formas de flagelação física e moral. A “caça às bruxas” pode ser interpretada e re-interpretada de inúmeras formas: mulheres ainda são — domesticadas, castradas, assassinadas, mutiladas, apedrejadas, vigiadas, estupradas, controladas, prostituídas e caladas — por aspectos “repressores culturais,” não podemos ignorar tais fatos.<sup>750</sup> A realidade é “nua e crua” para muitas que têm que trabalhar jornadas duplas ou triplas para sustentar suas famílias; viver na clandestinidade, no silêncio, no desespero de causa, no desespero por uma causa.

Portanto, apesar de vivermos numa sociedade ocidental altamente desenvolvida tecnológica e economicamente, onde há a liberdade de expressão, não podemos nos esquecer daquelas que ainda vivem em regimes culturais rígidos e que lutam pelo direito de expressarem suas idéias. O flagelo é constante a cada dia, e o que algumas de nós pode fazer é não deixar que esta idéia se apague de nossas memórias e de nossas vidas.

É por isto que “o retorno da Deusa” se faz eminente, imprescindível, irrevogável. Redimensionar o “feminino” em nossas vidas, na vida de nossas famílias, comunidades, cidades e nações, significa não compartilhar com aquilo que nos destrói a todos, que nos mantém atrelados a pensamentos e valores mesquinhos, limitantes e degeneradores da essência e existência humana. O retorno desta “Grande Mãe” da vida-morte-vida significa o retorno para o sagrado, para aquilo que nos dá luz e alimento espiritual. É colocarmos nossas existências a serviço de nosso planeta — já tão devastado — e de todas as criaturas que o habitam, pois sem elas não existimos, subsistimos. As condições em que se encontra a fauna, a flora, tudo o que há ao nosso redor reflete nosso respeito por nós mesmos e pelo meio em que vivemos.

Como diz Muraro,<sup>751</sup> a sociedade que só prega o “ganha-perde,” pensamento caracteristicamente masculino, a sociedade que não valoriza a cadeia de vida que a compõe não pode subsistir, não pode resistir ao caos eminente, à destruição gradativa que sofremos todos nós, física e moralmente. Fatores que ficam bem claros, por

---

<sup>750</sup> PEDRAL, S. “Generocídio: Faltam 200 Milhões de Mulheres no Mundo”. In: NEDER, M. V. (Dir.) **Cláudia**. São Paulo: Abril, 2006. n° 3, Ano 45, p. 53-55.

<sup>751</sup> MURARO & BOFF, **Feminino...**, p. 200.

exemplo, no texto d' "A Carta da Terra,"<sup>752</sup> que embora não seja ainda um documento oficial, trata e atesta todos os problemas que enfrentamos hoje e sobre os quais precisamos nos conscientizar para que as futuras gerações possam usufruir de recursos naturais e de uma vida digna neste planeta.

Marija Gimbutas, Joseph Campbell e C. G. Jung, entre outros nos deixaram um legado que urge ser seguido, discutido, analisado, propagado. Seus estudos são obras-primas que o tempo não pode esquecer, muito pelo contrário, precisamos multiplicá-los, compartilhá-los com nossos pares, não importa as profissões que exercemos, a que meio pertencemos. Estes teóricos nos ensinam que falar deste "feminino," desta Deusa, não é falar sobre suposições fictícias, não é discorrer sobre o imponderável, mas sim falar sobre o "numinoso" em nossa existência; sobre aquilo que ainda nos resta para resgatar e cuidar.

Como exemplo deste pensamento, podemos considerar o fato de que

As relações que Jung estabeleceu entre o conhecimento da Psicologia analítica, as conclusões da Física Quântica e os sistemas espirituais tradicionais contribuíram para unificar a ciência e a espiritualidade. Jung, no prefácio ao "livro Tibetano da Grande Libertação" disse, "O conflito entre ciência e espiritualidade foi uma doença desenvolvida no Ocidente, pelo materialismo científico, que permeou toda a ciência". Jung foi o primeiro teórico que percebeu como a antiga tradição espiritual tinha muito a contribuir para enriquecer o conhecimento sobre o homem e a sua evolução. Segundo ele, essas tradições possuíam um caminho de desenvolvimento e de transcendência que podia ser seguido pela Psicologia [...]. Desta forma, Jung aproximou a Psicologia do conhecimento antigo que sempre falou do Deus interior e os caminhos possíveis para o seu conhecimento. Ele teve a profunda intuição que o desenvolvimento do homem devia incluir o aspecto espiritual. Assim, a finalidade de sua psicoterapia passou a ser a realização do Self e não do ego. Dessa maneira, ele criou as condições para a evolução da Psicologia transpessoal e da Psicologia sagrada.<sup>753</sup>

Com contribuições tão abrangentes quanto estas, hoje a interdisciplinaridade se faz presente em diversas áreas de atuação, senão todas. Não podemos mais sobreviver na "especialidade," no individual. O "grupo" clama por ajuda, soluções, respostas que venham resolver problemas iminentes à nossa época, àquilo que fizemos de nosso planeta, de seus recursos naturais; ao que fizemos de nossas economias, políticas e

<sup>752</sup> "A Carta da Terra na Perspectiva da Educação". Disponível em: <http://www.paulofreire.org/cartat.htm> Acesso em: 26 abril 2006.

<sup>753</sup> CAVALCANTI, op. cit., p. 14-15.

culturas.<sup>754</sup> Hoje todos os meios de comunicação existentes nos informam que a tecnologia faz parte de nossas vidas diárias e comuns. Os avanços científicos trazem cura e, ao mesmo tempo, destruição. Técnicas como a “transgenia”<sup>755</sup> se fazem presentes em nossos lares. O alimento, aquilo que nos mantém vivos, está sendo corrompido em nome de interesses econômicos. A população está à mercê de laboratórios multinacionais detentores de fortunas fabulosas.<sup>756</sup>

Como interferir neste processo? Como minimizar os danos já causados? Como vislumbrar uma mudança de comportamento, de valores, se nossa identidade hoje se encontra fragmentada, dividida por inúmeros flashes televisivos, publicitários e de consumo? Este é um sinal daquilo que vivenciamos hoje. É um sinal da anomalia que se apoderou de nossa civilização, tão sedenta de valores mais construtivos, constantes e legítimos. Por isto podemos dizer que hoje temos a necessidade de refletir sobre idéias que nos mostram que:

A interioridade e a religiosidade mostram-se como um novo espaço e um novo modo de experimentação e de descoberta de um universo mais significativo, permitindo e emergência de uma globalidade pulsante e envolvente na qual o numinoso se expressa e o humano comunga com suas origens, sendo único e outro, reconstituindo um sentimento de comunhão com o cosmo. Profundamente imediata, indescritível, dinâmica e unívoca é a realidade da vivência religiosa, o contato com a vitalidade do Self. Bastante distinta da unilateralidade da vivência racionalista fragmentadora da percepção, dessacralizadora de espaços, tempos e gestos, a autêntica experiência ritual ressoa no interior de nosso ser de forma contínua, espontânea e persistente, trazendo a vivência do inefável e do sutil ao mesmo tempo, criando realidades e propósitos consistentes. A espiritualidade, muitas vezes reduzida a um nível subdesenvolvido e inferior de experiência e destituída de sua força criadora e transformadora, assim como a religiosidade, obscurecida em seu valor curativo ao religar o indivíduo à sua natureza diurna, são redimidadas e resgatadas como grandes fontes de onde jorram o frescor e o vigor do conhecimento e do desenvolvimento humanos.<sup>757</sup>

Daí a necessidade que temos de nos conscientizarmos de que a referência ao espiritual, àquilo que nos conecta ao que nos há de mais íntimo e luminoso, se torna

---

<sup>754</sup> MURARO, *Um Mundo*...., p. 73-92.

<sup>755</sup> VOGHT, C. “O Alarde dos Transgênicos”. Disponível em:

<<http://www.comciencia.br/reportagens/transgenicos/trans01.htm>> Acesso em: 27 abril 2006.

<sup>756</sup> MURARO, R. M. *A Mulher do Terceiro Milênio*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002, p. 180-185.

<sup>757</sup> COUTINHO, M. I. S. “Prefácio”. In: CAVALCANTI, op. cit., p. 9.



uma necessidade cada vez mais pulsante em nossa era. Os avanços são muitos, porém a humanidade requer um pensamento que a reorienta para suas origens, para aquilo que a criou e deu vida. É por isto que estudar o feminino, este aspecto tão relegado de nossas existências se faz necessário.

A condição feminina em nossa sociedade contemporânea ocidental denota nosso passado e nosso futuro. Como melhorá-la, modificá-la, como atingir um patamar de igualdade de direitos e deveres, nunca antes alcançado? Como fazer para que isto se concretize, tenha perspectivas neste mundo globalizado e globalizante, no qual as instituições seguem valores hierárquicos ainda patriarcais, masculinos, quase que exclusivamente? Nossa intenção não é apresentar um quadro pessimista, nossa pesquisa nos mostrou que precisamos nos lembrar que ainda há muito a ser conquistado, reivindicado, atribuído de forma que consigamos compreender e cuidar das necessidades que todos enfrentamos, às vezes sem perceber.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMS, D. "Social Identity, Social Cognition, and the Self: The Flexibility and Stability of Self-Categorization". In: ABRAMS, D. & HOGG, M. A. (Eds.) **Social Identity and Social Cognition**, Oxford: Blackwell, 1999, Cap. 9, p.197-229.

ABRAMS, D. & HOGG, M. A. (Eds.) **Social Identity and Social Cognition**, Oxford: Blackwell, 1999.

**A Carta da Terra.** (Texto completo) Disponível em: <[http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/\\_arquivos/carta\\_terra.doc](http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta_terra.doc)> Acesso em: 26 abril 2006.

"A Carta da Terra na Perspectiva da Educação". Disponível em: <<http://www.paulofreire.org/cartat.htm>> Acesso em: 26 abril 2006.

ADAMS, H. (Ed.) **Critical Theory Since Plato**. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1971.

ADELMAN, M. & GROSSI, M. P. "Entre a Psicanálise e a Teoria Política: um diálogo com Jane Flax". *Rev. Estud. Fem.* [online] July/Dec. 2002. vol 10, nº2. [cited 28 April 2006], p. 371-388. Available from World Wide Web: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pit=S0104-026X2002000200007&Ing=en&nrm=ISO](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pit=S0104-026X2002000200007&Ing=en&nrm=ISO).ISSN0104-026X.

ARGYLE, M. **Social Interaction**. Londres: Tavistock Publications Ltd., 1978.

ARIÈS, P & CHARTIER R. (Org.) **História da Vida Privada, 3: Da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ARNAUD-DUC, N. "As contradições do Direito." In: FRAISSE, G. & PERROT, M. (Dir.) **História das Mulheres no Ocidente, 4: O Século XIX**. Porto: Edições Afrontamento, 1991, p. 97-137.

ARRUDA, A. **Representando a Alteridade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

ATWOOD, Margaret. "Spotty-Handed Villainesses: Problems of Female Bad Behaviour in the Creation of Literature". (Lecture), 1994. Disponível em: <<http://www.web.net/owtoad/vlness.html>> Acesso em: 03 maio 2005.

AUGRAS, Monique. **A Dimensão Simbólica**. Rio de Janeiro: FGV, 1967.

AUSTIN, W. G. & WORCHEL, S. (Eds.) **The Social Psychology of Intergroup Relations**. Monterey: California Books, 1979.

BALZAC, H. de. **A Comédia Humana**. 17 vol. São Paulo: Globo, 1989.

BARROS, M. N. A. de. **As Deusas, as Bruxas e a Igreja: Séculos de perseguição**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2001.

BAUER, C. **Breve História da Mulher no Mundo Ocidental**. São Paulo: Pulsar, 2001.

BAYM, N. **The Scarlet Letter: A Reading**. Boston: Twayne, 1896.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo. 1. Fatos e Mitos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 19\_\_.

\_\_\_\_\_. **O Segundo Sexo. 2. A Experiência Vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 19\_\_.

BENSICK, C. M. "Dimmesdale and his Bachelorhood: 'priestly celibacy' in *The Scarlet Letter*." **Studies in American Fiction** 21.1, Spring 1993, 103(8).

BERCOVITCH, S. "*The Scarlet Letter*: A Twice-told Tale." **Nathaniel Hawthorne review** 22.2, Fall 1996, p. 1-21.

\_\_\_\_\_. **The Office of *The Scarlet Letter***. Baltimore: Johns Hopkins UP, 1991.

BERGER, P. L. e LUCKMANN, T. **Construção Social da Realidade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

BOEWE, C. & MURPHEY M. G. "Hester Prynne in History". In: STEWART, Randall. (Ed.) **The American Notebooks by Nathaniel Hawthorne: Based upon the original manuscripts**, New Haven, 1932, p. 219-221.

BOLEN, J. S. **As Deusas e a Mulher: Nova Psicologia das Mulheres**. São Paulo: Paulus, 1990.

BONACCHI, G. & GROPPA, A. (Orgs.) **O Dilema da Cidadania: Direitos e deveres das mulheres**. São Paulo: Editora UNESP, 1995.

BONAVENTURE, Jette. **Variações Sobre o Tema Mulher**. São Paulo: Paulus, 2000.

BORDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_. **A Miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRADLEY, S. (Ed.) **The American Tradition in Literature**. 5. ed. Nova York: Random House, 1981.

\_\_\_\_\_. **The Scarlet Letter / Nathaniel Hawthorne; an authoritative text, backgrounds and sources, criticism**. Nova York: Norton, 1978.

BRITTES, M. T. T. **Memória, Identidade e Representações**. Ed. 7 Letras, 2001.

BRONSTEIN, Z. "The Parabolic Ploys of *The Scarlet Letter*." **American Quarterly** 39.2, Summer 1987, p. 193-210.

BROWN, Peter. **Corpo e Sociedade: O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

BUCHOLTZ, Mary et al., (Ed.) **Reinventing Identities: The gendered self in discourse**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

BURKHARD, Gudrun. **Homem-Mulher: A integração como caminho de desenvolvimento**. São Paulo: Antroposófica, 1999.

BURNS, R. B. **The Self Concept in Theory, Measurement, Development and Behaviour**. Londres: Longman, 1979.

CALASSO, R. **A Literatura e os Deuses**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CAMINO, Leôncio (Org.) **Monografias em Psicologia Social: Conhecimento do Outro e a Construção da Realidade Social: Uma análise da percepção e da cognição social**. João Pessoa: Editora Universitária, 1996.

CAMINO, L. et al., "O Conhecimento do Outro: Primeiras Explicações em Termos de Percepção Social". In: CAMINO, L. (Org.) **Monografias em Psicologia Social**. v.1, 1996, p. 13-58.

\_\_\_\_\_. et al., "O Conhecimento do Outro: Explicações em Termos de Cognição Social". In: CAMINO, L. (Org.) **Monografias em Psicologia Social**. v. 2, 1996, p. 59-120.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**, entrevista concedida a Bill Moyers; Org. por Betty Sue Flowers. São Paulo: Associação Palas Athena, 1990.

\_\_\_\_\_. **O Poder do Mito**, entrevista concedida a Bill Moyers. California: Public Broadcasting System, 1988. 1 cassete: son., color.; 12mm.VHS NTSC.

\_\_\_\_\_. **Para Viver os Mitos**. São Paulo: Cultrix, 1998.

\_\_\_\_\_. **Isto És Tu: Redimensionando a metáfora religiosa**. São Paulo: Landy Editora, 2002.

\_\_\_\_\_. **E Por Falar em Mitos - Conversas com Joseph Campbell**. Entrevista concedida a Fraser Boa. Campinas-SP: Versus Editora, 2004.

\_\_\_\_\_. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2003.

\_\_\_\_\_. **A Imagem Mítica**. Campinas-SP: Papyrus Editora, 1999.

\_\_\_\_\_. **Mitologia na Vida Moderna**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.

\_\_\_\_\_. **A Jornada do Herói: Joseph Campbell Vida e Obra**. Organização e apresentação de Phil Cousineu. São Paulo: Ágora, 2003.

\_\_\_\_\_. **The Mythic Dimension: Selected Essays 1959-1987**. São Francisco: Harper Collins Publisher's Inc., 1997.

\_\_\_\_\_. "Os Misteriosos Números da Deusa." In: CAMPBELL, J. et al. **Todos os Nomes da Deusa**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997, Cap. 3, p. 69-150.

\_\_\_\_\_. "Mythic Reflections: Thoughts on myth, spirit, and our times". Entrevista concedida a Tom Collins. **In Context**, Winter, 1985/86. Disponível em: <[www.context.org/ICLIB/IC12/Campbell.htm](http://www.context.org/ICLIB/IC12/Campbell.htm)> Acesso em: 05 maio 2005.

\_\_\_\_\_, et al. **Todos os Nomes da Deusa**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

CARDOSO, R. "A Solidariedade Feminina". In: NEDER, M. V. (Dir.) **Mulheres do Brasil**. (Edição Especial de **Cláudia**, nº 3, ano 45) São Paulo: Abril, 2006, p. 36.

CAVALCANTI, R. **O Caminho Sagrado: A psicologia moderna e a tradição iniciática**. São Paulo: Edições Rosari, 2004.

CERTAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano. Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994. Caps.1 e 3, p.75-106.

CHINEN, A. B. **A Mulher Heróica: Relatos clássicos de mulheres que ousaram desafiar seus papéis**. São Paulo: Summus, 2001.

CHODOROV, Nancy J. **Feminism and Psychoanalytic Theory**. New Haven: Yale U.P., 1989.

CIRLOT, J. E. **A Dictionary of Symbols**. 2. ed. Nova York: Barnes & Noble, 1993.

CLARK, N. B. "Hawthorne's Struggle and Romance with Salem". **Literary Traveler**. Disponível em: <<http://www.literarytraveler.com/hawthorne/nathanielhawthorne.htm>> Acesso em: 15 jun 2005.

CLEARY, T. & AZIZ, S. **Twilight Goddess: Spiritual feminism and feminine spirituality**. Boston: Shambhala, 2000.

COELHO, Nelly N. **O Conto de Fadas: Símbolos Mitos Arquétipos**. São Paulo: DCI, 2003.

COLACURCIO, Michael J. "Footsteps of Anne Hutchinson: The Context of *The Scarlet Letter*". ELH, 39, p. 459-94.

COMPAGNON, A. **O Demônio da Teoria: Literatura e senso comum**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

COSTA, A. & BRUSCHINI, C. (Orgs.) **Entre a Cultura e o Pecado**. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1992.

COUTINHO, M. I. S. "Prefácio". In: CAVALCANTI, R. **O Caminho Sagrado: A psicologia moderna e a tradição iniciática**. São Paulo: Edições Rosari, 2004, p. 7-10.

CREWS, F. C. "The Ruined Wall: Unconscious Motivation in *The Scarlet Letter*." **New England Quarterly** 38, September 1965, p. 312-330.

DANIEL, C. "*The Scarlet Letter*: Hawthorne, Freud and the Transcendentalists." **American Transcendental Quarterly** 61, October 1986, p. 23-36.

DAWSON, T. "Jung, Literatura e Crítica Literária". In: YOUNG-EISENDRATH, P. & DAWSON, T. (Orgs.), **Manual de Cambridge para Estudos Junguianos**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

DAUPHIN, C. "Mulheres sós". In: FRAISSE, G. & PERROT, M. (Dir.) **História das Mulheres no Ocidente, 4: O Século XIX**. Porto: Edições Afrontamento, 1991, p. 477-495.

DAVIS, N. Z. "A Mulher «na política»". In: DAVIS, N. Z. & FARGE, A. (Dir.) **História das Mulheres no Ocidente, 3: Do Renascimento à Idade Moderna**. Porto: Afrontamento, 1991, p. 230-249.

DAVIS, N. Z. & FARGE, A. (Dir.) **História das Mulheres no Ocidente, 3: Do Renascimento à Idade Moderna**. Porto: Afrontamento, 1991.

DEMING, Alison Hawthorne. "Letter to Nathaniel Hawthorne". Disponível em: <<http://www.hawthorneinsalem.org/MMD2059.html>> Acesso em: 26/3/2006.

DESAIVE, J-P., "As ambigüidades do discurso literário". In: DAVIS, N. Z. & FARGE, A. (Dir.) **História das Mulheres no Ocidente, 3: Do Renascimento à Idade Moderna**. Porto: Afrontamento, 1991, p. 301-339.

DOMS, M. e MOSCOVICI, S. "Innovación e Influencia de las Minorias". In: MOSCOVICI, S. (Ed.) **Psicologia Social**, 1985, Cap.1, p. 71-116.

DOWNING, Christine (Org.) **Espelhos do Self: As imagens arquetípicas que moldam a sua vida**. São Paulo: Cultrix, 1994.

DUARTE, C. L. "Mulheres à frente do seu tempo: Nísia Floresta, ela acreditava que as mulheres podiam tudo". **Cláudia**. São Paulo: Abril, fev. 2005, n. 2, ano 44, p. 72-75.

DUARTE, L. F. D. e GIUMBELLI, E. A. "As concepções cristã e moderna da pessoa, os paradoxos de uma continuidade". **Anuário Antropológico/93**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995, p.77-111.

DUBY, G. & PERROT, M. "Escrever a História das Mulheres". In: FRAISSE, G. & PERROT, M. (Dir.) **História das Mulheres no Ocidente, 4: O Século XIX**. Porto: Edições Afrontamento, 1991, p. 7-8.

DULONG, C. "Da conservação à criação". In: DAVIS, N. Z. & FARGE, A. (Dir.) **História das Mulheres no Ocidente, 3: Do Renascimento à Idade Moderna**. Porto: Afrontamento, 1991, p. 467-495.

DUNNE, M. "*The Scarlet Letter* on film: Ninety Years of Revisioning." *Literature Film Quarterly* 25.1, 1997, p.30-40.

EATON, C. & PENNEL, M. "Introduction to Hester and Pearl in *The Scarlet Letter* by Nathaniel Hawthorne". Disponível em <<http://www.hawthorneinsalem.org/Literature/Hawthorne&Women/ScarletLetter/Introduction.html>> Acesso em: 15 jun. 2005.

ECHENIQUE, M. & FASSA, M. **Poder e Amor: A micropolítica das relações**. São Paulo: Aleph, 1992.

EDINGER, Edward F. **Anatomia da Psique: O simbolismo alquímico na psicoterapia**. São Paulo: Cultrix, 1999.

EISLER, Riane. **El Caliz y La Espada: Nuestra Historia, Nuestro Futuro**. Santiago do Chile: Cuatro Vientos Editorial, 1995.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

\_\_\_\_\_. **Imagens e Símbolos: Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ELIAS, N. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 19\_\_.

ENTRALGO, Pedro L. **Teoria Y Realidad Del Otro**. Tomo I. Madri: Editorial *Revista de Occidente, S.A.*, 1968.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Women Who Run With the Wolves: Myths and stories of the wild woman archetype**. Nova York: Ballantine Books Inc, 1997.

\_\_\_\_\_. **Mulheres Que Correm Com os Lobos: Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 12. ed., 1999.

FARGE, A. “Agitadoras Notórias”. In: DAVIS, N. Z. & FARGE, A. (Dir.) **História das Mulheres no Ocidente, 3: Do Renascimento à Idade Moderna**. Porto: Afrontamento, 1991, p. 553-572.

FAUR, Mirella. **O Legado da Deusa: Ritos de passagem para mulheres**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2003.

\_\_\_\_\_. **O Anuário da Grande Mãe: Guia prático de rituais para celebrar a Deusa**. São Paulo: Gaia, 2001.

FLORES, R. “Ungrounding Allegory: The Dead-Living Letter in Hawthorne’s *The Scarlet Letter*.” *Criticism* 29.3, 1987, p. 313-340.

FORGAS, Joseph P. (Ed.) **Social Cognition: Perspectives on everyday understanding**. Nova York: New York Academic Press, 1981.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. (a) “O Dispositivo da Sexualidade,” In: \_\_\_\_\_. **História da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1990, Cap. 1, v. 1, p.73-124.

\_\_\_\_\_. (b) **Hermenéutica del Sujeto**. Madri: Ediciones de la Piqueta, 19\_\_.

FRAISSE G. & PERROT, M. (Dir.) **História das Mulheres no Ocidente, 4: O Século XIX**. Porto: Edições Afrontamento, 1991.



FREEDMAN, R. **Romance**. Lisboa: Editorial Verbo, 1978.

FRY, Northrop. **Fabulas de Identidade**. Ed. Nova Alexandria, 2000.

GEERTZ, Clifford. **The Interpretation of Cultures**. Nova York: Basic Books, Inc. Publ., 1973.

GERBER, J. C. **Twentieth-Century Interpretations of *The Scarlet Letter***. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1968.

\_\_\_\_\_. (Ed.) ***A Scarlet Letter Handbook***. Belmont: Wadsworth, 1960.

GERGEN, K. J. "Narrative, Moral Identity and Historical Consciousness: A Social Constructionist Account." Disponível em: <http://www.swarthmore.edu/SocSci/kgergen1/text3.htm> Acesso em: 30 mar. 1998.

\_\_\_\_\_. **The Concept of Self**. Nova York: Holt, Rinehart & Winston, Inc., 1970.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GIMBUTAS, M. **La Civilización de la Diosa: El mundo de la antigua Europa**, 1991.

\_\_\_\_\_. **The Language of the Goddess**. Londres: Thames & Hudson Ltd. 2001.

GOFFMAN, E. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., 4. ed., 1988.

\_\_\_\_\_. **Interaction Ritual: Essays on face-to-face behavior**. Nova York: Pantheon Books, 1982.

\_\_\_\_\_. "The Interaction Order." In: **American Sociological Review**, n. 48, p.1-17, 1983.

\_\_\_\_\_. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1975.

GRIECO, S. F. M. "O corpo, aparência e sexualidade". In: DAVIS, N. Z. & FARGE, A. (Dir.) **História das Mulheres no Ocidente, 3: Do Renascimento à Idade Moderna**. Porto: Afrontamento, 1991, p.71-119.

HALL, James A. H. **A Experiência Junguiana: Análise e individuação**. São Paulo: Cultrix, 2003.

HARDING, M. E. **Os Mistérios da Mulher Antiga e Contemporânea: Uma interpretação psicológica do princípio feminino, tal como é retratado nos mitos, na história e nos sonhos.** São Paulo: Paulus, 1985.

HAWTHORNE, Julian. "The Scarlet Letter, by Nathaniel Hawthorne: A review by Julian Hawthorne". **The Atlantic Monthly**, Abril 1886. Disponível em: <<http://www.theatlantic.com/doc/prem/188604/scarlet-letter>> Acesso em: 03 maio 2005.

HAWTHORNE, N. **The Scarlet Letter.** Nova York: New American Library, 1980.

\_\_\_\_\_. **A Letra Escarlate.** Lisboa: Edição Romano Torrês, 19\_\_.

HEIDER, F. **Psicologia das Relações Interpessoais.** São Paulo: Pioneira, 1970.

HENNELY, M. "*The Scarlet Letter*: 'A play-day for the whole world?'" *New England Quarterly* 61.4, December 1988, p. 530-554.

HIGONNET, A. (a) "Mulheres e imagens. Aparências, lazer, subsistência". In: FRAISSE, G. & PERROT, M. (Dir.) **História das Mulheres no Ocidente, 4: O Século XIX.** Porto: Edições Afrontamento, 1991, p. 297-323.

HIGONNET, A. (b) "Mulheres e imagens. Representações". In: FRAISSE, G. & PERROT, M. (Dir.) **História das Mulheres no Ocidente, 4: O Século XIX.** Porto: Edições Afrontamento, 1991, p. 325-343.

HILGERS, T. L. "The Psychology of Conflict Resolution in *The Scarlet Letter*: A Non-Freudian Perspective." **American Transcendental Quarterly** 43, Summer 1979, p. 211-224.

HILLMAN, James. **Psicologia Arquetípica.** São Paulo: Cultrix, 1992.

HOUAISS, A. & CARDIM, I. (Eds.) **Webster's Dicionário Inglês-Português.** Rio de Janeiro: Record, 1ª ed., 1982.

HUFTON, O. "Mulheres, trabalho e família". In: DAVIS, N. Z. & FARGE, A. (Dir.) **História da Mulheres no Ocidente, 3: Do Renascimento à Idade Moderna.** Porto: Afrontamento, 1991, p. 23-69.

HUNTER, J. A. "State, Category Specific Collective Self-esteem and Intergroup Discrimination." In: **Current Research in Social Psychology**, v. 8, n. 10, 2003.

HUNTER, J. A., et al., "Social Identity, Domain Specific Self-esteem and Intergroup Evaluation". In: **Current Research in Social Psychology**, v. 4, n. 6, 1999.

HUSAIN, Shahruxh. **The Goddess: Power, sexuality, and the feminine divine**. E.U.A.: University of Michigan Press, 2003.

ICKES, W. & DUCK, S. (Ed.) **The Social Psychology of Personal Relationships**. Inglaterra: John Wiley & Sons Ltd, 2000.

IDOL, Jr., J. L. “Villain, Goad, or Something Else: Chillingworth as Depicted by Hawthorne and Christopher Bigby”. Disponível em: <<http://www.hawthorneinsalem.org/ScholarsForum/MMD2453.html>> Acesso em: 26/3/2006.

ISMAEL, E. et al., “O Conhecimento do Outro: Explicações em Termos de Cognição Social”. In: CAMINO, L. (Org.) **Monografia Em Psicologia Social 1: Conhecimento do Outro e a Construção da Realidade Social: Uma análise da percepção e da cognição social**. João Pessoa: Universitária, 1996, v. 1, p. 59-120.

JACOBINA, E. & KÜHNER, M. H. (Org.) **Feminino / Masculino no imaginário de diferentes épocas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

JODELET, Denise. “A alteridade como produto e processo psicossocial.” In: ARRUDA, A. (Org.) **Representando a Alteridade**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 47-68.

JOHNSON, C. D. “The Secular Calling and the Protestant Ethic in *The Scarlet Letter* and *The House of the Seven Gables*”. Disponível em: <<http://hawthorneinsalem.org/ScholarsForum/NEHHawJohnsonlecture.html>> Acesso em: 26/3/2006.

JOHNSON, P. K. “Killing the Spirit: Anne Hutchinson and the Office of the Scarlet Letter.” **Nathaniel Hawthorne Review** 22.1, Spring 1996, p. 26-36.

JOHNSON, R. A. **She: A chave do entendimento da psicologia feminina**. São Paulo: Mercuryo, 1993.

JONES, Emma. “A comparison between Hester Prynne, of Nathaniel Hawthorne’s *The Scarlet Letter*, and Margaret Fuller, the mid-nineteenth-century campaigner for the rights of women”. Disponível em: <<http://www.literature-study-online.com/essays/hawthorne.html>> Acesso em: 26/3/2006.

JUNG, Carl G. **O Homem e seus Símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 19\_\_.

\_\_\_\_\_. **Memórias, Sonhos, Reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

\_\_\_\_\_. **Símbolos da Transformação**. Obras Completas: v. V. Petrópolis: Vozes, 1986.

\_\_\_\_\_. **Estudos de Psicologia Analítica**. Obras Completas: v. VII. Petrópolis: Vozes, 1978.

\_\_\_\_\_. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Obras Completas: v. IX/I. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **O Espírito na Arte e na Ciência**. Obras Completas; v. XV. Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. **Aspects of the Feminine**. Londres: Routledge, 2003.

JUNG, Emma. **Animus e Anima**. São Paulo: Cultrix, 2003.

KARYLOWSKI, J. J., et al., “Spontaneous Gender-stereotypical Categorization of Trait Labels and Job Labels.” **Current Research in Social Psychology**, v. 6, 2001.

KEARNS, M. “Narrative Voices in *The Scarlet Letter*.” **Nathaniel Hawthorne Review** 22.1, Spring 1996, p. 36-53.

KELEMAN, S. **Mito e Corpo: Uma conversa com Joseph Campbell**. São Paulo: Summus, 2001.

KENNEDY, D. “You are the Starring Character in the Story that is Life”. Riverside, California: **The Press-Enterprise**, 11 dez. 1997. Disponível em: <<http://www.folkstory.com/campbell/riverside.html>> Acesso em: 3 maio 2005.

KESTERSON, D. B. **Critical Essays on Hawthorne’s *The Scarlet Letter***. Boston: G. K. Hall, 1988.

KIPNIS, Laura. “Adultery.” **Critical Inquiry**. v. 24, p. 2, Winter, 1998.

KNIBIEHLER, Y. “Corpos e Corações”. In: FRAISSE, G. & PERROT, M. (Dir.) **História das Mulheres no Ocidente, 4: O Século XIX**. Porto: Edições Afrontamento, 1991, p. 351-401.

KNOX, Jean. **Archetype, Attachment, Analysis: Jungian psychology and the emergent mind**. Inglaterra: Brunner-Routledge, 2003.

KOLTUV, B. B. **O Livro de Lilith**. São Paulo: Cultrix, 1991.

\_\_\_\_\_. **A Tecelã: Ensaio sobre a psicologia feminina extraídos dos diários de uma analista junguiana**. São Paulo: Cultrix, 1992.

KOROBKIN, L. H. “The Scarlet Letter of the Law: Hawthorne and Criminal Justice”. **Novel: A Forum on Fiction**, Winter, 1997. Disponível em:

<[http://www.findarticles.com/p/articles/mi\\_qa3643/is\\_199701/ai\\_n8750709/print](http://www.findarticles.com/p/articles/mi_qa3643/is_199701/ai_n8750709/print)>

Acesso em: 15 jun. 2005.

KOSS, Monika von. **Feminino + Masculino: Uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades**. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.

KRAMER, Heinrich & SPRENGER, James. **O Martelo das Feiticeiras: Malleus Maleficarum**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.

LARAIA, R. B. **Cultura: Um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

LARSON, C. R. **Arthur Dimmesdale**. Nova York: A & W. Publishers, 1983.

LASCH, C. **A Mulher e a Vida Cotidiana: Amor, casamento e feminismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LASZLO, Janos (a). "Narrative Organisation of Social Representations." **Papers on social organization**. v. 6, 2, 1997, p.155-172.

LASZLO, Violet S. (Ed.) (b) **The Basic Writings of C.G. Jung**. Nova York: The Modern Library, 1993.

LEEG, G. "Mythical Stories Help Unravel Meaning of Life." **Calgary Herald**, 9 dez. 1995. Disponível em: <<http://www.folstory.com/campbell/calgary.html>> Acesso em 3 maio 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Terceira Mulher: Permanência e revolução do feminino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LOCKE, V. & WALKER, I. "Stereotyping, Processing Goals, and Social Identity: Inveterate and Fugacious Characteristics of Stereotypes". In: ABRAMS, D. & HOGG, M. A. (Eds.) **Social Identity and Social Cognition**, Oxford: Blackwell Publishers, 1999, Cap. 7, p.164-182.

LUCKE, J. R. "Hawthorne's Madonna Image in *The Scarlet Letter*." **New England Quarterly** 38, September 1965, p. 391-392.

MAGALHÃES, A. A. **História das Mulheres: Considerações sobre a privação e a privacidade na história das mulheres**. São Paulo: Editora Altana, 2001.

MARTINS, Ana Paula V. **Visões do Feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

MARTINS, J. S. **A Sociedade Vista do Abismo**. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Exclusão Social e a Nova Desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997.

MATTHEWS, Caitlín. **Elementos da Deusa**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1994.

MCLEAN, A. **A Deusa Tríplice: Em busca do feminino arquetípico**. São Paulo: Cultrix, 1992.

MELETÍNSKI, E. M. **Os Arquétipos Literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.

MELLOW, J. R. **Nathaniel Hawthorne and His Times**. Boston: Houghton Mifflin Co., 1980.

MICHAUD, S. “Idolatrias: representações artísticas e literárias.” In: FRAISSE, G. & PERROT, M. (Dir.) **História das Mulheres no Ocidente, 4: O Século XIX**. Porto: Edições Afrontamento, 1991, p. 145-169.

MICHELET, J. **A Mulher**. São Paulo: Martins Fontes, 1975.

\_\_\_\_\_. **A Feiticeira: 500 anos de transformações na figura da mulher**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

MILLINGTON, R. H. “The Meanings of Hawthorne’s Women”. Disponível em: <<http://www.hawthorneinsalem.org/Literature/Melville/LiteraryLinks/MMD1210.html>> Acesso em: 26/3/2006.

MOACANIN, Radmila. **A Psicologia de Jung e o Budismo Tibetano: Caminhos ocidentais e orientais para o coração**. São Paulo: Cultrix, 1995.

MONTEIRO, Dulcinéia da M. R. **Mulher: Feminino plural: mitologia, história e psicanálise**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1998.

MORAES, M. **Ser Humana: Quando a mulher está em discussão**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MORGAN, Ethel. **La Diosa en Nosotras: Diez maneras de ser mujer**. Buenos Aires: Editorial Era Naciente, 1994.

MURARO, R. M. **Um Mundo Novo em Geração**. Campinas: Versus, 2003.

\_\_\_\_\_. **A Mulher do Terceiro Milênio**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.

\_\_\_\_\_. **Textos da Fogueira**. Brasília: Letrativa, 2000.

\_\_\_\_\_. **Sexualidade da Mulher Brasileira: Corpo e classe social no Brasil**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.

MURARO, R. M. & BOFF, L. **Feminino e Masculino: Uma nova consciência para o encontro das diferenças**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

MURARO, R. M. & PUPPIN, A. B. (Orgs.) **Mulher, Gênero e Sociedade**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, FAPERJ, 2001.

MUSÈS, C. “O Caminho Imutável da Deusa”. In: CAMPBELL, J. et al. **Todos os Nomes da Deusa**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997, Cap. 4, p. 151-187.

MYERS, David G. “Prejudice: Disliking Others.” In: **Social Psychology**, Nova York: McGraw-Hill Publishing Company, 1990, Cap. 11, p. 329-366.

NAGY, M. **Questões Filosóficas na Psicologia de C. G. Jung**. Petrópolis: Vozes, 2003.

NAHOUM-GRAPPE, V. “A mulher bela.” In: DAVIS, N. Z. & FARGE, A. (Dir.) **História das Mulheres no Ocidente, 3: Do Renascimento à Idade Moderna**. Porto: Afrontamento, 1991, p.121-139.

NEDER, M.V. (Dir.) **Mulheres do Brasil**. (Edição Especial de **Cláudia**, nº 3, ano 45) São Paulo: Abril, 2006.

\_\_\_\_\_. **Cláudia**. São Paulo: Abril, 2006, nº 3, Ano 45.

NEWBERRY, F. “A Red-Hot ‘A’ and a Lusting Divine: Sources for *The Scarlet Letter*.” **New England Quarterly** 60.2, June 1987, p. 256-264.

NEUMANN, Erich. **O Medo do Feminino: E outros ensaios sobre a psicologia feminina**. São Paulo: Paulus, 2000.

\_\_\_\_\_. **A Grande Mãe: Um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente**. São Paulo: Cultrix, 2003.

NG, Sik Hung. **The Social Psychology of Power**. (European monographs in social psychology). Londres: Academic Press Inc. Ltd., 1980.

NICHOLSON, E. A. “As mulheres e o teatro, 1500-1800. Imagens e representações.” In: DAVIS, N. Z. & FARGE, A. (Dir.) **História das Mulheres no Ocidente, 3: Do Renascimento à Idade Moderna**. Porto: Afrontamento, 1991, p. 341-367.

NOLTE, W. H. “Hawthorne’s Dimmesdale: A Small Man Gone Wrong.” **New England Quarterly** 38, September 1965, p. 168-186.



OAKES, P. J. et al. (a). "Introduction: The Social Psychology of Stereotyping". In: \_\_\_\_\_ . **Stereotyping and Social Reality**. Oxford: Blackwell, 1984, p.1-11.

\_\_\_\_\_ (b). "Cognition and the Group: Social Identity and Self-Categorization". In: \_\_\_\_\_ . **Stereotyping and Social Reality**. Oxford: Blackwell, 1984, p. 80-103.

OAKES, P. J. et al. (c). "Social Categorization and Social Context: Is Stereotyping Change, a Matter of Information or of Meaning?" In: ABRAMS, D. & HOGG, M. A. (Eds.) **Social Identity and Social Cognition**, Oxford: Blackwell, 1999, p. 55-79.

PAZ, N. **Mitos e Ritos de Iniciação nos Contos de Fadas**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1995.

PEDRAL, S. "Generocídio: Faltam 200 Milhões de Mulheres no Mundo". In: **Cláudia**. São Paulo: Abril, 2006, nº 3, Ano 45, p. 53-55.

PENNEL, M. M. "Subverting the Subversive: Hawthorne's Containment of Hester Prynne in *The Scarlet Letter*". Disponível em: <<http://www.hawthorneinsalem.org/ScholarsForum/MMD2451.html>> Acesso em: 26/3/2006.

PEREIRA, Marcos M. **Psicologia Social dos Estereótipos**. São Paulo: E.P.U., 2002.

PERERA, S. B. **Caminho para a Iniciação Feminina**. São Paulo: Paulus, 1985.

PERÉZ, J. A. & MUGNY, G. "Categorization and Social Influence." In: WORCHEL, S. et al., (Eds.) **Social Identity: International perspectives**. Londres: SAGE Publishers, 1998, Cap. 10, p.142-153.

PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

\_\_\_\_\_. **As Mulheres e os Silêncios da História**. Bauru-SP: EDUSC, 2005.

\_\_\_\_\_. (Org.) **História da Vida Privada, 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

\_\_\_\_\_. "Sair". In: FRAISSE, G. & PERROT, M. (Dir.) **História das Mulheres no Ocidente, 4: O Século XIX**. Porto: Edições Afrontamento, 1991, p. 503-539.

PERSON, Jr. & LELAND S. "Hester's revenge: the power of silence in *The Scarlet Letter*." *Nineteenth-Century Literature* 43.4, March 1989, p. 465 (19).

PIERUCCI, A. F. **Ciladas da Diferença**. São Paulo: Editora da USP, 19\_\_.



PONDER, M. M. “Hawthorne and “the sphere of ordinary womanhood” (BR-CE 3:190)”. Disponível em:

<<http://www.hawthorneinsalem.org/ScholarsForum/Hawthorneandwomanhood.html>>

Acesso em: 26/3/2006.

PRIETO, C. **Todas as Deusas do Mundo**. São Paulo: Editora Gaia, 2002.

PROCTER, P. **Cambridge International Dictionary of English**. Londres: CUP, 1995.

PROGOFF, Ira. **Jung’s Psychology and its Social Meaning**. Nova York: The Julian Press, 1969.

PROST, A. & VINCENT G. (Org.) **História da Vida Privada, 5: Da Primeira Guerra a Nossos Dias**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

QUALLS-CORBETT, Nancy. **A Prostituta Sagrada: A face eterna do feminino**. São Paulo: Paulus, 1990.

QUINTINO, C. C. **A Religião da Grande Deusa: Raízes históricas e sementes filosóficas**. São Paulo: Gaia, 2002.

REICHER, S. “The Context of Social Identity: Domination, Resistance and Change”. Departamento de Psicologia, Universidade de St. Andrews, Escócia, 19\_\_.

REUBEN, P. P. **PAL: Perspectives in American Literature: a Research and Reference Guide – An Ongoing Project – Chapter 3: Nineteenth Century to 1865: Nathaniel Hawthorne (1804-1864)**. Disponível em:

<<http://www.csustan.edu/english/reuben/pal/chap3/hawthorne.html>> Acesso em: 15 jun. 2005.

ROBLES, M. **Mulheres, mitos e deusas: O Feminino através dos tempos**. São Paulo: Aleph, 2006.

ROOB, A. **O Museu Hermético: Alquimia e misticismo**. Londres: Taschen, 2001.

RYSKAMP, C. “The New England Sources of *The Scarlet Letter*”. In STEWART, R. (Ed.) **The American Notebooks by Nathaniel Hawthorne: Based upon the original manuscripts**, 1932, p. 205-219.

SAINTE-BEUVE, C. A. “What is a classic?” In: ADAMS, H. **Critical Theory Since Plato**. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1971, p.556-562.

SALLMAN, J-M. “Feiticeira”. In: DAVIS, N. Z. & FARGE, A. (Dir.) **História das Mulheres no Ocidente, 3: Do Renascimento à Idade Moderna**. Porto: Afrontamento, 1991, p.517-533.

SANABRIA, Marisa. **A Procura do Feminino**. Belo Horizonte: Ed. da autora, 2003.

SANFORD, John A. **Os Parceiros Invisíveis: o masculino e o feminino dentro de cada um de nós**. São Paulo: Paulus, 1986.

\_\_\_\_\_. **Destino, Amor e Êxtase: A sabedoria das deusas gregas menos conhecidas**. São Paulo: Paulus, 1999.

SCHUTZ, A. “Don Quijote y el problema de la realidad social”. In: \_\_\_\_\_. **Estudios Sobre Teoría Social**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1974, p. 133-152.

SCOTT, Joan W. “Fantasy Echo: History and the Construction of Identity”. **Critical Inquiry**. v. 27, n. 2, Winter 2001.

\_\_\_\_\_. “Experiência: Tornando-se Visível”. In: SILVA, A. L. da, et al. (Orgs.) **Falas de Gênero**. Florianópolis: Mulheres, 1999, p. 21-26.

\_\_\_\_\_. “A mulher trabalhadora”. In: FRAISSE, G. & PERROT, M. (Dir.) **História das Mulheres no Ocidente, 4: O Século XIX**. Porto: Edições Afrontamento, 1991, p. 443-475.

\_\_\_\_\_. **A Cidadã Paradoxal: As feministas francesas e os direitos do homem**. Florianópolis: Mulheres, 2002.

SEMPREORA, M. “Using 1934 film of *The Scarlet Letter*”. Disponível em: <<http://www.webster.edu/fatc/scarlet.htm>> Acesso em: 15 jun. 2005.

SHARP, Daryl. **Léxico Junguiano: Dicionário de termos e conceitos**. São Paulo: Cultrix, 1997.

SHARPE, Peggy. (Org.) **Entre Resistir e Identificar-se: Para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina**. Florianópolis: Mulheres, 1997.

**Shilling**. In: **Wikipedia**, the free encyclopedia. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/Shilling>> Acesso em: 21 mar. 2006.

SICUTERI, R. **Lilith: A Lua Negra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SIMON, B & KAMPMEIER, C. “Individuality and Group Formation: The Role of Independence and Differentiation”. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.81, Cap. 3, p. 448-462, Kiel/Alemanha: Universidade de Kiel, 2001.

SIMON, B. & KLANDERMANS, B. "Politicized Collective Identity: A Social Psychological Analysis". *American Psychologist*, v. 56, Cap. 4, 2001, p. 319-331.

SINGER, June. **A Mulher Moderna em Busca da Alma: Guia junguiano do mundo visível e do mundo invisível**. São Paulo: Paulus, 2002.

SJÖÖ, M. & MOR, B. **La Grande Madre Cósmica**, 1975.

SLEDZIEWSKI, É. G. "Revolução Francesa. A viragem". In: FRAISSE, G. & PERROT, M. (Dir.) **História das Mulheres no Ocidente, 4: O Século XIX**. Porto: Edições Afrontamento, 1991, p. 41-57.

SNYDER, T. "Myth Perceptions, Joseph Campbell's Power of Deceit". **Answers in Action**, 1991. Disponível em: <<http://answers.org/CultsAndReligions/Campbell.html>> Acesso em: 03 maio 2005.

SOARES, V. "Precisamos Ir Mais Longe". In: NEDER, M. V. (Dir.) **Mulheres do Brasil**. (Edição Especial de *Cláudia*, nº 3, ano 45), p. 24.

SOIHET, R. "História das Mulheres e Relações de Gênero: algumas reflexões". Disponível em: <<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2002/03/19148.shtml>> Acesso em: 03 maio 2005.

SONNET, M. "Uma filha para educar". In: DAVIS, N. Z. & FARGE, A. (Dir.) **História das Mulheres no Ocidente, 3: Do Renascimento à Idade Moderna**. Porto: Afrontamento, 1991, p.143-179.

STARHAWK. **A Dança Cósmica das Feiticeiras: Guia de rituais para celebrar a Deusa**. Rio de Janeiro: Nova Era, 2003.

STEIN, M. **Jung: O Mapa da Alma, Uma Introdução**. São Paulo: Cultrix, 2001.

\_\_\_\_\_. **Consciência Solar, Consciência Lunar: Ensaio sobre os fundamentos psicológicos da moralidade, da legalidade e da noção de justiça**. São Paulo: Paulus, 1998.

STEINER, Rudolf. **The Goddess: From natura to the divine Sophia**. Inglaterra: Sophia Books, 2001.

STEWART, Randall. (Ed.) **The American Notebooks by Nathaniel Hawthorne: Based upon the original manuscripts**, New Haven, 1932.

STUART, J. W. "Christian Imagery in Hawthorne's *The Scarlet Letter*". Disponível em: <<http://www.hawthorneinsalem.org/ScholarsForum/MMD1824.html>> Acesso em: 26/3/2006.

STUBBS, J. C. "Hawthorne's *The Scarlet Letter*: The Theory of the Romance and the Use of the New England Situation." **PMLA** 83, October 1968, 1439-1447.

SUMMERS, D. (Ed.) **Longman Dictionary of English Language and Culture**. Harlow: Longman Group UK Ltd, 1992.

TAJFEL, H. **Grupos Humanos e Categorias Sociais**. Lisboa: Livros Horizonte, 1982, v. 1 e 2.

\_\_\_\_\_. **The Social Dimension**. Nova York: C.U.P., 1984, v. 1 e 2.

TAJFEL, H. & FORGAS, P. J. "Social Categorization: Cognitions, Values and Groups." In: FORGAS P. J. (Ed.) **Social Cognition: Perspectives on everyday understanding**. Nova York: N.Y. Academic Press, 1981, Cap. 5, p.113-135.

TAJFEL, H. & TURNER, J. "An Integrative Theory of Social Conflict." In: AUSTIN, W. G. & WORCHEL, S. (Eds.) **The Social Psychology of Intergroup Relations**. Monterey: California Books, 1979. Tradução de Clélia Maria Nascimento-Schulze.

TAJFEL, H. "Estereótipos Sociais e Grupos Sociais", p.160-180, 19\_\_.

TANNER, T. **Adultery in the Novel: Contract and transgression**. Baltimore, 1979.

TERRY, D. J. et al. "Group Membership, Social Identity, and Attitudes." In: ABRAMS, D. & HOGG, M. A. (Eds.) **Social Identity and Social Cognition**. Oxford: Blackwell Publishers, 1999, Cap. 12, p. 280-314.

"*The Scarlet Letter* - Hester Prynne" In: **Who2. LLC**. Disponível em: <<http://www.answers.com/topic/the-scarlet-letter>> Acesso em: 22 mar. 2006.

"*The Scarlet Letter* (Film) - Nathaniel Hawthorne" Disponível em: <<http://www.ibiblio.org/eldritch/nh/nhfilm.html>> Acesso em: 22 mar. 2006.

THÉBAUD, F. (Dir.) **História das Mulheres no Ocidente, 5: O Século XX**. Porto: Afrontamento, 1994.

TUCKER, E. L. "Darley's Model for Roger Chillingworth." **Nathaniel Hawthorne Review** 22.1, Spring 1996, p. 53-56. In: TURNER, A. **The Merrill Studies in *The Scarlet Letter***. Collumbus: Merril, 1970.

TURNER, A. **The Merrill Studies in *The Scarlet Letter***. Collumbus, Ohio: C. E. Merril, 1970.

TURNER, J. C. “The Experimental Social Psychology of Intergroup Behaviour.” In: TURNER, J. C. & GILES, H. **Intergroup Behaviour**. Oxford: Basil Blackwell Publisher Limited, 1981, Cap. 3, p. 66-101.

TURNER, J. C. et al., **Rediscovering the Social Group: A self-categorization theory**. Oxford: Basil Blackwell Ltd., 1988.

VALA, J. & MONTEIRO, M. B. (Eds.) **Psicologia Social**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 19\_\_.

VAN KESSEL, E. S. “Virgens e mães entre o céu e a terra”. In: DAVIS, N. Z. & FARGE, A. (Dir.) **História das Mulheres no Ocidente, 3: Do Renascimento à Idade Moderna**. Porto: Afrontamento, 1991, p.182-227.

VEGA, L. et al. “Discrimination and Beliefs on Discrimination in Individualists and Collectivists”. In: WORCHEL, S. et al (Ed.) **Social Identity: International perspectives**. London: Sage Publications Ltd., 1998, Cap. 14, p.199-229.

VIANA, Terezinha de C. **A Comédia Humana, Cultura e Feminilidade**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

VICKERY, John B. (Ed.) **Myth and Literature: Contemporary theory and practice**. Lincoln: University of Nebraska Press, 19\_\_.

VIVEIROS de CASTRO, & ARAÚJO, R. B. “Romeu e Julieta e a origem do estado”. In: VELHO, G. **Arte e Sociedade – ensaios de sociologia da arte**. Rio: Zahar, 1977.

VOGHT, C. “O Alarde dos Transgênicos”. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/transgenicos/trans01.htm>> Acesso em: 27 abril 2006.

VON FRANZ, Marie-Louise. **A Interpretação dos Contos de Fada**. São Paulo: Paulus, 1990.

\_\_\_\_\_. **A Individuação nos Contos de Fada**. São Paulo: Paulus, 1984.

VRIES, Ad de. **Dictionary of Symbols and Imagery**. Londres: North-Holland Publ. Co., 1976.

WALKER, B. G. **A Velha: Mulher de Idade, Sabedoria e Poder**. Lavras: A Senhora Editora, 2001.

WALKER, S. F. **Jung and the Jungians on Myth: An introduction**. Londres: Routledge, 2002.

WALKOWITZ, J. R. “Sexualidades perigosas”. In: FRAISSE, G. & PERROT, M. (Dir.) **História das Mulheres no Ocidente, 4: O Século XIX**. Porto: Edições Afrontamento, 1991, p. 403-441.

WATZLAWICK, P. et al., **Pragmática da Comunicação Humana: Um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação**. São Paulo: Cultrix, 2001.

WEGNER, M. D. & VALLACHER, R. R. (Eds.) **The Self in Social Psychology**. Oxford: Oxford University Press, 1980.

WHITMONT, Edward. C. **A Busca do Símbolo: Conceitos básicos de psicologia analítica**. São Paulo: Cultrix, 2002.

\_\_\_\_\_. **O Retorno da Deusa**. São Paulo: Summus, 1991.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **A Vindication of the Rights of Men, A Vindication of the Rights of Women**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

WOODMAN, Marion. **A Feminilidade Consciente: Entrevistas com Marion Woodman**. São Paulo: Paulus, 2003.

WOOLF, V. **Mrs Dalloway**. Londres: Grafton Books, 1976.

WOOLGER, J. B. & WOOLGER, R. J. **A Deusa Interior: Um guia sobre os eternos mitos femininos que moldam nossas vidas**. São Paulo: Cultrix, 2002.

WORCHEL, S. et al. (Ed.) **Social Identity: International perspectives**. Londres: Sage Publications Ltd., 1998.

YOUNG, J. “Sacred Stories we Live by”. Reino Unido: **Kindred Spirits Magazine**, Verão, 1997. Entrevista concedida a Brian Stocker. Disponível em: <<http://www.folkstory.com/campbell/sacred.html>> Acesso em: 3 maio 2005.

\_\_\_\_\_. “Imbolc: A Day for the Queen of Heaven”. Disponível em: <<http://www.folkstory.com/articles/imbolc.html>> Acesso em: 3 maio 2005.

\_\_\_\_\_. “Once Upon a Time: How Fairy Tales shape Our Lives”. **Inside Journal Magazine**, Fall, 1997. Disponível em: <<http://www.folkstory.com/articles/onceupon.html>> Acesso em: 3 maio 2005.

\_\_\_\_\_. “Joseph Campbell’s Mythic Journey”. **New Perspective Magazine**, jun. 1994. Disponível em: <<http://www.folkstory.com/campbell/campbell.html>> Acesso em: 3 maio 2005.

YOUNG-EISENDRATH, P. & DAWSON, T. (Orgs.) **Manual de Cambridge para Estudos Junguianos**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

ZWEIG, C. & ABRAMS, J. (Orgs.) **Ao Encontro da Sombra: O potencial oculto do lado escuro da natureza humana**. São Paulo: Cultrix, 2001.